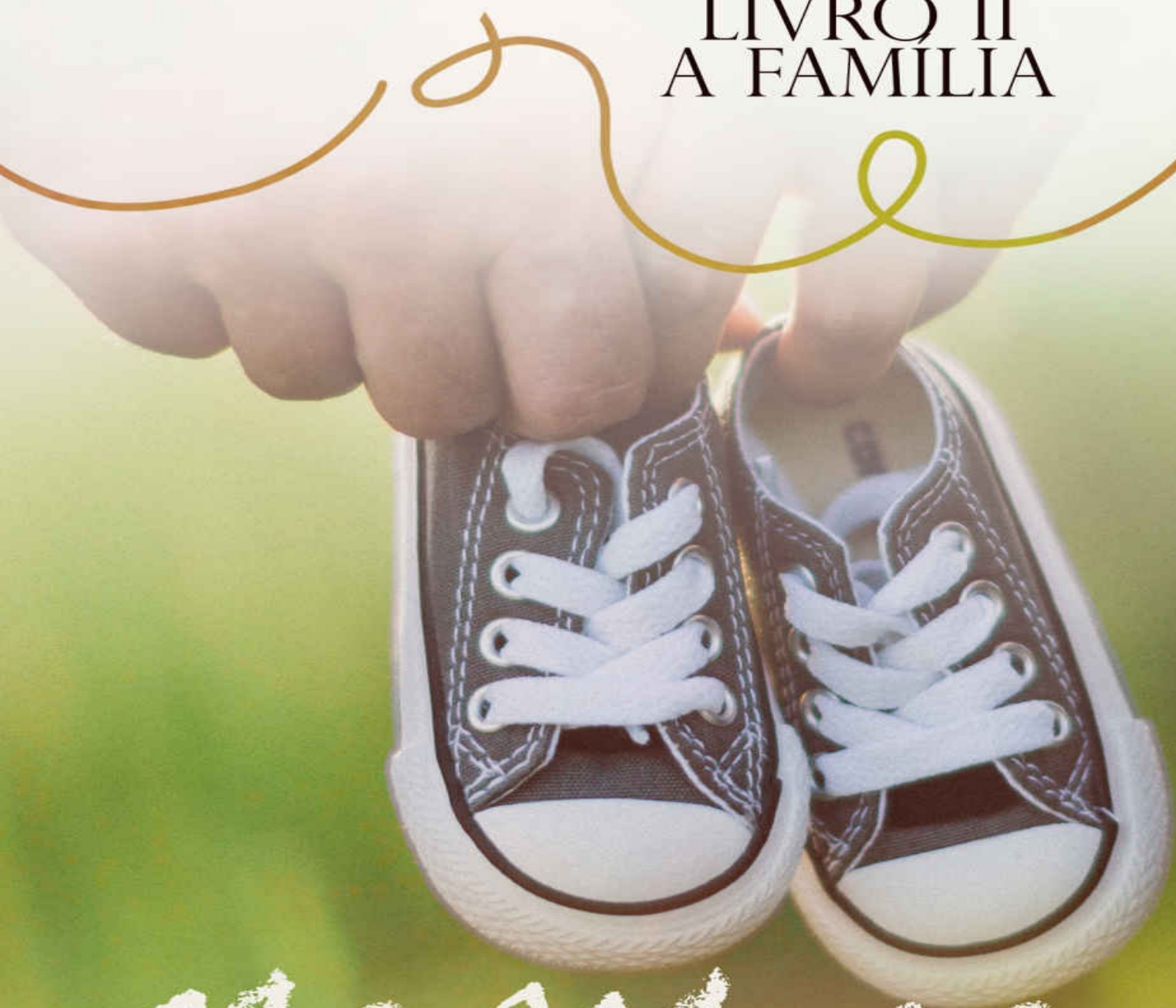


Aconteceu E AGORA?

LIVRO II
A FAMÍLIA



Ni Maria



Aconteceu! E agora? 2

Ni Maria

PERIGOSAS NACIONAIS

Revisão: Cecilia Cruz
2018

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1

12 de junho

Paro em frente ao espelho e passo meu batom preferido. Dou uma rápida olhada no relógio e percebo que faltam apenas quinze minutos para o horário marcado. Mais um atraso na minha conta.

Combinamos de almoçar e comemorar o dia dos namorados, mesmo que a noite anterior tivesse sido um pouco estressante. Não dormimos brigados, mas fiquei realmente chateada com o que aconteceu.

Eu estava deitada com Miguel no sofá assistindo, pela milésima vez, um mesmo desenho animado que ele amava. “Como Treinar Seu Dragão”.

— Mamanco, mãe mô!

Miguel chamava o tal dragão de “mamanco”. Não sabia de onde ele tinha tirado
PERIGOSAS ACHERON

aquilo, mas era “mamanco” para todo lado.

— Não tá com sono, filho? Tá na hora...

Miguel balançou a cabeça negativamente, me olhando.

— Mamãe mô — disse, fazendo carinho no meu rosto em seguida.

Ele já se mostrava um filho muito carinhoso, mas não podia ser diferente. Estava crescendo cercado de mimos e muito, muito amor.

Ele tinha começado a me chamar de “mamãe mô” há alguns meses, pois escutava sempre Fernando chamando “mô” para cá e para lá. De repente Miguel o imitou e nem preciso dizer que quase chorei de tão lindo que achei! Ele ganha fácil na maioria das vezes. Tento ser firme, mas com tanta fofura, às vezes não consigo.

— Só mais um pouquinho... — Liberei e o enchi de beijos.

Miguel continuou deitado, olhando animadamente para a TV.

Mais um episódio do tal dragão começou e então percebi que já estava ficando tarde mesmo. Quase onze da noite e nada do Fernando. Haja saco para aturar tantas reuniões! Os novos
PERIGOSAS ACHERON

projetos da empresa estavam indo bem, mas tanto trabalho deixava Fernando esgotado e, muitas vezes, estressado também. Em breve ele ia precisar viajar toda semana, e lógico que isso me deixava um pouco insegura. Ficar longe do meu marido não era uma ideia agradável, mas eu também não iria tornar isso um problema.

— Mamãe! — Miguel gritou, cortando meus pensamentos.

Ele apontou para a televisão.

— É o dragão! — falei de volta e ele riu. O abracei instantaneamente.

— Sai, sai — falou, se esquivando e olhando com toda atenção do mundo para o bendito desenho, como se fosse algo inédito.

O soltei e ele continuou vidrado. Miguel era carinhoso, sim, era só não colocar o dragão no meio. Ele detestava ser incomodado naquele sagrado momento!

Levantei para pegar a mamadeira dele e Fernando logo passou pela porta com vários papéis em mãos. Abri meu melhor sorriso para o meu maridão e fui ao encontro dele, louca por seu abraço. E foi exatamente isso que recebi, um

abraço apertado, um selinho e um beijo na testa.

— Está exausto, né? — comentei, ainda em seus braços.

— Sim, amor. Muito. Mas ainda tenho que terminar umas coisas.

— Faz um lanche antes... — sugeri.

— Comi uma besteira lá na fábrica com o Mauro. Você está bem?

Assenti sorrindo e trocamos mais uns beijinhos, mas Miguel logo ficou em pé no sofá, fazendo farra para o pai.

Os dois eram muito amigos. Fernando, quando conseguia chegar mais cedo, brincava bastante com ele e minha dupla se divertia até cansar.

— Dragão de novo, filho? — disse, pegando Miguel no colo e lhe dando um beijo.

— Mamanco...

— Ele não cansa disso?

— Não. Eu já estou de saco cheio, mas ele ama.

Fernando colocou Miguel no chão depois de alguns beijos e ele começou a bater na perna do

pai...

— Vem, papai! — chamou para brincar.

Ri da cena, mas quis chorar por saber que Miguel ainda estava tão agitado e eu com sono, doida para deitar.

— Hoje papai está cansado... — Fê sentou na poltrona.

Miguel, não satisfeito, subiu em seu colo querendo brincar a qualquer custo. Esqueceu até o desenho, algo surpreendente.

— Vou pegar a mamadeira dele — avisei.

Fui até a cozinha e, quando voltei, Fernando parou de brincar com Miguel e levantou.

— Preciso separar uns documentos e enviar alguns e-mails — disse, me dando outro beijo na testa.

— Fica mais um pouco aqui com ele? Preciso tomar um banho. Mal cheguei da faculdade e a babá já teve que sair correndo pra ajudar a mãe...

— Poxa, Manu, preciso muito resolver essas coisas do escritório.

— Amor, você acabou de chegar da fábrica,

não é possível que vinte minutos vão te atrasar tanto. Só quero tomar um banho e ajeitar a cama, aí coloco ele pra dormir.

— Eu só preciso separar uns documentos e enviar pro Mauro. Amanhã ele vai sair bem cedo com nosso advogado, então tem que ser agora. Você entende, né?

Olhei para ele incrédula. Como uma pessoa que chega do trabalho quase onze da noite não tem vinte minutos livres para ficar com o filho?

Suspirei impaciente, procurando entender e não querendo causar uma briga por besteira. Desviei meu olhar e vi que Miguel já estava deitado de novo com seu cobertorzinho.

— Aqui, meu amor — entreguei a mamadeira nas mãos dele, que tirou a chupeta e começou a tomar o leite.

— Sei que isso tudo é cansativo, Manu, e você sabe que eu não me importo de olhar ele, brincar, fico o tempo que for, você me conhece. É que hoje, além de muito cansado, eu ainda tenho que resolver essas coisas.

— Eu não te pedi nada demais. Pedi vinte minutos! Mas tá, deixa pra lá, vai resolver suas

coisas — respondi séria.

Ele ainda me puxou para um beijo e depois abaixou e deu outro no filho.

— Papai te ama — falou no ouvido do Miguel.

Miguel somente fez que sim com a cabeça e continuou mamando.

Fiquei ali deitada vendo TV com o Miguel por mais de uma hora. Ele só pegou no sono depois de meia-noite. Finalmente o deitei em sua cama, cobri e deixei apenas uma luz fraca acesa, como de costume. Depois de checar pela milésima vez se estava tudo ok com meu anjinho, saí na ponta do pé.

Fui direto para o meu quarto e Fernando ainda não estava por lá. Tomei meu banho e depois me deitei, sozinha mais uma noite, mas feliz por poder descansar. Ajeitei os travesseiros e fiquei bem confortável ali, mexendo no celular, respondendo umas mensagens e lendo uns e-mails sobre matéria de prova.

Estava lendo, mas confesso que não estava prestando tanta atenção. Queria muito que

Fernando entrasse por aquela porta e viesse deitar comigo. Amávamos dormir juntinhos. Em quase dois anos de casados, não me lembro de termos dormido longe um dia sequer. Nas poucas vezes em que Miguel ficou doente, ou ficávamos os três em nossa cama ou Fernando se ajeitava comigo em uma cama improvisada no quarto dele. Sempre juntos.

Eu só precisava ter paciência. Sempre deu tudo certo, sempre tivemos uma vida maravilhosa. Eu tinha certeza que todas aquelas mudanças não iam nos atrapalhar.

Deixei o celular de lado e senti o sono chegando com tudo. Ia dormir sozinha mesmo. Apaguei.

Bem mais tarde, senti Fê me puxando para seus braços. Acordei por alguns segundos e, mesmo bem sonolenta, sorri com suas palavras.

— Te amo — disse bem baixinho em meu ouvido.

Quando terminamos de almoçar, Fernando se apressa e pega na minha mão.

— Diz que não está aborrecida comigo pela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

noite passada...

Olho para ele, fazendo suspense.

— Um pouco estressada, confesso —
respondo sorrindo.

Depois de seu bilhete pela manhã e seu carinho, acabei esquecendo o mal-entendido. Por que prolongar a briga, não é mesmo? Era melhor ficarmos bem.

Fernando tira algo de dentro do blazer.

— Será que consigo me desculpar com esse presente? — ele pergunta enquanto abre uma caixinha vermelha, onde estava um bracelete absolutamente incrível.

Olho surpresa para o presente.

— Que lindo, amor! Maravilhoso!

Fê sorri.

— Feliz dia dos namorados, minha eterna namorada.

Ele me entrega o presente e, depois de admirar, experimentar e agradecer mil vezes, percebo que esqueci o presente dele em casa. Saí tão apressada que deixei em cima da poltrona do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

— Mais tarde te entrego o seu, amor. Na correria, acabei esquecendo.

— Meu presente eu tenho todos os dias... você e o Miguel. — Ele pega minhas duas mãos novamente. — Sei que ando ausente, eu sei disso, mas prometo que isso logo vai acabar. Tudo o que eu faço é única e exclusivamente por vocês.

— Eu sei — respondo, derretida por ele. — Eu estou contigo. Sempre!

Ele me olha com um carinho imenso nos olhos e me manda um beijinho.

— Aposto que Miguel quis entrar no carro e vir junto, né?

— Até que não. Estava tão concentrado brincando com a babá que nem ligou quando eu chamei!

Fernando abre um sorriso lindo e eu me derreto ainda mais.

— Ele é demais, né? Como está grande o nosso menino... o tempo voa.

— Muito. E põe *demais* nisso, amor. — Dou uma olhada no relógio. — Daqui a pouco ele tá indo pra natação. Você acredita que semana passada ele chamou uma menina pra brincar de

PERIGOSAS ACHERON

lutinha com ele?

Fernando soltou uma gargalhada.

— Isso você não me contou!

— Assim que o vi empurrando a menina, saí correndo! Quando cheguei perto ele estava falando pra ela “vem, vem”! É mole?

— Ele é fogo. Vou falar pra ele que menina se chama pra brincar e não pra lutinha! — Ele ainda ria.

— Tenho medo dele começar a querer bater nas outras crianças e acabar levando de volta, sabe? Ele não vai saber lidar.

— Ah, amor, criança é assim mesmo. Eles mesmos se resolvem entre eles. A gente tenta ensinar da melhor maneira possível, mas nem sempre sai conforme o esperado, né? Sempre tem algo inesperado.

— Verdade. Tem sempre uma novidade.

Fê pega o celular e vejo o novo plano de fundo dele, uma foto recente minha e do Miguel.

— Me bateu uma saudade dele — ele comenta olhando a tela.

— Tenta chegar mais cedo hoje pra ficar

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouquinho com ele.

— Vou tentar. Prometo.

Ainda ficamos mais um pouco juntos, curtindo a companhia um do outro, mas infelizmente ele tem que voltar para a empresa e eu para casa.

— Manda o relatório pra mim, por favor, tá? — pediu antes de me beijar.

— Pode deixar.

Ele me dá um beijo apaixonado de despedida e cada um segue para seu carro.

Esses encontros entre nós eram mais fáceis agora que eu também estava motorizada. O carro foi um presente pelo meu aniversário de 22 anos. Lembro até hoje que fiquei doida, sem acreditar mesmo, quando ele me entregou a chave. Queria que alguém tivesse gravado minha cara de surpresa e felicidade.

Chego em casa e já não encontro meu pequeno.

— Voltei — falo já entrando na cozinha. Rosa está guardando a louça.

— Como foi o almoço? Você esqueceu o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

presente no quarto... — ela diz enquanto guarda umas taças.

— Pois é, que cabeça a minha! Mais tarde eu entrego. Miguel e Maria saíram há muito tempo?

— Já tem uns vinte minutos. Mas você não sabe da maior... — ela começa a rir.

— O que foi? — pergunto já rindo junto com ela, curiosa. — Aposto que ele aprontou alguma!

— Ele chegou aqui na cozinha correndo, deu um tapa na minha bunda e falou “totoga”! — ela termina a frase e volta a gargalhar.

— Ai, meu Deus! — Explodo em gargalhadas também. — Ele está impossível! Espero que não saia por aí batendo na bunda da mulherada e chamando de gostosa!

— Ele tá demais...

— Sim, eu e o Nando estávamos falando isso. O Miguel tá um pimentinha... e lindo, né? Não é porque é meu filho, não! Mas não existe neném mais lindo... — falo totalmente apaixonada e babando por ele.

— Ele é uma mistura de vocês dois!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de mais um papinho com Rosa, recebo uma mensagem do Fê me cobrando o relatório. Tinha esquecido de enviar para ele. Minha cabeça estava na lua...

Enviei o relatório e ainda fiz mil coisas, tanto da empresa, quanto da faculdade.

Estou tão concentrada que nem vejo a hora passar e levo um baita susto quando meu *pequeno furacão* passa pela porta.

— Chegou, meu amor! — Deixo o *notebook* de lado e o agarro.

Maria chega na porta.

— Manu, desculpa, ele veio correndo direto pra cá, não deu tempo de alcançar!

— Tudo bem — respondo sorrindo. — A entrada desse rapaz tá liberada sempre, né?!

Ele faz que sim com a cabeça.

— Nadou muito?

— Sim — ele responde direitinho. — Vovó... — Miguel puxa meu celular da mesa e põe na orelha. — Vovó, aqui... bala, vovó! *Pá* no *nininho*...

Fico calada, só prestando atenção enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele finge falar com a avó.

— Que negócio é esse de *pá* no *nininho*? — pergunto.

Ele tira o telefone da orelha e me olha.

— *Pá* no *nininho*, mamãe mô! — diz todo animado e joga o celular longe em seguida.

— Não pode jogar o celular da mamãe assim, Miguel — digo séria e ele fecha a cara. — Que história é essa de *pá* no *nininho*? — volto a perguntar, mas ele não me responde e apenas me encara, ainda de cara fechada.

— Tá, tá, tá...

— Tá, nada! Você bateu em alguém?

Toda vez que eu falava mais sério com ele, Miguel tentava fugir dizendo “tá, tá, tá”. No início, eu acabava rindo, mas com o tempo fui vendo que aquilo não dava certo. A criança para de levar tudo a sério, e chamar a atenção dele rindo não funcionava, só abalava minha autoridade.

— Tá, tá tá... — ele repete e vira o rosto, emburrado.

— Ele brigou com alguém, Maria? — Intuição de mãe não falha.

PERIGOSAS ACHERON

Maria olha para ele, que olha de volta para ela.

— Não foi nada demais. Ele foi brincar com um menino, até mais velho que ele, e sem querer o menino caiu. Na mesma hora eu corri para ajudar e os professores também. Ficou tudo bem.

Miguel já tinha sossegado no meu colo e estava distraído, tentando mexer no *notebook* em cima da mesa.

— Filho, olha pra mamãe — puxo seu rosto devagar. — Não pode fazer isso, Miguel. Bater é muito feio, empurrar o coleguinha também não pode. Tem que ser carinhoso — faço um carinho em seu rosto. — Não é assim que você faz com a mamãe? — pergunto com a voz doce e ele faz que sim com a cabeça. — Então, carinho pode. Brigar, não. Isso é feio. *Pá* no menininho é feio! Não pode! Você entendeu?

— Tá, tá, tá... — ele responde me olhando.

— Se você fizer *pá* em alguém de novo, vai ficar de castigo lá no cantinho, hein? Tá escutando?

— Cantinho não!

— Cantinho sim! Se bater no coleguinha de novo, vai ficar.

Toda vez que ele fazia alguma besteira ou falava alguma coisa feia, eu tentava o colocar um pouco no cantinho para pensar na malcriação. Às vezes até funcionava, mas bastava Fernando estar em casa, ou os avós, que tudo ia por água abaixo. Miguel chorava, esperneava, chamava pai, vovó, vovô, dinda, dindo, tio... todo mundo era bem-vindo naquele momento do castigo.

Olho a hora e resolvo desligar o computador para ficar um pouco com meu filho, já que logo teria que me arrumar para a faculdade.

Quando chego em seu quarto, vejo o pesadelo que são seus brinquedos todos espalhados pelo chão. *Muitos* brinquedos.

— Que bagunça... — Maria começa a juntar alguns.

— Maria, vai lanchar, eu fico com ele. Só não te libero agora porque Fernando provavelmente vai chegar tarde de novo. Ele até disse que vai tentar sair mais cedo, mas não estou levando muita fé, e preciso ir pra aula...

— Imagina! — ela me interrompe. — Tudo bem, Manu.

Maria é um doce de pessoa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sento no tapete colorido com Miguel.

— Toma, mô — ele me entrega um boneco enorme.

— Esse é da mamãe?

— MEU.

— Mas você empresta pra mamãe, né?

Ele faz que sim com a cabeça e pega um boneco para ele, mas aquilo não prende sua atenção por nem dez minutos. Ele logo larga tudo e pula em cima de mim, me enchendo de carinho.

— *Valinho*, vai, vai — fala animado, montado em cima de mim.

Brinco com ele o restinho da tarde toda, até que ele volta a falar na avó. Pego meu celular, coloco no número da mãe do Nando e entrego para ele.

— VOVÓ — grita bem alto. — Vem, vovó, aqui! *Pá* no *nininho*... — ele diz e me olha. — *Pá* no *nininho* não, vovó.

— Isso... — Acabo rindo dele, mas tento me controlar.

— Bala, *cholate*... — Miguel põe a mãozinha na cintura, como quem pensa em alguma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resposta.

Com certeza a avó tinha perguntado o que ele queria.

Eu tentava controlar um pouco a alimentação dele, e talvez eu fosse até uma mãe um pouco chata, mas sempre tentava evitar balas, chocolates, refrigerante e todas essas coisas deliciosas e nem um pouco saudáveis para ele. Mas é óbvio que liberava uma vez ou outra, principalmente quando Miguel ficava com os avós, tanto os paternos, quanto os maternos.

Certa vez, depois que Miguel completou dois anos, Fernando fez uma loucura tão grande que me deixou até assustada, afinal, sou mãe de primeira viagem. Já aprendi muita coisa, mas continuo aprendendo. No dia do susto, cheguei da rua com Amanda e dei de cara com Miguel na sala, sentado no tapete com uma caixa de bis praticamente vazia. Ele não quis jantar e ficou pedindo chocolate ao pai, que deu uma caixa inteira na mão dele.

Agora fico lembrando e rindo, mas no dia fiquei com medo do meu pequeno passar mal. Sei que Fê não fez por maldade, fez para agradar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

filho, como sempre faz tudo, mas é preciso ter limite com as crianças, como eu já disse a ele inúmeras vezes.

Depois do longo papo com a avó, pego o telefone das mãos de Miguel e troco umas palavras com minha sogrinha.

Assim que desligo a chamada, vejo a hora e percebo que preciso me arrumar. Não quero mais um atraso na minha conta.

— Vamos lá chamar a Maria. Mamãe já vai sair...

— Escola, mamãe?

— Isso, amor, mamãe vai pra escola. Logo é você.

Miguel sai correndo pelo corredor, gritando “Malia totoga” bem alto, o que nos faz gargalhar.

Saio de casa quase sete horas, um pouco atrasada. Miguel queria porque queria sair comigo. Cismou que queria dirigir, fez um show, se jogou no chão... eu morria de pena de sair e deixar ele choroso daquele jeito.

Demorei mais tempo que o normal para

PERIGOSAS ACHERON

chegar na faculdade, devido ao trânsito do horário. Nesse tempo, mandei mensagens para o Fê e pedi, mais uma vez, que ele tentasse chegar mais cedo em casa.

Entro na sala de aula e vejo que o quadro já está cheio de matéria.

— Pensei que fosse faltar hoje pra curtir com o maridão — comenta Laís, minha nova amiga de turma. Era uma menina muito doce, simpática e tinha a minha idade.

— Nem posso, né? Já reprovei essa matéria uma vez, quando voltei a estudar sofria tanto de deixar meu filho, que pouco estudei!

— Mas dessa vez você vai conseguir. Sua primeira nota já foi ótima e você entregou o trabalho... vai ficar com notão agora também.

— Tomara.

A aula passou até bem rápido e, como não saímos para o intervalo, fomos liberados mais cedo.

Ofereci uma carona para Laís na saída e fomos conversando pelo caminho todo até a casa dela. Laís era solteira e bem focada nos estudos, muito mesmo. Nem falava tanto em homens ou algumas saídas, nem sobre outras amigas ela falava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela parecia fechada, mas era uma pessoa bem legal.

Depois de deixá-la no portão de casa, sigo meu rumo.

Chego na cobertura às pressas, pelo horário, mas assim que abro a porta da sala, tenho uma surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

Fernando está de pé me esperando e a sala está linda, toda arrumada, com velas iluminando os cantos, e a mesa está posta, cheia de flores. Não posso evitar e sorrio toda boba.

— Eu não disse que ia dar um jeito de chegar mais cedo? — ele diz sorrindo e estende a mão para mim.

— Nossa! Surpreendeu, hein? — digo enquanto ele me puxa para um abraço apertado.

— Você merece.

— E cadê nosso Miguel? Dormindo não pode estar... impossível! — Dou uma gargalhada e Fernando me acompanha.

— Foi pra casa da avó. Vai dormir lá hoje — ele diz com naturalidade.

— Nando!! Tem certeza que é uma boa ideia? Ele não é fácil... — Fico apreensiva.

— Minha mãe veio aqui e ele ficou louco pedindo pra ir com ela, chorou e tudo! Eles vão dar PERIGOSAS ACHERON

conta do nosso furacão por uma noite, relaxa, amor.

— Podia ter pedido pra Maria dormir lá com eles, Nando.

— Pensei nisso, mas minha mãe achou desnecessário... — Ele dá de ombros. — Fica tranquila. Aproveita essa surpresa que fiz pra você — diz com um sorriso lindo no rosto e eu me derreto na hora.

Eu confiava muito na mãe do Nando, isso era óbvio, minha única preocupação era a animação do Miguel quando caía a noite. Meu bebê ia cansar a vovó!

Fernando pega minha bolsa de repente, joga no sofá e cola seu corpo atrás do meu em um abraço maravilhoso. Em seguida, ele me conduz até a mesa.

— Uau...

Fico olhando tudo admirada. Com a correria do dia-a-dia, era difícil termos um momento de casal. É claro que trocávamos carinhos, vez ou outra um filme a dois, uma viagem em família, mas desde que Fernando, Mauro e os outros sócios começaram a investir nos novos projetos da empresa, as coisas apertaram, então eu estava

realmente feliz pelo jantar.

— Pensei em te chamar pra ir naquele restaurante no Leblon que você adora, mas achei melhor eu mesmo preparar tudo.

— Acertou em cheio! — digo segurando seu rosto e lhe dou um selinho.

— Lógico que tive uma ajudinha da Rosa, né?

Nós rimos. Eu já imaginava que tinha dedo dela nisso.

Fernando me segura firme e me beija. Um beijo sem corre-corre, sem bagunça e sem telefone tocando sem parar. O clima está perfeito.

Assim que paramos o beijo, ele se oferece para pegar um vinho e eu caminho até o nosso canto predileto, a varanda. Abro a porta pensando em como aquela surpresa me deixou feliz.

Fernando chega por trás, me entrega a taça e, mais uma vez, cola seu corpo no meu, já beijando meu pescoço.

Ficamos ali do lado de fora e conversamos muito, como já não fazíamos há alguns meses. Rimos, falamos sobre tudo e principalmente sobre nosso bebê e suas travessuras. O papo está tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gostoso que deixamos o jantar para depois.

— Quer mais uma taça?

Eu aceito e Fernando vai rapidamente até a sala e volta. Ele senta na mesma espreguiçadeira que eu e coloca as taças no chão. Em um movimento rápido ele praticamente deita por cima de mim e me beija, me surpreendendo. E eu gostei. Amei. Queria mais.

Agarro seus braços e depois passo as mãos em seus cabelos, puxando de leve. Não demora e Fê já me pega no colo. Eu entrelaço minhas pernas em volta de seu corpo e vamos nos agarrando assim até o quarto.

Assim que ele fechou a porta, me pressionou contra ela enquanto beijava minha boca, meu pescoço, me mordida...

Ajudei meu marido a se despir e ele fez o mesmo comigo com certa pressa. Estávamos precisando um do outro. Fernando continuava me causando as melhores sensações possíveis... seus beijos, seu toque, seus puxões... eu sentia necessidade dele.

Após muitos beijos e carícias íntimas, fizemos amor, e foi maravilhoso como sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Jantamos muito mais tarde, depois de um bom banho juntos. Em seguida, falamos com a mãe dele, e então fechamos a noite com mais amor ali na sala mesmo.

No sábado, acordamos cedo.

Tudo pronto para um final de semana na casa de Angra, casa essa que Fernando tinha comprado escondido, e onde foi realizada nossa festa de casamento. Na noite anterior, quando já estávamos deitados, Fê disse que queria relaxar um pouco e que estava precisando muito ir para Angra. A casa era o lugar perfeito para relaxar, com uma magnífica vista para o mar.

— Amanda e Gael vão com a gente ou com o carro deles, amor?

— Vão no carro deles — ele responde enquanto digita algo no *notebook* em cima da mesa da sala.

Estou recolhendo alguns brinquedos do Miguel quando a campainha toca. Meu anjinho chegando.

Abro a porta e já abraço forte meu bebê. Pego ele no colo e vejo que já está todo animado,

PERIGOSAS NACIONAIS

todo faceiro.

— Mamãe já estava doida de saudade do neném dela! Meu *totogo*!

— *Totoga* — diz com um sorriso lindo naquele rostinho.

— Vem dar um abraço no pai, vem — Nando chama.

Miguel se sacode, pedindo para sair do colo e eu o coloco no chão.

Dou dois beijinhos em seus pais, que entram para conversar um pouco.

— Esse rapaz deu muito trabalho? — pergunto.

— Deu não, né, meu amor? — responde minha sogra. — É só colocar um DVD de desenho que ele fica quietinho.

— Mas ele dorme bem tarde, né? E reclama se tirar do desenho... — comenta Otávio, meu sogro.

— E como reclama! Briga e tudo — sorrio para ele, no colo do pai recebendo carinho.

— Vocês já vão sair pra Angra?

— Daqui a pouco. Já está tudo ajeitado —

PERIGOSAS ACHERON

responde Fê.

— Divirtam-se. Aproveitem aquela maravilha que vocês quase não vão...

— E vê se relaxa, meu filho, esquece um pouco o trabalho, curte sua família — aconselha seu pai.

— É tudo o que eu quero e preciso.

Só saímos de casa quase na hora do almoço. A viagem foi tranquila, gostosa... Meu filhote até dormiu.

Chegamos na casa em Angra e ela está arrumada e cheirosa. Abro as janelas, portas e finalmente olho o lindo mar à minha frente. Sorrio por estar ali.

Fernando pega Miguel na cadeirinha com cuidado e o coloca no sofá. Enquanto ele ainda está apagado, aproveitamos para ajeitar algumas coisas.

Estava na cozinha quando escutei barulho de carro.

— Acho que são eles, amor!

Fernando vai lá fora se certificar.

— Que saudade dessa amiga desnaturada, meu Deus! — Amanda entra sorridente e nos

abraçamos apertado.

— Agora minha amiga é noivinha, vive atarefada... — brinco.

— Nem fala! Cadê meu pequeno?

— Está dormindo ali no sofá.

Nos aproximamos e lá estava ele, todo esparramado. Não parecia que ia acordar tão cedo.

— Que vontade de apertar! — Ela se derretia pelo afilhado.

— Faça isso à noite, quando ele não quiser dormir de jeito nenhum... — falo rindo.

Depois de deixarem as coisas nos quartos, Fernando e Gael se juntaram a nós e fomos para varanda bater papo. Fiquei sentada próxima à porta, para ficar de olho no Miguel.

O sábado passou muito agradável, na presença de pessoas queridas e tão amadas por nós.

Eu e Amanda pudemos colocar a conversa em dia, rimos com o nervosismo dela para o casamento, rimos das travessuras do Miguel, e é claro que falamos da empresa, lugar onde ela trabalhava com Fernando. Na verdade, não era diretamente com ele, mas ela estava por dentro de

todos os planos, sabia como Nando estava envolvido e o quanto estava sendo investido no projeto, uma nova filial da empresa.

Nosso neném acordou e não perdeu tempo, encheu a dinda de carinho. Brincamos com ele na areia, fomos até o mar, molhamos seu pé, e ele ria todo bobo, corria... Amanda não cansava de rolar com ele para lá e para cá. Enquanto isso, eu aproveitava para dar uns beijinhos no meu marido.

Fechamos o sábado com uma ótima bebida e muito papo na sala de nossa casa.

No domingo, acordo com Miguel na cama tentando abrir meu olho.

— Mamãe mô... *coda*... mamãe...

Abro os olhos devagar e vejo sua carinha amarrotada de sono.

— Oi, filhote.

O puxo para deitar perto de mim, mas ele já está elétrico e se recusa. Nando já não está no quarto.

— Quer mamar? — pergunto.

Miguel faz que sim com a cabeça e eu,

mesmo com muita preguiça, decido levantar. Sento na cama, me estico, ainda mexo um pouquinho com ele, fazendo cosquinha em seu pé, e enfim me levanto.

Estou indo para o banheiro quando Fernando entra com a mamadeira dele. Miguel tira chupeta na mesma hora.

— Bom dia, princesa — Fê vem em minha direção e me dá um selinho.

— Bom dia, amor. Todos acordados?

— Não. Deita mais um pouco.

— Ah, agora já levantei mesmo... — me olho no espelho do banheiro.

— Você que sabe. Vou ficar lá embaixo, estou resolvendo umas coisas por e-mail.

Olho para ele na mesma hora, mas não falo nada sobre ele estar trabalhando no nosso tempo livre.

— Tudo bem — respondo.

Assim que o meu pequeno termina de mamar, nós descemos.

Gael já está na cozinha tomando café.

— Bom dia, Manu... bom dia, garotão —

brinca com Miguel. — Pra quem foi dormir tarde, você acordou cedo, hein? Aposto que com a corda toda!

— Ah, pode ter certeza! Cadê a Amanda?

— Dormindo. Daqui a pouco vou chamar ela.

— Deixa minha amiga fazer o que mais gosta... — brinco, me referindo a ela ser dorminhoca.

Fernando está sentado na mesa com uma xícara e o *notebook* ligado, lendo algo atentamente. Ele não para, nem mesmo quando Miguel corre até ele, o chamando para a praia.

— Seu pai tá trabalhando. Deixa ele — digo, e ele volta para perto de mim.

Ter Fernando o tempo todo grudado no celular ou no computador me incomodava, afinal, estávamos em Angra, na casa de praia, lugar que ele queria relaxar! Mas não era isso que estava acontecendo...

Quando Amanda acordou, pegamos umas cadeiras e fomos aproveitar o sol tímido que apareceu. Peguei uns brinquedinhos do Miguel e ele sossegou na areia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá vendo, né? Viemos pra cá porque ele queria descansar, relaxar, e hoje já estava com o celular, *notebook*...

— Manu, no começo é assim mesmo. Tenha paciência. Mais pra frente, quando tudo já estiver resolvido, ele vai ficar mais tranquilo e vai ter mais tempo.

— Estou tendo paciência, não fico arrumando briga. Mas pra você posso falar, me incomoda, sim. Tudo mudou muito rápido, nossa rotina, nosso jeito... eu entendo que não é fácil, eu sei disso, mas Fernando está louco pelo trabalho, pensa nisso vinte e quatro horas por dia!

— Depois das viagens esse ritmo vai melhorar.

— E quando eles vão pra Belo Horizonte? Me conta.

— Na última semana de junho já tem uma viagem marcada.

— Hm... tá bem perto.

— É. Depois disso eles vão ficar mais tranquilos.

— Vamos ver — respondo olhando para o Miguel, que está brincando com um baldinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Algumas horas se passaram até que finalmente Fernando e Gael se juntaram a nós na praia.

Depois saímos para almoçar, andamos pelo condomínio, que era bem bonito, conversamos e rimos do Miguel que, assim como fez com a Rosa, apertou também a bunda da dinda e a chamou de *totoga*.

Já no início da noite, Gael e Amanda sobem para descansar um pouco e eu vou para a cozinha ajeitar a comida do Miguel, que estava na varanda com o pai.

Ele estava falando no celular e parecia bem nervoso, falava, falava, falava sem parar. Com certeza com Mauro.

Olho para a varanda e vejo Miguel na cadeira de balanço. Ele ia e voltava, ia e voltava. Eu já estava vendo a hora dele levar um belo tombo.

— Miguel! — grito e ele me olha. — Desce daí... — falo bem séria.

Ele não me obedece, então vou até lá e o tiro da cadeira.

— Nando?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fala — ele diz rapidamente e logo volta a esbravejar ao telefone.

Espero ele terminar o discurso.

— Olha ele aqui rapidinho? Estou terminando de colocar a comida dele — peço e ele faz que sim com a cabeça, e continua o papo no telefone.

Voltei para a cozinha correndo.

Em menos de dois minutos a comida já está no prato, então ouço um barulhão e, em seguida, um choro alto, bem forte...

Miguel no chão.

Largo o prato na mesma hora e corro até a varanda. Fernando já estava com Miguel no colo, tentando acalmá-lo e controlar seu choro doído.

— Caramba, Fernando, pedi pra você olhar ele um minutinho! Tá vendo? — Puxo Miguel para o meu colo.

— Calma, vai ficar tudo bem, foi só um susto.

Assim que pego ele, vejo que sua boca está sangrando. Com certeza algum corte.

— Olha a boca dele! Custava largar essa

PERIGOSAS ACHERON

porcaria desse celular um minuto e olhar seu filho? Satisfeito agora? — digo nervosa enquanto abraço Miguel, que ainda chora.

— Você vai deixar ele mais assustado!

Reviro os olhos, estressada com sua atitude.

— Eu estou de saco cheio!

Vou para o quarto e finalmente sinto Miguel mais calmo. O levo até o banheiro e lavo sua boca e seu rosto, mas ele ainda suspira choroso, sentido pelo acontecido.

Com ele já deitado e sem chorar, consigo ver um corte pequeno em sua boca. Ficamos abraçados na cama, eu fazendo carinho em seu rosto.

Miguel só levanta a cabeça quando a porta se abre e Amanda entra com seu prato na mão.

— Trouxe a janta dele.

— Obrigada, dinda — agradeço a ela e sento na cama. — Acredita que eu até esqueci?

— O que houve?

— Ele caiu da cadeira na varanda, fez um cortezinho na boca, mas foi só um susto mesmo.

— Fernando está meio nervoso lá embaixo

PERIGOSAS NACIONAIS

— conta sentando ao meu lado.

— É bom que fique mesmo. Pedi pra olhar o Miguel um minutinho, Amanda, coisa rápida! Mas ele não deu a mínima, porque não larga esse celular! Resultado: Miguel levou um tombo. Conseguiu acabar com toda a harmonia mais uma vez por causa do trabalho!

— Respira, amiga! Você estressada desse jeito só piora as coisas...

Depois que terminei de dar a janta ao Miguel, Amanda foi ajeitar suas coisas para ir embora, afinal, todos iriam trabalhar no dia seguinte.

Eu estava guardando umas roupas enquanto Miguel estava quietinho na cama.

Fernando chegou no momento em que peguei um casaco para colocar em Miguel.

— Papai... — diz meu pequeno, animado pela chegada do pai no quarto.

— Ô, filho, me desculpa. — Ele deita na cama também.

Ficaram de carinhos e Fernando pediu para ver a boca dele, com certeza querendo ver o corte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vem cá colocar o casaco, Miguel — chamo enquanto me aproximo.

— Deixa que eu coloco — Fernando estende a mão e eu entrego o casaco a ele. Foi nosso único contato após o ocorrido.

Chegamos em casa quase onze horas. Ainda paramos para comer no caminho, mas o clima entre eu e Nando não estava bom.

Eu não enxergava motivos para pedir desculpas para ele ou algo do tipo. Ele vacilou comigo e com o filho. E se continuasse nesse ritmo louco de trabalho, eu não queria nem imaginar... tudo precisa ter limite!

Depois de colocar Miguel em seu quarto, já dormindo, Fernando chega em nosso. Eu já estou deitada, quieta.

Ele vai em direção ao banheiro, mas para e me olha.

— Não gostei do que você disse hoje — diz sério.

— E eu não estou gostando das suas atitudes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está de saco cheio de mim? Da nossa vida? É isso? — questiona.

— Saco cheio de você só falar de trabalho o tempo todo! Seu celular não para um minuto, você vive grudado nesse *notebook*!

— Pensei que você me entendesse, Manuela! Pensei que pudesse contar com você.

— E PODE. Não muda a situação, não! Você sabe que pode contar comigo sempre, mas tudo tem limite.

— Você acha que é fácil? Fique sabendo que não é! Muito dinheiro está em jogo — ele diz, claramente já irritado. Suspiro e deixo de encará-lo. Não quero me estressar, ainda mais na hora de dormir. — Qualquer passo em falso, são rios de dinheiro que vão por água abaixo! — ele continuou. — Tenta ser minha amiga nesse momento!

— TENTAR? — pergunto irritada, e até sento na cama. — Eu SOU sua amiga! Ainda não enxergou isso? O trabalho está te deixando cego também?

— Você anda me cobrando demais!

A única coisa que posso fazer é rir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você só pode estar brincando... — digo já levantando.

— Eu só preciso que me entenda!

Olho para ele e confesso que, além de todo o estresse, me sinto também triste, triste de verdade, como poucas vezes me senti.

— Eu entendo, Fernando... só não sei até quando.

Preferi sair do quarto e ir até a cozinha.

Um nó se forma na minha garganta e, após encher meu copo e beber um gole de água, não aguento, encosto na bancada da cozinha e choro. Choro muito.

Choro por não saber lidar com uma situação que, no fundo, eu sei que é comum. Choro por deixar o estresse me dominar, por não saber se estou realmente errada. Choro ainda mais por medo da minha família, que sempre teve tanto amor, se perder.

Não tento segurar as lágrimas ou secá-las, deixo que desçam. Preciso chorar, preciso desabafar de alguma maneira.

Enquanto choro, fico olhando para baixo com os braços cruzados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Isso é só uma fase, Manuela, uma fase.
Vida de casado é assim.*

Fico um longo tempo ali na cozinha pensando, me questionando, pedindo a Deus paciência.

Quando me acalmo, volto para o quarto e Fernando já está deitado. Dessa vez, virado para o lado contrário ao que eu durmo.

Deito e não seguro uma lágrima que chegou atrasada, deixo elas descerem. Era a primeira noite em quase dois anos de casados que íamos dormir brigados, “bunda com bunda”, como dizem por aí.

Fases e desafios da vida a dois. Ninguém consegue fugir.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

Os dias passaram e Fernando, apesar de ainda chegar tarde, passou a chegar menos estressado.

Na segunda-feira, após aquela briga, ele se desculpou muito, disse mil vezes que estava arrependido de ter ido dormir brigado comigo. Eu ainda estava meio insegura com a nova correria, mas quando algo me estressava muito, eu respirava fundo e contava até dez. Assim eu ia levando...

Tivemos outras pequenas brigas, mas estávamos nos resolvendo. Eu amava o Nando demais e torcia sempre por ele, vibrava com suas conquistas, mas a verdade é que eu não via hora de tudo se estabilizar na nova filial de Belo Horizonte e eu poder ter meu marido por completo, sem estresses ou brigas no fim do dia.

O dia da viagem de Fernando chegou. Ele estava com uma pequena mala pronta, terminando

de se ajeitar no quarto. Miguel estava brincando na sala.

— Amor, sei que ficar o dia inteiro longe do Miguel não é bom, mas tenta ir na empresa. Preciso de você lá esses dias, enquanto estou em Belo Horizonte — ele diz enquanto coloca o *blazer*.

— Tudo bem. Já conversei com a Maria, ela vai dormir aqui esses dias, vai dar tudo certo.

— Sei que não é bom pra ele, nem pra gente, mas esses três dias vão passar voando, tenho certeza. Sei que estou ausente, quase não brinco mais com o Miguel, chego tarde, cansado...

— É... e final de semana, trabalha também.

Fernando não responde meu pequeno comentário. Eu nem havia dito para alfinetá-lo, nem nada do tipo, a verdade apenas escapou.

Depois de já pronto, meu marido me puxou para um abraço de despedida.

— Fica bem, tá? Eu te amo. Estou muito chato e estressado, mas nunca menos apaixonado — ele diz com um sorriso no rosto.

Que fofo, penso e abro um sorriso também.

— Também te amo. Se cuida. Me liga

PERIGOSAS NACIONAIS

quando chegar. E fica tranquilo, vou cuidar de tudo aqui.

— Confio em você.

Nos beijamos e nos abraçamos por longos minutos.

Vamos até a sala, que já está uma bagunça com os brinquedos do Miguel, para que ele dê um beijo no filho.

— Vem cá — Fernando chama, abaixando. Miguel se aproxima e abraça o pai. — O papai vai ficar longe, mas logo volta pra brincar mais com você, tá?

— Miguel vai... — ele diz, já indo em direção à porta.

— Não. Miguel vai ficar com a mamãe, com a Maria e com a Rosa.

Fernando levanta e o pega no colo, dá um abraço apertado e dois beijos.

— Dá um beijo no papai, meu amor — eu digo.

— Ecaaa — ele grita, provocando nossa risada instantânea. Ele estava com essa nova mania. Tudo era *eca*, até mesmo sua comida preferida!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Eca* pro papai? Poxa... — Fernando brinca, fazendo cara de tristeza.

Depois da gracinha, Miguel resolve dar os beijos no pai, mas é só Fernando passar pela porta que ele faz um show, querendo sair também. Chora e chora sem parar, se jogando no chão e tudo.

— Chega, Miguel! Pode parando com isso. Levanta agora. — falo firme e séria, olhando para ele. — Chega de escândalo, daqui a pouquinho você tem natação.

— *Ábia*? — pergunta, parando o choro na hora.

— É. Mamãe não quer você fazendo isso, Miguel. É feio se jogar no chão, gritar...

Ábia, na linguagem do Miguel, era água. Ele sabia que água era o que não ia faltar na natação, e ele amava piscina, então ficava animado sempre que podia entrar em uma.

— Maria, você pode ir pra casa. Vou levar Miguel na natação e depois andar um pouco com ele. Sei que precisa resolver umas coisas, então pode ir. Amanhã já vai ser puxado...

— Não vai precisar de mim à noite?

— Não, hoje não.

PERIGOSAS ACHERON

— Tá bom. Obrigada, Manu.

Maria dá dois beijos em Miguel e entra para buscar suas coisas.

Miguel fez a festa na natação. Brincou, nadou, me gritou inúmeras vezes pedindo para eu olhar para ele... era exibido que só, o meu menino. E que alegria ver meu bebê cheio de energia.

Nos minutos em que estive sentada, pelo celular mesmo enviei uns e-mails a pedido do Fê. Quando acabou a aula, ainda fiquei batendo papo com algumas mães por um bom tempo, enquanto Miguel continuava a brincar com seus amiguinhos, já fora da água.

— Vem, meu amor, vamos embora — o chamo, depois de me despedir de uma mãe que só sabia me assustar falando de doenças.

— *Tópin?* — ele pergunta quando termino de prendê-lo na cadeirinha.

— Vamos no shopping depois, tá? Mamãe promete.

Miguel adorava um shopping lá perto de casa. Quase todos os dias o lugar tinha brincadeiras para os pequenos, então ele pedia para ir sempre e

PERIGOSAS ACHERON

não tinha como negar.

Como eu não tinha nenhum compromisso na parte da tarde, resolvi ir até a casa dos pais do Nando. Gostava bastante de conversar com eles e sabia que amariam a surpresa também.

No caminho, fui pensando nos meus pais e senti a saudade apertando. Eu queria tanto que eles ficassem no Rio de vez. Às vezes eu sentia tanta necessidade do colo da minha mãe, principalmente nessa fase conturbada do meu casamento. Me sentia meio menina ainda, por precisar dele quando tinha problemas, mas dizem que para querer colo de mãe, não tem idade...

Estacionei em frente à casa dos meus sogros. Peguei Miguel da cadeirinha e o coloquei para apertar o interfone, ele achava um barato.

— Oi? — Miguel escuta a voz da avó e já fica animado.

— Vovó!!

— Ah, que surpresa boa! — ela responde, parecendo bem contente.

O portão logo se abre e nós somos recebidos com muitos abraços.

Passamos uma tarde super agradável.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Conversamos, rimos do Miguel, nos assustamos quando ele quase caiu do sofá, lanchamos... meus sogros eram muito tranquilos e amorosos.

Já quase no fim da tarde, comecei a ficar um pouco preocupada. Nenhum telefonema, nenhuma mensagem... já era para o Fernando ter avisado, dado algum sinal de vida, mas *nada*.

— Vamos dar uma voltinha pelo condomínio, Manu? Coisa rápida — Dona Sônia me chama de repente.

Sinto que ela quer conversar algo mais sério comigo, então logo aceito.

— Podem ir, eu fico aqui com ele. — Vovô Otávio pega o neto e o enche de cócegas até Miguel engasgar de rir.

Assim que passamos pelo portão...

— Minha filha, você sabe que não sou de me meter na vida de vocês, longe de mim, mas preciso muito te pedir uma coisa. Gosto demais de você, então me sinto no dever de te aconselhar — ela diz bem séria.

— Eu também te adoro, sei que só quer meu bem. Pode falar — respondo tranquila, mas no fundo estava um pouco assustada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Peço que tenha paciência nessa fase que você e o Nando estão passando. Você nunca comentou comigo, nem ele, mas eu já passei por isso com o Otávio. Viagens, estresse, brigas, falta de atenção... foi difícil, ficamos separados por meses! Não quero que isso aconteça com vocês. Sei que você é madura e entende, mas também não é de ferro, né? Por isso te peço que seja paciente, pra isso não atingir vocês.

— É... confesso que realmente não está fácil. O Fê anda bastante desligado, vive na correria, mas estou tentando lidar da melhor maneira possível. Não vou deixar meu casamento se perder.

— Não deixe. Vocês são lindos e meu neto mais ainda! — ela diz e a gente dá risada. — Obrigada, Manu. Desculpa falar sobre isso, mas sei como é e senti a necessidade de conversar com você.

— Sem problemas. Eu que agradeço pelo conselho — sorrio e dou um abraço na vovó fofa do Miguel.

Ainda conversamos mais um pouco, mas não demoramos. Eu prometi levar o filhote no

PERIGOSAS ACHERON

shopping e promessa é dívida!

Saímos da casa deles já à noite... e ainda *nada* de telefonema.

Uma peça infantil estava começando quando chegamos no shopping. Miguel correu na minha frente e sentou bem perto do palco. O danadinho arrumou lugar no meio das crianças! Fiquei em pé logo ao lado do pequeno palco, o vigiando. Toda hora eu olhava o celular. Por fim, mandei uma mensagem, mas não foi entregue, o que fez minha preocupação aumentar. Eu estava com meus pensamentos tão longe, mas tão longe, que arregalei os olhos quando escutei meu nome.

— Manu? — disse uma voz familiar.

Quando olhei, minha surpresa foi maior ainda. Era meu ex-namorado... o João.

Ele ficou me olhando todo sorridente, mas também estava com aquela cara de espanto, de quem não acredita no que está vendo. E minha reação era a mesma que a dele... surpresa total.

— João?! Nossa! — deixo escapar quando consigo abrir a boca.

— Meu Deus, quanto tempo! — Ele me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abraça como um amigo de anos. — Como você está? Quantos anos se passaram, né?

— Verdade, alguns anos. Estou ótima e você? — respondo depois do abraço caloroso.

— Estou bem. Cheguei de Londres faz pouco tempo e vim para o Rio!

— Ah, você foi pra Londres mesmo? Que legal!

— Fui! Fiquei lá quase dois anos, fiz os cursos que queria e voltei. Agora estou morando aqui — ele responde ainda sorridente. — E você, como tá a vida? Nunca mais tive notícias sua. Seus pais estão bem? Você ficou aqui no Rio mesmo ou está a passeio?

— Fiquei de vez. Meus pais ainda moram em São Paulo, mas estão sempre por aqui. Não conseguem ficar longe do neto por muito tempo!

João se mostra ainda mais surpreso.

— *Neto?! —* Ele dá uma risada. — Está falando sério?

— Muito sério. Ali — digo e aponto para o meu menino, que dava gargalhadas com a peça.

— Que garotão lindo! Estou realmente bobo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com tantas novidades... — João dá uma rápida olhada na minha mão esquerda e encontra o que estava procurando. — Casou?

— Casei. E você? Casou? Está namorando? Deixou alguém em Londres?

— Estou solteiro. Meu namoro não resistiu à distância... — ele responde e desvia o olhar para Miguel, que agora está em pé me chamando.

— Só um minuto, João — peço.

Passo delicadamente por algumas crianças e ajudo meu filho a sair do meio da bagunça. Ele se desligou da peça quando viu o trenzinho das crianças passando.

— *Tlem*, mamãe! — diz apontando para o trem colorido.

— Deixo você andar de trem, mas antes vem cá conhecer o amigo da mamãe. — O pego no colo e volto rapidamente. — João, esse aqui é meu príncipe, Miguel.

Miguel olha para ele sem muito sorriso.

— E aí, meninão? Você é lindão como a mamãe, hein? — ele brinca, pegando a mãozinha do Miguel, e eu acabo ficando sem graça com o comentário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Filho... esse é o João, amigo da mamãe.

— *Jão?* — Miguel pergunta e nos faz rir.

— J-O-Ã-O — digo pausadamente para ele.

— *Jão* — ele insiste.

— Tá bom, logo você aprende, né? — diz João.

Miguel faz que sim com a cabeça e abre um sorriso.

— *Tlem...* — ele se mexe, querendo ir para o chão.

Seguro sua mão.

— Deixa a mamãe se despedir. — Encaro João novamente. — Tenho que ir. Mas gostei muito de saber que você está bem...

— Adorei te encontrar, Manu. Adorei conhecer seu filho, e espero te encontrar mais vezes. Você vem sempre nesse shopping?

— Quase toda semana! Miguel adora essas peças e o trem... — respondo rindo.

Ele sorri também, me abraça rapidamente em despedida e, após dar um beijinho em Miguel, ele se vai.

Achei bem legal esbarrar com ele. Era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre bom saber que as pessoas que já foram tão especiais para mim estavam bem e felizes.

Fiquei na pequena fila para pegar uma ficha para o trem e, finalmente, meu celular apitou. Mensagem.

Rapidamente leio e, não posso negar, não gosto.

“Amor, esqueci de ligar assim que cheguei. Ligo daqui a pouco, quando voltar para o hotel. Me perdoa. Vocês estão bem?”

Percebo que realmente o trabalho está à frente de tudo, essa é a única conclusão a que consigo chegar naquele momento.

Guardo o celular e, depois de pegar a ficha, coloco Miguel no trem e vou caminhando logo atrás. O trem dá uma volta pelo shopping andando bem devagar.

Enquanto passeio, penso sobre aquela mensagem e decido que não vou comentar nada. Não quero brigar, posso muito bem deixar para lá, mesmo que por dentro eu esteja magoada com Fernando. No fundo, acho que ando mais sensível que o normal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois da segunda volta de trem, finalmente consigo tirar Miguel de lá. Enquanto andamos pelo shopping, meu celular toca...

— Oi, Nando — atendo normalmente.

— Oi, amor! — diz animado do outro lado da linha. — Como está tudo aí? Desculpa não ter ligado antes, nosso voo atrasou, chegamos aqui depois do horário previsto.

— Tudo bem. Aqui está tudo ótimo. Trouxe Miguel naquele shopping perto de casa, mas já estamos indo embora.

— Que bom! Aposto que ele adorou!

— E como! E como está por aí?

— Tudo certo, mas ainda temos muita coisa pra resolver amanhã.

— Imagino. Se cuida, hein? Não deixa de se alimentar. E vê se dorme! — recomendo, bem cuidadosa.

Com tanta ansiedade para resolver as coisas, Fernando passou a ter insônia o que o deixava mais cansado que o normal.

— Pode deixar. Fica bem, tá?

— Vou ficar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixa eu falar com meu menino? — ele pede com carinho.

— Claro. Miguel, fala com o papai! — Dou o celular para ele depois que o ajeito em meu colo.

Miguel e Fernando bateram por alguns minutos. Nosso filho contou do palhaço, do trem, disse que viu vovó e vovô... foi difícil tirar o telefone dele. Quando consegui, troquei mais algumas palavrinhas carinhosas com Nando e desligamos. Melhor assim, sem brigas, sem reclamações. Eu sabia que logo minha mágoa iria passar.

Devido ao horário, eu e Miguel comemos no shopping. Aproveitamos todas as besteiras que podíamos, para fechar o dia com chave de ouro. Já passava de meia-noite quando finalmente deitei ao lado do meu anjinho na cama. Sem demorar, apagamos.

No dia seguinte, saí cedo de casa, depois de falar com Fernando rapidamente, apenas por mensagem. Passei o período da manhã todo fora do escritório. Era muita coisa para resolver, detalhes no galpão, coisas no financeiro, mil relatórios, entregas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando finalmente entrei na minha sala, sentei e vi na mesa uma foto de uma viagem nossa. Miguel tinha só um ano e três meses...

Que viagem maravilhosa, que saudade daquela fase tão gostosa do meu casamento com o Nando. Nos últimos meses eu me sentia sempre triste por ver o Fernando tão distante, por não ter todo o carinho de antes. Embora eu soubesse que era apenas uma fase, eu estava me sentindo péssima.

Passo alguns minutos ali, só olhando a foto e viajando nas lembranças, quando minha amada amiga passa pela porta apressada, com várias pastas nas mãos.

— Até que enfim te achei na sala! Estou te procurando desde cedo!

Levanto para ajudá-la e colocamos as pastas na mesa.

— Hoje está uma loucura. Pode falar!

— Fernando pediu pra você levar essas pastas para casa.

— Tá bom. — Volto para a minha cadeira e Amanda se senta à minha frente. — E como está a noivinha? Cada dia mais ansiosa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito! Casar dá trabalho! — responde sorrindo.

Depois de casado, então... penso, mas não falo. Antes que eu possa responder, ela se adianta.

— Sua cara não está boa. O que houve?

— Ou você me conhece muito bem ou definitivamente sou péssima na arte de disfarçar — respondo forçando um sorriso. Minha cara não devia estar boa mesmo.

— Digamos que as duas coisas. Eu te conheço muito bem e você não sabe disfarçar. Conta. Não é nada com Miguel, né?

— Não! Nosso amor está ótimo... cheio de saúde.

— Então já sei... — Amanda me olha carinhosamente e coloca sua mão na minha. — A viagem do Fernando, né?

Levanto e a chamo para sentar no sofá da sala.

— Estou bem chateada, sim, mas não pela viagem. São as atitudes do Fernando.

— Ele não faz por querer, tenho certeza. Ele te ama, Manu — ela tenta amenizar.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas eu não sou de ferro, Amanda. Olha essa mensagem — busco o celular na mesa e mostro a mensagem da noite anterior.

Ela lê calmamente e, em seguida, me olha.

— Esse *esqueci de ligar* pesou, né?

— E como. Se ele tivesse mandado que não deu pra ligar, que ficou sem sinal, que estava ocupado ou qualquer coisa assim, eu ainda ficaria chateada, porque bastava ele ter mandado uma mensagem, coisa de dois minutos! Mas ele disse que *esqueceu* — dei ênfase à palavra —, entende? Posso estar fazendo tempestade em copo d'água, mas essa mensagem me magoou.

— Ele só usou as palavras erradas...

— Totalmente erradas, né? Sei que ando sensível e chata — fiz uma careta por admitir —, mas certas coisas ainda me deixam chateada.

— Conversa com ele, Manuela, diálogo é sempre a melhor solução.

— Eu tento! Já conversamos, mas ele anda muito estressado, agitado...

— Vai ficar tudo bem. Fica tranquila e conta comigo. Vocês se amam e isso é nítido! É apenas um momento conturbado. — Ela me abraça

PERIGOSAS ACHERON

apertado.

— O que seria de mim sem essa minha irmã, hein? — digo sorrindo.

Depois do papo “crise no casamento”, fomos para o papo “Amanda vai casar”! Aproveitamos a hora e almoçamos juntas. Entre véu, vestido, jantar, salão e todo esse universo, acabei esquecendo de contar sobre meu encontro com João.

Fiquei na empresa o dia todo. Liguei muitas vezes para casa e falei com Miguel. Falei também com Fernando, que dessa vez não *esqueceu* de me ligar. Estávamos nos tratando normalmente, ele sendo carinhoso nos telefonemas, nas mensagens, e eu acabava sendo também. Não estava nos meus planos começar uma briga, principalmente com ele longe de casa.

Quase seis da tarde começo a me ajeitar para a faculdade. Já estava quase saindo quando alguém bateu na porta.

— Entra — falo enquanto procuro a chave do carro na bolsa.

A grávida do ano passa pela porta: Estella.

— Oi, Manuela, tudo bem?

— Oi! Tudo ótimo, e você? Como está o bebê?

— Estamos bem. Descobri o sexo essa semana. É uma menina... Olívia — conta.

— Que legal! Nome lindo, adorei.

— É. Foi escolha do pai, mas eu gosto também.

— Parabéns, Estella.

— Obrigada. Mas não vim aqui tomar seu tempo com isso. Será que você pode assinar essa liberação de entrega?

— Claro. — Pego uma caneta e assino rapidamente. — Pronto.

Ela agradeceu e saímos juntas da sala, mas cada uma foi para um lado.

No início, eu achava muito estranho falar com a Estella como uma colega de trabalho. No fundo, eu ainda guardava uma certa mágoa, mas com o passar dos anos, passei a enxergar que aquele sentimento não faz bem a ninguém, e com certeza não fazia bem para mim. Então me liberei do bloqueio e deixei os acontecimentos ruins para trás. Assim, passamos a conviver bem na empresa. É claro que não nos tornamos melhores amigas, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente nunca nos tornaríamos, mas o tratamento uma com a outra era sempre com bastante respeito. E isso tornava o clima... *bom*.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

A semana passou voando com o corre-corre dos dias. Fernando voltava na sexta-feira e eu já estava cheia de saudade do meu marido! Saudade maltrata, não é mesmo? Deixa o coração pequenininho! Eu estava contando os minutos para ganhar um abraço bem apertado.

Quinta-feira à noite, depois de cansar Miguel e ele finalmente dormir, peguei meu celular e fui até a sala para ligar para o Nando. Me bateu uma vontade louca de escutar sua voz, dizer “te amo” e dar boa noite.

— Oi, amor — digo bem carinhosa assim que ele me atende.

— Oi, minha linda.

— Bateu uma saudade agora. Precisava ouvir sua voz...

— Também estou com saudade. Estava olhando a foto de nós três nesse exato momento, acredita? Como está o Miguel? Já dormiu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já. Cheguei da prova e fiquei brincando com ele, logo cansou e dormiu. Que bom que você volta amanhã, amor. Estou doida pelos seus beijos, seus abraços... e outras coisas.

— Ah, não faz isso comigo, não... você não faz ideia da vontade que estou de te agarrar!

— É? — Sinto que nossa conversa pode tomar um rumo mais picante, então dou uma risada.

Ficamos no telefone por mais de vinte minutos. Tudo parecia estar tão bem! Que paz no coração! Após o papo, dormi tranquila juntinho do meu bebê.

Na sexta, acordei animada. Me arrumei bem bonita, já pensando que encontraria meu marido antes de ir para a faculdade. Pequeno engano. Assim que cheguei no escritório, recebi uma mensagem dele.

“Amor, aconteceu um imprevisto daqueles por aqui, não sei se volto hoje. Me perdoa. Ainda não é certo, mais tarde te confirmo. Bom dia. Te amo!”

Era só o que me faltava. Imprevistos, sempre imprevistos...

PERIGOSAS ACHERON

Respondo imediatamente.

“Poxa, amor, sério? Que chato! O que houve? Será que não dá mesmo pra voltar hoje? Foi algo grave? Também te amo. Estou com muita saudade!”

Largo o celular e vou trabalhar. O jeito é esperar pela resposta e torcer para que tudo ficasse em ordem em Belo Horizonte.

Fora isso, minha manhã correu bem. Diferente dos outros dias, as coisas estavam mais tranquilas por ali. Até consegui um minutinho para conversar com Ana e Amarilis.

Já à tardinha, ainda sem nenhuma resposta do Fernando, tive uma surpresa. Miguel chegou com Maria no escritório! Meu menino estava eufórico, tinha acabado de sair da natação.

— Nadou muito, meu amor?

— Sim — responde enquanto mexe na foto da nossa família em cima da mesa. — Papai... cadê? — pergunta.

— Acho que o papai volta hoje pra ficar com a gente, sabia? Você tá com saudades dele?

Ele faz que sim com a cabeça e continua olhando a foto.

— *Pá* no papai — fala rindo. Ele já estava chamando o pai para luta... que mania!

— Tem que dar beijo no papai, meu amor — respondo.

Criança tem umas coisas, né? Dou cada gargalhada com certas palavras que o Miguel inventa, ou brincadeiras que ele faz... Nem sei de onde ele tira tudo aquilo! Só sei que quase morro de rir.

Deixei Miguel desenhando e fiquei batendo papo com Maria. Ela era uma menina de ouro. Simples, educada, e que me ajudava muito com meu filho pimentinha! Miguel gostava demais dela, e isso provava o amor com que ela o tratava.

Estávamos falando de faculdade quando meu celular vibrou. Mensagem.

“Amor, infelizmente não volto hoje. Talvez amanhã.”

Respondi na mesma hora.

“Mas o que houve, afinal? Algo sério? Me liga!”

Ele me respondeu bem rápido.

“Depois ligo. Não estou podendo falar

agora.”

Respira, Manuela, conta até dez... não se estressa. Tentei ser neutra.

“Tudo bem, só queria saber o que está acontecendo. Espero que não tenha sido nada tão sério. Fico preocupada.”

Que arrependimento de ter ficado com o celular nas mãos por cinco minutos inteiros, só esperando pela resposta dele...

“Manuela, eu não estou podendo falar!”

Depois de ler sua frase tão seca, tão grosseira, guardei o celular no bolso. Tentei contar até dez mais uma vez, mas no sete quase explodi de tanto estresse!

Estava chateada, sim, por Fernando não voltar no dia combinado, mas eu sabia e entendia muito bem que imprevistos poderiam acontecer! O pior era ele não me contar as coisas e me deixar preocupada! Custava falar? Ou simplesmente *falar direito* comigo? Fernando, vez ou outra, era grosso desnecessariamente. Eu sabia que era quase sempre sem querer, mas já estava ficando complicado aturar certas situações, até as pequenas...

O dia passou rápido. Fernando não me ligou, nem mandou mais mensagens.

Antes de ir para a faculdade, deixei Maria e Miguel em casa, e combinamos que ela dormiria com ele, para que eu não precisasse fazer minha prova correndo.

Por um milagre, chego adiantada e o professor ainda não está na sala. Sento ao lado da Laís e percebo seus olhos vermelhos.

— Ei, o que houve? — pergunto imediatamente, preocupada.

— Que bom que você chegou! — Ela praticamente se joga nos meus braços e, mesmo sem entender, a abraço de volta bem apertado.

— Fica calma, La! Seja o que for a gente vai resolver! Mas o que houve?

— Eu estou grávida, Manu. Acredita nisso? — ela conta sem pensar duas vezes.

Fico sem reação com a revelação. Como já disse, Laís sempre foi bem na dela, quase não falava de namorados ou um alguém especial. Nada disso. Nem de outros amigos ela falava muito. E aí, de repente, ela está grávida?!

— Calma, fica calma. Me explica isso

PERIGOSAS ACHERON

direito. Você já fez um exame?

— Já, sim. Descobri hoje. O cara evaporou, Manu... — As lágrimas descem sem parar pelo seu rosto. — Como eu fui burra. Completamente burra! Ter um filho agora vai me atrapalhar em tudo! — ela desabafa sem se preocupar se as pessoas estão olhando.

— Laís, não pensa assim... um filho é tudo na vida! Entendo seu desespero, eu já passei por isso, sei o que está sentindo, mas acredite, as coisas vão se resolver. Pode ter certeza!

Nessa hora o professor entrou, já reclamando e organizando as fileiras. Ficamos de conversar depois da prova.

Demorei praticamente duas horas ali, eu não podia desistir assim tão fácil. Precisava passar naquela matéria para me formar o quanto antes.

Laís saiu na minha frente e vi que ficou me esperando no corredor. Assim que terminei a prova, fomos direto para o meu carro.

Antes de começarmos a conversar, pego meu celular para mandar uma mensagem para a Maria, mas não dá tempo, fico sem bateria antes de enviar. Então deixo para lá e dou toda a minha

atenção para Laís... ela está precisando.

— Não sei o que fazer, Manu, estou perdida — ela desabafa, chorando muito de novo. — Eu quase não tenho amigos, meu pai é rígido demais... e eu tenho certeza que o cara não vai voltar atrás!

— Confia em mim, Laís, já te contei minha história. O Fernando ficou ao meu lado, sim, mas você é uma mulher forte, vai conseguir passar por isso! Quando seu bebê nascer, você vai ver que não existe amor maior. Conta comigo. Se acalma.

— Eu vou tirar esse bebê. É a única saída que eu vejo — diz no momento de desespero.

— Não faz isso, Laís. Você pode se arrepender futuramente. Não pensa em aborto, isso é um crime.

— Eu não vou aguentar essa barra. Eu me conheço, sei que não vou.

— Claro que vai. Vem cá — a puxo para um abraço apertado. — Filho é presente de Deus, só traz alegria para nossas vidas.

Ficamos um bom tempo no carro conversando. Laís ainda chorou muito, me mostrou o exame e me contou como tudo aconteceu. Que barra! Já passava das onze quando a deixei em

casa.

Voltei pensando na situação dela pelo caminho todo. Era realmente assustador pegar um exame e se deparar com aquele resultado que não está nos seus planos. Dá um arrepio, um medo tão grande! Mas depois tudo se encaixa...

Finalmente cheguei ao meu condomínio e subi. Quando passei pela porta, me deparei com a sala totalmente escura, o que não era comum. Fui rapidamente ao abajur e o liguei. A luz fraca me mostrou uma linda surpresa...

Nando estava sentado no sofá, ainda de roupa social, com a cabeça jogada para trás. Abri meu melhor sorriso, esquecendo completamente o estresse da tarde. A felicidade pela surpresa me dominou. Assim que dei um passo à frente, ele levantou a cabeça e me encarou. Para o meu espanto, não abriu um sorriso como eu.

— Amor, que surpresa maravilhosa... —
Largo a bolsa enquanto falo com carinho, já indo na direção dele.

Não consigo me aproximar, Fernando já levanta...

— Isso são horas, Manuela? Você já viu

quantas vezes tentei falar com você? Como você volta da faculdade só quase meia-noite?! E o Miguel? E se ele precisa de você?

Olho para ele espantada com a reclamação instantânea, sem ao menos me dar um beijo antes, um abraço...

— Nossa! Calma, Fernando! Será que você pode me dar um beijo antes?

— O que aconteceu com seu celular? — ele ignora meu pedido.

Suspiro, insatisfeita, afinal é impossível não me sentir assim. Eu estava contando os dias para a volta dele, pedindo aos céus que o estresse e a correria tivessem ficado em BH, para que pelo menos um pouquinho da paz e da harmonia de meses atrás pudessem voltar a reinar, e o que meu marido faz?! Chega de viagem e já começa a reclamar! Não foi assim que imaginei, não mesmo.

— Acabou a bateria, Fernando — respondo, agora, séria.

— E se acontecesse alguma coisa com o Miguel? E se ele precisasse de você? Não pensa nessas coisas, não? — ele pergunta de forma grosseira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fernando, qual é a sua? — pergunto, já aumentando o tom de voz. Ele conseguiu me irritar! — Você acaba de chegar e já quer arrumar uma briga? É isso mesmo? Quis fazer surpresa pra isso? Totalmente desnecessário!

— Manuela, não tem briga nenhuma, não começa a criar coisas! Eu cheguei mais cedo porque pensei que você fosse chegar no horário de sempre, né? Pelo visto, me enganei. Assim que pisei no aeroporto, tentei te ligar e nada!

— *Criar* coisas? — pergunto indignada. — Agora eu CRIO as coisas? Fernando, você sequer me deu um beijo, um abraço, eu mal pisei em casa e você já vem com dez pedras na mão, insatisfeito, reclamando...

— Eu fiquei horas tentando falar com você! Afinal, onde você estava?

— Fiquei na faculdade ajudando a Laís! Ela está grávida, descobriu hoje! Aconteceu com ela exatamente o que aconteceu comigo, saiu com um cara, não se cuidou, engravidou, agora está perdida, arrasada! Ela não tem muitos amigos, o cara sumiu, ela está péssima! — falo sem pausas, realmente nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso é problema dela, Manuela! Minha mulher é *você*! Você tem que pensar no Miguel, não na irresponsabilidade da sua amiga!

As palavras do Fernando soam tão egoístas que eu quase não o reconheço naquele momento.

Ele está sendo, além de egoísta, terrivelmente grosseiro. Poderia pensar, ao menos, que eu, mulher dele, já estive no lugar dela!

— GROSSO! Você é um grosso, egoísta! — grito na direção dele, pois já cheguei no meu limite. — E eu não *esqueci* o meu filho, não! Deixei com alguém de total confiança!

Fernando suspira, me olha e ficamos em silêncio. É quando percebo o quanto ele está cansado. Suas olheiras estão nítidas.

— Tudo bem — ele se limita a responder depois de um tempo.

Pego minha bolsa e saio dali com um nó terrível na garganta mais uma vez. Tinha imaginado pular no colo do Nando na sua chegada, abraçar, beijar, fazer amor... e em vez disso, tivemos uma discussão totalmente tola, que devido ao desgaste de ambos, se tornou uma bola de neve.

Mas espera aí... nem um abraço? Eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

merecia nem um beijo? E que egoísmo em relação à Laís... foi inadmissível.

Fui ao quarto do Miguel e meu pequeno já dormia feito um anjo. Maria não estava no quarto, então imaginei que Fernando a tinha liberado. Sentei devagar na pontinha da cama e fiquei quieta ali por um tempo. Tentei, de todas as formas, me segurar, mas não consegui e acabei chorando... de novo.

Eu não aguentava mais chorar. Quando eu achava que as coisas podiam melhorar, algo ruim acontecia. A verdade é que nossa paciência estava curta, ele por todo o trabalho e eu por toda a sua ausência. Qualquer coisa entre nós se tornava maior do que realmente era e isso estava me preocupando muito. O medo começava a me dominar.

Será que eu não estava fazendo o suficiente? Onde eu estava errando? Precisava aguentar tudo calada? Que tantas brigas eram aquelas essas? De onde surgia tanto estresse? Como estava difícil...

Após um tempo pensando, saí do quarto na ponta do pé. Já no corredor, resolvi que não queria ir para o meu quarto. Eu precisava de mais tempo

PERIGOSAS ACHERON

sozinha. Fui para a varanda e, assim que sentei, chorei. Chorei e chorei muito, como a mulher frágil que eu era quando não sabia o que fazer. A vida deveria ter um manual!

Estou olhando para o céu, com as lágrimas rolando pelo rosto, quando Fernando aparece.

— Manu... eu quero me...

— Eu te desculpo, sim, Fernando — o interrompo pois já sei o que ele quer dizer. — Como todas as vezes, te desculpo. Mas hoje eu quero ficar sozinha — termino a frase com um último fio de voz que me resta.

Aquela era a verdade, eu queria mesmo ficar sozinha. Queria pensar e, de alguma forma, tentar achar o jeito certo de agir. Estava com saudades dele, mas minha mágoa estava bem maior. Definitivamente eu não estava sabendo lidar com tantos desentendimentos e, no fundo, eu sentia que meu casamento estava por um fio. E isso me assustava ainda mais.

CAPÍTULO 5

A madrugada de sexta-feira foi bem complicada. Fiquei até tarde na varanda e realmente não quis a presença do Fernando. Não quis escutar as mesmas desculpas, as mesmas reclamações. Precisava pensar em paz, quietinha.

Quando entrei, dei uma rápida olhada em Miguel e logo fui para o meu quarto. Já estava mais calma, apesar de ainda bastante chateada.

Fernando estava todo esparramado na cama, no décimo sono. Assim que me ajeitei ao seu lado, ele levantou a cabeça e me olhou, mas logo voltou a dormir. Não trocamos nenhuma palavra, muito menos carinhos.

No sábado pela manhã, Fernando até puxou assunto. Contou sobre a viagem, como tudo estava caminhando em Belo Horizonte, e nós conversamos como se nada tivesse acontecido, mas o clima ainda estava pesado, ruim. Na cabeça dele parecia estar tudo resolvido, afinal, ele tinha pedido desculpas,

né? Ultimamente as coisas para ele estavam sendo resolvidas assim, com um simples pedido de desculpas. Já para mim não era tão simples.

Após o café da manhã, fomos à praia com Miguel, ficamos por muitas horas e já aproveitamos para almoçar fora. Não posso negar que Fernando tinha reservado aquele dia para a família mesmo, pois até visitar seus pais nós fomos, e ele não ficou o tempo todo no celular.

Tentando se redimir? Talvez...

Terminamos o sábado no meu restaurante preferido e foi uma ótima noite. Fernando só não fechou com chave de ouro pois, quando chegamos, fui colocar Miguel para dormir e demorei um pouco. Quando cheguei no nosso quarto, ele já estava dormindo, sono pesado. Fazer o quê?

No domingo, ele e Miguel foram para a casa do Marcelo, padrinho do nosso filhote. Ele até perguntou se eu queria ir ou se queria que ele ficasse em casa, mas não quis nem um, nem outro. Em vez disso, marquei com Amanda e nós saímos para dar uma volta. Mas antes de sair, avisei ao Fernando para ficar de olho no que ia dar ao Miguel. Ele nunca vigiava a alimentação do filho.

A tarde de domingo foi super agradável. Um alívio, considerando os últimos dias.

— Você não acha que você e o Fernando precisam ficar um pouco sozinhos? Sei lá, ir pra uma boate, passar o final de semana em Angra, qualquer coisa. Um tempo pra vocês! Eu fico com o Miguel numa boa, amiga.

— Duvido que o Fernando tenha tempo, Amanda. Ele anda muito cansado. Ontem eu achei que ia rolar algo quando voltamos pra casa, mas acabou tudo na cama mesmo, um pra cada lado tendo belos sonhos!

Amanda deu uma risada pelo o que eu falei, mas ela sabia que a situação estava apertando.

Depois de passearmos e fazermos umas comprinhas, deixei Amanda em casa e fui para a minha. Já era noite, e eu estava tão cansada que foi minha vez de apagar na cama após um bom banho. Só despertei no meio da madrugada, com Fernando já ao meu lado e Miguel em seu quarto.

No dia seguinte, levantei cedo, junto com Fernando, que me acordou com beijos e carinhos. Ele queria mesmo mudar a situação, mas infelizmente era como se eu estivesse travada, ou

PERIGOSAS NACIONAIS

talvez extremamente cansada de sempre brigar e resolver, brigar e resolver, toda semana, quase todos os dias. Era exaustivo!

Se uma pessoa quer ficar bem com a outra, ela pode se esforçar um pouquinho e tentar melhorar mudando algumas atitudes. Fernando não era bem assim. Ele só mudava nos momentos de briga, quando a coisa complicava, até tudo se resolver e ficar bem. E então lá ia ele repetir todo o processo...

Aproveitei o sono do Miguel naquela manhã e saí para me exercitar na praia. Corri um pouco e depois tomei um suco de maracujá. Dizem que maracujá acalma, talvez eu devesse providenciar uns litros para a minha casa!

Quando voltei, meu filhote já estava acordado, mas estava todo choroso no sofá da sala. Não estava alegrinho como sempre, nem brincando, jogando tudo para o alto.

Sento ao seu lado.

— Bom dia, meu amorzinho. Tá quietinho, vendo desenho, é? — Mexo em seu pé.

Miguel faz que sim com a cabeça, mas nem levanta para me dar um beijo.

PERIGOSAS ACHERON

Maria chega na sala com a mamadeira.

— Olha o que a Maria trouxe, filho! — falo animada, brincando com ele.

— Hoje ele acordou meio caidinho — ela comenta, sentando no sofá também.

— É, está tão quietinho... isso não é normal.

Passei a mão nele, mas não senti sua temperatura diferente. Apenas seu comportamento é que estava estranho.

Tomei um banho correndo e voltei para a sala. Maria disse que ele não quis nada do leite, mas aceitou um pouco de suco. Deitei ao seu lado e fiquei fazendo carinho nele.

— Fala pra mamãe, você está sentindo dorzinha? Onde está dodói? — perguntei, tentando descobrir alguma coisa, mas Miguel fez que não com a cabeça e continuou vendo desenho. — Estou preocupada... — comentei com a Maria.

— Ele deve estar cansado.

— Pode ser. Mas se continuar assim, vou levá-lo no hospital.

Miguel ficou muito difícil com o passar das horas. Foi uma luta fazê-lo comer, e mesmo assim

ele só comeu três colheradas. Estava choroso, não quis nem brincar. Verifiquei sua temperatura várias vezes e continuou normal.

Fernando me mandou uma mensagem à tarde perguntando como estávamos e contei que Miguel não estava muito bem, mas ele não respondeu mais. Imaginei que tinha entrado em alguma reunião.

Liberei Maria à tarde e, depois de conversar um pouco com Rosa, fui para o meu quarto com Miguel. Dei banho nele e ficamos deitados vendo TV. Antes de pegar no sono, ele ainda me fez carinho.

Miguel dormiu a tarde inteira. Já passava das seis da tarde e ele ainda dormia, mas achei melhor não o acordar. Levantei e fui ajeitar seu jantar para assim que ele acordasse. Deixei tudo separado na cozinha e sentei na mesa da sala.

Peguei o celular e vi que Fernando tinha mandado outra mensagem, e ligado também, mas já fazia duas horas.

“O que ele tem? Está com febre? Me fala como ele está! Estou preocupado!”

Respondi imediatamente.

“Ele passou o dia quieto, não quis comer, está enjoado. Nem brincou hoje, e nem se animou para a natação. Mas ele não teve febre, só dormiu a tarde toda. Vou esperar mais um pouco e ver se ele acorda. Se ele ainda estiver assim, vou levá-lo ao hospital. Você vai chegar tarde hoje?”

Deixei o celular em cima da mesa e fui até meu quarto.

Cheguei na porta e vi Miguel já sentado na cama. Quando me aproximei, vi a cama suja. Ele tinha vomitado e, assim que me viu, começou a chorar. Na mesma hora o peguei no colo. Meu coração de mãe apertou com seu choro.

— Calma, meu amor...

Fui praticamente correndo para seu quarto e, depois de limpar sua boca, peguei o termômetro. Ele estava com febre.

Levantei da poltrona com ele no colo e fui pegar uma roupa para levá-lo direto para o hospital, mas Miguel vomitou no meu ombro antes disso. Ele estava muito enjoado, vomitava e chorava sem parar. Para completar, estava com dor de barriga também. Eu, como mãe de primeira viagem e vendo meu filho tão mal, fiquei nervosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Limpei tudo em alta velocidade e saí com ele. Não estava nem aí por sair de casa desarrumada e descabelada. Só queria meu filho bem.

Tentei falar com Fernando no caminho todo, mas só caía na caixa postal. Liguei para o escritório e nada, para sua secretária e nada. Liguei inúmeras vezes até finalmente chegar ao hospital. Então decidi ligar para a Amanda e explicar a situação, para caso ela esbarrasse com ele na empresa.

Quando chegamos no hospital, Miguel já estava mais calmo, mas eu só ia conseguir me acalmar quando meu filho estivesse bem, pulando, rindo, correndo... só assim meu coração de mãe ficaria bem.

Depois de preencher uma ficha, fiquei sentada aguardando com Miguel em meu colo. Tentei ligar mais uma vez para o Fernando, mandei mensagens, tentei todos os telefones possíveis da empresa e nada. É claro que eu podia dar conta sozinha, mas ultimamente eu já estava dando conta de tantas coisas sem o Nando, que queria ele por perto naquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei surpresa quando vi Amanda chegando no hospital como um foguete. Trocamos algumas palavras, e logo o nome do Miguel foi chamado para atendimento.

O pediatra fez muitas perguntas, tirou a blusa dele, apertou sua barriga e Miguel foi simpático com ele, apesar de ainda estar quietinho. O doutor logo passou alguns exames e conversou muito comigo sobre a alimentação de uma criança.

A verdade é que eu controlava bem as coisas que Miguel comia, já o Fernando não tinha limites. Ele entregava caixas de bombom na mão do filho, balas, pirulitos, refrigerantes. Eu tinha certeza que o domingo na casa de Marcelo tinha sido a oportunidade perfeita para Miguel comer muitos doces e coisas gordurosas... e estava ali o resultado!

Levamos um bom tempo no hospital e nem sinal do Fernando. Nenhuma mensagem, nenhuma ligação. Eu estava a ponto de explodir de raiva. Quanto descaso com a família! Ele simplesmente sumiu, mesmo sabendo que o filho não estava bem! Não foi esse o Fernando com quem me casei.

Já era tarde quando saímos do hospital, após

PERIGOSAS ACHERON

muitos exames e um resultado de infecção intestinal no Miguel. Ele teria que voltar para uma revisão, mas o médico me tranquilizou dizendo logo que ele ficaria bem se tomasse os remédios direitinho.

Na volta para casa, depois de passar na farmácia, fui deixar Amanda. A dinda mais presente do mundo!

Quando já estávamos perto de sua casa, meu coração pesou e tive uma crise de choro horrorosa.

— Calma, amiga. Ele está bem, essas coisas acontecem...

— Eu não estou chorando por isso, Amanda. Vou cuidar bem dele e sei que logo Miguel vai estar ótimo, não tenho dúvidas. O que está doendo muito é saber que Fernando nem me ligou, nem se importou.

— Não fica assim. Conversa com ele.

— Não, Amanda. Eu não vou conversar mais, estou cansada! Exausta de tanto egoísmo do Fernando. Ele está totalmente relaxado com a família.

— Não toma nenhuma atitude de cabeça

quente, Manuela.

— Eu sei. Só estou cansada... preciso chorar e colocar pra fora.

Amanda ainda tentou amenizar a situação, como sempre, mas no final viu que Fernando estava mesmo bem distante da família e reparou o quanto aquilo estava me machucando.

— Sabe que vou estar sempre ao seu lado, né? Amo vocês — disse antes de descer do carro.

— Sei e te agradeço muito por isso. A gente também te ama.

Ela me deu um abraço apertado e não arriscou um beijo no afilhado, pois ele estava cochilando.

Cheguei em casa e Miguel acabou despertando. Aproveitei e lhe dei uma fruta, como o médico me orientou. Ele aceitou muito bem, comeu duas bananas e quis água. Fiquei bem mais tranquila.

O tempo passava e nem sinal do Fernando. O bilhete que escrevi correndo, antes de sair para o hospital, estava no mesmo lugar. Eu estava profundamente triste. Queria desabar, mas ainda não podia.

Dei um bom banho em Miguel e o coloquei na cama para assistir um desenho enquanto corri até meu quarto para tomar banho também e me trocar. Quando voltei, os olhinhos dele já estavam pequenininhos. Não sabia de onde meu menino estava tirando tanto sono, mas entrei devagar e passei a mão em seu rosto. Estava fresquinho.

Antes de me ajeitar no pequeno sofá de seu quarto, onde eu passaria a noite, fui até a cozinha. Peguei um copo d'água e sentei um pouco na poltrona da sala. Enquanto as lágrimas desciam sem parar pelo meu rosto, fiquei lembrando dos momentos maravilhosos que passei com Fernando desde a nossa primeira noite.

A boate, nosso primeiro beijo, aquela noite doida, mas que resultou no melhor presente da minha vida. Nossa viagem para Buenos Aires, o nascimento do Miguel, o primeiro aninho, a primeira viagem em família. Fernando sempre tão amoroso, atencioso. Nossa vida era tão divertida, poucos problemas tiravam nossa paz, nossa alegria era nítida. Aí, de repente, tudo começou a desandar... e as brigas se instalaram.

Fiquei ali por não sei quanto tempo, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

levantei imediatamente quando Fernando passou pela porta. Eu estava nervosa como nunca fiquei durante esses meses difíceis. Chorando sem parar. Ele sabia que o filho não estava bem, ele sabia, e mesmo assim chegou tão tarde, ignorou todas as minhas tentativas de contato. Eu não podia perdoar assim tão fácil.

— Oi, amor! Como está o...

— Fernando, onde você estava? — pergunto alto, sem deixá-lo terminar.

— Você está chorando? — ele pergunta intrigado. — Aconteceu alguma coisa? Me fala!

— E daí se aconteceu ou não, Fernando? O que te interessa? Você sabia que o Miguel não estava bem e olha a hora que está chegando em casa! Realmente te importa se aconteceu alguma coisa? Tentei falar com você várias vezes, pode olhar no seu celular!

— O celular acabou ficando na minha pasta. Fala o que houve, cadê o Miguel? Eu estou preocupado!

— Eu acabei de chegar com ele do hospital.

— Hospital?! — Fernando arregala os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com certeza ontem você encheu o menino de besteiras, né? Ultimamente você não presta atenção em nada que eu falo! Qual é o seu problema, Fernando?! Você não presta atenção em nada relacionado ao seu filho! Ele não pode comer chocolate o tempo todo, comidas gordurosas, você sabe disso! Você não está nem aí pra nada, só pensa na empresa, só fala disso o tempo inteiro, nem brinca mais com o Miguel, você está distante de tudo...

— Você está sendo injusta falando desse jeito!

— Injusta?! Fernando, seu filho precisou de você hoje! Onde você estava? Me fala! Enfurnado em trabalho, falando e pensando só naquilo que hoje é importante pra você: sua empresa!

— Eu fiquei em uma reunião até tarde Manuela, você não tem ideia...

— Ideia? Ideia de quê? Do quanto é estressante? EU NÃO ESTOU NEM AÍ, FERNANDO! — grito bem alto, já além dos limites da minha paciência. — CHEGA! Eu não aguento mais isso, eu não posso contar com você pra nada! Parece que o Miguel só tem mãe, somos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

só eu e ele! Você mesmo disse outro dia desses que se algo der errado, você perde *rios de dinheiro*, né? Mas você está perdendo sua família, Fernando! Que dinheiro no mundo vai pagar isso? — eu falo e choro ao mesmo tempo.

— Não fala isso! — Ele se altera.

— FALO, SIM! — retruco na mesma hora.
— Você está relapso com a sua família! E você acha que pode resolver tudo com um simples pedido de desculpas, mas NÃO PODE.

Fernando não responde, apenas fica me olhando com os olhos cheios de lágrimas. Respiro fundo, procurando me acalmar.

— Me escuta, por favor — pede.

— Não, Fernando. Escuta você. — Olho bem no fundo de seus olhos. — Eu não te conheço mais. Não conheço. Você já foi bom marido. Já foi um pai presente. Mas hoje... você só me decepçiona.

Vejo as lágrimas descendo pelo seu rosto.

Doeu muito ter que falar tudo aquilo, mas é exatamente como dizem: a verdade dói, mas é sempre o melhor caminho. E a verdade é que nosso casamento feliz estava desmoronando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

Fernando

Eu me vi totalmente perdido com as palavras e com o nervosismo da Manuela. Doeui demais escutar que eu já não a fazia mais feliz.

Durante a viagem para Belo Horizonte, eu estava decidido a mudar. Pensei em chegar de surpresa, dar mais atenção ao Miguel, brincar com ele como sempre fiz, levar Manuela para jantar, planejar uma viagem, enchê-la de beijos e abraços. Na viagem, eu estava decidido a voltar a ser um marido e pai presente.

Nas primeiras reclamações, eu achei que fosse coisa da cabeça dela, afinal, nossa rotina mudou completamente, então era natural que eu tivesse mudado também. Achei até que pudesse ser só estresse dela pelas provas da faculdade, ou saudades dos pais, qualquer coisa do tipo.

Sempre que ela vinha reclamar, eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

retrucava, pedia paciência, pedia para ela estar ao meu lado. E não posso mentir, Manuela sempre esteve. Ela merecia um marido carinhoso, merecia tudo o que um dia proporcionei a ela. Segurança, amor, amizade, cuidado. Tudo o que eu estava devendo.

O estresse estava me dominando de tal forma que eu só conseguia pensar no trabalho. E, em vez de me desligar um pouco para aliviar tanto estresse, pegar minha família e ir até Angra, ou simplesmente fazer uma viagem qualquer, eu não conseguia. Na minha cabeça, me desligar um minuto do trabalho significava colocar tudo a perder, e tinha muito dinheiro envolvido, seria um prejuízo e tanto! Mas eu sabia que prejuízo e dor maior seria perder minha família.

Manuela não estava me exigindo nada demais, eu sabia. Ela daria conta de tudo sozinha se fosse preciso. Ela não queria nem uma babá! Ainda lembrava perfeitamente dela dizendo que não precisava de ajuda com o filho, mas eu insisti, disse que seria melhor assim, pois ela poderia me ajudar com a empresa. Depois de muita insistência, contratamos Maria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia bem a mulher que tinha ao meu lado, e não queria perdê-la. Manuela e Miguel eram tudo para mim.

Em toda briga nossa eu me questionava: por que libero meu estresse dentro de casa? Por que acabo descontando na mulher que tanto amo? Eu não tinha respostas. Só enxergava minhas burradas depois das brigas e aquilo, com certeza, já tinha cansado Manuela. Com toda razão.

Toda mulher pode gostar de flores, presentes caros, joias, mas o amor não é feito disso. Digo o amor verdadeiro. Eu sabia que, mesmo que eu presenteasse Manuela todos os dias, chegasse com a floricultura inteira em casa, ela iria gostar, iria sorrir, mas nada disso podia compensar a minha presença. Ou a falta dela.

O que Manuela sentia por mim era verdadeiro, e o que é verdadeiro, não se compra. E essa nunca foi minha intenção.

— Me perdoa. Eu... não tiro sua razão — falo profundamente triste, enquanto passo a mão no rosto para enxugar algumas lágrimas. Ela fica me observando, em silêncio. — Eu amo tanto você, Manuela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também te amo, Fernando. Mas só dizer que ama não basta. Nosso casamento está se acabando — sua voz falha.

— Não fala isso...

— É verdade. Você sabe disso. — Seus olhos estão tristes. — Nós já conversamos tanto, já prometemos inúmeras vezes não brigar, você já me prometeu chegar mais cedo, não trabalhar nos finais de semana, eu já prometi ter paciência, tudo isso — ela desaba a chorar. — Eu não sei porque você mudou tanto...

— Eu não mudei, Manu — a interrompo, me aproximando. — Eu só estou trabalhando demais, e sei que isso está afetando nosso casamento, admito.

— Fernando, você é o dono daquela empresa e não muda seus planos nem no dia em que seu filho precisa! A família vinha em primeiro lugar pra você antes. Hoje em dia, você sequer pode cancelar uma reunião pra chegar um pouco mais cedo. Por isso eu disse que não te conheço mais.

— Me perdoa, por favor. Tenho muito medo que tudo saia do caminho! Eu sempre me

PERIGOSAS ACHERON

dediquei demais àquela empresa. A filial de Belo Horizonte era um sonho, e eu nem durmo pensando que algo pode dar errado...

— Eu não estou pedindo pra você abrir mão disso, Fernando. Eu te apoio. Só estou pedindo, praticamente implorando, um pouco da sua presença nesta casa! — Ela acaba se alterando.

— E eu te entendo! Por isso quero propor uma viagem em família. O que acha? Nova Iorque? Roma? Paris? Aonde você quer ir?

Manuela balança a cabeça negativamente, olhando para o chão. Dá um profundo suspiro e vira em direção ao corredor que vai para os quartos. Acho que ela não gostou da proposta...

— Eu vou deitar — diz sem me dar confiança.

— Manu, aceita! Vamos viajar! Você estava louca para voltar à Nova Iorque...

Ela para de andar e me olha.

— Fernando, eu quero resolver o problema, não o esconder.

Entendo bem o recado e não tenho tempo de responder. Ela entra no quarto de Miguel e fecha a porta.

Deito no sofá arrasado. Preciso reconquistar a confiança da minha mulher, da minha família.

Pego uma foto do nosso casamento na estante e vejo que realmente estou relapso. Em alguns dias completariíamos dois anos de casados e eu sequer pensei em algo para fazer.

Já é tarde quando resolvo ir dormir, mas antes dou uma olhada no quarto do Miguel. Ele está dormindo como um anjo. Manuela está dormindo no sofá e nem se mexe quando entro. Sinto culpa por não ter ido ao hospital. Sou fã do meu filho e acabei deixando ele e a mãe sozinhos, quando poderia estar por perto.

Saio do quarto do Miguel e paro na porta do meu. Olho para a porta logo ao lado. O quarto de hóspedes, onde Manuela dormia assim que veio para cá.

Chegamos na porta dos quartos.

— *Qualquer coisa que você sentir, pode entrar, não vou trancar minha porta.*

— *Tá bom. Mas eu vou trancar a minha...*
— *disse com um sorriso travesso.*

— *Que pena!*

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós rimos e cada um entrou para o seu quarto.

Na hora de abraçar Manu para dar boa noite, senti vontade de puxá-la para meu quarto, mas é claro que não o fiz.

Naquela primeira noite dela aqui, eu deitei e não consegui dormir enquanto não a beijei. Eu já sabia que ela era a mulher da minha vida e, naquele momento, anos depois, eu a estava perdendo.

Dei meia volta e fui dormir na sala. Entrar e encontrar meu quarto vazio só fez minha tristeza e minha culpa aumentarem.

No dia seguinte, o clima não estava bom. Tomamos café juntos, eu, Manuela e Miguel. Resolvi trabalhar só à tarde.

Meu filho já estava mais animado, apesar de rejeitar algumas coisas que a mãe quis dar.

— Hoje o papai vai sair com você — falo, o colocando em meu colo. — Onde você quer ir?

— *Tópin* — fala na hora.

— Tá bom, papai vai te levar, então.

PERIGOSAS ACHERON

Manuela fica olhando tudo calada.

— Posso falar com você lá no escritório? —
ela pede.

— Claro. Vamos lá — respondo, já levantando. — Brinca um pouco com a Maria, filho.

Chegamos ao escritório, ela encosta a porta e nós sentamos um de frente para o outro.

— Fernando... — ela tenta começar.

— Como você tá? — pergunto antes de qualquer coisa, pegando suas mãos.

Ela me olha e ficamos alguns momentos em silêncio. Nossa troca de olhares se mantém e é quando percebo o quanto somos apaixonados um pelo outro. *Então por que estou errando tanto?* me pergunto.

— Acho que bem — ela finalmente responde, desviando o olhar.

— Vamos viajar, Manu. Aceita. Diz pra onde você quer ir e nós vamos!

— Fernando, eu vou viajar, sim.

Abro um sorriso enorme na mesma hora. Era a chance que eu precisava para mostrar que eu

podia deixar a empresa de lado e curtir mais minha família.

— Maravilha! — me empolgo, sorrindo. — Pra onde você quer ir?

Manuela levanta o olhar e dá um suspiro, bem séria.

— Vou passar umas semanas na casa dos meus pais. Eu já vi as passagens, separei algumas coisas do Miguel... Vai ser melhor assim.

Fico completamente desapontado e, ao mesmo tempo, irritado.

— Espera aí, Manuela. Você tá dizendo que vai me deixar semanas sem o nosso filho? Vai simplesmente jogar nosso casamento pro alto? Simples assim? — falo soltando suas mãos e levantando.

— Esse tempo longe vai nos fazer bem, Fernando. Nós não estamos em paz, eu não aguento mais brigar, não aguento mais falsas promessas! Não está dando.

— E você acha que pode pegar o Miguel e ficar semanas com ele em São Paulo? Não pode! — falo alto. — Você não pode sair daqui!

— Não dificulta as coisas. Eu pretendo ficar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um mês lá e volto...

— Um mês?! Você só pode estar brincando!

— Fala baixo — ela se levanta.

Respiro fundo, procurando me acalmar.

— Eu sei que estou errado. Sei que nosso casamento está desse jeito por minha causa. Sei de tudo, Manuela. Mas você não pode fazer isso comigo! — Olho em seus olhos.

Ela suspira, se mostrando impaciente...

— Eu fico duas semanas lá, então.

— Eu já entendi o que você quer, Manuela. Não precisa viajar. Eu saio de casa.

— O que *eu* quero? Não distorce as coisas, por favor — ela se irrita com minhas palavras. — Tudo o que eu quero, tudo o que estou tentando há meses, é ficar bem! Eu tentei, juro que tentei, mas eu estou farta!

— Eu já entendi isso. Pronto. Já está decidido, não precisa ir para a casa dos seus pais. Eu saio dessa casa.

Manuela balança a cabeça negativamente e sai do escritório limpando algumas lágrimas tímidas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sento de frente para o computador e choro sem vergonha nenhuma. Estou triste como nunca, me sentindo o pior dos homens. A dor da separação me pega de jeito, pisa em mim, me maltrata. Logo eu, que sempre julguei separação como algo simples.

Quando eu era solteiro e meus amigos casados vinham contar que estavam a ponto de se separar, eu imaginava “ele não está feliz, a mulher também não, com a separação ambos vão viver bem, felizes, vão continuar a vida normalmente”. Fácil assim. Quanta besteira! Como um dia eu pude pensar isso? Qualquer separação é dolorosa demais, nada é tão simples. O fim de algo que tem ou já teve amor nunca é bom. Dói até a alma, machuca, destrói o coração.

Eu entendia que minha esposa precisava de um tempo longe. Mas pensar nisso acabava comigo.

Quando consegui pensar direito, comecei a procurar um *flat*. Sem perder tempo, liguei para um amigo que trabalhava em uma imobiliária, entrei no site que ele mandou e olhei as fotos.

— Papai... — Miguel entra no escritório.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passo a mão no rosto rapidamente.

— Oi, filhão.

— Mamãe mô tá dodói... — diz parado ao meu lado.

Coloquei ele no meu colo.

— A mamãe tá dodói?

— Ela tá *cholando muto* — diz enquanto pega uma caneta de cima da mesa.

— A mamãe tá chorando? — pergunto e ele faz que sim com a cabeça. Me sinto muito mal em saber que Manu está tão infeliz. Nunca quis isso para nós três. — Você fez carinho na mamãe? Você é o neném dela, tem que dar beijo nela.

— Eu sou *gande*!

Acabo rindo.

— Você já é grande, sim. Um rapaz...

— *Apaz nindo*.

É impossível não cair na gargalhada.

— Meu filho, você é demais! Com certeza, você é um rapaz lindo.

Ainda fico um bom tempo com Miguel, rindo das suas conversas, do seu jeito agitado. Nem parece que no dia anterior não estava bem.

PERIGOSAS ACHERON

Em meio às risadas, pensei em quanta coisa perdi nesses meses. Quantas palavras Miguel aprendeu e eu nem sabia. Manuela me mataria se ficasse longe por um mês.

O dia passou triste. Eu e Manuela pouco nos falamos. Eu queria agarrá-la, dizer que tinha enxergado tudo, tudo, tudo, que estava disposto a mudar, dividir melhor as coisas, dizer que a família vinha em primeiro lugar, não a empresa. Queria pedir perdão pelos meses estressantes, pela minha ausência. Queria dizer o quanto a amava e sonhava em ter mais dois, três, quatro filhos com ela. Mas, infelizmente, não fiz nada disso. Prefери respeitar seu momento.

Passei na empresa à tarde, mas não fiquei muito tempo. Só conseguia pensar no meu casamento acabado. Passei para ver o *flat* já à noite. Era bom, próximo ao apartamento e de frente para a praia, mas isso para mim não fazia diferença. Eu queria mesmo era ficar em paz com minha família.

Quando cheguei em casa, me arrumei rapidamente e saí com Miguel. Fui ao shopping, como ele queria. Manuela não quis ir, mas me fez

mil recomendações. Miguel estava vetado de comer qualquer coisa na rua. Ainda a convidei para jantar, mas ela gentilmente agradeceu e disse que preferia ficar em casa. Seus olhos estavam vermelhos como mais cedo.

A noite com meu filho foi ótima, apesar do meu baixo astral.

Já no dia seguinte, meu amigo Renato ligou para avisar que a chave do *flat* já estava com Samuel, o porteiro. Pronto. Agora era a parte mais difícil e dolorosa: juntar minhas coisas.

Fui de manhã para a empresa e na hora do almoço voltei para casa. Miguel estava na cozinha com Rosa e Maria. Fui até meu quarto e encontrei Manuela sentada na cama com um lenço na mão. Estava chorando.

Assim que entrei, ela tentou disfarçar e levantou.

— Oi. Veio almoçar? — perguntou, forçando uma voz normal.

— É — respondi, parado próximo à porta. Um nó se formou na minha garganta.

— Que bom — respondeu enquanto dobrava umas roupas.

— Já me entregaram a chave do *flat* — falo com dificuldade.

Minutos de silêncio naquele quarto. Manuela não aguenta, larga as roupas e começa a chorar muito, de soluçar.

CAPÍTULO 7

Manuela

Por mais que eu tentasse explicar o tamanho da dor que estava sentindo, palavras jamais seriam o suficiente. Parecia que estavam apertando meu coração todinho, pisando, quebrando, martelando. Estava doendo demais.

Saber que a chave do tal *flat* já estava com Fernando me arrasou. Eu sabia que precisávamos desse tempo, eu sabia disso, era o que eu queria. Mesmo assim, doía muito. Como chegamos naquele nível, meu Deus? Como? Quando?

Fernando me abraçou apertado por trás assim que eu desabei.

— Me perdoa, por favor. Eu amo tanto você. Não fica assim, eu te peço... — disse baixinho enquanto me apertava.

Eu também te amo muito, Fernando. Você é

o homem da minha vida, eu não tenho a menor dúvida. O homem que quero para sempre ao meu lado. Não posso imaginar minha vida sem você, sem o pai do meu filho, meu melhor amigo. Eu te desculpo, sim, vamos passar uma borracha nisso tudo, vamos arrumar nossas coisas e vamos viajar por aí, nós três, como a família maravilhosa que sempre fomos. Eu te amo tanto, meu Fernando.

Gostaria de ter dito isso tudo olhando em seus belos olhos verdes, olhos que tanto amava, mas não disse. Certas atitudes, por mais dolorosas que sejam, devem ser tomadas para evitar situações piores. Brigas maiores.

— Eu tô bem — respondo, tentando controlar o choro.

— Não, não está. — Fernando me vira para ele. — *Nós não estamos!*

— Não estamos bem há muito tempo.

— Estamos sofrendo com isso tudo. Não queremos ficar longe um do outro, você sabe disso.

— *Eu* quero. É necessário. Ficar sob o mesmo teto, brigando o tempo inteiro, só vai piorar nossa situação. Tenho medo de um dia brigarmos tão feio a ponto de sentirmos ódio um do outro!

— Não faz isso com a gente, por favor — ele pede praticamente chorando, como se eu fosse a culpada, como se eu tivesse causado aquilo.

— Não fui eu que fiz isso tudo, Fernando.

Me solto de suas mãos e vou até o banheiro. Lavo meu rosto, respiro fundo, conto até dez e tento ficar calma. Fico parada me olhando no espelho. Preciso ser forte, preciso pensar no Miguel! Isso tudo vai passar, precisa passar.

Do banheiro, escuto Miguel entrando no quarto e Maria atrás, o chamando. Escuto também quando Fernando diz para Maria deixar, pois ele precisa conversar com o filho.

Continuo no banheiro e não escuto o que eles estão falando, mas imagino que não deve estar sendo fácil para Fernando contar que vai ficar um tempo fora de casa, mesmo que Miguel ainda não entenda muito bem o que isso significa.

Fico pelo menos uns quinze minutos naquele banheiro, e quando resolvo voltar para o quarto, o choro chega na portinha mais uma vez. Vejo uma cena que tinha tudo para ser linda, se fosse uma mala para uma viagem em família. Como não é o caso, a cena se torna um tanto quanto

triste.

Miguel está ajudando o pai a colocar algumas roupas na pequena mala. Fernando dobra e ele guarda direitinho. Que dupla linda! Os mais lindos que já vi na vida.

O dia se arrastou. Almoçamos em silêncio absoluto. Rosa e Maria sentiram o clima pesado naquele apartamento e Rosa me abraçou apertado quando fui na cozinha pegar suco para o Miguel. Ela disse que tudo ficaria bem, e eu acreditava nisso também. Eu só queria saber quando. A verdade é que aquele momento era o começo de um dos mais dolorosos da minha vida. Fernando estava saindo de casa. Quando eu imaginaria essa situação? Acho que nunca.

À tarde, Fernando se enfurnou no escritório e eu fui para a natação com Miguel.

Sentada, esperando a aula acabar, pensei em ligar para a minha mãe. Eu precisava desabafar! Mas decidi ligar só à noite, para conversarmos melhor.

Ao fim da natação, dei umas voltas com Miguel. Eu já estava praticamente de férias, depois

de várias provas. Laís já tinha me mandando mensagens e eu até respondi, mas não estava com cabeça para aconselhar minha amiga e até me sentia culpada por isso. Ela estava precisando de apoio, mas, infelizmente, eu também estava.

Fiquei passeando com Miguel, mas por dentro me sentia vazia. Estava andando meio sem rumo. Eu só não queria estar presente quando Fernando fosse sair do apartamento, não queria ver, já estava triste o bastante! Mas não adiantou. Chegamos em casa e ele ainda estava lá. Rosa já tinha ido embora.

Ele estava sentado na sala, mas levantou assim que nos viu entrando.

— Nadou muito? — perguntou pegando o filho no colo.

Miguel fez que sim com a cabeça.

— Eu sou o *ulk*! — Miguel disse, pedindo para descer. Ele queria pegar sua nova máscara do Hulk, personagem que ele adorava.

Fernando o colocou no chão e nosso filho entrou correndo. Que maravilha ver meu menino super bem e agitado depois de um dia tão caidinho. Mesmo ainda tomando dois remédios, Miguel já

estava bem.

O silêncio se instalou na sala.

Coloquei minha bolsa na mesa e fui até a cozinha. Peguei um copo de suco e fiquei enrolando por ali. Não queria encarar Fernando, mas não adianta fugir de certas situações. Você terá que passar por elas, querendo ou não.

Fê chega na porta.

— Eu já vou. Fiquei esperando vocês para me despedir.

— Tudo bem — largo o copo e saio da cozinha seguida por ele.

Paramos no meio da sala, um de frente para o outro.

— Posso te ligar? — pergunta.

— Claro.

— Depois que eu me ajeitar lá, quero levar o Miguel pra dormir comigo algumas noites.

— Tá bom — respondo sem olhar para ele.

Fernando me puxa para um abraço.

— Eu amo você. Não esquece isso nunca. Eu amo você.

— Não vou esquecer — respondo baixinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me dá um beijo na testa e fica me olhando. Em um impulso, me dá um selinho, mas não passa disso. Espero na sala enquanto ele entra para dar um beijo no filho. Fico parada na porta da varanda e, cada lágrima que desce, eu seco na hora.

— Pronto — ele diz atrás de mim.

Nunca imaginei que pudesse sentir tal dor. Às vezes tratamos esse tipo de sofrimento como algo bobo. Quando vemos uma amiga triste porque brigou com o namorado ou marido, ou quando o casamento de alguma prima não vai bem, você escuta as reclamações, aconselha e pensa “vai ficar tudo bem”. É claro que vai. Uma hora fica tudo bem. Mas quando? Só quem passa por isso sabe como cada minuto dói.

Esse é o tipo de dor que faz o coração acelerar, querer sair do peito, como se ele gritasse “não faz isso comigo! Por favor! Eu estou sofrendo! Estou sangrando! Anda, acerte isso aí, eu não posso aguentar! Você não enxerga que estou mal?”

Só quem já sentiu a dor de uma separação pode me entender. Não é o fim do mundo, mas é o fim de algo que já foi lindo. É o fim de uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

família, é o fim de um casal. É o fim de um homem e uma mulher. É o início dos conflitos entre emoção e razão. Coração e cabeça. Mas nem sempre é o fim do amor, e é aí que dói mais. É bem aí a ferida. E, no meu caso, a razão precisou falar mais alto e calar o coração que tanto gritou e implorou por mais uma chance.

Desculpa, coração, eu não posso te ajudar agora.

Vou até a porta com ele.

— Tchau. Se cuida — falo com a voz que me resta.

— Tchau, Manu. Minha eterna menina.

Tento dar um sorriso, mas não consigo. Quando fecho a porta, desabo como fiz à tarde. Sento no chão da sala e choro, choro até me faltar ar.

Miguel chega correndo e, assim que me vê, larga os brinquedos e me abraça, como se entendesse direitinho toda a situação. E seu abraço é o que me acalma, é tudo o que preciso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8

Os dias não passaram, eles simplesmente se arrastaram. Eu estava muito triste. Aqueles foram os dias mais longos da minha vida inteira, e os mais angustiantes também.

Fernando conversou com seus pais e abriu o jogo com eles, que ficaram muito chateados por nós. Sua mãe estava sempre me visitando, me ligando, definitivamente eu tinha tirado a sorte grande com a sogra. Com meus pais a situação não foi diferente. Chorei muito conversando com minha mãe ao telefone.

Além da tristeza por tudo o que estava acontecendo, o que acabou comigo também foi saber que Laís tinha feito o aborto. Senti um aperto enorme ao saber. O cara não tinha sido capaz de ficar ao lado dela e assumir seus atos, mas foi logo capaz de arrumar um dinheiro e pagar o aborto dela em uma clínica clandestina. Achei aquilo um absurdo tão grande!

Acho que, por ser mãe e já ter passado por uma situação semelhante, saber que ela havia tirado o bebê que esperava me quebrou por dentro, mais do que eu já estava quebrada. Como se tira uma vida assim? Como? Eu olho para o Miguel e vejo meu tudo, minha vida. Eu jamais me perdoaria se, na época, tivesse passado pela minha cabeça a palavra *aborto*.

Após o procedimento, ela ficou pior ainda e, mesmo eu não estando muito bem, dei meu apoio. Ela chorava o tempo inteiro, dizia ter pesadelos com um bebê toda noite. Quando ela olhava para o Miguel, então, chorava ainda mais.

— Eu não tenho sua coragem, Manuela — ela dizia, passando a mão no rostinho do Miguel, que olhava para ela meio assustado.

Que dias difíceis!

As coisas entre o Fernando e eu foram ficando mais sossegadas com o passar do tempo. Sem as brigas, estávamos melhores. Ele estava bem mais presente, mesmo morando no *flat*, eu tinha que admitir. Provavelmente a ficha dele tinha caído.

Ele me ligava praticamente todos os dias, mandava mensagens e me mandou até flores após aquela noite em que ele saiu de casa. Passava sempre no apartamento para ver o Miguel, às vezes mais cedo, outros bem mais tarde, quando o menino já estava até dormindo. Ele só dava um beijinho na testa, sem acordar o filho. Mas a tristeza de saber que nosso casamento não era o mesmo continuava no meu coração.

Era quarta-feira à noite, já estava tarde. Fernando ainda não tinha passado para ver o Miguel. Estávamos nós dois no sofá, vendo desenho. Os olhinhos do meu menino já estavam fechando de sono.

Levantei devagar e fui até a cozinha. Tive uma vontade absurda de comer um doce e lembrei das trufas de cereja na geladeira. Quando voltei para a sala, Fernando estava entrando. Ele tinha ficado com a chave, mas me avisava sempre que fosse aparecer.

— *Shhh* — faço sinal de silêncio assim que ele fecha a porta. — Está quase dormindo — sussurro.

— Poxa... — ele sussurra também,

enquanto pendura a chave do carro. Olha para Miguel no sofá. — Dormiu — constata. Em seguida, vem até mim, me dá um beijo na testa e me abraça. — E você, como está?

— Bem. Estava louca por um doce. Quer? — Ofereço um pedaço da trufa.

Ele dá uma dentada e pega quase a trufa toda. Olho para ele indignada, mas logo começo a rir.

— Desculpa! Também estava com vontade de comer um doce! — ele diz rindo.

— Tá com fome? Quer jantar?

— Não. Fiz um lanche lá na empresa. — Ele vai até a porta da varanda. — Vamos sentar um pouco? — me chama.

— Vamos.

Depois de cobrir Miguel, sentamos nas cadeiras de madeira e ali, no nosso lugar preferido, falamos de tudo um pouco.

Eu não tinha motivos para evitar meu marido. Eu amava o Nando, o queria por perto, estava sofrendo com nossa separação, e sabia que ele também. Mas o tempo longe, apesar de doloroso, estava nos ajudando de alguma forma.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nosso papo foi a prova disso. Conversamos de um jeito leve, gostoso, sem cobranças. Era bom estar ali com ele, mesmo que tarde da noite. Estávamos precisando de um momento assim.

— Sabe o que lembrei um dia desses e ri demais?

— O quê? — pergunto curiosa.

— Quando você ficou desesperada por caqui! Lembra?

Solto uma gargalhada imediatamente, lembrando direitinho daquela tarde.

— Lembro! E você ficou louco pra achar. Até me perguntou se não podia ser maçã. Achei um absurdo!

— Não era época de caqui! Rodei pra achar... cancelei até uma reunião por isso — ele fala sorrindo, com nostalgia no olhar. Meu marido era o mais lindo do mundo.

Rimos juntos, lembrando daquele episódio.

— Acho que já vou — Fê diz, olhando a hora.

Não vai, não. Dorme comigo essa noite... pensei, mas não falei. Não posso negar que dormir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seria a última coisa que faríamos. Eu estava com tanta saudade do beijo do Nando, do nosso amor, de sentir suas mãos em mim.

Estávamos desde a viagem sem nada, absolutamente nada, pois foi quando tudo começou a desandar de verdade. Meu desejo por ele continuava o mesmo. Amava cada pedacinho daquele corpo, era louca por suas mãos, por seu toque. Só de lembrar das nossas noites, me arrepiava. Mas não queria atropelar as coisas, resolvi deixar do jeito que estava.

— Tudo bem — respondo e voltamos para a sala. — Antes de ir, você pode colocar o Miguel no quarto pra mim?

Ele concordou e pegou o filho, enquanto fui na cozinha pegar outra trufa, já que não consegui comer a primeira! Aproveitei e peguei uma para ele.

Cheguei no quarto e Fernando estava cobrindo Miguel. Depois ajeitou tudo bem direitinho e deu um beijo em sua testa. Fiquei na porta, só olhando.

Fernando sai na ponta do pé e deixa a porta entreaberta. Paramos no corredor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Toma. Não precisa comer a minha — entrego a trufa sorrindo.

Ele ri também e fica me olhando.

— Está suja de chocolate — diz, apontando para o cantinho da minha boca.

— Vou pegar um guardanapo! — Viro, tentando sair do corredor, mas não dá tempo. Fernando me puxa pelo braço.

Eu nem digo nada, fico imóvel. Então ele me puxa para bem pertinho e começa a me beijar devagar. Eu queria! Ah, como eu queria! Fernando me abraça ainda mais apertado e passamos a nos beijar com vontade. Com saudade.

Nos beijamos por longos minutos no corredor e o clima estava esquentando cada vez mais... era impossível não esquentar! Ele foi me conduzindo até nosso quarto e, assim que entramos, comecei a desabotoar sua camisa. Ele puxava meu cabelo com uma mão e descia a outra pelo meu corpo...

Beijei seu pescoço enquanto tirava sua camisa e, quando pulei em seu colo, entrelaçando minhas pernas por sua cintura, Miguel entrou no quarto.

PERIGOSAS ACHERON

— Papai! — disse feliz.

Que situação... Fernando sem camisa, eu descabelada em seu colo e Miguel praticamente agarrado à sua perna! Ficamos completamente sem jeito. Fomos pegos de surpresa pelo nosso pimentinha!

Assim que Fernando saiu do apartamento, depois de fazer Miguel dormir novamente, tomei um banho gelado! Que vontade de pegar aquele homem de jeito...

No dia seguinte, precisei ir à empresa pela manhã. Fernando pediu para eu levar umas pastas que tinha esquecido de pegar em casa e queria discutir algumas coisas comigo também.

Cheguei em sua sala e ele estava no telefone. Sentei de frente para ele e fiquei lendo um relatório que tinha deixado para eu ver em cima da mesa.

Ele finalmente desligou e nós falamos um pouco sobre o lucro do mês anterior.

— Essa crise no país está me preocupando demais. Acho que a filial veio no momento errado — disse preocupado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma, as coisas estão caminhando. Já está tudo certo. Vocês se planejaram, não foi nada da noite para o dia. Quando vocês voltam em Belo Horizonte?

— Não sei, tenho que ver com o Mauro.

Depois de conversarmos mais um pouco sobre a empresa, levantei para sair. Ele levantou também e parou na minha frente.

— Eu já vou.

— Tudo bem. Podemos sair pra jantar hoje?

Ele estava com aquele olhar pidão... difícil de resistir.

— Acho que sim.

Assim que o respondi, ele botou a mão na testa, como quem lembra de algo.

— Só um minuto... — Foi até seu computador, olhou, olhou, e finalmente completou: — Esqueci que hoje tenho uma reunião às seis da tarde. Deve demorar um pouco.

Reuniões! Sempre elas!

— Tudo bem — falei tranquila.

— Não. Eu acho que dá pra cancelar... talvez.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa, Fê. Eu entendo. Jantamos outro dia. — Fui sincera.

— Mesmo?

— Mesmo.

Ele me abraçou e me deu um beijo na testa, como de costume.

O restante do dia passou rápido. Fiz algumas coisas do escritório em casa mesmo e depois andei um pouco com Miguel.

Estava animada para a chegada da minha mãe no sábado. Estava morrendo de saudades da minha coroa!

Já era quase noite, eu estava chegando em casa com meu bagunceiro, quando recebi uma mensagem do Nando.

“Eu não esqueci que está chegando o nosso dia. Dia 18. Planejei uma viagem para Gramado. Preciso fazer essa viagem com você, sem telefones, sem *notebook*, sem reuniões, sem assuntos de trabalho. Eu prometo! Aceita, por favor”

Até gostei da ideia. Gramado era um lugar lindo, maravilhoso! Mas eu não queria resolver

meu casamento com viagens, como alguns casais fazem. Depois da volta, tudo continuava na mesma. Por outro lado, seria bom ficar longe de tudo com o Nando...

Li a mensagem mais uma vez, mas não respondi.

Já na sexta, depois de dar uma corrida na praia, cheguei em casa e ri demais com Rosa, Maria e Miguel. As duas estavam chorando de rir e eu quis saber o motivo.

— Manu, você não vai acreditar no que ele está contando! — Rosa disse entre gargalhadas.

— Conta pra sua mãe, Miguel — Maria pediu, rindo também.

— Mamãe quer saber! — Sentei no chão da sala.

— Papai pegou mamãe mô assim — falou, tentando pegar Maria, mostrando como o pai fez.

Eu explodi em gargalhadas até lágrimas descerem! Estava boba com meu filho fofoqueiro. Ele estava contando da noite de quarta, quando ele me viu no colo do pai. Eu não consegui parar de rir.

— Miguel, o papai fez mais o quê? — Maria perguntou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Beijou mô aqui — contou, apontando para a boca.

— Meu filho, você está muito assanhado! Ai ai ai... — O puxei para um abraço.

Nós três rimos demais da forma como ele contou tudo e ficamos abismadas com a forma como ele já observava e contava o que se passava ao redor. Todo cuidado era pouco! Uma palavrinha errada já era oportunidade para ele repetir.

Ao cair da noite, Amanda saiu do trabalho e foi direto ficar comigo e com o afilhado. Conversamos tanto, tanto. Ela, como sempre, me aconselhou muito. Acho que, depois de nossos pais, Amanda era a que mais torcia pela nossa felicidade e, é claro, eu pela dela.

Estávamos muito empolgadas com seu casamento. Era lindo ver sua empolgação. E eu vibrava com ela sempre.

— Vai viajar com teu marido! Vai ser maravilhoso. Não pensa duas vezes — disse depois de beber um pouco de vinho. Ela já chegou com uma garrafa para nós.

— Está tão em cima... e minha mãe veio pra me visitar! Eu vou viajar assim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela vai entender! Tenho certeza que vai mandar você ir.

— É... também acho.

— Você vai! — disse firme, decidindo por mim.

— Acho que vou — concordei. — Hoje ele já me ligou várias vezes perguntando.

— Deixa de se fazer de difícil... chata! — brincou.

— Não quero ser difícil. Não fui difícil nem na primeira noite, imagine agora, depois de casada!

Nós rimos tanto que até Miguel começou a rir da nossa risada.

Naquela noite, Fernando não passou no apartamento, pois ficou trabalhando até tarde e resolveu deixar para ir no sábado.

Marcamos de almoçar juntos depois de buscar minha mãe, que ele fez questão de ir também!

Estávamos nós três no aeroporto...

— Vamos viajar... não me enrola! — pediu enquanto esperávamos.

— Tudo bem. Vamos! — respondi de uma

PERIGOSAS ACHERON

vez, decidida.

— Obrigado — disse abrindo um largo sorriso e beijou minha mão em seguida.

CAPÍTULO 9

O voo atrasou bastante e nós ficamos lá, esperando. Eu andava para lá e para cá, assim como Miguel. Pelo menos pude me entreter correndo atrás dele, que não parou quieto um minuto!

Quando finalmente vi minha mãezinha vindo em nossa direção, arrastando sua pequena mala, uma alegria invadiu meu peito. Nos abraçamos apertado, como as melhores amigas que éramos. Miguel logo agarrou no pescoço da avó e a encheu de beijinhos, atitude que a deixou toda derretida.

— Está tudo bem? — ela cochichou no meu ouvido, quando nos abraçamos mais uma vez.

— Vai ficar! Não se preocupe — respondi baixinho. — Adoro te ver chegar.

Ela e Fernando também se cumprimentaram com abraços fortes, cheios de carinho. Depois disso, fomos conversando pelo caminho inteiro.

— Vocês vão viajar, né? — minha mãe

perguntou antes de chegarmos ao restaurante.

— Tudo bem por você? — devolvi a pergunta.

Eu já tinha comentado sobre a viagem, mas queria ter certeza de que ela não ficaria chateada, afinal, ela tinha acabado de chegar e eu já viajaria em seguida.

— Lógico, minha filha! Quero mais é que vocês aproveitem esse momento — respondeu sorrindo, e fez Fernando sorrir junto.

Depois do almoço, minha mãe e Miguel ficaram de chamego, juntos o dia inteiro, e eu aproveitei para matar a saudade dela também. Não nos desgradamos o final de semana todo!

Na segunda-feira, finalmente chegamos a Gramado. E que frio estava fazendo! Agradei por todos os casacos enormes e botas que coloquei na mala, mesmo fazendo tudo correndo, afinal, decidimos tudo no sábado e o nosso voo saiu na segunda à tarde.

Por um lado, até gostei do clima bem friozinho. Minha cabeça já calculou os vários apertões que eu daria no Nando. Sem querer

PERIGOSAS ACHERON

mesmo, só por causa do frio. Seria uma boa justificativa!

Apesar de estar com o coração na mão por estar longe do Miguel, que ficou com minha mãe depois de muita insistência dela e dos pais do Fernando, eu estava bem animada com a viagem. Comecei a enxergar uns momentos de paz com meu marido, momentos de carinho. Estávamos necessitando daquilo.

Chegamos ao hotel e logo fomos levados ao nosso quarto.

Assim que ficamos a sós, Fernando me puxa para um abraço muito apertado.

— Estou tão feliz por estarmos aqui, você não tem ideia! Está faltando nosso pequeno, mas sei que ele está em boas mãos — diz todo sorridente.

— Eu também estou feliz por estar aqui com você. Com tudo o que anda acontecendo...

— *Shhh* — Fernando coloca delicadamente seu indicador em meus lábios. — Não quero falar sobre o que anda acontecendo, só sobre as coisas boas que vão acontecer.

Ele estava certo. Pelo menos na viagem, o

PERIGOSAS ACHERON

melhor seria deixar de lado o estresse, o trabalho, a falta de tempo e todas as coisas que estavam nos afetando.

Depois de chegar seu rosto bem pertinho e sorrir para mim, Fernando passa sua mão pelo meu cabelo e me beija. Um beijo nada calmo, e sim cheio de vontade. Ele me força lentamente para trás, ainda me beijando e puxando meus cabelos levemente. O clima começou a esquentar de verdade, pois até calor eu já estava sentindo, mesmo no frio de Gramado em pleno mês de julho!

Ele me encostou na parede e foi descendo seus beijos até meu pescoço. Pronto. Já fui tirando meu casaco e jogando no chão e, em seguida, abrindo o dele também.

— Tira, tira — pedi apressada.

Ele arrancou o casaco na mesma hora e foi tirando tudo. Imaginem há quanto tempo estávamos querendo aquilo! Desde o dia em que Miguel apareceu no quarto naquela noite, eu estava doida para fazer amor com Fernando.

O conduzi até a cama e praticamente o joguei nela. Fiquei por cima dele, o enchendo de beijos, enquanto ele explorava meu corpo com suas

mãos.

Basicamente chegamos *muito bem* a Gramado. A noite, que estava muito fria, entre nós pegou fogo.

Jantamos por lá mesmo, pois já estávamos exaustos no fim da noite.

Quando deitamos para dormir, Nando me puxou para deitar em seu peito. Ah, como era gostoso dormir assim com ele, bem juntinhos! Que saudades eu sentia do nosso aconchego, saudades de dormir assim em nossa casa...

Eu estava vendo muita felicidade nos olhos do Fernando. Há tempos não o via tão leve como naquele momento. Mesmo no voo ele já parecia tão bem, estava tão carinhoso... tudo parecia como nos velhos tempos.

No dia seguinte comemoramos o *nosso dia*. Dois anos de casados. Dois anos daquela tarde maravilhosa e surpreendente, que eu me lembrava de cada detalhe.

Acordei e senti a cama vazia, estava sozinha. Quando sentei, me deparei com a mesa toda arrumada, cheia de coisas gostosas, um belo

café da manhã. Foi impossível não abrir um sorriso. Levantei e vi um buquê em uma das cadeiras. Peguei as flores e vi um bilhete.

“Obrigado por existir e entrar na minha vida. Prometo melhorar, quero ser o melhor marido do mundo, você merece! Eu te amo, minha menina. Feliz dia 18.”

Beijeí o bilhete e dei cheirei as flores com o coração feliz. Que sentimento bom!

Depois de admirar mais um pouco a linda surpresa, fui tomar um banho e esperá-lo para tomar café.

Estava no banheiro quando escutei a porta do quarto bater.

Assim que saí, enrolada na toalha, Fernando me deu um abraço e nos beijamos em comemoração.

— Mesmo com todas as minhas falhas, espero que você nunca deixe de acreditar no meu amor, porque esse não falha nunca! — ele disse olhando nos meus olhos.

— O meu também não falha, não diminui, não acaba. Pode ter certeza. Feliz dia 18, lindão.

O enchi de beijinhos e nós finalmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentamos para tomar café.

Estava tudo tão perfeito que simplesmente não parecia uma viagem para *salvar o casamento* e, sim, uma viagem de lua-de-mel.

— Fui lá na recepção falar com a minha mãe. Falei com o Miguel também.

— Que saudade dele! Me conta, como ele está? O que ele disse? Meu coração está tão pequenininho longe... — choraminguei.

Era muito ruim ficar longe do meu Miguel, afinal, que mãe aguenta ficar longe de seu bebê, hein? Parecia faltar um pedaço de mim.

— Calma, amor! — Fê sorriu. — Ele está ótimo, me contou que dormiu na cama com a vovó e que vai ao parque com o vovô mais tarde. Você precisa escutar ele contando isso, está numa alegria infinita! E disse que ama a mamãe mô...

— Disse mesmo? — Senti meus olhos ficarem úmidos.

— Disse! Aí eu contei pra ele que o papai também ama muito a mamãe mô.

Nós rimos e eu fiquei toda boba. Dois homens lindos me amando.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de falarmos mais um pouco sobre nosso filho, comemos enquanto aproveitávamos a presença um do outro.

Quando já estamos quase terminando, Fernando traz um assunto inesperado.

— Sonhei de novo que você estava grávida! Acredita?

— Como assim *de novo*?! — Fico surpresa.

— Sim! Acho que não te contei, né?

— Não contou, não.

— Já é a segunda vez que sonho. Essa noite, sonhei que o bebê já estava pra nascer. Mais um menino — conta todo sorridente. — Você acariciava a barriga e falava o nome Enrico.

Escutar aquilo mexe instantaneamente comigo, não sei explicar o motivo. Apesar de não sentir meu corpo diferente, muito menos qualquer sintoma de gravidez, e também tomar anticoncepcional, mesmo que não tão certinho como deveria, por algum motivo aquele assunto me assusta.

Começo a pensar. No dia em que minha mãe chegou, assim que me viu no aeroporto comentou sobre eu estar um pouco mais *inchada*.

Pensei que fosse apenas um comentário dela sobre meu peso, mas naquele momento paro e penso... *Será?*

Não tenho como negar minha vontade de ter outro filho. Ser mãe é maravilhoso! Mas mesmo que Fernando tivesse pedido para não pensar na situação que estávamos enfrentando, não tinha como não pensar.

Na viagem, tudo estava um sonho, sim. Acho que é por isso que a maioria dos casais que querem “salvar o relacionamento” pensam logo em viajar. Só que eu não queria que tudo ficasse bem só na viagem. Eu queria a paz mais uma vez dentro da nossa casa!

Enfim, eu, como uma pessoa bem ansiosa, já estava doida para fazer um teste e deixar os pensamentos de uma segunda gravidez para depois.

— Que foi, amor? — Fernando pergunta, estranhando meu silêncio.

— Nada. Só pensando.

— Pensando no nosso segundo bebê? — Ele sorri.

— Ainda não. E eu tomo remédio, amor. Foram apenas sonhos — falo bem tranquila.

— Mas eu sei que você andou esquecendo alguns comprimidos. Você não tem vontade de ter outro filho? Achei que quisesse — ele diz já sem o sorriso no rosto.

— Eu quero. Até já comentei com a Amanda sobre essa vontade, mas agora não é o momento, né? As coisas mudaram. Vamos deixar mais pra frente...

— Tudo bem.

Sinto sua insatisfação pelo tom. É nítido que ele não gostou da minha reação.

— Não quero você chateado comigo, amor. Mais pra frente podemos conversar sobre isso. Tenho certeza que o Miguel amaria ter um irmãozinho ou irmãzinha.

Nando se levanta, vem até mim, me puxa para levantar e me dá um beijo na testa.

— Não vou ficar chateado. Vamos aproveitar o dia?

— Vamos. Mas antes, preciso falar com minha mãe e com meu filhote. Tá pensando que só você precisa ouvir a voz dele?

Depois de ficar uns vinte minutos no telefone, me arrumei e fomos passear.

PERIGOSAS NACIONAIS

Que lugarzinho gostoso e cheio de coisas para fazer! Fora o clima romântico, que era sem igual. Nós fomos primeiro ao Lago Negro, por insistência minha. Eu estava louca para conhecer. Que parque lindo! Sem dúvidas, um dos lugares mais bonitos que já conheci. Uma natureza exuberante, um lago verde escuro que refletia os pinheiros misturados às azaleias. Coisa linda de se ver.

O parque era completo, tinha até pedalinho. Existe coisa mais romântica que pedalinho? Eu e Fernando estávamos parecendo um casal de adolescentes em início de namoro. Imaginem a cena, eu e ele no pedalinho, um olhando para o outro com cara de totalmente apaixonados. Problemas? Ali não existiam, não tinham vez.

Tivemos um dia maravilhoso. Passeamos pelas ruas de Gramado, visitamos outros lugares, compramos muito chocolate, tiramos muitas fotos e almoçamos em um restaurante que Marcelo havia indicado. Ah! Fora as mil vezes que liguei para casa...

Já bem à tardinha, resolvemos voltar para o hotel. Nando queria fazer uns telefonemas e

PERIGOSAS ACHERON

descansar um pouco antes do nosso jantar à luz de velas. Isso mesmo. A data pedia, né?

Assim que chegamos no *hall*, Fernando disse que faria logo as ligações dali e eu resolvi subir. Depois do nosso passeio, eu queria muito colocar os pés para o alto.

Assim que entrei no quarto, tirei meu casaco, minha bota e me joguei na cama. Dois minutos depois, me veio uma vontade absurda de comer o chocolate branco que tinha comprado. Na mesma hora comecei a me questionar sobre ser um possível desejo. Pronto. Eu já estava ficando doidinha com a possibilidade! Passei a mão na barriga...

Será? pensei comigo.

Devia ser apenas vontade mesmo. Afinal, quem não gosta de chocolate? Levantei e comi tudinho sem dó. Mesmo assim, não parava de pensar em fazer logo um teste, mesmo que de farmácia, só para ficar tranquila.

Mulher é assim, né? Se quer muito engravidar, quer logo descobrir para comemorar, contar ao marido/namorado, família, jogar nas redes sociais e já planejar cada detalhe para o bebê.

E quando não espera engravidar, quer descobrir logo para ter paz, até porque a dúvida acaba com a gente!

Na minha opinião, não era o momento para um segundo bebê mesmo. As coisas ainda tinham muito o que melhorar. Mas, se estivesse a caminho, seria muito amado, é claro. Eu só não queria ficar na dúvida!

Fiquei deitada pensando, mas não aguentei muito tempo. Estava inquieta, achei melhor começar a me arrumar.

Confesso que antes de entrar para o banho, fiquei me olhando no espelho. Decidi que no dia seguinte, logo de manhã, passaria em uma farmácia. Só para acabar com a incerteza, sem desespero.

Quando saí do banheiro, Fernando já estava no quarto, tinha acabado de chegar. Assim que me viu, ele logo me agarrou e me puxou para a cama.

— Já é a segunda vez que você está desfilando só de toalha nesse quarto... isso é um sinal — disse já passando a mão por meus cabelos.

— É? E o que você acha que deve fazer? — Sorrio maliciosa.

— Vou te mostrar!

O fim de tarde, que era para ser de descanso antes do jantar, de descanso não teve nada.

Chegamos no restaurante mais tarde que o previsto, mas não perdemos a reserva. O restaurante era chiquérrimo, uma decoração sem igual, com todas as mesas à luz de velas. Aquilo me encantou.

Antes de escolher os pratos, bebemos vinho e conversamos sobre tudo um pouco. Já disse uma vez e repito: eu e o Fernando sempre temos muito assunto.

— Eu te amo tanto. Como eu pude quase te perder? — Ele acaricia minha mão enquanto se declara.

— Você não vai me perder — respondo olhando em seus olhos. — As coisas vão se ajeitar, eu tenho certeza.

— Pra mim elas já se ajeitaram.

Eu respondo com um sorriso, feliz com as palavras dele e rezando para que fosse isso tudo mesmo. Para que quando a viagem chegasse ao fim, as coisas pudessem continuar tão bem.

As horas estavam passando e, então, Nando
PERIGOSAS ACHERON

resolveu fazer o pedido.

O lugar, além de encantador, tinha um atendimento perfeito. Tudo era servido bem rápido e com toda educação. Sem falar no sabor, que era divino. Nota mil para meu maridão, que sempre escolhia os melhores lugares para irmos. Casei com um homem fino!

No final da noite, eu já estava bem animadinha por conta do vinho. Era hora de voltar para o hotel, após um jantar e tanto! Dois anos de casados bem comemorados.

Mas antes, Fernando quis me levar a rua próxima ao restaurante. Era uma rua toda iluminada, até mesmo as árvores tinham luzes. Parecia uma rua mágica, de tão linda.

— Te trouxe aqui porque quero dar o presente.

— Presente? — perguntei sorrindo. — Já te adianto que não comprei nada pra você, amor!

Nós caímos na gargalhada e, de repente, ele tirou uma caixinha do bolso. Quando abriu, pude ver o que tinha dentro. Duas alianças.

— Espero que goste, meu amor.

— Que lindo, Nando! É um novo pedido de
PERIGOSAS ACHERON

casamento?

— Quase isso. Todo dia 18 de julho eu quero trocar nossas alianças. Mesmo com nossos problemas, mesmo que eu tenha saído de casa, nunca pensei em tirar a aliança, nunca passou pela minha cabeça. A cada ano eu te amo mais, te quero mais e, mesmo não sendo um marido exemplar, mesmo errando, mesmo acabando com a sua paciência, eu continuo louco por você. Nunca duvide do meu amor, da minha fidelidade, e da loucura que tenho pela nossa família.

Eu acabei chorando. Estava tudo tão lindo! Aquele homem acabava comigo, sempre me emocionava tanto... e sempre me ganhava. Será que eu deveria ser mais durona? Era difícil me segurar quando eu escutava coisas tão bonitas dele.

— Nunca duvidei do seu amor, assim como sempre tive certeza do meu amor por você. Acho que todo casal passa por isso. Brigas, falta de paciência... nós só fomos os sorteados dessa vez! — Nós rimos. — Mas eu sei da força do nosso amor, eu sei que vamos conseguir superar.

Nós trocamos as alianças e aquela rua ficou ainda mais iluminada com nós dois. Assim como

PERIGOSAS NACIONAIS

em Buenos Aires, eu me senti em um filme quando Fernando me tirou do chão num abraço gostoso.

Chegamos ao hotel super falantes, risonhos. Uma animação sem fim. Foi impossível dormir cedo.

No dia seguinte, acordei super tarde. Já levantei olhando a hora no celular. Fernando mais uma vez não estava no quarto, mas logo vi seu bilhete na mesa.

“Amor, precisei abrir meu e-mail em um computador, não consegui pelo celular. Estou no hotel mesmo. Já falei com sua mãe e com Miguel, ele está ótimo. Deixei essas frutas pra você. Prometo não demorar. Eu te amo.”

Suspirei, mas não me incomodei nadinha com aquilo. A noite anterior tinha sido muito boa para ficar incomodada. Apenas comi uma maçã e já fui me ajeitar para ir à farmácia. Eu ainda precisava fazer o teste!

Quando descii, até pensei em procurar o Nando, mas deixei para lá. Fui até a farmácia a pé mesmo. Não era muito perto do hotel, mas eu não podia esperar nem mais um segundo. O que a ansiedade não faz com a gente?

PERIGOSAS ACHERON

Voltei para o hotel e Fernando ainda não estava no quarto. Deitei na cama e esperei mais meia hora... nada dele aparecer.

Cansei de ficar esperando e resolvi fazer o teste de uma vez!

Assim que entrei para o banheiro, o escutei entrando e me chamando.

— Espera aí, amor!

Fiz o teste conforme o indicado na caixinha e esperei os cinco minutos. Para ter certeza, esperei mais cinco e então vi na fitinha o resultado.

CAPÍTULO 10

Negativo

Esse foi o resultado. Apenas uma linha vermelha.

Indiferença. Foi o que senti diante daquela situação. Não tive grandes emoções.

Saí do banheiro e Fernando não estava com uma cara tão boa. Resolvi não contar de imediato o que tinha feito.

— Algum problema, amor?

Ele me deu um selinho antes de responder.

— Alguns problemas. Mas deixa pra lá, não é nada demais.

O abracei.

— Fica tranquilo. Você sabe que vai dar tudo certo.

— Assim espero, amor. — Fernando me encarou de repente. — Você saiu? —perguntou.

— Saí, sim. Fui na farmácia.

— Fazer o quê? Podia ter me esperado.

— Fui rapidinho, por isso não te esperei.

— Tá passando mal? O que foi?

Olhei para ele e não consegui sorrir. Não sabia o motivo, mas fiquei nervosa por ter que contar do resultado negativo. Já era de se esperar, mas, mesmo assim, me senti estranha.

— Comprei um teste de gravidez e já até fiz.

Fernando mudou sua expressão na mesma hora e abriu um largo sorriso.

— Manu!! Foi positivo, né? Fala!

— Amor, não se empolga. Deu negativo — falei, chateada por desapontá-lo.

A animação dele se desfez.

— Poxa... sério? Mas você fez direito? Teste de farmácia não é muito confiável.

— Eu fiz direito, sim. Mais pra frente podemos pensar em outro bebê, agora não vai rolar — falei puxando-o novamente para um abraço.

— Que pena. Juro que já estava feliz com a ideia. Ainda mais com todos os sonhos que tive...

Fernando estava parecendo um menininho

que se chateia quando escuta um não.

— Não fica assim. Na hora certa, as coisas acontecem. Vamos passear? — Tentei mudar o assunto.

Ele me deu um beijo rápido.

— Tudo bem. Vamos, sim. Só preciso fazer uma ligação antes.

— Ótimo. Eu também preciso. Vou ligar para um rapaz lindo, maravilhoso, que roubou meu coração!

— Se esse rapaz não fosse dono do meu coração também, eu ficaria com ciúmes do jeito que você falou.

Nós rimos e, depois de pegarmos nossos casacos, descemos.

Fernando foi ligar para o Mauro e eu, para minha mãe. E quem atendeu foi meu molequinho! Conversei tanto com ele... era incrível como Miguel estava inteligente! Ele já seguia uma conversava direitinho, aquilo me impressionou! Coisa de mãe apaixonada, né?

Depois de falar muito com ele, falei também com minha mãe. Contei que fiz um teste de gravidez e já disse o resultado. A danada ainda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse “se não é gravidez, então você está inchada mesmo”. Cara de pau!

Para completar a ligação, na hora de desligar, Miguel pediu para falar comigo de novo.

— *Daudade*, mamãe mô!

Aquilo partiu meu coração! Praticamente chorei depois de desligar a chamada. Fazer outra viagem sem meu filhotinho estava fora de cogitação!

Tive que esperar o Fernando, que ainda demorou no telefone. Quando ele finalmente desligou, parecia preocupado.

Sáímos do hotel e fomos passear por alguns pontos turísticos.

— Amor, seja sincero, está tudo bem? — pergunto depois de um tempo.

— Não tem como negar que algo está me preocupando, né? Deve estar escrito na minha testa.

— Exatamente. Está mesmo. O que foi?

— Mauro leu alguns contratos e acha que vamos ter uns problemas em Belo Horizonte, mas não consegui abrir os arquivos aqui. Ele vai lá no domingo e precisava que eu fosse com ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Então vamos embora, Nando. Sem problema. Podemos tentar mudar nossa passagem para sexta ou até mesmo para amanhã.

— Não quero estragar nossa viagem.

— E eu não quero você desse jeito, tão preocupado. Não vou me chatear — falo bem sincera.

Fernando fica sério e eu vejo que ele está desapontado, mas eu me sinto tranquila.

— Obrigado, amor. — Ele dá um longo suspiro. — Você é mesmo minha companheira — diz e beija minha mão.

Aproveitamos a quarta-feira ao máximo. Fomos ao Parque Mini Mundo, que é uma atração turística que quem vai a Gramado não pode deixar de conhecer. Através do parque, podemos conhecer um pouquinho da antiga Europa. Era uma atração rica em detalhes. Eu simplesmente amei, fiquei fascinada. A verdade é que eu amei cada lugar que fomos, fiquei encantada com tudo! Era impossível ir a Gramado e não querer voltar.

Curtimos tanto o dia, que só voltamos para o hotel no fim da tarde.

Eu estava super cansada e Fernando

PERIGOSAS ACHERON

também. Apesar da preocupação, ele até conseguiu curtir o dia, mas vez ou outra lembrava de algo da empresa e comentava.

Depois de tomarmos banho juntos, eu me joguei na cama e Fernando desceu para tentar resolver a questão das passagens.

Liguei a TV, mas nem prestei atenção, fiquei mexendo no celular, vendo fotos e vídeos do Miguel. A viagem estava sendo maravilhosa, mas seria melhor ir embora antes do previsto mesmo. Fernando não sossegaria enquanto não estivesse por dentro de tudo da empresa e eu já estava com muita saudade do meu filho. Voltar mais cedo seria melhor para todos.

Fernando demorou tanto que eu acabei cochilando. Só acordei porque senti seu carinho no meu braço.

— Vamos jantar? — Chamou.

— Vamos comer aqui no hotel mesmo, né?
— perguntei, me espreguiçando.

— Pode ser, amor. Consegui passagem pra sexta-feira bem cedo, ok?

— Tá ótimo.

Apesar de estar com uma preguiça sem fim,
PERIGOSAS ACHERON

não fiquei enrolando. Levantei logo e me ajeitei para descermos.

Já no fim do jantar, Fernando me chamou para sentar no bar do hotel. Pedimos dois *drinks*.

— Jura que não está chateada comigo? — perguntou seriamente.

— Juro, Fê. Não quero que você fique aqui, mas com a cabeça lá.

— Não estou com a cabeça lá, amor. Só fico um pouco inseguro, é algo muito grande... um investimento e tanto.

— Eu sei disso. Nós já curtimos todos os dias que ficamos aqui, e temos amanhã pra andar mais um pouco. Está ótimo.

Fernando abaixou a cabeça...

— Eu tento te mostrar que posso mudar, que posso me desligar da empresa, mas sempre acontece algo! Parece que eu nunca faço o suficiente e acabo sempre te chateando...

— Nando, nossos dias aqui foram maravilhosos, mas a nossa vida não é uma eterna viagem, certo? Eu só quero o meu Fernando de volta, esse Fernando que está aqui. Eu entendo seu trabalho, entendo que imprevistos acontecem e digo

PERIGOSAS ACHERON

de coração que não estou chateada por voltarmos antes. Mas eu não quero ter paz apenas em viagens, é isso que eu quero que você entenda.

Ele me olhou.

— Eu entendo. Vou fazer minha parte para que tudo fique bem. Te prometo.

Levantei e lhe dei um beijão.

Depois de mais quatro *drinks* nós subimos e eu não perdi tempo. Já entrei no quarto o agarrando muito. Estava um pouco animadinha pela bebida, então rolou até uma dancinha *sexy* na hora de tirar minha roupa para ele.

Na quinta-feira, acordamos tarde, muito tarde. Saímos apenas para almoçar e comprar alguns presentes. O dia não rendeu muito.

Já na sexta, chegamos no Rio quase duas da tarde. A viagem foi um pouco cansativa.

Assim que saímos da área de desembarque, avistamos os pais do Nando. Fomos recebidos com muitos abraços e perguntas! Minha mãe estava me esperando em casa com o Miguel, mas meus sogros já contaram várias histórias dele e de como ele estava falando. Eu estava louca para chegar em casa

e agarrar muito meu pequeno.

Pegamos muito trânsito na volta para casa, mas finalmente chegamos. Eu nem acreditei quando entramos pelo portão do condomínio. Que alegria encheu meu coração! Subi feito doida e larguei as coisas no chão assim que passei pela porta da sala. Foi quando vi que meu bebê estava chorando, no cantinho do castigo. Que dó!

— MÃE MÔ! — ele falou entre lágrimas.

— Minha vida, que saudade!!

Fui até ele, que em nenhum momento ousou sair do lugar! O peguei no colo e abracei tão apertado, tão apertado que talvez até tenha machucado.

— Nunca mais vou ficar longe de você, tá? Mamãe te ama demais — falei o enchendo de beijos.

— Vovó botou *catigo*...

Minha mãe chegou na sala e me abraçou apertado. Depois cumprimentou Nando e seus pais.

— Agora você pode sair do castigo pra falar com seu pai, com a vovó Sônia e o vovô Otávio — ela disse para ele.

Ainda dei muitos beijos nele e depois Fernando o pegou do meu colo e o encheu de carinho também.

— Mãe, o que ele fez? — perguntei.

— Você acredita que esse menino aprendeu a falar *babaca*? Aprendeu com o padrinho dele! Foi passar a tarde na casa do Marcelo essa semana e voltou chamando todo mundo de babaca!

Eu sabia que era feio, mas foi impossível não cair na gargalhada! Todos na sala riram. Fernando, então, quase engasgou. E não demorou muito para escutarmos a novidade do próprio Miguel...

Passado o choro e o castigo, ele olhou para o pai.

— Papai babaca.

Na mesma hora se fez o silêncio. Ele olhou imediatamente para a minha mãe. O respeito que ele tinha por ela era incrível.

— Miguel... — Já bastou ela dizer.

— Babaca não! Babaca não pode... — falou para ela.

— Isso mesmo. Olha lá, hein! — Minha

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe ficou bem séria olhando para ele e depois se virou para mim. — A Rosa precisou sair mais cedo.

— Tudo bem — Fernando respondeu.

Não aguentei e agarrei meu filhote de novo. Eu não queria mais soltá-lo.

— Ele me fez passar vergonha mais cedo, você não faz ideia. Fui no parquinho com ele, e uma senhora veio e chamou ele de lindo. Esse garoto olhou na cara da mulher e soltou “babaca”! Por isso ficou de castigo. Não vai fazer vergonha comigo, não!

— Tadinho, mãe. Daqui a pouco ele aprende que não pode — defendi.

— Daqui a pouco ele tá chamando a gente de coisa pior! Tem que aprender agora, Manuela. Desde cedo.

Resolvi não responder para não criar atritos. Minha mãe estava certa, mas Miguel era quase um bebê ainda, não dava para exigir muito dele.

Enfim, o restinho da sexta foi inteiramente para o meu filho. Eu e Fernando demos banho, brincamos, jantamos, fizemos tudo com ele. Fernando nem foi para o *flat* no fim do dia, dormimos juntinhos na nossa cama, nosso lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Já no sábado, ele acordou cedo e, depois de tomar café, foi trabalhar. Como os papéis importantes estavam no *flat*, ele foi para lá.

Aproveitei o dia para fofocar com Amanda e minha mãe. Também fiquei de muito chamego com meu pequeno príncipe, claro. Chamei minha amada sogra, mas ela já tinha compromisso com uma antiga amiga. Combinou de passar o dia comigo na segunda.

Conversar com elas era maravilhoso. Falamos e rimos tanto que nem vi a hora passar. Amanda estava super ansiosa com seu casamento, a felicidade dela não estava cabendo no peito. E como isso me deixava radiante! Saber que minha melhor amiga estava tão feliz era muito bom.

Fernando voltou para o apartamento somente à noite, já com uma pequena mala para viajar para BH no domingo. Apesar da cara de cansado, ele não negou brincar de lutinha com Miguel. Brincaram até nosso filho cansar e pedir para tomar banho para dormir! Coisa rara... muito rara.

Domingo à tarde, Nando saiu do apartamento. Nos despedimos com muitos abraços

PERIGOSAS NACIONAIS

e beijos. Tudo estava bem entre nós e eu queria muito que as coisas seguissem assim. Estava confiando nele, precisava dar essa chance a nós dois. Tinha tudo para dar certo, apesar do risco de não dar também. Mas eu preferia ser confiante!

— *Tópin*, mamãe — Miguel pediu assim que o pai saiu.

— Mamãe te leva no shopping, meu amor.

Minha mãe não quis ir, então quando a noite caiu, me arrumei, arrumei meu pequeno e fui para o shopping de sempre com ele.

Assim que pisamos na área do teatrinho, dei de cara com João.

— Finalmente esbarrei de novo com você!
— disse com uma empolgação que estranhei.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11

Então João estava me procurando. Ele estava querendo encontrar comigo.

Mas... por quê?

Passado o susto por sua recepção, abri um sorriso.

— Está atrás de mim, é? — perguntei em tom de brincadeira.

— Posso dizer que sim — disse, ainda com um sorrisão no rosto. Então João abaixou, ficando próximo ao Miguel. — E aí, amigão, lembra de mim? *Jão*, amigo da mamãe.

Miguel sorriu para ele.

— Amigo da mamãe mô!

— Isso... — Ainda abaixado, João me olhou. — Ele te chama de *mô*?

— Chama. Meu marido vive falando *mô* pra lá e pra cá, ele acabou aprendendo.

— Que maneiro! Seu filho é um bebê lindo

mesmo.

— Eu *sô apaz!* — Miguel falou de cara fechada.

João deu uma gargalhada e eu ri junto.

— Desculpa. Tá certo. Você é um rapaz, tá bom?

Meu filhote fez que sim com a cabeça e começou a me puxar pela mão. Estava louco para se embrenhar no meio das outras crianças e assistir à peça.

— Mamãe já vai... — Olhei para o João. — Você já está indo embora? — perguntei.

— Não. Enquanto o Miguel vê a peça, podemos conversar. O que acha?

— Tudo bem. Vou levá-lo lá na frente.

João nos acompanhou e eu consegui sentar Miguel bem de frente do pequeno palco. Na verdade, ele foi praticamente sozinho. Já estava craque em encontrar lugar.

— Como você tá? — João perguntou assim que parei ao seu lado.

— Bem e você?

— Também. Andou meio sumida daqui?

— Um pouco. Semana passada minha mãe chegou de viagem e acabei não trazendo o Miguel. Aí viajei durante a semana. Não podia perder a peça hoje, né? Miguel gosta muito, estava louco para vir.

— Sogra Márcia está no Rio? — ele perguntou sorrindo.

Dei uma gargalhada com o "sogra Márcia". Ele sempre brincou chamando minha mãe assim.

— *Ex-sogra* Márcia está no Rio, sim! — Enfatizei o *ex*. Apesar de ser brincadeira, era bom deixar tudo às claras.

— Ah, sim, desculpa. *Ex*, isso mesmo. Mas que legal!

— Muito legal. Sinto muita falta da minha mãe, do meu pai também...

— Imagino. Sempre bom ter a família por perto.

João ficou me olhando e um silêncio se fez entre nós. Só se escutava o teatro e as risadas das crianças. Então comecei a sentir uma certa nostalgia...

João me lembrava uma época boa da vida, uma fase de muitas festas e poucas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

responsabilidades. Muitos momentos bons, sem preocupações, sem problemas. Mas nem de longe aquela época se comparava à felicidade da minha vida com Miguel e Fernando. Mesmo com o casamento balançado, meu amor nunca deixou de ser amor ou se tornou menos amor. Por isso, Fernando era realmente a parte mais linda da minha história. Fernando e meu Miguel.

— Estava atrás de mim pra quê? — perguntei, quebrando o silêncio entre nós.

— Queria seu telefone.

— Meu telefone?!

— É, ué. Seu número — disse calmamente.

— Mas pra quê? — perguntei sem pensar.

Ele me olhou surpreso, mas sorriu.

— Você lembra das minhas primas? Vitória e Cecília.

— Claro que lembro! Eu era super grudada com a Ceci. Nossa! Agora que você falou, bateu saudade dela!

— Então, comentei com elas que esbarrei com você e elas estão insistindo para marcarmos algo. Um bate papo, sabe?

PERIGOSAS ACHERON

— Sei, claro. Seria bem legal mesmo.

João me olhou um pouco mais sério.

— Não quero causar problemas, Manu. Se você não puder me passar seu número, vou entender. Tem homem que é mais inseguro, né? Cria caso por pouca coisa.

Achei aquele papo de *homem inseguro* muito estranho e fora de lugar. Ele estava querendo insinuar alguma coisa? Me incomodou um pouco.

— Imagina. De inseguro, meu marido não tem nada. Ele sabe a mulher apaixonada que tem. Só achei estranho mesmo, mas sem problemas, anota meu número aí. Pode marcar com elas, vou adorar rever suas primas.

— Ótimo. Vou ver com elas, te falo o dia. Vou marcar o mais rápido possível! — João estava com um sorriso sapeca no rosto.

Nosso papo ainda durou um pouco mais, e por várias vezes João me deixou sem jeito com seus elogios. Óbvio que toda mulher gosta de ser elogiada, sem dúvidas, mas seus elogios atrás de elogios passaram a incomodar após um tempo, o que me causou uma certa estranheza.

Antes mesmo de acabar o teatrinho, João se

PERIGOSAS ACHERON

despediu e foi embora.

Cheguei em casa por volta das nove da noite com meu pequeno no colo. Minha mãe estava na sala assistindo algum filme.

— Vou dar banho nele e volto pra gente conversar — falei depois do meu filhote ter dado um beijo na avó.

Depois do banho, ainda tive que ficar um pouco com ele na cama e, no meio do nosso papo, Fernando ligou. Falamos um pouco e eu passei o telefone para o Miguel, que fez mil perguntas ao pai e ainda contou que encontramos João no shopping.

Quando peguei o telefone para me despedir, veio a pergunta que eu já esperava.

— Quem é João, Manu? É a segunda vez que Miguel fala esse nome.

— Um velho amigo que sempre encontramos no teatro. Ele sempre mexe com o Miguel — respondi calmamente, e fui sincera.

Achei melhor não falar a parte sobre ele ser um ex-namorado. Não tinha motivos para contar.

— Entendi. Tudo bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda falamos mais um pouco sobre como tudo estava em Belo Horizonte e, quando desliguei a chamada, percebi que os olhinhos do Miguel já estavam fechando.

Saí do quarto na ponta do pé.

— Pelo visto ele demorou a dormir, né? — minha mãe perguntou assim que cheguei na sala.

— Demorou. Fernando ainda ligou e eles ficaram conversando.

— Está tudo bem?

— Está, dona Márcia... — respondi, sentando ao seu lado no sofá.

— Parece pensativa.

— Não é nada. Sabe quem eu encontrei hoje no teatro?

— Quem?

— O João. De novo.

— Que tanto ele faz nesse teatro? Tá com filho? Enteado?

— Que eu saiba, não. Te contei que ele está solteiro. Hoje ele estava um pouco estranho, levei até um susto quando esbarrei com ele.

— Por quê?

PERIGOSAS ACHERON

— Ele disse que estava atrás de mim. Pediu meu número, disse que quer marcar um bate papo com as primas dele, a Vitória e a Cecília. Me elogiou o tempo todo... sei lá, eu não gostei muito. Você acha que fiz mal em ter passado meu número?

— Mas ele deu em cima de você? Falou alguma gracinha?

— Não. Só ficou dizendo que estou ainda mais linda agora, que o Fernando é um homem de sorte... essas coisas.

— Não acho que fez mal em ter passado o número, filha. Mas evita ficar trocando mensagens, caso ele mande algo.

— Claro, né, mãe? A minha intenção não é ficar trocando mensagens com ele, eu só fiquei animada pra rever as primas dele, principalmente a Cecília.

Nossa conversa fluiu e fomos deitar quase duas horas da manhã.

Os dias passaram e, na quarta-feira à tarde, Fernando voltou. Voltou até antes do que eu esperava. Na maioria das vezes ele acabava me

PERIGOSAS ACHERON

fazendo surpresas. Fiquei feliz.

Jantamos juntos, em casa mesmo, e conversamos sobre tudo enquanto Miguel se distraía com o presente dado pelo pai. Um carrinho de controle remoto.

Estávamos só nós dois ali, já que minha mãe tinha ido para o meu antigo apartamento, que meu pai, meses atrás, fez questão de comprar. Ela foi lá para arrumar algumas coisas e já tinha avisado que ficaria por lá mesmo.

Depois de colocarmos a louça na pia, Fernando colou seu corpo no meu e perguntou no meu ouvido:

— Será que posso dormir aqui hoje?

Sorri e me arrepiei na mesma hora.

— Acho que pode.

Nos beijamos e nos agarramos ali mesmo, mas não tínhamos tempo de ir além. Nosso menino estava na sala.

Muito mais tarde, Fernando já não estava mais aguentando brincar com Miguel. Estava bem cansado.

— Amor, posso te esperar na cama

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto você coloca o Miguel pra dormir? — perguntou se levantando, depois de muita brincadeira no tapete.

— Tudo bem. — Coloquei a boca perto do ouvido dele. — Mas não dorme, não. Tenho uma surpresinha pra você — falei baixo.

Mexendo nas minhas coisas, encontrei uma *lingerie* linda, vermelha, com alguns detalhes em renda e bem novinha. Comprei e deixei esquecida no armário, ainda estava com etiqueta.

A noite estava perfeita para usá-la.

Fernando deu uma piscadinha e aquele sorrisinho de lado. Ele ainda beijou o filho, deu boa noite e entrou.

— Miguel, vamos deitar. Tá na hora! — chamei.

— *Mamanco* num *qué*...

— Ah, o *Mamanco* quer sim! Já está tarde e a gente precisa dormir, descansar...

Miguel ainda me enrolou muito. Devo ter ficado mais de quarenta minutos no quarto dele! Assim que meu pequeno bagunceiro finalmente dormiu, corri para recuperar o tempo perdido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fui ao quarto de hóspedes, onde eu ainda guardava algumas roupas, e peguei a *lingerie* que tinha escondido lá. Já queria chegar no quarto pronta para *o ataque*.

Vesti todas as peças em frente ao espelho e passei um batom rosa choque, já que o vermelho que eu queria não estava por ali. Ajeitei o cabelo e, mesmo sem grandes produções, gostei do que vi.

Apesar de *inchada*, como minha mãe fazia questão de dizer que eu estava, eu me olhei e achei que meu corpo estava exatamente como eu queria que estivesse. Eu não malhava sempre, só caminhava e corria na orla, mas isso já ajudava a manter tudo no lugar.

Meu cabelo era meu xodó, liso e bem longo, um castanho claro com as pontas queimadas de sol. Eu amava colocá-lo todo de lado, e Fernando também gostava quando eu fazia isso. E para completar a produção, coloquei um salto.

Abri a porta do meu quarto devagar. A televisão estava ligada e era a única coisa que iluminava o ambiente. Entrei devagar, tentando ser *sexy*, mas desisti da tentativa assim que concluí que Fernando já estava no décimo sono.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estava esparramado na cama. Quando cheguei mais perto, vi que até babando ele estava. Devia estar muito cansado!

— Não foi dessa vez... — sussurrei, me jogando na poltrona ao lado da cama.

Foi um tanto quanto... decepcionante. O fogo e a vontade saíram correndo daquele quarto. Só restou eu, jogada na poltrona, e Fernando babando na cama.

O único jeito foi dormir mesmo. Troquei de roupa, joguei a lingerie na poltrona, fui até o banheiro e lavei o rosto. Que frustração!

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

No dia seguinte, acordei aos poucos e Fernando já estava terminando de se arrumar no quarto, colocando a gravata.

— Bom dia, vida. Se você estava querendo me provocar deixando essa *lingerie* aqui, conseguiu. Estou louco pra te pegar.

— Bom dia — falei me espreguiçando. — Tentei te pegar ontem, né? Mas não rolou, você estava babando quando cheguei toda *sexy* no quarto.

Fernando parou o que estava fazendo e sentou na cama, ao meu lado.

— Jura? Que mancada! Me desculpa, amor. Eu estava exausto, você demorou...

— Tudo bem. — Fiz carinho em seu braço. — O Miguel demorou a dormir. Acontece, né?

— Foi decepcionante, imagino.

— Foi, não posso negar. — Tive que concordar, afinal, foi exatamente o que pensei

PERIGOSAS ACHERON

quando o vi babando. Foi uma decepção sem tamanho! Mas sorri de lado, para não parecer aborrecida.

Ele balançou a cabeça negativamente, mas estava sorrindo.

— Miguel já acordou? — perguntei mudando de assunto.

— Já. Está com a Maria. Vamos tomar café?

Chegamos na sala e Miguel estava mamando, deitado no sofá. Rosa estava ajeitando a mesa do café e eu resolvi ajudá-la. Larguei meu celular na mesa e fui para a cozinha.

— Como estão as coisas entre meu casal amado? — Rosa perguntou enquanto eu pegava o suco na geladeira.

— Tudo bem, Rosinha. Com o tempo, as coisas vão melhorar cada vez mais. Você vai ver.

— Assim que eu gosto — falou sorrindo.

Quando chegamos na sala com as coisas...

— Mensagem pra você — avisou Fernando, apontando para o meu celular.

O conteúdo da mensagem era o seguinte:

"Bom dia, Manu. Comprei um presente para o meu amigo Miguel. Vai levar ele no teatro amanhã? Vou passar num escritório no segundo andar. Espero ver vocês. Beijos, João"

Depois que li, deixei o celular na mesa e não encostei mais nele. Só fiquei na dúvida sobre comentar ou não. Será que Fernando tinha lido a mensagem? Achei melhor esperar algum comentário da parte dele.

Nunca escondi nada do Nando, mas com o passar dos anos a gente aprende a poupar o relacionamento de brigas desnecessárias. Se você tem sua consciência limpa e respeita seu parceiro, o melhor é evitar ciúmes bobos. Se João começasse a chegar muito, eu mesma tomaria uma atitude e o colocaria no lugar dele.

Tomamos café calmamente e Miguel acabou dormindo na sala.

— Vamos sair hoje à noite? — ele sugeriu.

— Ótima ideia! — Me animei para o programa família.

— Então fechado! A gente se fala durante o dia para decidirmos o lugar.

Assim que terminou seu café, Fernando saiu

e não fez nenhum comentário, nem mesmo me pareceu aborrecido. Simplesmente nada. Então tive certeza que ele não tinha lido a mensagem.

Depois de correr na praia, fui para o escritório de casa e resolvi tudo o que Fernando havia deixado em cima da mesa. Logo após o almoço, dispensei Maria e fui para a rua com Miguel. Resolvi passar no apartamento e ficar um pouco com minha mãe.

— Por que você não deixa o Miguel comigo essa noite? — ela sugeriu quando contei que íamos sair à noite.

— Não, mãe. Tadinho do meu filhote, ele já não foi na viagem! Hoje ele vai com a gente.

— Miguel vai! — ele disse, prestando atenção no assunto.

— Isso mesmo! Miguel vai! — O puxei e dei uma mordida leve em sua bochecha.

— Eca! — falou limpando o rosto.

— Sou sua mãe, molequinho. Não pode ter nojo de mim, não! — O coloquei no chão e ele voltou sua atenção para um brinquedo. Levantei do sofá... — Vivi tanta coisa nessa sala. E já chorei muito nesse sofá! — lembrei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai dizer que nunca fez uma safadeza também?

— Não lembro, mãe! — respondi rindo.

— Não vem pagar de santa, não, Manu! — Ela tinha um sorriso divertido no rosto.

— Estou sendo sincera. Quando o Fernando veio me procurar, depois de saber da gravidez, ele estava exatamente onde você está. E eu estava em pé, bem aqui onde estou.

— E depois da conversa... transaram?

— Mãe!! Estou falando sério. Se eu já estava grávida, obviamente transamos antes...

Nós rimos.

— E eu e seu pai lá em São Paulo, achando que você estava bem aqui. Tolos!

— Mas depois ficou tudo bem.

— Você conheceu o Fernando exatamente no dia da boate? Naquela noite? Nunca tinham se visto antes?

— Nunca. Conheci naquele dia.

— Ainda me espanto toda vez que penso nisso.

— Mãe, eu conquistei o Fernando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dançando... canta uma música aí, vou te mostrar como!

— Ah, não, Manuela! Vai ficar dançando na frente da televisão? Não vou cantar nada.

— Por favor, mãe! — pedi com as mãos juntas, já rindo.

Ela revirou os olhos, mas começou a rir e cantarolar algo que não reconheci. Mostrei minha decepção com a música mal cantada, mas comecei a dançar meio desengonçada, só para brincar com ela. Joguei o cabelo, fui até o chão com o dedo na boca...

Miguel começou a rir, e minha mãe também!

— Deus do céu!! Credo! Eu teria corrido disso! — ela disse entre gargalhadas.

Me joguei em seu colo, rindo alto.

— Estou brincando, dona Márcia!

— Só pode, né? Mas aposto que lançou aquele olhar assim... — Ela fechou um pouco os olhos, como se tivesse uma miopia daquelas, e fez um bico tentando ser sensual. Eu quase engasguei de tanto rir!

PERIGOSAS ACHERON

Nossa tarde foi cheia de palhaçadas e risadas. Com isso, perdi a hora. Voltei correndo para casa quando me dei conta de que já passava das seis. Arrumar criança nunca era rápido.

Eu e Fê combinamos de conhecer um restaurante no Recreio dos Bandeirantes, bairro próximo ao nosso. O lugar tinha pula-pula, piscina de bolinhas e outros dois brinquedos. Perfeito para distrair Miguel.

Primeiro arrumei meu filhote, é claro. Toda vez que Miguel saía de calça jeans, eu achava uma fofura só. Ficava muito homenzinho.

Na hora de me arrumar, tomei banho de porta aberta e deixei Miguel vendo TV e mexendo no *tablet* ao mesmo tempo. Garantia de não sair da cama e fazer bagunça. Toda mãe tem suas estratégias.

Quando Fernando chegou, estávamos prontos. Super pontuais. Ele se arrumou na velocidade de um raio, e que bom, pois eu detestava esperar...

Chegamos no local e não estava nem cheio, nem vazio. Estava ótimo e era bem diferente. Uma iluminação baixa, muitos quadros espalhados, uma

parede só de espelhos de todos os tamanhos. Era um local bem colorido e passava um ar animado.

Pegamos uma mesa próxima aos brinquedos. Miguel já se mostrava agitado, querendo ir brincar.

— Deixa ele ir, amor — Fernando disse, vendo que o filho queria ir para a piscina de bolinhas.

Eu ficava receosa, mesmo estando bem pertinho, mas ele correu antes que eu pudesse sequer pensar.

— Filho, cuidado! — tentei dizer.

Fernando suspirou.

— Finalmente um momento tranquilo, em família — falou, pegando minha mão.

— Verdade. — Dei um beijinho em sua mão. — Amanhã devo ir ao teatrinho com Miguel. Bem que você podia passar lá, né?

— Que horas?

— Oito, oito e meia.

— Se eu não tiver reunião, passo sim.

Eu queria que Fernando fosse, para que eu pudesse apresentar João a ele. Até mesmo para que

ele não ficasse enciumado com o jantar das meninas, primas do João.

Escolhemos nossos pratos, ficamos batendo papo e olhando Miguel, que já estava se esbaldando nos brinquedos.

A noite foi muito boa, a comida maravilhosa e o lugar agradabilíssimo. O que não foi nada agradável foi o show que Miguel deu na hora de ir embora. Fernando o pegou no colo e nós saímos com ele chorando do restaurante. Estava suado de tanto brincar, mal comeu.

Quando chegamos em casa, ele ainda estava chorando.

— Pula-pula! — berrava em meio a lágrimas.

— Chega, Miguel! Levanta do chão e para com essa palhaçada! — Fernando falou sério com ele, mas Miguel não obedeceu e ficou jogado no chão. — Levanta agora!! — falou mais alto. — Entra! Vai pro seu quarto!

Eu não abri a boca, fiquei só olhando. Quando o pai falou pela segunda vez, ele levantou e entrou sozinho. Fiquei com dó, mas não me meti.

— Eu vou lá ajeitar ele pra dormir. Isso é

PERIGOSAS NACIONAIS

sono também.

— Deve ser! — ele respondeu ainda um pouco impaciente.

Quando eu já estava entrando no corredor, ele me chamou. Voltei e olhei para ele.

— Hoje eu não vou dormir — disse e me abriu um sorriso.

— Assim espero. — Sorri de volta.

Miguel estava sentado no sofá de seu quarto, mexendo num boneco, ainda choroso.

— Não... — ele já disse assim que entrei.

— Vamos tomar um banho rapidinho, Miguel. Você tá suado — falei, pegando uma roupa dele de dormir.

— Não!! — respondeu estressado.

Resolvi não o agitar ainda mais.

— Tudo bem. Dorme suado. Você quer mamar? — perguntei e ele balançou a cabeça negativamente. Sentei no sofá e o puxei para o meu colo. — Para com isso, filho. Isso é feio! Você já brincou bastante hoje. Amanhã você brinca mais. Mamãe leva você no teatro amanhã, tá?

— *Tópin?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso. Mas você tem que obedecer a mamãe e o papai. Não pode se jogar no chão. Só criança feia faz isso.

Ele foi se acalmando aos poucos, pediu para mamar, mas não quis tomar banho.

Assim que o leite da mamadeira acabou, ele apagou. Saí do quarto e, por sorte, Fernando estava bem acordado na sala.

— Ele dormiu? — perguntou.

— Sim. Que luta!

— Não gosto de brigar com ele, mas está ficando impossível não perder a paciência com essas manhas.

— É... crianças!

Ele ficou me olhando, me medindo...

— Eu não dormi. — Sorriu.

— Estou vendo. Isso é muito bom. — Sorri e Fernando largou o copo que estava segurando e veio na minha direção. — Vou trocar de roupa rapidinho — falei.

— Não vai, não.

Ele me puxou com força e me beijou de um jeito de tirar o fôlego.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pulei em seu colo e, no mesmo instante, comecei a desabotoar sua camisa. Fernando me jogou no sofá e ficou entre minhas pernas, enquanto me beijava, mordida...

— E se o Miguel acordar? — falei ofegante.

— Ele não vai acordar — respondeu depressa.

Tirei sua camisa e ele retribuiu tirando meu vestido. Nem sentimos falta da cama. Ali no sofá e no tapete matamos nossa vontade e nos entregamos como nunca.

Horas depois, fomos para o quarto e nos aprontamos para dormir. Já deitados, Fernando me chamou.

— Fala, amor.

— Promete nunca me esconder nada? — perguntou repentinamente.

Olhei para ele um tanto surpresa.

— Por que está falando isso? Eu te escondo algo?

— Acho que não — respondeu tranquilo.

— Não precisa *achar*. Você pode ter certeza. E prometo não te esconder. — Fiz um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carinho em seu rosto — Lindo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

Na sexta-feira à noite arrumei Miguel e fomos para o shopping.

A verdade é que eu já não aguentava mais aquelas músicas do teatrinho, mas Miguel simplesmente amava. Como minhas férias estavam chegando ao fim, queria fazer a alegria dele ao máximo.

Acabei não respondendo a mensagem do João, e achava melhor não esbarrar com ele. Apesar de ser um cara agradável, simpático e brincalhão, eu sentia, às vezes, algo estranho em seu olhar, nos seus elogios. Aquilo me incomodava de verdade.

Chegamos ao shopping e, depois de colocar Miguel para assistir à peça, fiquei em um cantinho mexendo no celular. Aproveitei e mandei uma mensagem para o Nando.

"Você vem no shopping, amor?"

Minutos e mais minutos ali, crianças e mais crianças. Algumas do tamanho do Miguel, outras

PERIGOSAS NACIONAIS

maiores, mães e pais com seus bebês. Definitivamente sexta-feira era o dia das crianças por ali.

Dei uma olhada no celular novamente. Nenhuma resposta do Nando.

Quando a peça chegou ao fim, Miguel ainda quis ficar brincando com uns meninos da sua idade, e eu acabei ficando de papo com as mães. Papo vai, papo vem, no meio da conversa, avistei João vindo na direção do palco. E o pior, ele estava com um embrulho e um buquê de flores nas mãos...

Aquilo não podia ser para mim!

Continuei o papo e fingi que não o vi. Obviamente, aquilo não funcionou. João chegou até nós e foi muito simpático não só comigo, mas com todas as mães.

— Cadê meu amigo Miguel? — perguntou.

— Bem ali. — Apontei.

João o chamou e Miguel logo veio todo animado. Ficou todo bobo quando João lhe deu o presente. Olhou para mim com um sorriso.

— Aqui, mãe mô.

Pedi licença às mulheres e fui o ajudar a

PERIGOSAS ACHERON

abrir.

— Como se fala, Miguel?

— *Bigado*.

— De nada, meu amigo.

João olhou para mim.

— E isso aqui é pra mamãe mô — disse, me dando o buquê.

Fiquei muito sem jeito e com certeza estava estampado na minha cara. Aquela situação toda fez eu me sentir tão mal. Será que eu estava sendo mal interpretada pelo João? Será que estava parecendo que eu queria algo? Eu nunca nem o elogiei! Sempre falei do meu marido...

— Ah... não precisava...

— Como fala, mamãe? — disse meu pequeno.

Nós rimos do abuso do meu pirralho.

— Obrigada, João — murmurei. Eu estava *muito* desconfortável.

Depois de abrir o presente, Miguel fez questão de ir mostrar para os amigos. Era um boneco grande, com três espadas diferentes.

— Gostou? — João perguntou, apontando

para as flores, assim que Miguel se afastou.

Tive que ser sincera.

— João, agradeço muito o carinho que você tem com o Miguel, agradeço o presente e o buquê, mas eu não posso aceitar. Meu marido confia em mim, mas ele pode não gostar que eu chegue em casa com flores. Prefiro aceitar só as dele.

Assim que eu terminei de falar, ele se apressou.

— Já está tudo bem entre vocês?! Ele voltou pra casa?

Aquilo me fez gelar. Como assim? Eu nunca comentei da minha crise no casamento com João. Não que eu me lembrasse, pelo menos. Nunca sequer comentei que Fernando saiu de casa por uns dias. Meu Deus! Como ele sabia daquilo?!

Não consegui conter minha surpresa.

— Como assim? De onde você tirou isso?

João passou a mão no rosto, meio desconcertado.

— Uma vez você comentou que não estavam bem. Não lembra? — Ele tentou contornar a situação.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Não lembro.

— Já tem um tempo que você comentou comigo.

Olhei desconfiada para ele.

— Que estranho... — comentei.

— Fico feliz que esteja tudo bem entre vocês — ele desconversou.

Depois do comentário, o clima pesou. Ficou tudo meio estranho. João ficou completamente esquisito e eu, muito desconfiada. Tinha algo estranho no meio daquilo tudo.

— A Cecília quer marcar o encontro para semana que vem, você pode?

— Acho que sim. Me passa o número dela, fica melhor pra combinar.

— Tá. Vou ver aqui no meu celular, um segundo.

— Tudo bem.

Miguel chegou do nosso lado, ainda animado com o presente. João guardou o celular no bolso e o pegou no colo.

— Gostou do boneco, meu amigo?

— *Gotei.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei meu celular e Fernando não tinha respondido minha mensagem. Pela hora, já não passaria no shopping. Nem se deu ao trabalho de me ligar para avisar...

— Preciso ir embora. Vamos, filho?

— Não dá tempo nem de tomar um sorvete ou comer alguma coisa?

— Hoje não, João. Te agradeço.

Ele colocou Miguel no chão.

— Tudo bem. O número da Cecília é esse aqui — disse, me passando o celular para anotar no meu.

— Obrigada. Vou falar com ela.

— Ótimo.

Nos despedimos rapidamente, mas eu não podia levar as flores comigo. Não podia e não queria.

— A intenção foi boa, mas eu não posso aceitar — falei, estendendo o buquê para ele.

— Tudo bem. Eu entendo — falou sério, tomando o buquê da minha mão.

Nos despedimos de forma seca e fui para o carro atordoada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que será que João estava pensando? Que eu largaria toda uma vida para reviver o passado com ele? Será que, para ele, eu vivia de lembranças? E o pior: como ele estava sabendo da minha vida? Aquilo estava martelando com força na minha cabeça. Eu precisava descobrir de onde ele tinha tirado aquelas informações.

Cheguei em casa e dei de cara com Fernando. Ele estava na varanda bebendo algo.

— Oi, amor. — Lhe dei um selinho.

— Demoraram.

— Papai, olha — Miguel mostrou o boneco.

— Ganhou da mamãe? — perguntou, pegando o filho no colo.

— *João...*

— Esse é o seu *velho amigo*, né? — Fernando perguntou com um tom meio estranho, desconfiado.

— Isso. Ele deu esse boneco pro Miguel.

— Muito legal, filho.

Nando colocou Miguel no chão, que entrou e ficou brincando na sala.

— Você está estranho. O que houve?

PERIGOSAS ACHERON

Fernando olhou bem dentro dos meus olhos e aquilo, por algum motivo, me arrepiou.

— Nada. Só estou muito cansado — respondeu.

— Quer que eu te faça uma massagem? — O abracei por trás.

— Adoraria, mas eu duvido que Miguel durma agora.

— Eu vou deitar com ele, assim ele acaba pegando no sono mais rápido.

— Tudo bem. Vou tomar um banho e deitar, tá? — Ele me deu um selinho e entrou.

Ainda fiquei ali na varanda pensando por um tempo.

Sei que deveria ser sincera e contar que João era um ex-namorado, que nos encontramos por acaso no teatro. Eu deveria abrir o jogo, até porque *quem não deve, não teme*.

Por outro lado, tudo estava ficando tão bem entre o Nando e eu... até chegando mais cedo ele estava. Cansado, louco para deitar, mas chegava. Ele estava mais presente. Eu não queria acabar com nossa harmonia. Ele acreditaria na minha palavra, afinal, nunca o dei motivos para desconfiar e jamais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o trairia, mas qual homem iria gostar de saber que outro elogia sua mulher e ainda lhe dava flores? Acho que nenhum. Renderia longas conversas e um baita estresse.

Miguel cortou meus pensamentos, me chamando para entrar.

Depois de fazer meu pequeno dormir, cheguei no meu quarto e Fernando estava mexendo no *notebook*.

Troquei de roupa e deitei ao seu lado.

— Quer a massagem, amor? — perguntei, lhe fazendo carinho.

— Você deve estar cansada. Deixa pra outro dia — respondeu sem tirar os olhos da tela.

— Não estou cansada.

— É que eu preciso terminar de ler isso aqui, Manu.

Sentei na cama, um pouco irritada com sua indiferença.

— O que te deu? Está estranho comigo. Ontem estava tudo tão bem.

— Por que você acha que eu estou estranho? — Ele me olhou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, ué! Responde você!

— Eu tenho motivos pra estar estranho?

Olhei séria para ele, que me olhava bem sério também.

— Não. Não tem.

— Se não tenho motivo, então não estou estranho. Só preciso ler isso aqui, é rápido.

— Tudo bem, Fernando.

Não acreditei muito na resposta dele, mas deitei, virei para o lado e tentei dormir.

Sua estranheza seria mais um problema no trabalho mesmo ou alguma desconfiança dele? Aquilo não parou de martelar na minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

Eu não sabia se era trabalho em excesso ou algum problema comigo, mas Fernando passou a semana toda estranho.

Durante o fim de semana, até fomos correr na praia juntos e, em alguns momentos, ele me beijou, contou algumas novidades da empresa, mas não estava normal. Eu conhecia meu marido. Preferi não entrar em detalhes, achei melhor não cobrar explicações, nem ficar batendo na mesma tecla, afinal, ele já estava com a cabeça cheia.

Infelizmente minha mãezinha teve que voltar para São Paulo. No dia que fui deixá-la no aeroporto, voltei chorando. Era assim sempre.

A semana foi tão corrida, que nem tive tempo de pensar naquela sexta-feira, quando João chegou com flores e deixou um assunto no ar, como se soubesse muito da minha vida.

Amanda era a única pessoa que sabia de tudo, fora minha família, e mesmo que o

encontrasse por acaso, eu sabia que ela jamais comentaria nada. Eu não sabia mais o que pensar. Sabe quando nenhuma ideia vem à mente? Eu estava assim.

Não pude focar muito nisso, com o tanto de coisas que tive para fazer. O que estava me preocupando mesmo era o silêncio do Fê.

Em uma noite, recebi uma mensagem da Cecília, prima do João. Ela queria confirmar nosso encontro na sexta. Eu ainda não tinha comentado com Fernando, mas logo faria e até o convidaria para ir junto. Confirmei com ela.

Já na sexta, tomei café com o Nando antes dele sair de casa para passar no *flat*.

Mesmo dormindo todas as noites em casa e tudo estar normal entre nós, ele ainda estava com a chave de lá, e acho que ficaria por um tempo. Alguns dias ele ficava lá trabalhando, mais sossegado. O lugar era bem ajeitado, já tinha passado lá para conhecer.

Ainda na mesa com ele, resolvo comentar sobre o programinha com as meninas.

— Amor, você vai sair tarde hoje? —

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunto, pegando um pão.

— Ih, hoje tem reunião, Mauro acabou de me mandar uma mensagem. Por quê?

— Acho que já comentei que reencontrei umas amigas, né?

— Falou por alto.

— Então, hoje elas me convidaram pra um barzinho, bater um papo... Queria que você fosse ou passasse lá. Fica ruim?

— Hm... — Ele dá um gole no suco de laranja. — Não vou garantir, Manu. Me passa o endereço por mensagem.

— Vai tentar, pelo menos?

— Vou.

Suas palavras tão secas estavam me irritando, mas eu preferia achar que era minha TPM do que realmente um problema.

Quando ele terminou seu café, me deu um beijo e saiu. Miguel ainda dormia.

Passei o dia todo com meu pequeno e combinei com Maria que ela dormiria com ele naquela noite. Brincamos no parquinho do prédio, o levei à praia no fim da tarde e até o deixei tomar

PERIGOSAS ACHERON

sorvete. Quando voltamos para casa, ele já entrou fazendo barulho com a Rosa, a chamando de *totoga*, como sempre.

— Rosa, você dá uma olhada nele pra mim, enquanto me arrumo?

— Claro, vai lá. Daqui a pouco a Maria tá chegando...

— *Malia?* — Miguel perguntou animado, como se não tivesse ficado com ela no dia anterior.

Entrei para o meu quarto e, antes de ir para o banho, mandei uma mensagem para o Nando.

"Amor, vou me arrumar pra sair. Espero que você consiga passar lá. Quando sair da reunião, me liga pra eu te explicar onde é. Te amo."

Fiquei pronta em cima da hora, mesmo que minha roupa já estivesse separada. Escolhi algo básico, ótimo para a ocasião.

Cheguei na sala e Rosa já tinha ido. Maria estava no tapete da sala, já rodeada pelos brinquedos do Miguel.

— Filho, mamãe já vai! — Dei um beijo nele e outro em Maria. — Qualquer coisa, me liga. Qualquer coisa *mesmo*. Meu celular vai ficar ligado o tempo todo!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode deixar. Não se preocupe e aproveite a noite.

— Obrigada, Maria.

Fiquei impressionada que Miguel não deu seu ataque de “Miguel vai! Miguel vai!” Meu bebê estava crescendo... ficando um rapazinho!

Cheguei na rua do barzinho e não achei uma vaga. Ainda estava cedo, mas os estacionamentos já estavam cheios.

— Que droga! — resmunguei sozinha. Eu tinha que ter saído mais cedo de casa!

Fiz uma coisa que não gostava muito e parei o carro na rua mesmo, em um cantinho que não me parecia tão errado ou proibido.

Fui em direção ao bar e a primeira pessoa que avistei foi João. Imediatamente já não gostei!

Paro na frente dele, que já me espera com o sorriso de sempre no rosto.

— Olá, boa noite — o cumprimento com dois beijinhos no rosto.

— Ótima noite! — diz animado.

— Cadê as meninas? — pergunto intrigada,

PERIGOSAS ACHERON

indo direto ao assunto.

Posso dizer que estava até um pouco irritada. Eu esperava encontrar *elas*, e não *ele* ali, ainda mais com flores de novo!

— Pra você! — Ele estende o braço, querendo me entregar as flores e ignorando minha pergunta. — Será que pode aceitar pelo menos nesse momento?

Resolvo já começar a noite sendo direta.

— Não, João! Não posso, e você sabe disso. Cadê a Cecília e a Vitória?

João suspira, já nervoso.

— Elas já vão chegar. Podemos entrar e conversar enquanto esperamos?

— Eu vou ligar pra Cecília — digo, já pegando meu celular.

Coloco em seu número e espero chamar, mas infelizmente só dá desligado.

— Manu, deixa disso, logo elas chegam! Vamos entrando. Esperamos lá dentro. Vocês mulheres sempre se atrasam...

Olho para ele desconfiada. Aquilo não estava me cheirando muito bem. Por que não

chegaram todos juntos? E para quê flores? Além do mais, eu mesma cheguei atrasada uns quarenta minutos. Será mesmo que elas chegariam *mais* atrasadas que eu?

Eu estava odiando a insistência dele em querer me cortejar, me dando flores ou soltando elogios exagerados. João não estava me tratando como um amigo trata uma amiga, como os rapazes da faculdade me tratavam... Definitivamente eu não estava gostando daquilo tudo.

Olho para dentro do local e olho novamente para João, que continua com cara de nervosismo. Em seguida, olho para a rua. Não posso ter caído em uma *pegadinha* dele, não era possível. Será que João seria tão ridículo?

— Será que podemos esperar mais vinte minutos? Se elas não chegarem, você vai embora! Pode ser? Tá bom assim? — João propõe calmamente.

Penso uns segundos antes de responder, mas dou o braço a torcer.

— Ok.

Entramos pelo barzinho, que está uma bagunça de tão cheio, com as mesas ocupadas por

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas animadas, falando alto, rindo... o lugar era bem diferente, até mesmo na decoração, com tacos, quadros antigos e muitos detalhes em vermelho.

Sentamos em uma mesa de canto com quatro cadeiras, afinal, estamos esperando as meninas chegarem. É isso que eu espero, enquanto olho em volta, tentando vê-las.

— Você ainda adora camarão? — João pergunta, sorrindo.

— Sim, mas não vou pedir nada pra comer agora. Quero só um suco.

Chamo o garçom e peço um suco de abacaxi com hortelã. João pede uma caipirinha.

— Não quer pedir uma caipirinha pra gente brindar?

— Não, obrigada. Estou dirigindo, prefiro o suco mesmo — respondo, sem esconder meu desconforto com toda a situação.

— Relaxa, Manu!

Olho a hora no meu relógio.

— Estou achando estranho esse atraso, João. Liga pra Vitória, pergunta onde elas estão!

— Tá... vou ligar — ele concorda, pegando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o celular. Presto atenção em seus movimentos e em sua expressão. — Tá chamando... — ele avisa.

— Fala que já estamos aqui!

Espero alguns segundos e ele desliga a chamada.

— Ninguém atendeu. Deve estar dirigindo. Vamos esperar só mais um pouco. Mas me conta, como está meu amigo Miguel? — ele diz rapidamente.

— Está ótimo, graças a Deus. Ficou com a babá.

— Seu marido não fica com ele sozinho?

— Lógico que fica, mas o Fernando anda um pouco ocupado com o trabalho.

— Entendo. Isso é bem complicado, né?

Resolvo mentir.

— Não é, não. Eu entendo.

— É, Manu. Você é uma mulher de ouro. Compreensiva, amiga... ele tem sorte!

— Obrigada — digo sem sorrisos.

Meu suco chega e a caipirinha também. Estou determinada a beber o suco de uma vez e me levantar para ir embora.

PERIGOSAS ACHERON

Meu problema não era sair e deixar meu filho com alguém. Acho que mães também tem o direito de sair às vezes, se distrair, isso faz bem e é normal! Mas estar em um barzinho com meu ex-namorado, com flores, papinhos tortos e me sentindo enganada era demais para mim. Dava a entender que eu estava fazendo algo errado, e eu detestava aquela sensação.

Sinto que as coisas podem piorar a qualquer momento, e com esse pensamento martelando minha cabeça, bebo o suco rapidinho, escutando algumas histórias de João, sobre sua temporada em Londres.

Termino o copo e olho o relógio. Mais de uma hora de atraso e nada das meninas!

— João — o interrompo —, eu vou embora!
— Pego minha bolsa para deixar o dinheiro do suco.

— Manuela, calma! — Ele puxa o ar. — Eu preciso te falar uma coisa.

Sinto meu corpo gelar! Fico tensa, nervosa, enjoada... não sei o que pensar. Olho para ele bem séria.

— Fala.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já sabia que a Cecília e a Vitoria não viriam — confessa.

— Explica, João — digo como uma ordem, já começando a me sentir muito irritada por ter sido enganada.

— Vou te explicar tudo.

Suspiro, balançando a cabeça negativamente. Burra! Mil vezes burra! Caí em um papinho barato. Como não pensei nisso antes? Como fui tão ingênua? Não consigo nem olhar para ele, com toda a irritação que estou sentindo. Estou incrédula. Certas atitudes esperamos de garotos novos, adolescentes apaixonados, mas João já era um homem! Pelo menos eu achava que era! A atitude dele me provou que eu estava enganada, mostrou o quanto ele ainda era imaturo!

— Eu não acredito que você foi infantil a esse ponto, João! O que você estava pensando quando armou isso tudo? Que eu iria amar esse jantarzinho? — quase grito, de tão nervosa.

— Manuela, eu sei que você não está feliz com seu casamento. Eu sei da crise de vocês. E eu penso que...

Não o deixo nem terminar a frase.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como assim?! Como você sabe tanto de mim? João, você anda me seguindo? Tá sondando minha vida? Isso só pode ser brincadeira! Você não tem que pensar nada, absolutamente nada... você só está me provando que é um moleque, um cara sem noção.

— Deixa eu me explicar! Você já está aqui, que diferença faz?

Abaixo a cabeça e sinto meu rosto queimar, como todas as vezes em que fico muito nervosa. E o pressentimento de que tudo pode piorar se reforça quando tenho a certeza de que ele sabe tudo o que anda acontecendo dentro na minha casa.

— Como você sabe da minha vida? Quem te falou essas coisas?

— Nós temos uma amiga em comum — revela. — Manuela, você não precisa passar por isso.

Meu rosto esfria no exato momento em que escuto que temos uma amiga em comum. Sinto meu corpo gelar, meu coração acelerar, e é uma sensação muito estranha, pois o corpo congela, mas as mãos já começam a suar. É uma mistura de sentimentos que nem eu sei identificar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem é você pra dizer o que eu preciso ou não? O Fernando é um cara incrível! Problemas existem para serem solucionados, e não para corrermos deles. E aliás, eu não te devo explicações da minha vida... você me enganou, mentiu pra mim. Acabou com a admiração que eu tinha por você!

— Fica calma, Manuela. As pessoas estão olhando. Eu só preciso...

— Eu não tô nem aí se estão olhando! — falo ainda mais alto. — Agora você está com vergonha? Você tinha que ter tido vergonha de fazer esse teatrinho todo! Já passou dessa idade...

— Eu fiquei tão feliz quando te reencontrei, você está uma mulher linda, madura. Quando a Laís me contou dos problemas...

— Espera aí... Laís? Laís da minha faculdade?! — pergunto incrédula.

João abaixa a cabeça, balançando-a negativamente. Ele sempre falava demais. Revelou quem tinha o ajudado a armar isso tudo.

— Responde. É a Laís que estuda comigo?

Sinto meu coração bater no ritmo de uma bateria de escola de samba, de tanta ansiedade pela resposta.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso. Sua amiga... e minha amiga também — ele revela falando baixo, ainda sem me encarar.

CAPÍTULO 15

Eu estava perplexa. Laís, minha amiga da faculdade, quem eu tanto apoiei, dei meu ombro amigo quando precisou, a defendi... essa Laís estava por aí, falando da minha vida, ajudando naquela armação barata? Que baita decepção! Traição, essa era a palavra certa para definir aquela atitude.

Eu não queria escutar mais nada. Foi suficiente. Peguei minha bolsa e passei pelas mesas feito um furacão. Fui andando rápido em direção ao meu carro, sem olhar para trás, sentindo como se, a qualquer momento, meu coração fosse sair pela boca.

Quando entrei no carro, puxei o ar e tentei me acalmar para conseguir chegar bem em casa. Eu não podia dirigir nervosa do jeito que estava.

Eu ainda não conseguia acreditar que tinha caído em uma armadilha barata daquelas. E pior, não conseguia aceitar a traição de Laís! Sempre fui

tão amiga dela, fui sincera, ajudei no que pude... no fundo, eu pensava que podia contar com ela também, por isso diversas vezes desabafei, falei tudo para ela, falei dos meus sentimentos e até da crise no meu casamento.

Como era ruim se decepcionar com alguém que você pensava que podia confiar! Como doeu! Independentemente de ter anos ou meses de amizade, não importava, amizade, para mim, era mais questão de sintonia, e eu senti tanto isso com a Laís... pena que ela me decepcionou e eu sabia que jamais conseguiria ser a mesma com ela.

Quando finalmente me senti mais calma, fui para casa. E fui decidida a contar tudo, absolutamente tudo ao Fernando.

Assim que passei pela porta da sala, reparei somente a luz da varanda acesa. Pelo horário, Miguel devia estar dormindo ou vendo desenho em seu quarto com Maria.

Cheguei na porta da varanda e Fernando estava lá com um pequeno copo na mão, ainda de roupa social.

— Oi, Fê.

Ele se virou imediatamente e me olhou.

Estava sério, parecia meio irritado.

— Me diz aí, como foi o jantar com seu amigo? — perguntou sem enrolar, colocando o copo na mesinha. Eu gelei da cabeça aos pés por sua frieza. Senti algo tão ruim, tão pesado. E ele nem me deu tempo de abrir a boca... — Vi até que ganhou flores! Voltou cedo até... — debochou.

— Fernando, não confunde as coisas... eu vou te contar tudo o que aconteceu e tudo o que vem acontecendo.

— Eu sei tudo o que anda acontecendo, Manuela. Estou sendo enganado, é isso que vem acontecendo! — falou, já sem a calma de antes.

— Não é nada disso! Eu nunca te enganei, nunca te traí!

— Não é a primeira vez que vejo você com esse cara. Você não tem ideia do quanto eu estou decepcionado, não imagina o que estou sentindo... eu não esperava isso de você.

— Espera aí, você já me viu? Como assim?!
— Agora, quem não estava calma era eu.

— Isso importa, Manuela? — perguntou exaltado.

A conversa já estava tomando outro rumo.
PERIGOSAS ACHERON

Estava se tornando uma discussão, e das feias!

— Claro que importa! Se você realmente me viu com ele, viu todas as vezes que rejeitei as flores, você viu que *nunca* rolou nada! Ou só viu o que você quis?!

— Naquele dia do shopping, eu fui até lá, eu vi, Manuela! EU VI! E eu vi hoje, não tinha mulher nenhuma com você, era o mesmo cara! Desde quando você tá mentindo pra mim? Desde quando estou sendo feito de trouxa?!

— Eu nunca te enganei, Fernando! Mesmo com todos os problemas, mesmo com sua extrema falta de atenção, eu NUNCA pensei em te trair! Então não fala besteira, não fala coisas que você pode se arrepender! — falei, já exaltada também.

Ele apenas balançou a cabeça, olhando para o nada. Eu o conhecia, ele estava nervoso, se segurando para não continuar a discussão.

Eu não acreditei que Fernando estava realmente convencido de que eu estava o traindo! O pior era saber que ele já tinha visto João me dando flores. Ele foi ao shopping naquela noite e não foi capaz de me contar, de conversar comigo. Para onde tinha ido o diálogo? Para onde foi a

maturidade? O fato de Fernando já ter nos visto e não ter dito nada era o que me deixava sem saber o que pensar.

— O que me deixa perplexa é saber que você já viu ele me dando flores, já me viu com ele e nunca falou nada! Nunca perguntou, nunca quis saber...

— Eu deveria ter perguntado ou você deveria ter me contado, Manuela?

Eu sabia que deveria ter contado, sabia disso, mas tive meus motivos para esconder.

— Pensei em poupar nós dois de brigas desnecessárias! Não estamos numa fase boa, não estamos bem... só pensei em nós. Não foi por mal.

— Não pensou em nós. No momento em que você me esconde algo, me engana e se encontra com outro cara, você não está pensando em nós.

— Eu não te enganei, Fernando! Não sou uma mulher qualquer que se encontra com um cara, eu sou *sua esposa*! Presta bem atenção na maneira que você fala comigo!

A irritação pairava entre nós. Silêncio na varanda. Triste silêncio. Péssimo silêncio. Eu estava me sentindo exausta, psicologicamente

PERIGOSAS ACHERON

exausta. Parecia que nada estava cooperando para o bem do meu casamento. Nada estava adiantando, nem mesmo a viagem. Sempre tinha algo para atrapalhar, para nos cansar, para nos fazer brigar.

A realidade é que estávamos remando contra a maré, e eu sentia que já estávamos ficando sem forças. Quando algo já não está 100%, um pingo fora do lugar já é motivo para fazer todo o resto desandar. Já não estávamos nos fazendo bem. Como fomos chegar a esse ponto, eu não sei.

— Você foi no shopping naquele dia que te chamei? — perguntei após um tempo. Ele afirmou apenas balançando a cabeça. — E por que não foi falar comigo? Eu insisti tanto pra você ir...

— Você me parecia muito bem e feliz ali com ele, não quis atrapalhar.

Meu sangue ferveu com seu deboche. Eu achei melhor entrar e pegar um copo d'água. Não queria falar coisas que eu pudesse me arrepender, e eu sabia que se retrucasse a ironia do Fernando, não daria certo.

Apoiei meu corpo na pia, com o copo na mão, e respirei fundo. Eu já não estava raciocinando direito. Que noite! Quantas

descobertas...

Meu ex era um cara louco e infantil, minha amiga era uma traíra e meu marido, ao que tudo indicava, estava me seguindo e não foi capaz nem de conversar comigo. Não que eu não tivesse a obrigação de conversar com ele também, ambos erramos. É tão estranho como algumas coisas que parecem tão bobas, às vezes se tornam monstros difíceis de domar. Será que isso queria dizer que nosso amor era fraco? Ou nós que não estávamos tendo maturidade para resolver?

Fernando surgiu na porta da cozinha...

— Tô indo — avisou.

Larguei o copo e olhei para ele.

— Indo aonde? Você acha que já está tudo resolvido? Que tudo já foi conversado?

— Estou cansado, Manuela. Cansado, decepcionado, magoado...

— Somos dois, Fernando. E estou muito surpresa.

— Surpresa? Imagine eu!

— Como você foi capaz de me seguir até o shopping e não falar comigo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já disse, você parecia muito bem, recebendo flores, eu não quis atrapalhar. Fui resolver o que depende exclusivamente de mim.

— Como assim?! — perguntei, sem conseguir me manter calma.

— Ah, Manuela, o que importa? Não tenta mudar a situação, quem me escondeu alguma coisa aqui foi *você*.

— Quero saber o que você foi fazer naquele dia! Fala!

Ele suspirou, irritado.

— Mauro me ligou quando cheguei na área do teatro, precisava de uns documentos e da minha assinatura com urgência. Isso muda alguma coisa?

— Espera aí... então você deixou de ir falar comigo pra ir encontrar o Mauro? Você não foi capaz de ir ao meu encontro, porque o Mauro tinha uma urgência por documentos. — Balancei a cabeça negativamente.

— Você não vai fazer eu me sentir culpado. O encarei no fundo dos olhos.

— Não sei nem o que dizer. Na verdade, já não tenho forças pra dizer mais nada, Fernando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou há meses tentando te mostrar, tentando falar que estamos nos perdendo, mas parece que tudo é em vão. Nem diálogo temos mais — discurssei, já chorando. — Não existe mais aquele casal que contava tudo um para o outro, não existe mais aquele Fernando atencioso, que escutava o que eu dizia, que enxergava os erros, não existe mais o casal em sintonia. Como você foi capaz de ver um cara dando em cima de mim e preferir deixar isso pra lá? Não diz que eu estava *muito bem com ele*, porque eu não estava, você viu que eu não estava confortável...

— Eu não conversei com você, mas você não conversou comigo também. Eu tentei, estou sempre tentando, Manuela. Nós já viajamos, já prometemos mil vezes melhorar, mas você preferiu...

O interrompi antes que ele pudesse me magoar ainda mais.

— Não fala que eu preferi te trair! Não fala isso! — falei bem severa. — Eu NUNCA pensei nisso! Eu errei, sim, em não ter contado sobre o João, mas nunca me passou pela cabeça ficar com ele ou qualquer outro cara!

PERIGOSAS ACHERON

— Você pode não ter feito, mas hoje você estava lá, em um restaurante com ele.

— Ele armou isso tudo, Fernando! — elevei a voz.

— Ah! Então ele te obrigou a ir lá? — Ele soltou uma risada debochada. — Manuela, eu estou sobrecarregado, cansado, exausto. Vou para o *flat*.

Fernando não estava fazendo a menor questão de conversar, da gente se entender. Aquilo era desesperador, mas eu não podia me jogar aos seus pés e pedir perdão, como se eu tivesse realmente o traído, coisa que eu não fiz.

Ele foi andando em direção à sala e pegou seu *blazer*.

As lágrimas não paravam de descer pelo meu rosto.

— Fernando, se você passar por essa porta sem me escutar, sem conversar comigo, você estará fazendo sua escolha. As coisas não se resolvem assim! — falei séria, enquanto chorava. Ele me olhou, olhou para o chão, me encarou de novo e abriu a porta. — Eu não estou te reconhecendo — murmurei.

— Eu também não estou te reconhecendo,

Manuela — retrucou e fechou a porta atrás dele.

Uma semana passou.

Laís estava fugindo de mim, como se eu fosse alguma criminosa, mas ela não teria como escapar. Na sala de aula ela teria que me encarar. Pensei muito em deixar tudo para lá, mas eu não ficaria em paz se fizesse isso. Eu precisava confrontá-la. Onde já se viu, armar algo tão absurdo sem pensar nas consequências que terá na vida da outra pessoa?! A armação deles não foi algo bobo e eu não ia esquecer.

Eu e Fernando falamos pouco durante a semana, mas ainda assim consegui contar tudo a ele. Marcamos uma conversa séria pessoalmente. Foi uma semana pesada, dolorosa, difícil. Eu me sentia muito para baixo, sem saída e sem forças, e percebi que ele também.

Estacionei na rua da faculdade e entrei determinada a encontrar Laís.

Assim que passei pela porta, a vi sentada em um canto.

— Não adianta fugir — falei em pé de frente para ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Manuela...

— Vamos lá fora *agora* — ordenei, sem dar tempo para desculpas esfarrapadas.

— O professor já vai chegar! — argumentou.

Abaixei, a olhando nos olhos.

— Nós vamos lá fora AGORA pra você me explicar *tudinho*! Ou quer se explicar aqui mesmo, pra todo mundo ouvir? — Fui bem grosseira.

Ela largou o caderno na mesa e nós saímos.

— Manu... — ela tentou começar.

— O que você tinha na cabeça quando se juntou com o João? — perguntei de uma vez. Eu estava muito irritada!

— Eu posso explicar, Manu! Calma!

— Você não tem ideia de como estou decepcionada com você, Laís. Eu confiava em você, eu te considerava minha amiga!

— Eu também tenho você como uma amiga, você foi a pessoa que mais me ajudou quando passei por aquilo tudo, sempre me disse as palavras certas, sempre me deu seu ombro. Só pensei na sua felicidade! O João não te esqueceu, o

PERIGOSAS ACHERON

sentimento dele é verdadeiro... — discursou, tensa.

— O QUÊ? — me exaltei. — Então você acha que o meu *marido* não me ama, só porque temos problemas como qualquer outro casal? Aí, depois dos meus desabafos, você se sentiu no direito de se meter na situação. É isso? — Fui sarcástica.

— Manuela, você vive triste, está sempre sozinha... até mesmo quando seu filho precisa, ele só pode contar com você! Seu marido é relapso, ele tenta camuflar a situação com viagens, jantares, mas ele não conversa com você...

Aquelas palavras me desceram rasgando de tão amargas. Ela estava usando meus desabafos contra mim.

— Não fala o que você não sabe! NÃO FALA DO FERNANDO! — me exaltei ainda mais.

— Estou falando sobre o que eu *vejo*!

— Quem foge dos problemas aqui é você, Laís! Você não encara a vida e sabe muito bem disso. Então não fala do meu casamento, muito menos do meu marido!

— E você encara tudo sozinha! Cadê ele querendo encarar com você? Eu só pensei que você PERIGOSAS ACHERON

merecia alguém de verdade. O João ficou tão feliz quando te reencontrou, ele comentou comigo e percebemos a coincidência de ser a mesma Manu. E a gente concorda que você merece ser feliz, muito feliz...

— Será que você não enxerga que não tinha o direito de fazer isso? Você não tem ideia do que essa armação ridícula me causou! — praticamente gritei. Eu estava mal, irritada, inquieta... com um nó na garganta.

— Me desculpa. Eu só achei que seria bom pra você...

— Você não tinha que ter achado nada! Tinha que ter me perguntado o que *eu* achava! — Olhei bem para ela. — Você perdeu uma grande amiga, Laís. Porque eu sou de verdade em tudo na minha vida, e eu era sua amiga, de verdade mesmo. Mas, assim como você diz que estou encarando tudo sozinha no meu casamento, encarei sozinha nossa amizade. Só eu fui amiga. Então fica aí no seu mundinho, porque eu tenho mais o que fazer.

Virei as costas e fui direto para o banheiro. Lá eu chorei, chorei e chorei. Eu não lembrava da última vez que tinha experimentado dias tão

amargos como aqueles. Minha vida estava uma montanha russa, de tantos altos e baixos, e de tão assustadora.

Lavei meu rosto e peguei meu celular. Três mensagens, duas da Amanda, uma do Fernando.

Amanda... essa sim, minha amiga de verdade, estava querendo saber como tudo estava, me contando que Fernando mais um dia não havia almoçado e parecia estar carregando o mundo nas costas.

E ele estava me avisando que passaria em casa por volta das dez da noite.

Eu não tinha condições de assistir aula nenhuma. Sabia que não podia deixar nada atrapalhar meus estudos na reta final, na cara do gol, pronta para me formar, mas naquele dia eu não era ninguém. Decidi ir para casa.

Passei pela porta da sala e me senti ainda pior. Miguel não estava em casa, tinha ido dormir com os avós. Aquele vazio me doeu, cortou, apertou.

Sentei no sofá e naquele silêncio fiquei, até a hora em que escutei a porta se abrindo. Era

PERIGOSAS NACIONAIS

Fernando. Ele acendeu as luzes e eu me ajeitei.

— Por que está no escuro? — perguntou.

— Sei lá. Esqueci de acender as luzes — respondi, reparando as olheiras dele, cada dia mais evidentes, e a barba crescendo, cada dia mais largado. Levantei. — Quer comer alguma coisa?

— Não, obrigado. Você está bem?

— *Bem* eu acho difícil. Tô levando como dá.

— Entendo. Estamos no mesmo barco.

Nos encaramos.

— Fernando...

— Eu confio em você e em tudo o que me contou, Manuela. — Eu já havia contado tudo para ele sobre João ser um ex e a mentira do encontro. — Fiquei nervoso naquele dia, não foi fácil, doeu. Eu ando nervoso, cansado, isso não é novidade, mas eu acredito em você.

— Obrigada por confiar em mim.

— Não sei o que está acontecendo com a gente, essa falta de sintonia, essas brigas diárias...

— Falta de diálogo. Quando foi que deixamos de contar tudo um para o outro? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntei, cruzando os braços.

Ele puxou uma cadeira e sentou.

— Não sei. — Seu olhar estava perdido. — Eu tenho medo de onde essas brigas podem nos levar. Xingamentos, gritos... não quero que isso aconteça nunca.

— Seria o fim de tudo. — Ficamos nos olhando.

— Eu não sei mais o que fazer, Manuela.

— Eu também não, Fernando. Isso tudo é muito difícil, porque a boca fala uma coisa, mas o coração sente outra. Sinto um vazio muito grande, ando muito triste.

— Sinto o mesmo. Às vezes penso que não estamos nos fazendo bem.

Não só eu, mas ele também ficou com os olhos marejados.

— É triste demais essa situação. Dói muito — falei de cabeça baixa.

— Dói...

— Talvez um tempo afastados, cada um na sua, seguindo a vida... — falei com o fiapo de voz que me restava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não sabia o que propor, mas Fernando tinha razão, as brigas estavam desgastando cada vez mais nossa relação. Eu não queria que chegasse a um ponto crítico. Já tínhamos passado por coisas bem ruins.

— Eu não queria que fosse assim — ele passou a mão nos olhos —, mas talvez seja a solução. Eu estou com muita coisa na cabeça, não estou sendo a pessoa que você merece.

Sequei algumas lágrimas.

— E o Miguel? — perguntei.

— Vou conversar com ele. Vou buscar ele alguns finais de semana e passar aqui durante a semana, se você não se importar.

— Claro que não.

Eu estava tentando ser forte, mas não sabia por quanto tempo ia aguentar.

Nos abraçamos apertado, como se fosse nosso último abraço de marido e mulher, e o silêncio reinou.

Um silêncio perturbador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 16

Três meses depois

Fala-se muito sobre seguir em frente. Nos últimos meses, pude perceber que, depois de uma separação, seguir não era nada fácil. Era mais difícil do que eu imaginava. Seguir em frente, para mim, foi quase impossível.

Minha vida seguia um ritmo perfeito. Pense em um ritmo que você ama, que te faz acordar feliz e animado. Essa era minha vida! E eu vi tudo se perdendo, fui escutando a música animada e feliz diminuindo cada vez mais, até que parou de vez, não restou nada. Durante três meses em que tentei seguir em frente, quem me ajudou e fez tudo caminhar foi meu filho. Para quem estava de fora, parecia fácil. Difícil era comandar e fazer tudo certo. Mas eu segui, com cinco quilos a menos e noites mal dormidas, mas segui. Com crises de choro, mas pelo Miguel, eu segui.

Fernando também estava magro, barba ainda maior que o normal, e estressado como nunca. Não estávamos bem e isso era visível para todos os amigos e familiares.

Nosso contato era normal, coisas da empresa, do Miguel... ele não deixou de ser um pai presente. Acho até que melhorou, pois se mostrava mais atento aos horários do filho e dizia todos os dias: "Miguel, papai te ama!"

Meu filhote, apesar de novinho, entendia que algo estava errado, pois nos primeiros dias me perguntava "Cadê meu papai? Vou esperar ele chegar". Como era difícil responder! Eu sentia um nó na garganta toda vez, não só por ter que explicar para uma criança de quase três anos, mas era triste responder que o papai precisou se mudar por um tempo, mas que não deixou de nos amar e, mesmo longe, estava cuidando de nós. E isso não era mentira, eu sabia que Fernando se preocupava. Rosa me contava todas as vezes que ele ligava e perguntava não só do Miguel, mas também de mim, se eu estava me alimentando direitinho, se estava focada no TCC, essas coisas. Parecia meio bobo, mas eram pequenos cuidados que demonstravam a importância que eu tinha para ele.

A verdade é que quando eu e o Nando estávamos no mesmo lugar, eu sentia o amor gritar por nós. Sentia algo tão forte, algo inexplicável, que eu penso que todas as pessoas deveriam sentir isso por alguém pelo menos uma vez na vida. Por noites e mais noites me questioneei sobre esse sentimento. Se a gente se amava tanto e sentia que era verdadeiro, onde estávamos errando? Por que estávamos separados? Por que sofrer com essa separação? Eu procurava respostas com meu travesseiro molhado, pois sempre foi ali, no meu canto, depois de cuidar de tudo, que eu desmoronava.

Laís tentou de todas as formas se desculpar, me mandava várias mensagens, queria até conversar com Fernando e admitir sua culpa, o que neguei na mesma hora. Eu a desculpei, mas deixei claro que jamais conseguiria ser a mesma. A culpa da minha separação não era dela, mas ela traiu minha confiança e esse era um caminho sem volta.

João, por sua vez, completou seu papel de moleque e sumiu, evaporou.

Com o passar do tempo, não tenho dúvidas de que fui amadurecendo e enxerguei que não

podia afundar, de jeito nenhum, nem deixar minha vida se tornar um mar de sofrimento. Era triste, sim, doía, sim, mas o tempo estava passando e eu precisava focar nos meus projetos.

Casamento da Amanda se aproximando, o final do meu curso de administração também. A empresa em BH estava a todo vapor, e não deixei de trabalhar com Fernando, por isso ainda tínhamos muito contato. Tinha dias em que eu ficava enfurnada no escritório a tarde inteira e só saía já bem tarde da noite.

Era sexta-feira à noite, noite da badalação para alguns, mas não para mim. Aproveitei que Miguel foi passear na praia com Maria, após passarmos a tarde juntos, e fui revisar meu TCC.

Eu estava tentando me concentrar ao máximo, mas o ronco do meu estômago estava me atrapalhando. Eu precisava me alimentar. Deixei o *notebook* de lado e fui até a cozinha. Aproveitei e peguei meu celular. Quatro mensagens da Amanda, mais duas ligações da mesma.

"A Larissa está no Rio, convidando a gente pra sair hoje. Vamos?"

PERIGOSAS NACIONAIS

"Ela perdeu seu número, está perguntando se você topa colocar as novidades em dia. E aí?"

"Manu!! Responde!!"

"Eu te busco ou você me busca? Não aceito desculpas hoje! Só vive enfurnada dentro de casa. Vamos sair, papear, ver gente!"

Peguei um pouco de salada de frutas com iogurte e, após voltar para a sala, liguei para ela.

— Finalmente! — foi a primeira coisa que ela disse.

— Eu estava estudando, amiga. Aproveitei que Miguel saiu com a Maria.

— Está certíssima, mas chega! Hoje vamos sair, ok?

— Não sei, Amanda. Gosto muito da Lari, mas não estou no clima, entende?

— Manuela, você não está no clima *nunca*. Para com isso! Você precisa sair um pouco, distrair a mente. Eu sou a pessoa que mais quer seu bem, você sabe, e se eu pudesse escolher, essa separação jamais teria acontecido. Não aguento te ver magra, desanimada, só pensando em trabalho e casa. Hoje você vai, sim! Vamos rir, conversar, vai ser ótimo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda é difícil... — Lá estava eu me lamentando novamente.

— Eu sei que é, estou passando por isso contigo. E justamente por saber que é difícil, quero que você se arrume, que dê boas gargalhadas e tire o foco! As coisas vão se ajeitar, mas enquanto isso não acontece, tire o foco. Deixe que o tempo coloque tudo no lugar.

Suspirei, sabendo que ela tinha razão.

— Tudo bem. Hoje você me busca aqui, pode ser?

— Claro. Nove horas eu tô aí!

— Combinado.

— Te amo. Fica bem!

— Também te amo, amiga. Obrigada.

Após desligar a chamada, terminei meu lanche e fui separar uma roupa.

Algumas poucas peças do Fernando ainda estavam no quarto, e eu evitava olhar, ainda doía. Era como olhar a rede social do ex, sabe? Você termina o relacionamento, os meses passam, aí você vai dar aquela investigada e encontra algo que te machuca. Eu bloqueio e não volto lá nunca mais,

PERIGOSAS ACHERON

detesto sentir aperto no coração. Parece uma comparação meio doida, mas era basicamente isso. Eu não abria a parte dele, passava direto para a minha.

Após o banho, peguei o celular com a intenção de mandar uma mensagem para ele contando da saída, mas lembrei que não era necessário. Como era difícil desapegar dos detalhes, dos costumes, dos pedidos do coração!

Pedi que Maria dormisse com meu pequeno. Já arrumada, passei em seu quarto.

— Mãe mô, *pincesa*... — falou assim que me viu.

— Hmmm, então a mamãe tá bonita? — Dei uma voltinha, antes de sentar em sua cama.

— Mamãe é linda.

— Você que é, meu amor. O neném mais lindo do mundo.

— Eu *apaz*, mô! — reclamou.

— Tá certo — consertei —, você é o rapaz mais lindo do mundo. — Dei um beijo em sua bochecha. — Mamãe vai sair com a dinda. Obedece a Maria, tá? Amanhã vamos à praia juntos, nadar e pegar onda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onda *glandona*...

Miguel, apesar de novinho, já adorava entrar no mar.

— Isso! Mas só pode entrar com a mamãe, né?

— É. E com o papai.

— Muito bem.

— Cadê papai? — perguntou.

— Mamãe não falou com o papai ainda, mas amanhã ele vai passar aqui pra te ver e brincar muito, tá bom?

Ele assentiu animado e, em seguida, tomou todo o leite que levei e me entregou a mamadeira. Enchi meu pequeno de beijos e saí do quarto.

No corredor, me despedi da Maria e avisei que já ia descendo.

— Tá bom. Divirta-se! Vê se distrai essa cabeça, conversa, esquece um pouco tudo o que anda acontecendo — ela me aconselhou.

— Juro que vou tentar! — Sorri. — Qualquer coisa, já sabe, me liga.

Assim que peguei minha bolsa no sofá da sala, a porta se abriu. Era Fernando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai sair? — foi a primeira coisa que perguntou, sem ao menos me cumprimentar primeiro.

— Oi... vou, sim.

Criou-se um clima meio tenso entre nós.

— Legal! — ele respondeu de forma automática.

— Você está bem? — perguntei.

— Tô. O Miguel já dormiu?

— Não, perguntou por você agorinha. Está lá no quarto.

Ele ficou me olhando, me analisando. Nem posso dizer que estava impressionado com minha produção, pois eu só estava de rímel e um batom claro, e a roupa ele já conhecia.

— Tá... vou lá. Não quero te atrasar — falou, estranho.

— Tudo bem. Amanhã vamos à praia bem cedo, se quiser ir...

— A gente combina.

Eu assenti e já estava na porta quando ele me chamou do meio da sala.

— Oi? — Virei.

PERIGOSAS ACHERON

Ele ficou me olhando novamente por alguns segundos.

— Nada — desconversou. — Divirta-se! — Ele sorriu.

Eu sabia que ele queria me perguntar alguma coisa, mas faltou coragem. Ficou óbvio.

— Obrigada. Boa noite, Nando. — Fechei a porta ainda meio tensa e pensativa.

Assim que entrei no carro, contei tudo para Amanda.

— Por que você não comentou que ia sair comigo?

— Sei lá, eu levei um susto quando o vi entrando, fiquei sem saber o que falar. Será que ele vai pensar besteira?

— Que tipo de besteira?

— Que estou indo pra farra, ou até mesmo que já conheci alguém...

— Ah! Isso não, ele te conhece, sabe que não é dessas, mas deve ter ficado enciumado, sim!

— É... — falei, sem muita certeza.

Já no bar, me dei conta de que não se

tratava de um encontro só de nós três. Larissa estava com dois amigos e o irmão que, por sinal, era lindo. Eu já tinha visto fotos dele, mas pessoalmente o cara era muito mais bonito. Um moreno alto, forte, olhos negros, barba por fazer, com traços marcantes e um sorriso branco que iluminava. Não que eu tivesse olhos para outro homem, ainda não era o caso, mas eu não era cega, e o cara tinha presença. Várias meninas estavam de olho nele, era nítido.

Apesar de não ser o encontro que eu esperava, estava divertido. Os amigos da Lari eram simpáticos e ela continuava doida e falante. Estava um mulherão, super malhada e loira. Nos poucos momentos em que ficamos só nós três, conversamos sobre a vida. Eu já não estava usando aliança e, claro, ela questionou. contei só por alto sobre o tempo que eu e Nando estávamos dando, porque se eu fosse explicar *tudo*, ficaria triste e ali não era o local apropriado. Era um lugar para rir, se distrair, escutar uma boa música, esquecer um pouco os problemas e me permitir viver e voltar a sorrir.

No auge da animação, Larissa teve uma ideia.

— Vamos pra boate aqui do lado? — chamou, empolgada.

— Vamos! — Amanda se animou na hora.

Fiquei meio ressabiada. Boate já era demais! Era para ser só um encontro de amigas...

— Gente, não sei. Vão vocês, eu tô de boa. Vou para casa, sem problemas.

— Nada disso! Vamos, sim, Manuela. Vai ser legal — o irmão dela, Luciano, insistiu. Além de lindo, ele se mostrou simpático durante toda a noite.

— É, amiga. Vamos! Um pouquinho só...
— Larissa continuou a insistência.

— Manu, você não está fazendo nada demais, não fica encucada — Amanda falou mais baixo, próxima ao meu ouvido.

— Acho melhor não — falei, mas não estava firme.

Eu até queria ir. Verdade seja dita, estava adorando a noite! Ri, conversei, falei de coisas boas e me senti bem como há meses não me sentia... mas eu tinha receio de ir e ser julgada de maneira errada. Não deveria ter esse medo, eu sei disso, não devemos viver em função das pessoas, mas eu não

PERIGOSAS ACHERON

queria fazer nada que piorasse minha situação com Fernando. Estava em uma dúvida danada.

— Vamos no banheiro comigo — Amanda chamou, depois de pagarmos a conta. Assim que entramos, ela quis saber: — Seja sincera, por que você não quer ir?

— Tenho medo de piorar minha situação com o Fernando.

— Então vou embora com você, sem problemas. Só acho que precisa deixar esse receio de lado. Você sempre foi uma mulher nota mil, sincera, amiga, nunca deu motivos pra ninguém falar de você ou desconfiar, sempre pensou na família. Agora tá na hora de pensar em você, já cansei de falar isso. — Encostei na pia, pensativa. E ela continuou... — As coisas vão se resolver, eu não tenho dúvidas, mas você não pode ficar pra baixo, enfurnada em casa, com medo de ser você por causa dos outros, emagrecendo. Você é linda, Manu. Por dentro, por fora, e o Fernando sabe disso. E ele é o único que importa.

— Você está certa. Sempre está! — Reviro os olhos, admitindo.

Amanda sempre tem os melhores conselhos,

PERIGOSAS NACIONAIS

o melhor ombro. Toda pessoa deveria ter um amor como o meu, mas além disso, toda pessoa deveria ter uma amiga como a Amanda. Ela trazia uma paz, um conforto. Sempre me colocando para cima, me deixando confiante.

— Nos divertimos, pelo menos, né? — disse lavando a mão e mudando de assunto.

— Muito! Adorei a noite, me fez bem!

— Menina, e o irmão da Larissa? — falou, afobada.

— Garota, eu reparei isso assim que chegamos!

Saímos do banheiro comentando e encontramos todos já do lado de fora do barzinho.

— Mudou de ideia? — Larissa perguntou animada.

— Acho que não. — Sorri fraco. — Desculpa, gente...

— Ah, Manu! — Ela fez bico, como uma criança mimada.

Olhei para a boate ao lado, olhei o barzinho e, do nada, sem pensar muito ou me questionar, decidi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá! Então, vamos! Logo, antes que eu mude de ideia...

Antes de entrar na boate, mandei uma mensagem para a Maria. Pela hora, ela devia estar dormindo, por isso achei melhor não ligar. Para a minha surpresa, ela respondeu imediatamente e ainda me contou algo que eu não esperava.

"Manu, está tudo bem. Miguel acordou, mamou e voltou a dormir. Eu perdi o sono e estou assistindo filme. Fernando ainda está aqui, na sala. Fui na cozinha e o peguei cochilando no sofá. Acho que alguém vai ficar te esperando!"

Estávamos quase entrando na boate, e eu quase desistindo, mas o pessoal estava tão animado que me contagiou e eu fui.

— Está tudo bem em casa? — Amanda cochichou no meu ouvido.

— Está, sim. Maria me respondeu, olha o que ela disse... — Mostrei a mensagem e ela riu.

— Acho que tem alguém enciumado, querendo fazer interrogatório.

— É... fiquei boba, nesses quase quatro meses ele nunca mais dormiu lá ou ficou até tão tarde assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A gente não precisa demorar aqui. Ficamos um pouco, depois vamos.

Concordei com o plano e guardei o celular, após responder Maria.

Continuei me divertindo, como estava no barzinho, mas acabei percebendo que estava um pouco travada. Não que eu tivesse mudado meu jeito de ser, mas o tempo passa e a gente amadurece. Quando mais nova, até mesmo no dia em que conheci Fernando, eu dançava tanto, sem vergonha, sem me preocupar... já dessa vez, me senti um pouco tímida. Não sabia explicar se era a maturidade da idade e da nova vida, ou se realmente ainda não estava super à vontade por estar "solteira" ou "quase solteira". Mas tentei não ficar me questionando muito naquele momento e me desligar.

Com o passar das horas, acho que todos foram ficando cansados de estar ali. Estava bom, música animada, mas estava muito cheio. Em comum acordo, optamos por ir embora. Deu para todos se divertirem e dançarem um pouco.

— Já que saímos mais cedo, vale uma paradinha na praia — disse Larissa, cheia das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ideias, quando saímos todos juntos.

— Você não sossega, não, garota? —
Amanda brincou.

— Vocês que estão velhas! Fazíamos isso
direto depois da aula, não lembra, não?

— É verdade... — concordei, recordando da
época em que nem conhecia Fernando.

— Uma paradinha só! — suplicou.

— Eu já estou morto — um de seus amigos
falou.

— Vamos dar uma parada rápida, só pra
relembrar os velhos tempos — Amanda sugeriu.

Assim que paramos, desci do carro. Eles
estavam muito enrolados, e nem todo mundo queria
sujar o pé na areia, mas já que eu estava ali, resolvi
chegar pertinho do mar.

— Vou molhar o pé rapidinho — avisei.

— Eu vou com você — Luciano se
prontificou.

Em um primeiro instante, fiquei
incomodada, afinal, perto do mar não estava tão
iluminado. Mas depois passou, pensei que eu é que
estava sendo chata mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Conversamos um pouco sobre o mar gelado e o barulho das ondas, e de repente ele me encarou.

— Você é muito gente boa. Não sabia que minha irmã tinha uma amiga tão legal.

Nós rimos. E eu até gostei de saber, sinal de que eu não era tão chata assim!

— Você também é. Divertido e simpático.

— Obrigado. — Ele sorriu. — Não fica chateada com a Lari, mas ela comentou que você está num processo de separação...

Olhei para o mar.

— É. Estamos dando um tempo, na verdade. Não assinamos papéis.

— Não deve ser fácil.

— Não é, mesmo. Depois de quase quatro meses, hoje é a primeira vez que consegui me distrair de verdade, rir sem forçar...

— Que bom. Fiz parte desse momento! — Ele riu e eu apenas ri também, concordando. — Não me leve a mal, mas... você não pensa em se envolver com outra pessoa? Conhecer alguém?

A pergunta me deixou surpresa. Ele estava começando a conduzir o papo para um outro lado,

mas como não foi abusado, não me senti mal. Porém, não contive minha cara de espanto e ele riu.

— Não precisa responder se não quiser — se adiantou. — Quero que termine a noite bem.

— Tudo bem. É que, pra mim, ainda é difícil pensar nisso. Eu amo meu marido. *Ex-marido*. Nem sei como falar.

— Mas vocês estão separados, certo?

— Fisicamente, sim, mas sei que ainda nos amamos muito. Só estamos em momentos diferentes. É difícil explicar.

— Entendo. É que fiquei interessado em você, mas... esquece. — Ele sorriu. — Vou torcer pra ficar tudo bem entre vocês.

— Obrigada. Um dia há de ficar, sim.

Apenas nos entreolhamos e voltamos nossa atenção para o mar.

Cheguei em casa quase quatro horas. Subi com o coração na mão, pensando em encontrar Fernando, mas ele não estava mais lá. Só encontrei Maria acordada.

— Como foi? — ela me perguntou depois que

entrei.

— Muito legal... — Me joguei no sofá. — Primeiro me senti culpada, mas depois aproveitei a noite!

— Tá certa! Fernando cochilou, levantou, foi pra varanda... — contou, rindo.

— Já tem tempo que ele foi embora?

— Umas horinhas.

— Amanhã ele vai me perguntar, tenho certeza. Pior que combinei de ir à praia com Miguel, acho que ele vai também! Ele não te perguntou nada?

— Só se você ia demorar. Falei que não sabia!

Eu e Maria continuamos o papo por mais alguns minutos, mas eu precisava deitar, e ela também! Então, após um bom banho, descansei feliz, sem arrependimentos.

No dia seguinte, acordei com meu celular tocando. O relógio ainda marcava sete horas. Olhei o visor... Fernando.

— Oi — atendi com a voz rouca de sono.

— Bom dia. Te acordei, né? Desculpa. Vai à praia que horas?

— Tudo bem. Pensei em ir às oito, naquele

quiosque de sempre, que fica mais tranquilo.

— Ótimo. Pego vocês aí, então.

Concordei e desligamos a chamada. Fui logo me arrumar, para depois acordar Miguel, arrumá-lo com calma e lambuzá-lo de protetor!

Depois de vinte minutinhos de atraso, Fernando chegou.

— Bom dia, Manu. Bom dia, filho! — ele cumprimentou assim que eu abri a porta de trás do carro para colocar Miguel na cadeirinha. — Vai nadar muito hoje?

— *Vô na onda gandona!* — falou, empolgado.

Quando sentei na frente, demos dois beijinhos. Como aquilo era estranho!

— Ontem acabei cochilando no sofá, estava muito cansado — contou. — Você chegou muito tarde? — perguntou sem enrolar.

— Não muito.

— Eu saí de lá tarde. Se você chegou muito depois, chegou tarde, sim — falou num tom de cobrança, como há meses não acontecia.

— Depende do que é tarde pra você — enrolei.

Ele não me respondeu e logo mudamos de

assunto. Fomos pelo curto caminho falando sobre o Miguel. Sua festa de três anos e a escola, que já estávamos escolhendo.

Assim que nos acomodamos nas cadeiras na areia, Fernando não aguentou. Eu sabia que ele estava remoendo aquilo. Em menos de um minuto, ele despejou:

— Você saiu com quem? Vi que não foi de carro. Foi pra onde?

CAPÍTULO 17

Por dentro, eu ri, pois tive a certeza de que ele estava encucado. Eu ia responder, mas Miguel nos interrompeu.

— Onda, papai — disse, puxando-o da cadeira — *Vamo!*

— Calma, filho. Eu e mamãe estamos conversando.

— Vai lá com ele, depois a gente conversa — resolvi deixá-lo curioso por mais um tempinho.

Ele apenas me olhou desconfiado, mas levantou e foi com o filho. O mar estava calmo, água clarinha, uma piscina, ótimo para Miguel se esbaldar.

Meu filho era mesmo muito exibido. Ficou lá do mar, nadando com o pai, me gritando, pedindo para olhar para ele, como fazia na natação. Tirei muitas fotos. Não sei exatamente quanto tempo eles ficaram no mar, são sei demoraram, mas Miguel saiu contrariado. Chegou na areia irritado,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas resmungou por pouco tempo, logo estava com seu baldinho brincando na areia.

— Será que agora você pode me contar? — Fernando perguntou, sentando ao meu lado.

— Não sei se devo — falei séria, fazendo suspense.

— Lógico que deve. Estamos superando um problema, mas você é uma mulher casada, não se esqueça — falou firme, sem sorrisos.

— Calma! Tá nervoso? — Eu estava me segurando para não rir.

— Nervoso, não. Isso é cuidado. Quando a gente ama alguém, nos preocupamos.

— Sim, cuidado, sei... — revirei os olhos, sendo irônica. — Isso, pra mim, tem outro nome. Ciúmes, conhece?

— Também, Manuela. Óbvio que ciúmes também, é claro.

— Gosto assim, de trabalhar com a verdade. — Sorri. — Eu saí com a Amanda. Fomos em um pub encontrar a Larissa, que estudou com a gente. Lembra dela?

— Acho que não.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, foi isso.

— Foi legal? — quis saber.

— Muito! Foi ótimo distrair.

— Às vezes é necessário.

Essa simples frase me despertou ciúmes também. Se ele estava concordando, sinal de que estava dando voltinhas por aí também. Ou será que minha mente estava criando isso?

— É? Tem saído também? — perguntei, intrigada.

— Você sabe que não — respondeu na mesma hora. — Ainda estou sem cabeça pra esse tipo de saída, não fico confortável.

Após minha revelação sobre a saidinha genuína de sexta, conversamos outros assuntos e definimos o tema do aniversário do Miguel. Seria do desenho “Como Treinar Seu Dragão”, o tal *Mamanco*. Nosso filho amava e ficaria bem feliz.

Então foi minha vez de entrar na água com meu pequeno. A manhã passou maravilhosamente bem, almoçamos juntos depois e, em seguida, Fernando nos deixou no apartamento. Ele achou melhor não subir, disse que ia para o *flat* ler uma papelada que não conseguiu desde a última viagem

a Belo Horizonte, e sabia que eu e Miguel iríamos dormir a tarde toda.

Eu queria ficar mais um tempinho com ele, mas não insisti. Aproveitei para descansar e organizar mais umas situações do meu TCC. Meu filhote, depois do banho, caiu em um sono profundo, estava muito cansado.

Ao cair da noite, pedi uma pizza. Para completar nosso sábado, a dinda dele chegou para comer conosco.

— Fui entregar os convites que faltavam. Não tinha como adiar, acho feio entregar muito em cima da data — comentou assim que sentou no sofá.

O convite tinha ficado maravilhoso, branco e rosa nude. Na parte da frente um laço delicado completou e ficou exatamente do jeito que ela queria. Lembro que quando ela me mostrou, fiquei emocionada.

Minha amiga estava prestes a casar. Era tão bom vibrar com ela, e participar de cada detalhe! Mesmo com todos os meus problemas, eu sentia que a felicidade dela também era minha.

— Então já está tudo certo, né?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Praticamente. Sei que até janeiro muitas coisas vão surgir, mas por enquanto tudo ok. Já pegou seu vestido?

— Ainda não, mas mandaram mensagem, fica pronto essa semana.

Outra coisa que já tinha sido definida era a cor da roupa das madrinhas. Amanda não convidou muitas, apenas cinco. O tom de rosa do vestido era o mesmo pra todas, rosa bem clarinho e delicado como a noiva.

Sentamos os três na mesa para comer a pizza e nosso assunto foi apenas sobre o casamento e sua casa nova, conquista dela e Gael. Aproveitamos para falar sobre alguns ensaios que teríamos para sua entrada. A cerimônia e a festa iriam ocorrer no mesmo lugar, um sítio lindo, com um jardim incrível. Fiquei maravilhada na época que fomos conhecer.

Já tarde da noite, quando Amanda foi embora e Miguel dormiu, eu fui para a varanda ler um pouco, tirar um momento para mim, mas mal comecei e recebi uma ligação, que até estranhei pela hora.

— Oi, Fê — atendi, pausando a leitura.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Te acordei?

— Não. Estou lendo na varanda. Aconteceu alguma coisa?

— Estou com a cabeça cheia. Li no relatório coisas que não gostei.

— Tipo o quê? Quer me mandar por e-mail?

— Depois eu mando. Não é só isso, não são só as coisas da empresa. Fico preocupado, é óbvio — ele fez uma pausa, suspirou, — mas sinto muito sua falta, Manuela. Você não faz ideia.

Suas palavras aqueceram meu coração e acabei sorrindo, sozinha.

— Também sinto sua falta, muita falta e me preocupo. Você precisa...

— Tenho medo de você conhecer alguém que te faça feliz como um dia eu já fiz, receio de você gostar da vida como ela está... — confessou, me interrompendo. — Estou parecendo um adolescente inseguro e não deveria agir assim, mas é o que sinto e precisava desabafar.

— Fernando, você não precisa se sentir assim. Hoje você mesmo falou que estamos superando um problema. Certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, mas não quero que duvide do meu amor e fidelidade, por favor, nunca duvide disso.

— Não duvido. Essa fase vai passar, só quero nossa paz de volta, nossa rotina — falei, calmamente.

Ainda trocamos palavras de carinho e conforto, mas não estendemos muito o papo.

Sempre tive a sensação do segundo semestre do ano passar ainda mais rápido. Os dias voaram e as mil coisas para resolver só aumentaram. Para completar, eu precisava estudar para as provas. Pelo menos meu TCC estava pronto e aprovado pelo meu orientador, era só esperar o dia marcado para a apresentação com meu colega de classe.

A festa do Miguel estava quase resolvida. Tema, salão, convites, buffet, só faltava as lembrancinhas. Fernando, apesar de sempre agitado, fez parte de tudo e ajudou até na escolha dos docinhos. Ele sempre pegava Miguel para passear e ia no apartamento toda sexta. Parecia aliviado quando percebia que eu não ia sair.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois do dia da praia, nós saímos mais algumas vezes juntos, em programas sempre voltados para o Miguel, mas era bom estar por perto e conversar com meu marido, mesmo que uma barreira ainda estivesse entre nós. Eu já não estava sofrendo como antes. O tempo amenizou e até me fez enxergar certos pontos que, dentro do relacionamento, eu não conseguia.

Só o que eu não estava conseguindo resolver era a saudade que sentia dele. Saudade dos seus beijos, abraços, saudade da gente na cama...

Verdade seja dita, eu estava subindo pelas paredes. Nem passava pela minha cabeça dormir com outro cara, mas também não queria resolver meus problemas com sexo. Ali, na hora do bem bom, a gente acha que tudo está resolvido. Com a convivência, percebe que não. Então eu preferia continuar dando tempo ao tempo. Mas todas as vezes que Fernando pegava no sono por alguns minutos no apartamento, eu tinha vontade de acordá-lo nua, em seu colo, o enchendo de beijos, tirando sua roupa. Ai, ai, me dava até calor só de pensar!

Justamente na semana em que minhas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provas começaram, a tia de Maria sofreu um acidente e ela precisou se ausentar por uns dias. Dei todo apoio para que ela fosse e deixei claro que se precisasse de algo, era só falar. Com isso, Fernando se mostrou ainda mais companheiro, passava no apartamento todos os dias. Ele sabia que eu precisava estudar e que dependia daquilo para me formar. Ele realmente deixou a empresa um pouco de lado e assumiu seu papel de pai naquele momento.

Quando as notas foram saindo, foi pura alegria. Não tirei nada abaixo de 8. Eu estava, aos poucos, focando em outras situações, em outras coisas e já não me sentia tão triste. Quando vi que todo meu esforço em ficar noites em claro estudando estava valendo a pena, fiquei muito feliz.

No sábado marcado para a apresentação do TCC, acordei muito cedo. Na verdade, eu mal dormi devido ao nervosismo. Me arrumei cuidadosamente, sem fazer muito barulho. Meu filhote ainda dormia como um anjo. Cheguei na sala e Fê já estava lá, assistindo televisão. Combinamos que ele ficaria com Miguel. Tomamos café juntos e ele, a todo momento, me falou palavras positivas.

PERIGOSAS ACHERON

Antes de sair de casa, ele ainda me deu um beijo na testa.

— Confio em você — falou, acariciando meu rosto.

— Obrigada. — Sorri, olhando em seus olhos.

Fui o caminho inteiro repassando tudo o que eu havia estudado.

Cheguei na faculdade quarenta minutos antes da hora marcada e minha dupla já estava lá. Fizemos amizade já no fim do período. Ele era o nerd da turma e sempre ficou mais na dele, não fez muitas amizades. Após a traição de Laís, me juntei com ele e organizamos tudo juntos. Ele era muito responsável e inteligente.

Chegamos na sala de aula e montamos nossos *banners*. Eu estava bem nervosa, já Lucas, meu parceiro, estava muito confiante, empolgado, louco para que os professores chegassem logo para começarmos.

— Manuela, fica tranquila. Tá tudo na ponta da minha língua, pode deixar que eu desenrolo — falou animado.

— Que sorte a minha — brinquei, rindo, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me considerando sortuda mesmo por ter alguém tão empenhado como dupla. Muitos não queriam nada.

Nós esperamos muito. Ficamos praticamente a manhã toda aguardando e, com isso, minha ansiedade só aumentou. Quando os três professores chegaram, inclusive nosso orientador, eu respirei fundo e pensei “seja o que Deus quiser”.

Quem já passou por isso, sabe que é um tanto tenso. Não é o fim do mundo, mas você depende somente daquilo para se formar, então tem um peso a mais. Eles não sentaram como imaginei, e alertaram logo sobre o horário. Não tínhamos todo o tempo do mundo, outros alunos também estavam aguardando para se apresentar.

Lucas iniciou e arrasou. Ele falava muito bem e teve facilidade ao explicar os questionamentos que nos foram feitos. Nosso orientador ficou calado a maior parte do tempo, mas seus colegas de trabalho nos fizeram várias perguntas. Na minha vez, então, eles extrapolaram, deviam estar vendo o nervosismo nos meus olhos. Mesmo assim, me saí bem, falei sem falhas, sem enrolar, lembrei de tudo o que li, estudei, todas as anotações, todas as noites em claro estudando, e ao

PERIGOSAS ACHERON

final ainda recebi parabéns do meu colega. Considerei nossa apresentação 10, mas faltava a palavra final dos mestres.

Eles se reuniram em um canto da sala, falaram baixo e poucas palavras, e logo nos chamaram para nos entregar a resposta final: aprovados!

Não contive minha alegria e abracei Lucas, que também ficou extremamente feliz. Após recebermos parabéns de nossos professores, saímos da sala, sorridentes e aliviados. Mais uma conquista! Depois de altos e baixos, eu tinha, finalmente, conseguido chegar ao fim do meu curso. Aquela sensação era maravilhosa, sensação de dever cumprido.

— Mandamos bem! — Lucas falou, ao se despedir. Sua noiva estava o aguardando no estacionamento.

— Muito bem! — Meu sorriso não estava cabendo no rosto.

Batemos as mãos como cúmplices e, após um abraço, ele se foi.

Peguei o telefone e, em vez de apenas mandar uma mensagem, liguei para Fernando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aprovada!! — falei com puro entusiasmo, assim que ele atendeu.

— Eu sabia! — festejou, animado. — Parabéns, Manu. Eu nunca duvidei da sua capacidade. Te admiro demais.

Fiquei ainda mais feliz.

— Obrigada, Fê. Seu apoio foi fundamental.

— Que tal comemorarmos? — sugeriu.

— Pode ser uma boa ideia... — “Principalmente se for entre quatro paredes”, pensei, mas não falei.

Abaixa esse fogo, Manuela!

— Putz! Mas hoje é a reunião lá na casa nova da Amanda!

— Nossa! Eu estou com a cabeça no mundo da lua. É hoje mesmo! — falei, tensa.

Eu tinha esquecido completamente. Amanda organizou uma pequena reunião com os amigos mais chegados, só para conhecermos seu novo lar.

— Podemos comemorar depois ou amanhã — deu a ideia.

— Acho que a comemoração pode ser lá na

PERIGOSAS ACHERON

Amanda mesmo, já vamos estar todos reunidos — falei espontaneamente.

— Hm... é que eu pensei... em algo só nós dois — falou, sem o entusiasmo de antes. — Mas se você prefere assim, tudo bem.

Eu queria, sim, ter esse momento com ele, *só com ele*. A respiração ficava até acelerada só de pensar.

— Eu quero também. A gente vê o que faz.

— Tudo bem.

Senti que ele ficou um tanto desapontado com minha resposta de antes.

Após desligar a chamada, eu já estava com a chave do carro na mão, pronta para entrar. Então Laís surgiu.

— Parabéns! Fiquei sabendo pelo Lucas que passaram. Oficialmente formada! — Sorriu, forçando uma situação.

— Obrigada, Laís — me limitei a isso.

Mesmo depois de meses, eu ainda não tinha digerido bem toda a armação em que ela se meteu.

— Você merece!

— Concordo, foi merecido. Preciso ir —

falei, antes de entrar no carro.

— Tchau. Se cuida.

— Você também.

Laís tinha tudo para se tornar uma baita amiga. Eu gostava tanto dela, já tinha aprendido a lidar com seu jeito mais reservado, gostava de conversar com ela... que pena que nossa amizade se perdeu e uma mentira estragou tudo.

Mas o dia havia começado bem demais para ficar me lamentando. Aumentei o som e fui para casa feliz da vida!

Passei pela porta da sala e reparei na mesa arrumada. Fernando tinha comprado comida japonesa. Acertou em cheio, eu cheguei cheia de fome. Fui até a cozinha e ele não estava, passei direto para o quarto do Miguel e nada também. Ele estava em meu quarto, quer dizer, *nosso* quarto.

— Ah! Chegou — disse, surpreso ao me ver. — Vim aqui pegar umas camisas que esqueci de levar para o *flat*.

— Tudo bem. Cadê o Miguel?

— Saiu com meus pais — falou, deixando as peças de roupa em cima da poltrona. — Parabéns pela conquista! — Me abraçou.

Aceitei o abraço e me deu vontade de morar ali.

— Obrigada! Por que você não convidou seus pais pra almoçar?

— Ah, eles queriam bater perna.

— Hm...

Era a primeira vez que eu e Fernando ficávamos a sós, após quatro meses separados. Estávamos sempre com Miguel, Maria, Rosa, meus sogros, ou com pessoas da empresa. Desde o dia em que decidimos dar um tempo, não tivemos um dia sozinhos. Por isso, a tensão naquele quarto estava nítida. Eu sabia que ele também estava maluco com todo esse tempo longe, eu via no seu olhar.

Joguei minha bolsa na cama, fui até o banheiro e lavei o rosto.

— Você prefere que eu vá embora? — perguntou da porta.

Olhei para ele, senti toda aquela onda de calor e percebi que não, eu não queria que ele fosse embora.

— Se você quiser, eu vou. Mais tarde a gente...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Fica! — falei, encostada na pia do banheiro.

Não sei quanto tempo durou aquela nossa troca de olhares...

— Bom, então vamos almoçar? — Mudou de assunto.

Mesmo sentados à mesa e conversando sobre outros assuntos, eu estava *com fogo*, porque olhava para meu marido e só conseguia pensar sacanagens. Eu já tinha passado do estágio de tristeza. Óbvio que não ficava satisfeita com nossa situação, mas aquele desejo louco por ele estava gritando mais alto dentro de mim.

— Há quanto tempo você não entra na piscina? — perguntou quando terminamos de comer.

— Faz tempo. Se bobear mais de dois meses.

Levantei para levar os talheres e copos para a cozinha.

— Hoje seria um bom dia pra gente curtir, né?

— Curtir o quê? — O encarei, esperando a resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A piscina, ué.

— Ah... — Dei de ombros. — Pode ser.

Fui para a cozinha ajeitar a louça e quase tive um troço quando Fernando chegou por trás e colocou a jarra de suco na pia. Ele fez de propósito, porque continuou ali. Abaixei a cabeça, mas ele não parou por aí. Jogou meu cabelo de lado e me deu um cheiro no pescoço. Aquele simples toque me fez perder qualquer sentido.

— Fê — falei, baixinho.

— Oi... — respondeu, deslizando sua mão por todo meu braço, enquanto a outra já estava embolada no meu cabelo. Virei, ficando de frente para ele. — Eu não estou aguentando mais ficar longe de você, Manuela. Não aguento mais não te tocar, não sentir teu gosto, não acordar com você... — falou com sua testa colada na minha, estava até ofegante.

Ele me colocou sentada na pia e eu entrelacei minhas pernas em seu corpo, o puxando ainda mais para mim. Nossas bocas estavam tão próximas....

Ia rolar, tinha tudo para rolar, os dois já estavam fervendo, pegando fogo, os dois em ponto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de bala, mas... a campainha tocou.

— Eu não acredito que isso está acontecendo — falou, quando já estava pronto para me beijar.

— Vai atender, que eu preciso tomar um banho gelado! — Desci da pia, desapontada.

— Eu não tenho condições de atender! — disse, apontando para baixo.

Eu ri para não chorar, porque minha vontade era sentar no chão daquela cozinha e espernear.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 18

Ajeitei meu cabelo e minha blusa. Precisei respirar fundo e me abanar várias vezes antes de ir para a sala.

Abri a porta já sabendo quem era. Escutei a voz do Miguel explicando alguma coisa para o vovô.

— Oi! — falei, animada, mesmo sabendo que estaria muito mais se estivesse agarrada a Fernando naquela cozinha.

— Mamãe! — Meu filho correu e se embrenhou nas minhas pernas.

— Boa tarde, Manu! Tivemos que voltar, ele esqueceu o famoso *Mamanco* — meu sogro explicou, entrando.

— Parabéns, minha filha! Fernando contou que sua tese foi aprovada.

Recebi um abraço carinhoso dos dois.

— Ele já foi?

— Não. Está no banheiro — respondi, rindo por dentro, lembrando que ele não tinha condições de aparecer para atender os pais.

Eles entraram e sentaram no sofá, enquanto Miguel, depois de me dar beijinhos, entrou para pegar seu boneco.

— Já almoçaram? — perguntei, antes de sentar na poltrona.

— Já, sim.

Eu achei que fosse ser uma passada rápida, dessas que a gente só entra realmente para pegar o que esqueceu, mas não foi. Meus sogros passaram o resto da tarde no apartamento. Decidiram ficar até a hora que Fernando disse que iria para o *flat* se arrumar, então desceram todos juntos, inclusive meu filhote, que passaria a noite com os avós. Mas antes, deixamos combinado que Fê voltaria para me buscar mais tarde.

Quando entrei embaixo do chuveiro, foi um alívio sentir a água gelada amenizando meu fogo. Mais um pouco, sairia fumaça! Dizer que o banho apagou completamente seria mentira, afinal, só quem poderia fazer isso era meu marido, era o único jeito. Mesmo que por diversas vezes eu tenha

PERIGOSAS NACIONAIS

refletido sobre matar esse desejo e não resolver de fato a situação, àquela altura a saudade que eu estava de seu corpo falava mais alto. E eu não sabia bem o que a noite prometia, além de uma pequena farra na casa de minha amiga. Mesmo não tendo certeza de nada, eu, malandramente, escolhi uma *lingerie* bem bonitinha e pequena. Fui preparada, né?

Nando foi super pontual, e eu já estava pronta. Entrei no carro e reparei como ele estava maravilhoso, com uma bermuda branca que eu adorava, blusa azul e sapatênis.

— Sempre linda e cheirosa — elogiou.

— Obrigada. — Sorri. — Amo essa bermuda.

— Eu sei.

— Querendo me seduzir? — brinquei.

— Quem sabe... — fez charme.

Nós rimos juntos, mas foi só isso. Embora os dois quisessem, estava claro, ninguém avançou para tentar um beijo.

— Tem certeza que quer ir pra casa da Amanda? — perguntou, quando paramos no sinal.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para ele intrigada. Ele sabia que não tinha como faltarmos, nossa noivinha ficaria desapontada.

— Tô brincando — se adiantou, antes que eu pudesse responder.

Mas eu resolvi atizar...

— A noite está só começando.

Seu olhar malicioso disse tudo. Ficou ainda mais evidente o quanto ele também queria ficar entre quatro paredes comigo. Na verdade, ele já tinha deixado claro à tarde. A tensão estava grande entre nós dois.

Fomos pontualíssimos, os primeiros a chegar. Amanda e seu futuro esposo nos receberam com abraços, eram a felicidade em forma de gente, e não era para menos. A casa era uma gracinha, com quintal grande, uma piscininha e churrasqueira, do jeito que Gael sempre quis. Eu ainda não tinha entrado na casa, eles tinham se mudado há pouquíssimo tempo e nem todos os móveis tinham ainda. Em breve, tudo estaria no lugar, mais arrumadinho. A casa era aconchegante, perfeita para os dois, e quiseram dois quartos já

PERIGOSAS NACIONAIS

pensando no futuro, quando fosse a hora de encomendar um bebezinho.

— Amiga, sua casa é linda! Adorei — elogiei, quando voltamos ao quintal, onde Fernando e Gael já conversavam animadamente.

— Ah! Obrigada. Quando bati o olho, pensei: é essa! — disse, sorridente.

— Eu lembro quando comentou. Estou muito feliz por vocês. Que venha o casamento! — Me empolguei, levantando a taça com o drinque que ela me serviu.

— Que venha! E um brinde também a você, a mais nova administradora do pedaço.

Brindamos felizes e seguimos o papo.

— Ah! E também estou feliz de ver que meu casal parece mais leve, vieram juntos, hmmm... — brincou, me lançando um olhar desconfiado.

— Também estou muito feliz por isso. Você disse tudo, estamos mais leves, embora o fogo embaixo esteja em alta, difícil de controlar — falei, fingindo me abanar.

Ela soltou uma sonora gargalhada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chama o bombeiro! — ela gritou, fazendo Fernando e Gael olharem para nós.

— Quê? — seu futuro marido perguntou.

— Nada! Assunto nosso aqui — respondeu.

Não pudemos prosseguir o papo, os convidados começaram a chegar. Amanda não convidou muitas pessoas, só os mais íntimos, basicamente as madrinhas e padrinhos. Foi ótimo para discutirmos alguns detalhes do casamento, vestidos, horário, papo totalmente diferente dos rapazes, que mais falavam de futebol que outra coisa.

No meio desses assuntos aleatórios, eu e Fernando trocamos muitos olhares. Diversas vezes o peguei me olhando. Quando eu o encarava, ele piscava, como se fosse uma paquerinha. Aquilo me deixava ainda mais ansiosa e com vontade de estar a sós com ele. Deletei todas as possibilidades de *não* rolar, pois no meio de tanto desejo, deixei tudo de lado.

Nós bebemos, comemos, dançamos, rimos e, nessa farra, nem vi a hora passar. Só me atentei ao horário quando a prima da Amanda se despediu, dizendo que precisava ir, pois passava das três.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Melhor irmos também, né? — Fernando cochichou.

— Vamos, sim.

Fui até a sala pegar minha bolsa e minha amiga entrou, tinha ido levar a prima ao portão.

— Amiga, já vou. A noite foi maravilhosa.

— Vai pra *sua* casa? — perguntou com um sorrisinho malicioso.

Eu conhecia bem aquela expressão.

— Não estou pretendendo, não — confessei rindo.

Ela deu um tapa de leve na minha bunda.

— Safadinha!

Nos despedimos de todos e fomos rumo ao apartamento. Algumas pessoas ainda ficaram lá, dispostos a amanhecer o dia com Amanda e Gael.

Fizemos o caminho quase todo em silêncio, mas só de lembrar do momento que tivemos à tarde, eu me mexia no banco daquele carro. Nós tínhamos que terminar o que começamos na cozinha e não dava para ser outro dia.

Chegamos ao portão do condomínio. Eu coloquei minha mão sobre a dele e nos olhamos.

PERIGOSAS ACHERON

— Manu, eu não sei se você quer...

— Quero ir para o *flat* — fui direta, olhando em seus olhos, sem tempo de conversinha.

— É pra já! — falou, pegando o caminho do local.

Não sei explicar o motivo, mas eu já tinha fantasiado há semanas eu e Fernando naquele *flat*, bagunçando tudo, fazendo o que podia e não podia.

Chegamos ao estacionamento e descemos normalmente, tranquilos, mas foi só até chegar ao elevador. Ele parou de um lado, me olhando, e eu do outro. Não aguentamos. Meu marido me encostou no espelho e, finalmente, nos beijamos. Um beijo desejoso, sedutor, com vontade, como se precisássemos daquilo para viver. Suas mãos começaram a circular todo meu tórax, indo até abaixo dos seios, e aquilo tudo estava fazendo meus sentidos pegarem fogo.

Sáímos do elevador nos beijando, parecendo adolescentes fogosos e sem juízo. Assim que entramos no apartamento, pulei em seu colo, arrancando minha blusa com pressa para voltar a beijá-lo. Que saudade daquele toque, daquele cheiro, daquele beijo. Que saudade daquilo tudo!

Cada carícia sua foi o êxtase para mim.

Ele sabia me levar ao clímax, sempre soube e nada havia mudado.

No domingo, despertei primeiro que Fernando. Vesti minha roupa íntima, joguei uma camiseta dele por cima e fiquei na janela olhando o mar. Estava me sentindo levíssima. Que noite! Foi simplesmente sensacional esquecer todas as questões que nos separaram e me entregar sem pensar duas vezes. Se entregar a quem a gente ama tem um gostinho diferente, né?

Não que sexo sem compromisso seja ruim. Acredito que cada um tenha seus momentos. Mas fazer com quem a gente ama, sem pudores, com carinho e intimidade, é maravilhoso. Eu não sabia como nossa situação ficaria definida, mas não queria focar nisso. As coisas estavam melhorando, Nando estava diferente em várias situações, e isso eu precisava reconhecer. Um passo de cada vez, sem atropelar nada.

— Bom dia... — Fê cortou meus pensamentos, se espreguiçando.

— Bom dia! — Sorri, virando-me para ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já tomou café? — perguntou, sentando na cama.

— Não. Acordei tem pouco tempo.

— Ótimo. Vamos na padaria aqui da esquina. Mas antes — ele me chamou com o indicador, — vem cá me dar um abraço.

Abri um largo sorriso e fui até ele. Demos um abraço tão gostoso, tão apertado e demorado... foi uma bela forma de começar o domingo!

Depois de ligar para saber como Miguel estava, descemos para a padaria. O caminho era curto, mas Fernando fez questão de pegar na minha mão, jeito que não andávamos havia um bom tempo. Após escolhermos nossos sanduíches e bebidas, sentamos. Nosso papo não foi sobre nós, falamos da viagem que ele faria no dia seguinte bem cedo, última do ano para Belo Horizonte. Mesmo com alguns problemas no último relatório, as coisas estavam caminhando bem, de certa forma. Também falamos do Natal, que já se aproximava, e da chegada dos meus pais para a data.

— Ainda nem montei a árvore de Natal, falta só uma semana praticamente! — comentei antes de dar uma última dentada no sanduíche.

PERIGOSAS ACHERON

— Também estranhei isso, logo você, que gosta de tudo enfeitado — brincou, fazendo caras e bocas.

— Vou montar hoje. — Decidi, rindo de sua expressão.

— Podemos montar juntos. Pegamos Miguel e vamos pra lá. O que acha? — sugeriu, me olhando.

Eu estava terminando meu suco e, mesmo assim, sorri. Meus olhos sorriram.

— Acho ótimo — respondi, colocando o copo na mesa.

Ainda demos uma olhada no mar antes de voltarmos para o *flat*, onde também não demoramos muito. Apenas arrumei o quarto e peguei minha bolsa. Já arrumada, fiquei esperando ele pegar a chave do carro, mas Fernando me puxou e bateu a porta. Me olhou por alguns segundos e depois me deu um beijo voraz, cheio de desejo, enquanto me apertava em um caloroso abraço. Aquilo fez meu coração disparar.

— Você é minha! — falou no meu ouvido.

Não respondi, apenas o encarei e mordi seu lábio inferior. Se tivéssemos tempo, o beijo teria

sido o início de muito mais, mas Miguel estava nos esperando, eu já tinha ligado para minha sogra avisando que estávamos a caminho.

Meu marido foi, durante o percurso todo, com uma de suas mãos em minha perna. Ele gostava de dirigir assim. Eu já estava sentindo o gostinho da nossa rotina, da nossa vida, do nosso amor, eu conseguia sentir o Fernando de antes, embora mais maduro, assim como eu também. Sentir aquilo me fazia tremendamente feliz, mesmo que nada tivesse ficado definido sobre nós, apenas o óbvio: que éramos loucos um pelo outro.

Nem chegamos a parar no portão de seus pais. Encontramos Miguel e vovô Otávio no parque do condomínio. Meu filho veio nos receber com beijos, abraços e várias novidades.

— Vovô Tatá se machucou — contou, no colo do pai.

— Se machucou, pai? — Fernando perguntou, intrigado.

Meu sogro estava morrendo de rir.

— Ô menino língua solta! — falou, brincando.

— Ah, ele é fogo! — declarei, rindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você cuidou do seu avô?

— Cuidei, papai — respondeu, se remexendo para ir para o chão.

— Pai, você se machucou como?

— Não foi nada demais, meu filho. Já estou novo em folha. Aquele velho problema de coluna, quando chegar na minha idade você vai saber.

— Você sabe que não pode ficar rolando no chão com ele...

— Não consigo dizer não pra ele — Vovô Tatá falou, admirando o neto, que já tinha corrido para o balanço.

— Mas não dá pra querer brincar de cavalinho ou luta, né? — Nando disse, preocupado.

— Verdade. E o senhor precisa se cuidar — reforcei.

Ainda ficamos mais um pouco no parque e acabamos ficando para o almoço. Não era o combinado, mas aceitamos o convite. Os dois ficaram bem felizes em ver eu e Nando juntos, mais próximos, mais sorridentes.

Na hora de ajudar com a louça, minha sogra, mesmo muito discreta, quis saber como tudo

PERIGOSAS ACHERON

estava entre nós dois. Não dava para contar com todas as letras que a noite anterior tinha sido bem quente e avassaladora, mas falei que tudo indicava nossa reconciliação e que as coisas estavam bem melhores.

— Você não imagina como eu fico feliz, Manu! — vibrou, com um sorriso no rosto.

Passamos a tarde toda papeando, foi muito agradável. Começava a anoitecer quando saímos de lá para o apartamento.

— Tá de pé montar a árvore, né? — Fernando quis saber.

— Por mim, sim, mas amanhã você não viaja bem cedo? — questionei.

— Já está tudo arrumado.

— *Ávore?* — Miguel perguntou, da cadeirinha.

— De Natal, filho. Pendurar bolinhas, papai Noel — expliquei, virando para ele.

Na mesma hora, meu sapeca abriu um sorriso. Ele já tinha me perguntado do papai Noel uma vez, pois o condomínio já estava todo enfeitado, mas quando ele perguntou, eu estava em período de prova e finalizando o TCC, acabei

PERIGOSAS ACHERON

esquecendo.

— Obaaaa! — comemorou, fazendo graça com o *Mamanco*.

Assim que chegamos na cobertura, fui buscar os enfeites para começarmos a arrumação. Não era só montar a árvore de Natal, eu gostava de tudo bem enfeitado, inclusive a varanda, que era grande e merecia uns apetrechos a mais.

Era tão bom estar com meus meninos em casa! Era maravilhoso olhar os dois trabalhando juntos, separando bolinhas vermelhas, gorros e bonecos do “bom velhinho”.

Fernando colocou a árvore na base e Miguel não perdeu tempo, começou a pendurar tudo o que via pela frente. Estávamos parecendo família de propaganda de margarina. Nossa união para enfeitar o apartamento estava tão fofa que mereceu uma foto. Diversas vezes, Fernando me abraçou, me deu beijinhos, Miguel olhava e ria, acredito que ele ainda não entendia o que era reconciliação, mas estava feliz depois de meses sem nos ver tão próximos.

Depois da árvore completamente enfeitada, faltou só a estrela no topo. Nando ergueu nosso

filhote, que encaixou direitinho o objeto e, assim, nos abraçamos, eu e os dois homens da minha vida.

Aquele domingo feliz terminou em um balde de pipoca e filme no tapete da sala, que estava linda e bem enfeitada. Nosso filho acabou adormecendo nos braços do pai, mas antes do sono vencê-lo, ele nos questionou se o papai dormiria conosco. Eu e Fernando nos olhamos, mas eu expliquei que o papai ia viajar muito cedo no dia seguinte e não tinha roupa ali para trabalhar. Não satisfeito, ele disse para o pai ir buscar e voltar, mas Nando prometeu que voltaria a dormir em casa. Essa parte ele falou me olhando olhos. Eu apenas sorri. De fato, era tudo o que eu queria e torcia muito para dar certo. Torcia pelo nosso recomeço.

Depois de colocar Miguel no quarto, voltamos para a sala. Já era tarde.

— Bom... — Suspirou. — Acho que já vou.

Ficou nítido que ele não queria ir. Se não fosse a viagem...

— O dia foi maravilhoso — falei, me aproximando e acariciando seu braço.

— A noite de ontem, o dia, foi tudo

perfeito. Isso sempre acontece quando estou com você. — Seus olhos penetraram os meus.

— Sempre acontece quando estamos juntos — retruquei de forma doce.

Fernando acariciou meus cabelos com uma das mãos e, com a outra, me puxou para si. Colou sua testa na minha, fazendo com que nossas bocas ficassem bem próximas. Não sei explicar o motivo, mas meu coração acelerou. Na verdade, sei explicar, sim. Eu estava voltando, aos poucos, a ter minha felicidade de volta. Pensar na minha família unida de novo me transbordava de alegria.

Nos beijamos apaixonadamente, devagar, curtindo cada pedacinho daquele momento, daquele toque.

Nos perdemos no tempo com aqueles beijos. Quando fui levá-lo até a porta, ele deixou claro algo que eu já sabia.

— Precisamos conversar.

— Concordo. Quando você voltar, faremos isso.

— Certo. — Nos encaramos. — Você é tudo pra mim.

— Eu amo você — declarei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava difícil desgrudar, depois de tantos meses longe. Nos abraçamos apertado e nos despedimos com um super beijo.

Depois que fechei a porta, eu parecia uma menina em início de namoro. Estava empolgada, me joguei no sofá toda boba e sorridente, e aquele sorriso não saíria do meu rosto tão cedo. O ano não tinha sido fácil, mas dezembro estava compensando com muitas coisas boas.

Eu estava sem um pingão de sono, peguei uma taça de vinho e coloquei a música Dia, Lugar e Hora, que eu achava tudo a ver comigo e com o Fê. Na verdade, muitas músicas me faziam pensar em nós e em toda nossa trajetória. Não sei quanto tempo fiquei ali escutando músicas, só sei que fui dormir bem tarde.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

Na manhã seguinte, acordei com uma mensagem carinhosa.

“Bom dia, minha linda. Quando eu voltar, vou te mostrar que posso fazer diferente. Posso e quero. Você voltará a ser a mulher mais feliz do mundo. Prometo! Te amo.”

Foi impossível não querer beijar a tela do celular, mas me segurei e vi que não tinha mais idade para isso.

“Bom dia, lindão! Nós dois podemos e vamos fazer acontecer, dessa vez não tenho dúvidas. Volta logo, para resolvermos tudo. Te amo! Boa viagem.”

Apesar de ter dormido pouco, acordei disposta, e ainda bem, pois eu já tinha combinado com Maria que até o dia 4 ela não precisaria ir. Sendo assim, eu precisava de bastante disposição para entreter meu filhote, que ainda dormia.

Cheguei na cozinha e Rosa já estava lá, deixando tudo em ordem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia! — saudei, animada.

O que uma noite de sexo não faz, né? Mas não era só isso, é claro.

— Gosto assim, animação — falou, sorrindo. — Bom dia, minha querida.

— Rosa, tenho todos os motivos pra estar feliz! Deixa eu te contar — disse, animada, puxando uma cadeira.

— Quero saber da sua faculdade. Conseguiu ser aprovada?

— Sim, essa é uma das novidades. Você não imagina o peso que saiu das minhas costas, Rosa!

— Parabéns, Manu! Eu imagino, te via louca aqui pela casa, estudando, lendo, fazendo contas, dia e noite. Foi merecido! — Parabenizou, enquanto secava o liquidificador.

— Tá achando que acabou por aí? — Sorri, fazendo suspense. — Eu e Fernando passamos a noite juntos. E o melhor, acho que agora está ficando tudo bem! Estou achando que agora é pra valer! Porque antes eu sentia uma barreira entre nós, sabe? Dessa vez estou sentindo que vai dar certo.

PERIGOSAS ACHERON

Rosa abriu seu melhor sorriso com minha segunda notícia, chegou a dar pulinhos. Ela, sim, torcia muito por nós, era nítido. Seu cuidado e carinho comigo desde o primeiro dia era algo muito especial. Todos os seus conselhos, sua paciência em me ouvir. Rosa não era apenas uma pessoa que cuidava da casa, tinha se tornado uma grande amiga, uma pessoa que eu adorava e admirava.

— Que notícia maravilhosa!! Eu não via a hora disso acontecer! Já estava reparando na aproximação de vocês, principalmente na mudança do Nando, menos estressado, falando menos de trabalho, até comigo... — Ela guardou uma panela no armário e juntou as mãos levando para cima. — Vou agradecer muito por isso.

— Ah, Rosinha! Você é demais. O que seria de mim sem seus conselhos durante todos esses meses difíceis? Só posso te agradecer pela paciência com esse casal que briga, mas se ama.

Miguel demorou a acordar, coisa rara, mas foi bom, pois ficamos mais tempo de papo na cozinha. Ri muito com Rosa e suas histórias. Ela era uma figura!

Depois de tanta conversa, fomos até a sala

e, enquanto ela começava a arrumar, abri a porta de correr da varanda. O sol brilhava forte no céu, faria um calor daqueles de queimar a cuca. O dia estava tão lindo que decidi passear com Miguel. No dia seguinte já buscaria meus pais no aeroporto, mais um motivo para encher meu coração de felicidade. Minha mãe ficaria o mês de janeiro todo, e meu pai voltaria para São Paulo logo após o casamento da Amanda, mas viria para a festa do neto.

— Rosa, não precisa se preocupar com almoço. Vou almoçar fora e vou passear por aí com Miguel — avisei quando voltei para a sala. — Vai com a gente!

— Ah, então vou. Adoro bater perna!

— Ótimo! — Fiquei feliz por ela querer ir. — Vou fazer logo a mamadeira dele e já vou me ajeitando, depois é só arrumar ele.

— Vou terminar de dar um jeito aqui rapidinho — falou, arrastando as cadeiras.

Demoramos muito a sair de casa, devido a uma ligação de um dos advogados do Mauro, e em seguida o contador. Precisavam de uma papelada que eu não estava achando nos arquivos de casa. Quase cancelei a saída para ir para a empresa, mas,

por fim, achei. Cheguei à conclusão que, por mais organizado que eu tentasse deixar o escritório, já estava precisando de uma nova arrumação. As pastas mais importantes, com valores, assinaturas e até coisas confidenciais, Fernando gostava de deixar a sete chaves em casa, mas nesse processo da filial, sempre precisavam de algo.

— Vamos?! — Agitei, chegando na sala.

Os dois só estavam me esperando. Miguel acordou tarde, mas com a corda toda.

Antes de sair do condomínio, ainda liguei para a minha sogra, mas, apesar de querer muito ir, ela já tinha compromisso. Assim que desliguei a chamada, recebi uma mensagem do Nando, avisando que tinha acabado de chegar em Belo Horizonte. No final da mensagem, ele escreveu “Já disse que estou com saudade?” e, mais uma vez, um sorriso brotou em meus lábios. Eu era muito gamada, eu sei. Confesso e aceito esse título.

Fomos direto almoçar. Com a demora para sair de casa, a fome bateu.

Conversar e estar com Rosa não era nenhuma novidade, mas naquele dia fizemos um programa muito legal e diferente do que estávamos

acostumadas.

Após o almoço em um restaurante de massas, fomos dar uma volta em algumas feirinhas, coisa que eu raramente fazia, mas adorava. Alguns bairros tinham feiras bem bacanas, com muitos enfeites e coisas para casa, mas achei até uma feira de livros. Muitos livros, de tudo quanto era tipo, de psicologia à ficção. Me perdi naquela feira e comprei logo oito, mesmo com uma estante lotada em casa, alguns ainda na fila para serem lidos, mas livro nunca é demais.

Entre uma compra e outra, recebi outras mensagens. Meu marido contou um pouco das reuniões, perguntou como estavam as coisas e disse que queria voltar logo para conversar comigo. Em alguns momentos, ficamos batendo papo por mensagem, mas não dava para prolongar muito.

Nas feiras, sei que meu filho se sentiu entediado, ficou nítido em sua carinha, mas quando chegamos ao shopping, ele amou. O restinho da tarde, ficamos olhando as lojas, lanchamos, levamos Miguel na área de jogos, e até eu brinquei, pois em alguns brinquedos ele não podia ir sozinho. Aproveitei que já estava por lá e comprei os

PERIGOSAS NACIONAIS

presentes de Natal também. Faltava apenas três dias para a data e em algumas lojas as filas estavam dando voltas, mas o jeito era encarar.

Naquele dia, todo mundo saiu ganhando. Miguel ganhou presentes, Rosa escolheu um vestido lindo, que foi meu presente de Natal para ela, e eu também acabei comprando algumas coisas para mim. Eu não era muito de gastar, mas naquele dia, gastei!

Depois de deixar Rosa em sua casa, cheguei exausta na minha. O dia tinha sido maravilhoso, mas a andança cansou a todos. Miguel nem banho tomou, chegou em casa pedindo mamadeira e dormiu com a bermuda jeans que estava. Eu tomei um banho gelado e, em seguida, peguei meu celular na bolsa. Duas mensagens do Nando e algumas da minha mãe, dizendo para eu não os esquecer no aeroporto. Como se eu fosse uma filha desnaturada!

Em uma das mensagens, meu marido me mandou uma foto, já no hotel, deitado e falando um pouco sobre seu dia. Em outra, pediu que eu escutasse uma música, "A Música Mais Triste do Ano" de Luiz Lins. Achei o nome diferente, mas fiquei bem curiosa. Fui para a sala e abri o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

notebook para tocar a música.

A canção era tão suave, e me tocou tanto, que escutei várias vezes, olhando algumas fotos nossas na tela. Até me emocionei. Talvez eu estivesse bem sensível, mas foi uma emoção boa, uma sensação gostosa, fiquei tão inspirada que, em resposta, escrevi minha versão da música para ele.

*Amor, mesmo que nosso vinho amargue,
jamais perderá o sabor.*

*As fotos podem perder a cor, mesmo assim
vou amar olhar e reviver até momentos de dor.*

*E se não te restar o calor, eu te aquecerei,
serei pra sempre teu ardor.*

*Quando a nossa música tocar, dançarei
nossos passos, jamais esquecerei nosso ritmo.*

*Não importa quantas vezes o mundo te
machuque, curarei sua dor.*

*Olha que coincidência, pois tua voz e tua
respiração também são meus sons preferidos.*

*E se um dia você esquecer de viver, serei
teu abrigo.*

*Pra sempre quero acordar com seu toque e
voz no ouvido.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Nossa vida é o que dá sentido à minha vida,
e que seja ela tudo o que nos restou.*

*Quando o cansaço chegar, estarei sempre a
postos, te ouvindo.*

Pra onde você for, eu também vou.

*Você será pra sempre o motivo do meu
sorriso.*

Falaremos juntos só de amor.

*Serei tua razão quando você perder o
sentido.*

*Aceitarei seu pior lado, e vou te mostrar
tudo o que sou.*

Te amo.... pra sempre!

Tua Manuela.

Acho que escutei a música 2334 vezes, mas
uma hora o cansaço me venceu, deitei ao lado do
meu anjo e apaguei.

Acordei na manhã seguinte com Miguel me
fazendo carinho. Não levantei imediatamente,
ficamos de chamego na cama, ele também estava
preguiçoso. Era tão bom aquele dengo pela manhã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ficamos longos minutos juntinhos.

Fomos interrompidos pelo meu celular, mas amei o motivo. Era Fernando fazendo uma vídeo-chamada. Atendemos animados.

— Bom dia! — falamos juntos, quando vimos meu amor na telinha. Estava todo arrumado, lindo como sempre.

— Como eu queria estar aí! — Sorriu. — Bom dia, meus amores.

— Vem, *papaizão*. Eu deixo!

— Que bom que você deixa, filho! Logo estou de volta. — Ele riu, fechando a porta do quarto do hotel.

— Estamos te aguardando ansiosamente — declarei.

— Você me deixou sem palavras com aquela resposta, já reli a mensagem mil vezes. Vou até trabalhar com mais vontade. Estou louco pra voltar — contou, sorridente.

— Volta! — pedi, suave. — Você me inspira! E eu amei a música. — Também sorri.

— Miguel, a mamãe é a menina mais linda que existe, né?

PERIGOSAS ACHERON

Virei a câmera para o meu filho, que estava deitado em cima do meu braço.

— A mamãe *mô é totoga* — disse, subindo em mim.

— Ah! Faz inveja no papai mesmo, seu danado! — falou, brincando.

Miguel fez umas gracinhas para o pai e nós ainda conversamos mais um pouco, até que Mauro chegou. Após acenarmos um para o outro, desligamos a chamada. Era hora de levantar.

Mais um dia bonito pela frente! O calor já estava tanto, que coloquei meu biquíni e entrei na piscina com meu filho. Era o jeito de distraí-lo durante as férias da natação e refrescar enquanto ainda estávamos em casa.

Depois de almoçarmos, fomos ao aeroporto buscar meus amores. Fizemos o percurso cantando, Miguel adorava e estava se mostrando um verdadeiro f  de sertanejo.

Peguei um pequeno engarrafamento, então cheguei atrasada. Minha mãe já tinha até enviado mensagem dizendo o terminal onde estavam. Apertei o passo, após estacionar o carro, e assim que avistamos meus pais, Miguel correu e se jogou

nos braços da avó, enquanto eu abraçava forte meu pai.

— Linda, como sempre! — me elogiou. — Que saudade, minha boneca!

O abraço do Nando era meu preferido, mas abraçar meu pai era sensacional. Também agarrei minha mãe, e a enchi de beijos.

— Minha filha, você está mais magra — reparou, me analisando.

— Isso é pra você não falar que estou *inchadinha* — recordei de sua última visita.

— Mas estava mesmo, ué! — Ela era demais.

Apenas rimos de sua sinceridade e fomos em direção ao carro. Meu pai foi beijando o neto o tempo todo, e optou por ir no banco de trás com Miguel.

— Empolgados para o ano novo? — perguntei, sem tirar minha atenção do trânsito.

— Então, filha — meu pai começou, — o Laerte nos convidou para passar na casa dele em Mangaratiba. As filhas vão com os netos, vai ser um festão, sabe que a família dele é grande, né? Só eles já são um evento...

Laerte era um grande amigo do meu pai, eu brincava com as filhas dele quando mais nova. Olhei para meu pai pelo retrovisor, já estava desconfiada daquele papinho.

— Hm... e aí?

— Deixa que eu falo, seu pai enrola muito — minha mãe não aguentou. — Estávamos pensando em passar a meia-noite lá e depois irmos para Angra.

— Mas é longe, gente, vocês teriam que pegar o barco para chegar. Não tem cabimento. — Dei uma rápida olhada, novamente, em meu pai. — Eu não vou ficar chateada se vocês quiserem passar o ano novo lá. Nesses últimos anos passamos todos juntos, vocês merecem visitar amigos, ir em festas...

— Ah, Manu, mas queremos estar com você, com Miguel. — Ele se mostrou um pouco desconfortável com a situação.

— Pai, eu vou ficar preocupada de vocês saírem tarde de Mangaratiba, não é uma ideia legal, prefiro que vocês fiquem por lá e dia 1º a gente comemora.

— Tem certeza?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho. Não vou ficar chateada, nem Fernando. Prometo — fui sincera. — Mas, sendo assim, quero que vocês durmam lá em casa durante esses dias.

— Ah, filha, vamos incomodar vocês, que já estão se acertando, precisando de um momento, sendo que temos apartamento aqui. Agora eu que digo, sem cabimento — minha mãe, nervosinha, opinou.

— Nada disso! Faço questão, pelo menos até o Natal, preciso matar a saudade!

Meu pai abraçou Miguel.

— Nem fala em saudade... — se derreteu.

— E eu queria te pedir uma coisa — dona Márcia começou, com cara de boazinha, já querendo me convencer antes de pedir. — Se formos mesmo para a casa do Laerte, deixa o Miguel ir com a gente?

Eu não estava esperando um pedido daqueles. Não que fosse algo absurdo, mas eu não sabia se estava preparada para responder naquele momento, ainda mais sem falar com Fernando.

— Miguel vai! — Foi só escutar seu nome, que ele se pronunciou.

PERIGOSAS ACHERON

— Mãe... não sei — respondi, ressabiada.
— Preciso pensar, conversar com o Nando, não dá pra decidir sozinha.

— Eu sei, filha. Pensa e depois conversa com ele. Sabe que pode confiar em nós.

— Sei, sim. — Eu já estava pensativa.

Meu pai logo puxou outro assunto e fomos atualizando as novidades durante o percurso. Eu queria ter parado para lanchar, mas eles preferiram deixar a mala em casa e se organizar no quarto, e depois sairíamos para jantar. Nesse meio tempo, contei um pouco de como estava sendo o dia para o Nando. Aproveitei para deixar claro que estava feliz por saber que no dia seguinte ele já estaria de volta. Era tão bom pensar em sua chegada...

Após guardar minha bolsa no quarto, voltei para a sala e encontrei Miguel com as perninhas enroladas na cintura da minha mãe, os dois dançando sertanejo agarradinhos.

— Eita coisa boa, hein? — falei, sorrindo.

— Ô, se é... — vovó coruja respondeu, sem desgrudar.

Deu para colocar o papo em dia e responder as perguntas curiosas sobre minha relação. Minha
PERIGOSAS ACHERON

mãe tinha fé que tudo iria ficar bem, já meu pai era mais cabreiro. Não que ele não quisesse que a gente se acertasse, pelo contrário, ele adorava Fernando, mas disse que não queria me ver triste, chorando pelos cantos, e que eu deveria ter calma, fazer as coisas sem pressa e sempre com muito diálogo.

Terminamos a noite em uma churrascaria. Chamei dona Sônia e Otávio para o jantar, e foi muito agradável passar esse tempo com todos. Faltou Fernando para completar o brinde que fizemos.

CAPÍTULO 20

A manhã seguinte despertou com um gostinho especial. O Nando estava voltando de viagem. Acordei bem cedo, mas eu já sabia que ele só chegaria à tarde. Eu ansiava pela nossa conversa, queria muito tê-lo de volta dormindo e acordando em nossa cama.

— Bom dia — cumprimentei minha mãe, que já estava acordada, lendo uma revista. Dei lhe um abraço e um beijo. — Dormiu bem? — perguntei, sentando à mesa.

— Bom dia, filha. Muito bem. Seu pai ainda está lá, roncando. — Riu, antes de dar um gole no café. — E o Fernando? Volta hoje né?

— Volta — me espreguicei e sorri.

Minha expressão mudava toda vez que eu lembrava, era mais forte que eu.

— Você ama mesmo ele, né, Manu? — Não soou como uma pergunta, e sim uma afirmação. Ela ficou me observando.

— Claro, mãe — respondi, pegando uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

torrada.

— Eu sei. Você fica diferente quando fala dele. Sempre achei, desde o início.

— Apaixonada, né?

— Isso, mas fica com um brilho no olhar, um sorriso. Você já teve uns namoradinhos, mas nunca te vi assim. Você parecia meio desapegada, sei lá.

— Mas já sofri bastante... — recordei.

— Coisa de dois dias, depois esquecia e estava em outra — retrucou. — Com o próprio João...

— Nem fala esse nome, por favor — pedi, fechando a cara. Só de lembrar, me dava ânsia.

— Enfim, eu gosto de te ver assim, com esse brilho diferente, é bom. — Sorriu.

— Você não sabe como tenho agradecido por esses dias, mãe, por tudo estar voltando ao normal, por esse brilho que você diz, que eu sinto estar voltando...

— Posso imaginar. E por imaginar tudo o que passou, fico mais feliz ainda de te ver bem.

Nosso papo da manhã foi bem amorzinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu pai e Miguel acordaram um pouco mais tarde. Fomos almoçar na praia e, já quase ao fim do almoço, recebi uma mensagem do Nando. O conteúdo não era o que eu esperava.

"Boa tarde, princesa. Vou chegar mais tarde que o previsto, acho que vou passar no apartamento só amanhã. Não fique aborrecida. Assim que eu chegar, te ligo"

Aborrecida não era a palavra certa, mas se eu dissesse que não fiquei desapontada, estaria mentindo. Criei tantas expectativas para sua chegada e... nada feito. O coração teria de aguentar mais um pouco. Acho que, mesmo sem querer, minha cara mudou na mesma hora, pois meu pai percebeu.

— Aconteceu algo, Manu? — perguntou, levantando. Já estávamos indo embora.

— Nada demais. Fernando deve voltar amanhã, só isso — contei, tranquila.

— Vai voltar só na véspera de Natal?! — Minha mãe estranhou.

— Viagem de negócios é assim mesmo, sempre surge alguma coisa em cima da hora — meu pai tentou me consolar.

PERIGOSAS ACHERON

Bem que dizem que é melhor você criar porcos, galinhas, qualquer outra coisa que não seja expectativas, porque se sentir frustrado é péssimo. No caminho para casa, fomos falando sobre outros assuntos e eu acabei distraíndo. Aquele imprevisto não era nada diante de tudo o que já tínhamos passado, eu podia esperar mais um pouco. Pelo visto, ele chegaria já para a festa natalina.

Chegamos ao prédio e passamos pela recepção, em vez de entrarmos pelo estacionamento.

— Boa tarde, Samuel — cumprimentei.

— Boa tarde, pessoal! — falou, empolgado.
— Animados para as festas?

— Estamos, sim! E você? — minha mãe respondeu com Miguel no colo.

— Eu adoro, estou sempre animado! E a Dona Manu já vai começar a ganhar os presentes hoje, hein? — disse, de uma maneira engraçada.

Estranhei aquele papo.

— Como assim? — perguntei, intrigada.

— O Seu Fernando chegou aqui com flores, tá rindo à toa! Não sou de me meter na vida de ninguém — ele era sim, mas não era maldoso, —

mas estou feliz em vê-lo por aqui novamente. Vocês formam um belo casal, sempre achei.

— O Fernando está aqui?! Chegou agora?

— O desapontamento deu lugar a uma alegria repentina.

— Tem alguns minutos.

Nosso querido porteiro tinha acabado de revelar a surpresa. E eu só pude rir, por achar engraçado, de felicidade, de alívio em saber que eu estava a um passo de abraçar meu marido.

— Ele deve ter me mandando mensagem, eu não vi — menti. — Obrigada, Samuel.

Entramos no elevador e eu vi no espelho o tamanho do meu sorriso, estava de orelha a orelha.

— A surpresa foi por água abaixo! — minha mãe comentou, rindo.

Aqueles segundos dentro do elevador pareceram longos minutos. Eu estava doida para abrir a porta da sala, sabia que ele estaria lá. Quando o elevador se abriu, tentei não parecer desesperada. Abri a porta de casa e como meu coração se alegrou ao ver Fernando com flores, sorridente, bem ali na minha frente! Minha vontade foi pular em seu colo, mas me contive pelos meus

pais. Fui abraçá-lo.

— Como é bom ter você de volta — falei, em seus braços.

— Já estava querendo me matar, né? — Sorriu, acariciando meu rosto.

— Talvez... — confessei.

Nos beijamos carinhosamente. Ele me entregou lindas rosas e também para minha mãe. Deu um forte abraço em meu pai e em nosso filho, que logo correu para seu colo.

— Eu aposto que Samuel comentou algo — adivinhou, sentando na poltrona com Miguel ainda em seu colo.

— Sim, ele falou que você chegou rindo à toa, com flores — contei.

Nós rimos, já conhecíamos nosso porteiro.

— Ele é uma figura — concluiu.

Após alguns minutos de papo na sala, eu e Fernando entramos. Antes de irmos ao escritório, fui até o quarto, seguida por ele, para trocar de roupa. Assim que ele encostou a porta, virei preparada para agarrá-lo, mas ele foi mais rápido. Me puxou pelo braço e me deu um beijo de tirar o

fôlego. Pulei em seu colo, entrelaçando minhas pernas em seu corpo, mostrando que aquilo era tudo o que eu queria!

— Te amo! — ele falava, enquanto me enchia de beijos, mordida de leve minha boca — Te amo, te amo, te amo...

— Eu não via a hora de te abraçar, te beijar, te olhar... — declarei.

Aquilo poderia até soar exagero para algumas pessoas, afinal, foram poucos dias de viagem, mas era a mais pura verdade. Eu não via a hora de Fernando chegar, estar em seus braços, receber seus beijos e apertões. Há meses eu queria isso, queria *nós*.

Nos jogamos na cama, abraçados. Rimos, aquele riso merecido, com vontade. O choro tinha ficado para trás. A saudade não torturaria mais, nem a tristeza faria morada. Eu sentia em nós dois que queríamos virar a página, ou até mesmo voltar às anteriores e consertar o que estava errado.

Eu queria muito esquecer tudo naquele momento e fazer amor com Fernando, mas sabia que não teria como, pelo menos não naquela hora. Nosso chamego na cama foi maravilhoso, mas não

era nem metade de tudo o que eu queria. Em breve teríamos mais tempo para nós.

Tínhamos algumas coisas para resolver, por isso fomos até o escritório, abraçados. Sentei de frente para o computador, ele sentou na poltrona e abriu uma pasta.

— Lembra do Pietro? Almoçamos na casa dele uma vez, dono de hotéis — comentou e eu afirmei. — Ele me mandou um e-mail faz um tempo, que só vi agora, e a secretária esqueceu de me entregar isso aqui. Acredita? — falou, segurando um envelope. — Só estou sabendo disso tudo porque hoje ele me ligou.

— O que é? — Fiquei curiosa.

— Um convite para passarmos o ano novo no novo hotel dele, lá em Búzios. Diz aqui que só terá amigos, festa de inauguração. Achei interessante — comentou, me entregando o convite.

Li que estava no nome do Fernando e também no meu. Meu marido falava bastante desse amigo, que ambos com as vidas corridas, não tinham muito tempo para se encontrar, mas lembro que quando conheci ele e a esposa, percebi que eram pessoas legais. Nando tinha contado também

PERIGOSAS NACIONAIS

que no início da fábrica, ele foi um dos que incentivou muito e o ajudou em alguns perrengues.

— Em vez de Angra, podemos ir pra lá, se seus pais quiserem. Ele insistiu muito ao telefone, disse que vamos de helicóptero, pra não ter problema com engarrafamento.

— Que amigo chique! — brinquei, rindo.
— Por mim, tá ótimo. Adoro Búzios e, mesmo sem muito contato, acho ele e a esposa simpáticos. Mas meus pais não vão...

— Ah! Sem seus pais não rola. Então mantemos Angra, sem problemas. — Ele beijou minha mão e acariciou.

— Eles nem vão passar com a gente. Na verdade, minha mãe perguntou se ficaríamos chateados se eles chegassem depois de meia-noite, pois devem passar na casa de um amigo. Falei pra ela não se preocupar, imagina o desgaste, sair de Mangaratiba, ir pra Angra, pegar o barco. Prefiro que eles passem com os amigos, deixei claro que não vamos ficar chateados.

— Bom, sendo assim, podemos ir com Pietro então. Eu, você e nosso espoleta.

— Minha mãe até pediu pra levar o Miguel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Falou para fazermos o *nosso* ano novo — falei, rindo e balançando a cabeça, recordando que ela esperou chegar em casa para falar isso. Não quis sugerir na frente do meu pai. Mãe danadinha...

Ele riu e acho até que gostou da ideia, mas seu lado pai falou mais alto.

— Será que é uma boa ideia passarmos longe dele? — Franziu a testa.

— Também não sei. Logo no ano novo... — respondi, pensativa.

Sei que meus pais cuidariam muitíssimo bem do neto, eu não tinha a menor dúvida, fora que amavam comemorar essa data com ele, mas meu coração apertava só de pensar. Fiquei muito em dúvida sobre o que fazer e senti que Fernando também ficou, apesar do safadinho ter gostado de fazermos nossa festa particular.

— Vamos pensar nisso com calma — sugeriu e eu concordei, continuando os afazeres enquanto ele me observava. Amava o carinho que ele tinha em seu olhar. — Estive pensando... — tentou falar, mas Miguel entrou no escritório, cortando nosso papo.

Sentou no colo do pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papaizão, *vamo* nadar — chamou, enquanto mexia em seu *Mamanco*.

— Quer entrar na piscina? Papai entra com você. — Fernando o abraçou.

— Agora ele quer entrar todo dia, ainda mais sem a aula de natação — comentei, sentando em frente ao computador novamente.

Meu filho veio para o meu lado e quis sentar em meu colo. Ficou fazendo brincadeiras com o pai e querendo bagunçar tudo. Enquanto tentava mexer nas coisas, e eu não deixava, por serem documentos importantes, o danado pegou meu celular e jogou no chão. Ainda não tinha parado com a mania feia de jogar as coisas. Olhei séria para ele, que me olhou também, sabendo que o tempo tinha fechado para seu lado.

— Pega o celular da mamãe agora. — falei, firme.

Ele até desceu do meu colo, mas saiu correndo do escritório.

Suspirei. Não gostava quando ele fazia essas malcriações e coisas bobas.

— Deixa pra lá — Nando amenizou.

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantei e fui até a sala, onde ele estava sentado entre meu pai e minha mãe, e o peguei pelo braço, sem machucar, é claro.

— Vovó... — ele choramingou.

— Coisa boa você não fez, né? — Minha mãe não se meteu.

Voltamos ao escritório e eu fechei a porta.

— Pega esse celular agora. Eu já falei que não se joga as coisas no chão, isso é feio. — Dei a bronca, séria.

Ele cruzou os bracinhos, ficou com um bico enorme e não queria ceder.

— Papai... — Tentou recorrer à sua última esperança.

— Faz o que sua mãe está mandando — Fernando também não interferiu.

Ele ficou dando voltas, emburrado, choramingando. Não era uma criança difícil de lidar, apesar de agitado, mas tinha umas manias feias. Ele tinha que aprender que nada, seja o que for, se joga no chão, principalmente pertences dos outros.

Foram longos minutos ali, eu e Nando

PERIGOSAS ACHERON

continuamos a conversar, assinar documentos, até que ele se aproximou e se escorou em minhas pernas.

— *Discupa*, mãe mô — pediu, me olhando com aqueles olhos de oceano.

— Eu te desculpo, sim, mas pega o celular e entrega na minha mão — mandei e, por fim, ele pegou e me entregou. — Vai fazer de novo? — O coloquei no meu colo.

— Não — respondeu e balançou a cabeça com vontade.

— Muito bem.

Ainda ganhei um abraço e um beijo. Ô, menino travesso...

Quando achei que fôssemos conversar com tranquilidade, o telefone nos interrompeu. Depois, engatamos um papo com meus pais, que pareciam querer contar *tudo* ao Fernando. Meu pai, então, falou mais que o homem da cobra, aquele era geminiano mesmo! Não saímos para jantar, pois minha mãe quis cozinhar. Já era quase meia-noite quando Miguel começou a ficar preguiçoso, enjoado, sinal de sono na área.

— Vou deitar com ele, assim ele dorme

rápido — avisei. — Já volto.

Tentei levá-lo para seu quarto, mas ele já tinha acostumado a dormir no meu, pelos meses em que dormimos juntos. Sei que foi um erro meu, mas já estava feito. Pensei que não teria problema. Após ele pegar no sono, o levaria para sua cama. Isso porque eu já tinha pensado sobre Fernando dormir em casa naquela noite.

Deitamos juntos com o quarto gelado e a luz apagada, somente o abajur iluminava. O clima estava maravilhoso. Eu estava cansada, e senti o sono chegar também, mas fui aguentando. Aguentei até onde deu, o que não foi muito tempo. Apaguei com Miguel. Acordei horas depois e uma onda de felicidade invadiu meu coração instantaneamente quando abri os olhos. Fernando estava deitado na cama, ao nosso lado.

No dia 24, acordei primeiro que os dois e saí do quarto na pontinha do pé. Tomei café na cozinha mesmo, ninguém tinha levantado ainda. Eu sentia aquela casa completa sabendo que Fernando estava em nosso quarto.

Geralmente a véspera de Natal era agitada na cozinha, mas em nossa casa, desde que

passamos a encomendar a ceia em um restaurante do bairro, as coisas ficaram mais tranquilas. Nos preocupávamos mais com a decoração, toalha de mesa, taças, pratos decorados. Nada que precisássemos começar tão cedo.

Voltei para a sala e logo meu amor surgiu. Aquele rostinho amassado de sono era uma das minhas visões prediletas.

— Bom dia! — saudei, animada.

Ele suspirou e sorriu.

— Acordar e te ver torna meu dia não só bom, mas *ótimo*.

Ele tinha acordado inspirado e eu amava esse seu jeito. Ele me abraçou apertado, me tirando do chão e fazendo com que eu ficasse nas nuvens. Naquele momento, pensei até que seria o dia perfeito para que déssemos uma saída para falar sobre nós, sem interrupções, mas me enganei. Marcelo, dindo do Miguel, chegou com sua esposa para entregar presentes e ficar um tempo com o afilhado.

Obviamente demos toda nossa atenção a eles. Com isso, uma coisa puxou a outra, bate papo, ajeitar roupas, ligar para restaurante, pequenas

coisas que fazem a hora voar. Quando nossa encomenda chegou, ajeitamos a mesa, deixando talheres e pratos em ordem, e colocamos o restante dos presentes embaixo da árvore. Marcelo e Carol foram embora à tardinha e, assim, nosso dia passou. Muito bom, com carinho, mas sem tempo de conversa a sós.

Já à noite, depois que terminei de dar banho em Miguel, Nando chegou dizendo que vestiria ele para eu poder me arrumar. Eu achava engraçado a gente se produzir tanto para ficar em casa, conversando e comendo. Parecia até noite de eliminação no *Big Brother Brasil*, mas no fundo, eu gostava.

Já estava borrifando meu perfume quando meus amores entraram no quarto. Os dois de bermuda jeans, sapatilha masculina e camisa vermelha. *Look* tal pai, tal filho. Fui pega de surpresa, pois já tinha separado outra roupa para Miguel.

— Que coisa mais linda! — elogiei assim que vi.

Os dois fizeram pose.

— *Apovado*, mamãe? — perguntou,

colocando a mão na cintura.

Não deu para conter as gargalhadas.

— Muito aprovado, meu amor. — Peguei Miguel no colo. — Quando você comprou essa roupa que eu não vi?

— Quando ele ficou comigo um final de semana. Acabei deixando no *flat* — contou, ajeitando o cabelo do filho.

— Adorei a produção, meninos. Estão lindos — fiz sinal de aprovação.

— Você também tá linda de árvore de Natal — Nando me zoou pelo vestido verde.

— Você é um palhaço! — reagi, rindo. — Esse vestido é lindo, tá?

Rimos juntos, um brincando com o outro.

Eu amava o Natal. Todo ano eu achava mágico, era assim desde criança e tentava passar o máximo para meu filho. Quando meus sogros chegaram, completaram a noite. Colocamos uma música e o papo rolou solto. Mesmo que eu e Fernando ainda não tivéssemos conversado, tudo parecia ótimo entre nós dois, tudo de uma leveza impressionante. Eu conseguia sentir o meu Nando, o cara que conheci e por quem me apaixonei, e essa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sensação me deixava muito feliz.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21

Durante a noite, fiquei bastante tempo ao lado do meu pai. Eu sentia tanto sua falta. Apesar de conversar mais com minha mãe, eu o admirava tanto, ele era meu exemplo, meu amor. Eu não via a hora de se mudarem logo para o Rio, para que eu pudesse estar com eles a hora que quisesse.

— Larga logo a lojinha lá, pai. Vem para cá — falei com a cabeça em seu ombro, em certo momento.

— Falta pouco, filha. Apartamento a gente já tem aqui, só preciso me preparar melhor. — Me deu um beijo carinhoso na testa.

Já próximo de meia-noite, Miguel ficou bem agitado esperando o Papai Noel, que era meu pai. Puxei meu filho para a varanda, com a desculpa de lhe mostrar um brinquedo, e o vovô saiu de fininho para se arrumar. Meia-noite, abraçamos uns aos outros, com alguns fogos que iluminaram o céu. Dei um abraço apertado em cada um e, na vez do Nando, fui surpreendida com

muitos beijos, vários, por todo meu rosto e um muito carinhoso nos lábios. Aquela paz e união eram meus presentes daquele ano.

Entramos para a sala para cear e a campainha tocou. Já sabíamos quem estava do outro lado.

— Filho, vamos lá abrir a porta, acho que é pra você — chamei.

Ele me deu a mãozinha e nós abrimos juntos. Seus olhos azuis pareciam não acreditar, ele ficou todo faceiro, rindo, feliz da vida quando viu o personagem natalino.

— Ho-ho-ho! Aqui é a casa do Miguel? — meu pai perguntou, fazendo uma voz bem grossa.

— Eu, eu, Miguel aqui! — Meu filho levantou as mãos, animado.

— Você é muito lindo, rapaz — o vô coruja elogiou.

— Cadê *pesente*? — Miguel foi direto ao assunto.

Meu pai fez uma farra com ele, pediu beijos, abraços, e nós só ríamos. Meu menino queria logo ganhar os embrulhos que estavam no grande saco vermelho, e meu pai o enrolou por PERIGOSAS ACHERON

alguns minutos. Quando finalmente entregou todos os presentes, Miguel não perdeu tempo, agradeceu e foi abrindo tudo.

— Agora eu tenho que ir — o bom velhinho se despediu.

— Fica Papai Noel, *vamo bincá*.

— Eu preciso visitar outras crianças. Mais tarde eu volto e brinco com você.

— Tá — aceitou, com uma carinha desconfiada.

Vovô Jorge encerrou sua encenação e passou pela porta com mais um *ho-ho-ho*!

— Quantos brinquedos você ganhou, hein, filhão? — Fernando falou, sentando ao seu lado no sofá.

— Fui bonzinho, papai — afirmou.

Foi engraçadinho e tão natural a maneira como ele falou, tão puro e com tanta certeza! Mas, realmente, tirando pequenas malcriações, na maior parte do tempo ele tinha sido um bom menino. Merecia os presentes.

Assim que meu pai voltou, fomos comer e trocar nossos presentes. A primeira coisa que meu

PERIGOSAS NACIONAIS

filho fez quando viu o avô foi contar sobre a visita inédita, fazendo caras e bocas. O mais engraçado era que meu pai entrava na dele, fazia cara de espantado, colocava a mão na cabeça e dizia "que legal, Miguel!", eu ria muito assistindo os dois.

Ganhei várias coisas legais, entre perfumes e roupas, e entreguei o que comprei acreditando que agradaria também. O do Fernando eu sabia que ele ia gostar. Antes da nossa separação, ele estava querendo um tênis de corrida, então comprei.

Enquanto nossos pais estavam na mesa se servindo, entreguei meu presente a ele, que estava no tapete com nosso filho.

— Para o papaizão mais lindo do mundo, né, filho? — falei, o abraçando por trás.

Nando desembrulhou e, assim que viu, deixou claro o quanto tinha gostado.

— Estou há meses querendo comprar um e sempre esqueço! — Sorriu, já calçando o tênis para ver como ficaria.

— Eu sei, por isso não tive dúvidas na hora de escolher.

— Obrigada, meus amores. Vocês sempre acertam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele nos puxou e demos um abraço triplo, bem apertado. Se existe bem mais precioso que família, eu desconheço.

— Vez da mamãe! — Miguel deu pulinhos, empolgado.

Fernando levantou e buscou dois embrulhos próximos à televisão. Um pequeno e outro um pouco maior. Sendo observada pelos meus meninos, eu abri assim que me entregaram.

Um era um par de brincos de esmeralda, que, imediatamente, já me imaginei usando na noite de ano novo. O embrulho maior era um vestido branco simplesmente maravilhoso. Fiquei até espantada com a escolha do Nando, pois era um vestido ousado, em um tecido longo e leve, de alça fina e com um recorte na cintura, deixando um pouco à mostra. Ele era todo bordado, bem romântico, mesmo a parte da saia sendo completamente transparente. Uma *hot pant* veio junto.

Achei os dois presentes magníficos. Era impressionante como Fernando sabia presentear, era de um bom gosto incrível. Tive sorte grande até nisso.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou sem palavras — falei, boquiaberta.
— Vocês arrasaram nas escolhas!

— Viu, filhão? Mamãe gostou! — Meu marido ficou feliz. — Acertamos! Bate aqui! — Eles bateram as mãos como cúmplices e melhores amigos que eram.

Dei um beijão nos dois, em agradecimento.

Já era tarde quando meus sogros foram embora. Meus pais dormiriam novamente conosco. Depois que Miguel dormiu, ainda ficamos horas na sala conversando, eu, meu pai e Fernando. Minha mãe estava com muito sono e entrou primeiro. Eu acabei cochilando no sofá depois, Nando me chamou para deitar já estava quase amanhecendo. Ele e meu pai viraram a noite conversando.

O dia 25 foi como é em muitas casas. Todo mundo se reúne novamente, alguns ficam menos tempo por ainda terem que visitar outros parentes, amigos visitam, o almoço é a ceia da noite anterior, a sobremesa também.

Amanda e Gael chegaram à tardinha em nossa casa. Minha amiga estava cada dia mais agitada, seu casamento estava bem próximo, seria logo na primeira semana de janeiro. Já estava tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

organizado para ser um festão. A agência organizadora era muito confiável e mostrava o quanto estava empenhada para que tudo saísse como ela sonhou, mas Amanda não conseguia ficar completamente tranquila. Logo ela, a positividade em pessoa, estava com um tremendo medo de algo dar errado.

Mas, antes disso, vinha a despedida de solteira! Como o casal ia viajar, tiveram que marcar a festinha para logo após o Natal. Seria uma despedida diferente, em vez de cada um ir para um lado com os amigos, resolveram comemorar todos juntos na boate do Marcelo. O dindo do Miguel disse que fazia questão de reservar a parte de cima somente para os noivos e seus convidados.

Enquanto todos papeavam na sala e Miguel ainda se divertia com seus novos brinquedos, eu e Amanda fomos ao quarto para que ela pudesse ver meu vestido de madrinha pela décima vez.

— Você acredita que as meninas lá da empresa disseram que encomendaram uma surpresa pra amanhã? — me contou, sentando na cama. — Você sabe o que é?

Eu sabia, mas é claro que não iria estragar...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sério? Não me falaram nada — respondi tranquila, pegando o cabide onde o vestido estava. — Mas já vi que a noite promete!

— Falei que não precisava, que seria mais uma saída com amigos, mas elas estão planejando várias coisas. Estou até com medo — confessou, rindo.

— Ah, relaxa e curte a brincadeira, amiga.

— Você sabe que relaxar está sendo bem difícil nesses últimos dias, né? Mas vou curtir, sim.

— Vou te colocar pra dançar até o chão — falei, cheia de atitude, colocando o vestido na cama.

— Depois de umas caipirinhas, quem sabe? — Riu. — Mudando de assunto, estou feliz que meu casal vai entrar na cerimônia sem aquele climão, hein? — Piscou para mim.

— Verdade! Ainda não conversamos, mas está estampado em nossos rostos como tudo está bem, né? — falei, feliz.

— Com certeza.

Ficamos um bom tempo em meu quarto confabulando sobre a noite de despedida e o tão esperado casamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando nosso casal amigo foi embora, estávamos bem cansados, menos nosso filho, que queria brincar ainda mais com seus novos brinquedos. Meus pais também estavam exaustos e com sono, então falei que eles podiam deitar, que eu ficaria com Miguel.

— Filho, vamos assistir desenho? — chamei, tentando fazê-lo largar os bonecos.

— *Mamanco?* — perguntou.

— Sim, pode ser... — Não tinha para onde fugir.

Pelo menos deitados, vendo televisão, o sono chegaria em algum momento.

Deitamos em meu quarto, eu, Fernando e Miguel entre nós dois com sua mamadeira. Meu marido ficou mexendo no meu cabelo e aquilo foi me dando muito sono, mas eu não queria dormir, estava dormindo antes dele todos os dias! Mesmo que não fôssemos conversar tarde da noite, queria poder curtir-lo um pouco. Mas além do carinho estar me dando sono, aquele desenho também não ajudava. Eu já tinha assistido e gravado todas as partes! Quando vi que meu filho ainda estava com seus olhos bem abertos, desisti de lutar e acabei

PERIGOSAS ACHERON

adormecendo.

Acordei no outro dia com o choro de Miguel. Levantei correndo e achei ele, Fernando e minha mãe no corredor.

— O que houve? — perguntei com a voz rouca de sono, mas despertei na velocidade de um raio.

— Ele saiu correndo e bateu de cara na parede — minha mãe explicou.

Meu filho estava no colo do pai, todo magoado com o tombo.

— Deixa a mamãe ver — falei, acariciando seu rosto.

Ele levantou o rosto e se jogou no meu colo. Estava com um galo bem vermelho.

— Vou pegar gelo — Fernando avisou, mas antes de ir, me deu um selinho.

— Me parte o coração quando ele cai! — Vovó sofria junto.

— É assim mesmo, ainda vai cair muito brincando e correndo por aí — falei, fazendo carinho em suas costas, tentando acalmá-lo.

Fomos para meu quarto e, assim que papai voltou, colocamos o gelo. Não foi preciso muito tempo para ele parar de chorar, mas ficou todo manhoso, tudo queria colo, pedia beijo na testa, já estava se aproveitando da situação. Após o susto, Fernando precisou se arrumar, pois ia para a empresa.

— Não vou passar o dia todo lá, não — falou, abotoando a camisa. — Vamos juntos pra boate, né?

— Vamos, sim.

Ele deu um abraço no filho, beijou sua testa e fomos até a sala juntos. Meus pais não estavam por ali, nem Rosa, que estava de folga.

— Vou chegar mais cedo para termos um tempinho pra nós — falou quando chegamos à porta.

Eu sorri em resposta, demos um longo beijo e ele se foi.

A intenção de conversarmos foi por água abaixo quando peguei meu celular. As meninas fizeram um grupo e pediram que todas chegassem cedo na despedida, sem os respectivos maridos, para fazermos brincadeiras com nossa noivinha. Já

PERIGOSAS NACIONAIS

tinham tudo acertado com Marcelo e o gerente da boate. Mandeí várias ideias do que podíamos fazer, inclusive aquela brincadeira do "Eu Nunca", que era de lei.

Meus pais dormiriam com Miguel, para que eu pudesse ir com calma e curtir a noite, mas já tinham pedido que eu os deixasse no apartamento deles. Precisavam checar como as coisas estavam lá e minha mãe cismava que estava atrapalhando minha reconciliação com Fernando, coisa que só existia na cabeça dela.

Aproveitei o silêncio pela saída do Miguel com os avós e passei a maior parte do tempo lendo. Antes de começar a me arrumar para pegar Amanda, como já havia combinado, liguei para Fernando.

— Oi, amor — ele atendeu.

— Oi, Fê... como estão as coisas? — perguntei, sentando na espreguiçadeira.

— Tudo bem! Daqui a pouco estou aí.

— Que bom! Mas liguei pra te avisar que vou mais cedo pra boate, as meninas planejaram umas brincadeiras, uma pequena farra só entre nós...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, então vou combinar uma farra com Gael também, só homens! — brincou.

Gargalhei ao telefone. Aquilo não seria problema, mas eu sabia que ele estava brincando.

— Combina, sim! — falei de forma divertida.

Ele riu, mas mudou de assunto.

— Não vejo a hora de estar com você, conversar, te curtir...

— Hoje à noite, depois da despedida.

— Já vou chegar querendo ir embora — confessou, deixando claro o quanto desejava o mesmo que eu: um momento a sós.

Não esticamos o papo no telefone, deixamos para falar tudo pessoalmente. Pela hora, eu já precisava me arrumar para sair.

Daquela vez, me arrumei com vontade. Coloquei um vestido verde escuro, de alcinha, que modelava todo o meu corpo. Não era cheio de detalhes, mas marcava bem minha cintura. Calcei saltos pretos e depois caprichei na maquiagem. Antes de buscar Amanda, deixei meus pais e Miguel no apartamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Obedece à sua avó e seu avô, hein? — falei, antes de enchê-lo de beijinhos. — Te amo, meu gato.

Ele me deu um super “upa”, que queria dizer abraço, e entrou de mãos dadas com minha mãe.

Cheguei na casa de Amanda e tive que entrar para esperá-la, pois ainda estava se aprontando. A ajudei a escolher uma roupa linda e aproveitei para retocar a maquiagem. Me senti nos velhos tempos, quando saíamos para baladinhas e ela me maquiava. No dia em que conheci Fernando, foi exatamente assim.

— Será que as meninas chamaram esses caras que ficam pelados? — questionou, já no caminho.

— Tá maluca?! — Tive que rir. — Isso seria demais, não acha? — respondi, observando sua reação.

Ela quase adivinhou, mas os caras não ficariam pelados, eram apenas *go-go dancers*, que dançariam de forma sensual para minha amiguinha.

Ela balançou a cabeça, rindo.

Chegamos à boate e fomos recepcionadas

PERIGOSAS NACIONAIS

com marabus rosas bem fofinhos. As meninas já estavam lá, e quem já estava bem animada era Amarilis. Logo avistei Tamara também. Estava há algumas semanas sem vê-las. Como ainda era cedo, só tinha a gente, o DJ e a galera do bar na boate, todos bem à vontade. Um encontro só de meninas foi uma ótima ideia.

Fomos para o segundo andar e a música já estava rolando. Antes de me juntar totalmente a elas, dei uma rápida palavrinha com Marcelo, que já estava de saída, mas disse que qualquer coisa que precisássemos, era só contatar o gerente.

— Está preparada para nossa surpresinha?

— Amarilis fez suspense.

— Estou até com medo — Amanda estava nervosa, mas dava para ver que bem feliz também.

— Ah, mas você vai adorar, não temos dúvidas!

A levamos até o palco, a vendamos e colocamos sentada em uma cadeira bem no centro. O DJ ria, já sabendo de tudo. Assim que começou a música *Rhythm is a Dancer*, três rapazes bem fortes, musculosos, sem camisa e com calça justinha entraram no palco fazendo a performance.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um deles chegou por trás de Amanda e tirou a venda de seus olhos, enquanto outro já rebolava em sua frente. Eram três homens bem bonitos. Não faziam meu tipo, mas a verdade tinha que ser dita.

Nós ficamos embaixo, aplaudindo, gritando, e minha amiga só sabia rir e ficar vermelha. Os rapazes em nenhum momento tiraram a calça ou fizeram coisas obscenas, apenas dançaram várias músicas, puxaram Amanda para dançar e um deles colocou as mãos dela em seu peitoral.

— Quero levar pra casa! — uma amiga de Amanda, que era solteira, gritou.

O rapaz escutou e a puxou para o palco.

— Ah! Eu vou também! — Amarilis subiu.

No final das contas, todas nós subimos e dançamos muito. Nos levaram drinques e esquecemos do tempo ali, curtindo todos os ritmos. A apresentação dos rapazes durou uma hora e meia, e Amanda, apesar de ter ficado vermelha a maior parte do tempo, adorou.

— Vocês são loucas! — falou, eufórica, rindo.

— Gostou, né? — Tamara, perguntou.

— Claro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— As brincadeiras não acabaram por aqui — sua prima, Valéria, avisou.

Voltamos ao segundo andar, onde os garçons já tinham espalhado várias bebidas em dose única no balcão, para o "Eu Nunca". O jogo consiste em cada jogador falar uma frase relativa a uma atividade, começando sempre com “eu nunca...”. Se alguém já tiver realizado a atividade citada, deve beber a dose.

— Isso é tequila? — Amanda quis saber quando viu os copinhos.

— Vamos descobrir, amiga! — respondi, animada.

Pedi para colocarem os pufes próximos ao bar e assim fizeram. Sentamos, já preparadas. O rapaz do bar, que era um gay divertidíssimo, se prontificou a entrar na brincadeira. Entregaram a ele a folha onde estavam as atividades que deveriam ser ditas.

— Todas com as bebidas? — Ele checou. — Ótimo. Vamos começar. *Eu nunca* beije dois na mesma noite.

Todas beberam a dose. Quem nunca, né? Quando mais novinha, já tinha rolado em uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boate. Lembro até que foi para provocar um ex.

— *Eu nunca* transei no primeiro encontro.

Todas beberam, exceto Tamara e Amanda.

— Quem engravidou bebe a garrafa? — perguntei, brincando, e elas riram demais.

Mas era, de fato, o meu caso. Sem arrependimentos, mas eu sabia que meu ato podia ter me colocado em risco. Todos os dias eu agradecia por ter dado tudo certo. Poderia ter me acontecido algo muito grave.

— *Eu nunca* peidei em público — falou, rindo. — Quem disser que não, está mentindo!

— Direto, no escritório — Amarilis disse, antes de beber sua dose.

— Que nojo, eu trabalho do seu lado! — Tamara reagiu, a empurrando.

— Gente, eu não tenho costume de beber, isso aqui vai me derrubar! — Valéria protestou.

— Fica tranquila, essa bebida é fraquinha — o rapaz a tranquilizou. — Vamos continuar... *eu nunca* mexi no celular do marido/namorado/companheiro?

Todas beberam ao mesmo tempo. Óbvio

PERIGOSAS ACHERON

que eu já! Não tinha mais o costume, mas no início, eu olhava mesmo.

O jogo seguiu por mais um tempinho e foi muito divertido. As frases foram ficando mais apimentadas e as meninas se revelando. Fiquei boba com algumas confissões de Amarilis! Ainda fizemos brincadeiras com *lingerie* depois, a hora voou. Logo anoiteceu e os maridos chegaram, inclusive o noivo, Gael. Minha amiga foi, toda animada, contar como tinha sido.

Assim que avistei Fernando subindo as escadas, fui ao seu encontro e o recebi com um longo beijo.

— Você está maravilhosa! — Ele segurou minha mão e me rodopiou, me olhando inteira. — O que vocês aprontaram, hein?

— Nem queira saber — brinquei, deixando no ar.

Ele me olhou desconfiado.

— Sabe que fico cheio de ciúmes... — falou, de forma doce.

— Deixa disso. — O puxei pela mão e nos juntamos ao pessoal.

Fizemos uma brincadeirinha depois que os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rapazes chegaram, aquela de perguntas e respostas, todos “contra” o casal. Faziam perguntas para a Amanda e depois para Gael, se eles respondessem a mesma coisa, ganhavam. Eu e Nando ficamos juntinhos em vários momentos, cochichando um com o outro, rindo...

Após o casal vencer na brincadeira, fomos dançar todas juntas enquanto os rapazes ficaram bebendo e papeando.

Quanto mais tarde ia ficando, mais a boate enchia no andar de baixo. Diferente daquele dia que fui com Amanda, Larissa e seu irmão, eu estava me sentindo mais solta, com vontade de dançar, sem timidez ou algo me segurando. A verdade é que eu estava feliz, mas essa felicidade logo deu lugar à irritação.

De onde eu estava, avistei uma mulher, até muito bonita, conversando com Fernando e os outros rapazes, mas ela falava olhando *para ele*. Nem sei explicar o que senti na hora. Por fora, meu lindo sorriso não saía do rosto. Já por dentro, eu estava explodindo de ciúmes. Minha cara devia estar vermelha como um pimentão.

Amanda parou ao meu lado...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Agora vai sentar, vai sentar, vai sentar...*
— cantarolou, rebolando, acompanhando o funk que tocava.

— Eu vou sentar a mão na cara do Fernando, isso sim — rosnei, sem medir as palavras, esquecendo que minutos atrás estávamos em clima de puro amor.

Ela arregalou os olhos, olhou para onde ele estava e entendeu.

— Calma! Você não é mulher de cena, por favor!

— Amanda, olha a animação da garota conversando com ele! Ela toda hora encosta no braço dele — falei, ainda mais irritada.

— E olha a cara dele, super desconfortável — defendeu com a mão na cintura.

— Lá vem a defensora! — Revirei os olhos, com cara de tédio.

— Não estou defendendo! É nítido, olha lá. Avaliamos juntas, discretamente.

— Vontade de jogar o copo na cara dele — esbravejei, olhando para o outro lado.

Ela deu uma gargalhada.

PERIGOSAS ACHERON

— Você precisa ver sua cara! Tem um letreiro escrito “CIÚMES” bem na sua testa! Por que você não vai lá? Como quem não quer nada...

— Eu?! — indaguei, exaltada. — Mostrar que estou com ciúmes? Não mesmo! — Cruzei os braços.

Amanda olhava, disfarçadamente, para os dois.

— Ele olha toda hora pra cá — comentou, mas ignorei. — Eles estão vindo! — ela avisou. — Finge que está calma!

Ela me puxou, cochichou algo no meu ouvido e soltou uma gargalhada. Fiz o mesmo, gargalhei, fingindo estar tudo bem. Tentando agir naturalmente, mas que de natural não tinha nada, pois eu estava cuspiendo fogo!

— Talita, essa aqui é minha esposa! — Fernando chegou, já me apresentando e passando sua mão pela minha cintura. Gostei da atitude.

Lembrei que, no início do nosso relacionamento, a mesma já tinha mandado mensagens para ele. Situação de anos atrás, mas eu, como boa ciumenta, ainda lembrava.

— Olá — cumprimentei, muito simpática e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorridente. A segurança em forma de gente, como se eu não quisesse tirar satisfação com os dois.

— Oi, tudo bem? — Ela arriscou me dar dois beijinhos e também sorriu.

— Estava falando pra ela como nosso filho é lindo, né? — Fernando continuou.

— Ah, muito lindo. Um amor de criança — concordei.

— E já queremos encomendar outro.

— Você tem filhos? — perguntei a ela.

— Não, mas quero ter! — respondeu, digamos que até simpática. Mas eu ainda estava enciumada. Nem se ela fosse a *miss simpatia* isso mudaria.

— Nós queremos um time! — meu marido falou entusiasmado.

Rimos juntos e olhamos um para o outro. Aquela troca de olhares dizia tanta coisa... era um misto de amor, carinho, cumplicidade. Por um momento, até esqueci os ciúmes e a irritação de minutos atrás. Eu amava aquele homem e o desejava mais que tudo, isso era nítido.

Não pensei em nada, só quis entrar no

PERIGOSAS ACHERON

teatrinho dele. Passei minhas mãos por seu pescoço e Nando, sem pensar duas vezes, me beijou. Eu retribuí aquele beijo intensamente. Sorte que o copo que estava na minha mão era de plástico e estava vazio, pois deixei cair no chão e me entreguei mais ainda àquele momento. Senti suas mãos deslizando pelas minhas costas e me arrepiei com o simples toque.

Nos beijamos com tanta vontade que nem sei dizer quanto tempo durou. Não foi algo proposital ou para provar alguma coisa, foi mais forte que nós dois. Ao final daquele beijo caloroso, Amanda não estava ali, Talita muito menos.

— Vamos para o *flat*? — Fernando cochichou no meu ouvido.

— Tá achando que é assim? Eu vi muito bem você conversando com sua amiguinha — falei, não deixando passar batido.

— Falei o tempo todo de você e do Miguel. Fiz questão que ela conhecesse você. Ela é solteira, faz o que quiser, mas eu não. Eu sou casado com a mulher mais linda do mundo, e que me colocou pra fora de casa — falou, caindo na gargalhada.

— Ri mesmo! Não estava faltando muito

pra eu jogar o copo na sua cara! — Fingi estar brava, mas o momento estava tão leve que acabei rindo também.

Paramos um de frente para o outro. Fim das gargalhadas e brincadeiras.

— Eu só tenho olhos pra você — falou carinhosamente.

Aquele deveria ser um momento de ternura, mas o que me deu foi outra coisa...

— Vamos pro *flat*? — Mordisquei sua orelha.

— Agora!

Não nos despedimos de ninguém. Sei que foi uma atitude mal-educada, mas a dinda do Miguel entenderia. Já tínhamos curtido boa parte da noite juntas! Além do mais, ela estava dançando agarrada em Gael, não quis atrapalhar.

Quando entramos no carro, nem deixei Fernando virar a chave. Sentei em seu colo e o beijei, um beijo ainda mais intenso, fazendo meu corpo disparar uma descarga elétrica. Ele não pensou duas vezes, arrancou meu vestido e abriu meu sutiã. A sorte era que o vidro do carro era escuro! Se não fosse isso, algumas pessoas teriam

PERIGOSAS NACIONAIS

presenciado cenas bem impróprias, pois na hora não me preocupei com nada. Só queria ter aquilo que estava há dias esperando.

Terminamos a noite no *flat*.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22

Comecei o dia com café da manhã na cama, com direito a uma linda flor. Fernando não foi para o escritório e também não parecia que iria.

— Esse bolo está delicioso — elogiei, ainda enrolada no edredom.

— Bom, não fui eu que fiz, mas a padaria aqui da esquina só tem coisas boas — comentou, sentando na cama de frente para mim.

— Adorei tudo! — Sorri.

Ele me olhou de forma carinhosa, pegou uma de minhas mãos e beijou.

— Precisamos conversar, né? — falou, calmamente.

Estava tudo tão bem que eu nem sabia mais se algo precisava ser dito.

— Os dias foram tão corridos e cansativos que nem conseguimos.

Ele colocou a bandeja na mesinha ao lado da cama e voltou a se juntar a mim, segurando

minhas mãos.

— Quero voltar a ter nossa vida. Quero acordar ao seu lado, te beijar antes de dormir... Esse tempo longe não foi fácil, eu sofri pra caramba, Manu. Mas me fez enxergar como eu estava errando em descontar minha irritação e estresse em vocês. Eu me arrependo muito de todas as vezes em que fui grosso, que não te ajudei com Miguel. Você sempre me pediu tão pouco, o mínimo... me perdoa? — discursou, olhando em meus olhos. — Eu posso e quero te fazer feliz de novo. Posso ser a pessoa que você merece. Ninguém no mundo tem ideia do quanto eu te amo.

Verdade seja dita, foi doloroso, porém necessário e de muito aprendizado os meses longe um do outro. Fernando estava mudado, eu precisava reconhecer. Estava mais calmo, se organizando melhor, mais presente, e eu também sentia que eu tinha mudado. Acho que todo problema chega por alguma razão, e talvez o nosso tenha servido para isso, para amadurecermos, para nosso amor nunca deixar de ser amor, para fortalecer nossos laços, o carinho, a amizade. O amor é um combinado disso tudo. É um pacote que vem recheado de coisas boas, e se não for cuidado, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vai se esvaziando, a paciência vai acabando, a compreensão, o respeito...

Que bom que tivemos tempo de recuperar tudo, de encher nosso pacotinho de novo. Eu sabia que alguns problemas iam surgir, e nem tudo seria um mar de flores, mas eu não queria mais ficar longe do meu marido. Eu também queria nossa vida de volta!

— Volta pra casa, Fê — falei suave e decidida, com toda felicidade do mundo em meu coração. — Nós erramos e podemos consertar. E sei que, dessa vez, vamos fazer dar certo.

Meu amor abriu um sorriso encantador. Seus olhos brilharam de uma maneira maravilhosa e, assim, nos abraçamos apertado, por longos minutos. Aquele abraço era tudo de bom, um abraço para selar a nova fase, um novo ciclo. Eu tinha certeza que tudo ia ficar bem.

— Te amo tanto — falou, colando sua testa na minha.

— Eu também te amo demais. Isso nunca mudou — declarei, apaixonada.

Aquele momento foi tão cheio de amor que até esqueci o ciúme bobo da noite anterior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos em festa!

Ajudei Fernando a juntar tudo o que era seu no *flat*, para levar de volta para casa. Nunca fui tão feliz arrumando uma mala como naquela tarde.

Uma das primeiras coisas que fizemos, assim que chegamos em casa, foi colocar nossas alianças. Fernando lembrou delas assim que pisamos no nosso quarto. E, assim, o resto do dia foi lindo.

Pegamos Miguel no apartamento dos meus pais e tivemos uma noite em família. Explicamos a ele que o papai voltaria a ficar todos os dias com a gente, em nossa casa. Eu não sabia muito bem como nosso filho enxergava tudo aquilo, se ele entendia as coisas, só sei que eu achava impressionante sua alegria. Era como se ele realmente entendesse tudo o que nos aconteceu.

Os dias passaram cheios de carinho, amor, parecia até nossa lua-de-mel, pois estávamos em puro clima de romance. Nossos amigos e familiares ficaram muito felizes com nossa reconciliação. Era tão bom sentir a energia positiva das pessoas! Tínhamos combinado de deixar tudo de ruim pra

PERIGOSAS ACHERON

trás, tudo mesmo, as pequenas e grandes brigas, os momentos de tristeza, de choro. Estávamos mais dispostos do que nunca a começar do zero e, mesmo que alguns problemas surgissem, iríamos resolver juntos, com diálogo, da maneira certa.

E era nítida a mudança no nosso relacionamento. Naqueles dias que antecederam o ano novo, o trabalho foi intenso para Fernando, reuniões o dia inteiro e eu do escritório de casa em contato com os contadores e advogados o tempo todo. Mas a diferença estava em sua atitude. Meses atrás, nesse mesmo ritmo, ele chegaria irritado, estressado, de poucas palavras, mas não foi isso que aconteceu daquela vez. Ele chegou cansado, porém querendo conversar, me contar sobre seu dia, querendo estar com o filho. Quando ele colocava o pé em casa, deixava do lado de fora todo o estresse e correria do dia-a-dia. Ele finalmente tinha entendido que ali era o local de desacelerar, de desabafar, de se aninhar com as pessoas que o amavam e estavam torcendo e dando todo apoio possível para que tudo corresse bem para ele.

Dia 30 chegou e meu coração apertou. Eu e Nando decidimos que Miguel iria passar o ano

PERIGOSAS ACHERON

novo com os avós. Meus pais insistiram demais! Minha mãe, então, nem se fala...

— Manuela, o que vai ter nesse hotel para distrair o Miguel? Isso é programa de adulto! — insistiu em uma das tardes em que fui visitá-la no apartamento, logo após o Natal.

— Eu aposto que muitos brinquedos, piscina, praia... você está falando isso só pra eu liberar, mas você sabe que lá atividade pra ele é o que não vai faltar, mãe!

— Tudo bem que tenha isso tudo aí, mas lá na casa dos nossos amigos vai estar cheio de crianças, todo mundo tem filho da idade dele. Ele vai se divertir bem mais... — Fez bico.

Ela não desistiria.

— Não sei, fico me sentindo culpada, parece que estou deixando meu filho de lado.

— Quem fica longe dele, meses e mais meses, sou eu, e não é porque eu quero, você sabe disso. Você pode confiar em mim e no seu pai, vamos tomar conta dele muito bem! — Partiu para a chantagem emocional.

— Mãe, deixa de drama. Você e meu pai

PERIGOSAS ACHERON

são as pessoas que mais confio nesse mundo. Não tem nada a ver com confiança.

— Então deixa ele ir com a gente, minha filha! — Ela fez um drama daqueles.

Olhei para ela, que estava com aquele olhar pidão. Olhei para ele, que estava brincando com seu carrinho no chão. Meu coração apertou, mas...

— Tudo bem, mãe. Eu deixo — me dei por vencida.

Eu e Fernando já tínhamos conversado sobre a situação e ele deixou a palavra final em minhas mãos. Eu sabia que eles iriam cuidar muito bem do meu filhote e sabia também que ele iria amar estar com os avós. Naquela tarde os dois comemoraram minha decisão brincando no chão da sala.

Meus pais e os pais do Nando almoçaram conosco. Meus sogros também viajariam após o almoço para um hotel-fazenda onde eles sempre passavam o ano novo.

A malinha do Miguel já estava pronta, e estava até maior que a minha, que também já estava separada para irmos para Búzios no dia seguinte.

Pietro disse que passaria às 7 da manhã para nos buscar e, de lá, iríamos para o condomínio onde o helicóptero estaria.

Passei boa parte do tempo abraçando meu filho, dizendo que o amava e que qualquer coisinha que ele precisasse, era só pedir para a vovó ligar para a mamãe. Eu estava com um misto de sentimentos, era culpa já misturada com saudade, mas ao mesmo tempo estava tranquila por confiar muito nos meus pais.

O dia não passou tão rápido, mas a hora de se despedir chegou. Eles precisavam ir, para não pegar tanto engarrafamento. Eu e Fernando abraçamos Miguel apertado, e ele também nos encheu de beijos, e me pareceu muito animado por estar indo com os avós. Todos nós nos despedimos com longos abraços, desejando coisas boas para o novo ano que já estava batendo na porta, prestes a começar.

Depois que todos desceram e seguiram seu rumo, só restou eu e meu marido naquela cobertura. Tudo o que queríamos era relaxar. Enquanto eu estava ajeitando as coisas na cozinha, Fernando foi para o quarto e ficou lá por um bom tempo. Até

PERIGOSAS NACIONAIS

pensei que ele estivesse conversando com Mauro, mas me enganei, pois ele logo surgiu me chamando.

— Acho que um cano estourou no nosso banheiro, acredita? — falou, com ar de preocupado.

— Cano? — Estranhei. — Está falando sério? — Franzi a testa, apreensiva.

— Seríssimo! O banheiro está alagado, vai lá ver.

Na mesma hora, larguei os copos que estava guardando e fui lá dentro, já imaginando que teríamos que dar um jeito naquilo o mais rápido possível, e talvez até ir para Búzios mais tarde que o combinado.

Cheguei ao banheiro e fui surpreendida, não com vazamento ou cano quebrado, e sim com a banheira cheia, velas perfumadas, morangos e uma linda rosa. Fiquei encantada, meus olhos brilharam, sem dúvidas.

— Você é um ótimo ator... — falei, rindo, maravilhada.

— Gostou? — Ele riu também.

— Se eu gostei? Eu amei!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Há quanto tempo não entramos nessa banheira, né?

— Muito tempo! Nem sei dizer a última vez — respondi, já me apressando em tirar a blusa.

Fernando se aproximou, me beijou de leve, acariciando meu rosto, e ele mesmo tirou o restante da minha roupa.

Aquele momento era tudo o que eu queria. Ele deixou o clima perfeito, e nós aproveitamos da melhor maneira possível, curtindo um ao outro, conversando, fazendo carinhos, brindando à vida, fazendo planos para o novo ano... me ajustei entre suas pernas, dentro da banheira, e ali fiquei recebendo muitos beijos e me sentindo, novamente, a mulher mais feliz do mundo.

Pietro e sua esposa, Bianca, passaram para nos buscar no horário marcado. Fomos com seu motorista.

Eles eram o típico casal vida louca, não tinham filhos, e a diferença de idade entre eles era um pouco maior que a minha e de Fernando, ela tinha 28 anos e ele 47. Mas isso não parecia ser uma questão para eles. Eles eram bem extravagantes. Bianca, então, era aquela típica

PERIGOSAS ACHERON

perua, estava sempre muito maquiada, sustentava um cabelão loiro, muito lindo por sinal, cheia de ouro, salto absurdamente alto, era até engraçado ver os dois sempre tão coloridos e chamativos. Eram pessoas bem legais, simpáticos e divertidos. Apesar do pouco contato, eu me senti à vontade, pois ambos eram bem comunicativos.

Durante o percurso, falamos de tudo um pouco, mas assuntos leves.

— Esse ano eu quero engravidar. Pietro já está avisado! — Bianca comentou.

— Ih, meu parceiro... se prepara! — Fernando disse, rindo.

— E quem disse que eu não quero? Podemos providenciar hoje mesmo! — Divertiu-se Pietro.

— E vocês? Não pensam em outro?

— Faço das palavras do meu amigo, as minhas. Podemos providenciar hoje mesmo! — meu marido brincou.

Demos ótimas gargalhadas com o papo de gravidez, mas o casal amigo me parecia realmente firme na decisão de ter um filho. E, quem sabe, eu e Nando também? Um novo ano estava prestes a

começar, um segundo bebê poderia vir a fazer parte dos nossos planos...

Chegamos ao condomínio onde o helicóptero estava nos esperando. Preciso confessar que eu achava aquilo tudo ostentação demais, mas eles faziam questão de ir daquela forma, não seríamos nós a fazer desfeita. E foi até bem legal. Além da vista maravilhosa, a rapidez foi o ponto que mais gostei. Indo de carro, levaríamos horas e, por ser uma data festiva, pegaríamos muito engarrafamento, sem dúvidas. Descemos já no heliporto do hotel de Pietro, que na realidade estava mais para um *resort*, pois o local era enorme, de frente para a praia.

— Nem acredito que essa belezura ficou pronta, depois de anos de reforma — o proprietário falou animado, orgulhoso.

— Ficou sensacional! — Meu marido elogiou, dando uma rápida analisada.

— Lindo mesmo — concordei.

— Vocês ainda não viram nada! Vamos conhecer.

Pelo caminho, paramos várias vezes. Vários amigos do casal já estavam por lá, em toda parte,

na piscina, área de jogos, tomando café da manhã... Além dos funcionários, não tinha ninguém de fora, somente conhecidos de Pietro e Bianca. Apesar das longas paradas, deu para conhecer bem o lugar. Fiquei admirada, pois estava tudo muito bem elaborado e elegante. A piscina era enorme e no formato de ilha, achei muito bacana e fiquei encantada com o jardim, tão bem cuidado, com tantas flores de muitas cores.

— A chave do bangalô de vocês — Pietro nos entregou um cartão quando chegamos na entrada principal. — Fiquem à vontade. O que precisarem, é só me chamar ou podem pedir na recepção, qualquer coisa mesmo, vocês é que mandam!

— Vamos ajeitar nossas coisas e já voltamos pra cá — Fernando avisou.

Assim que entramos no nosso cômodo, percebemos que o bom gosto e sofisticação também se estendiam à área interna. Tudo nas cores branco e salmão, bem *clean* e refinado. A cama era bem grande, assim como o tapete marfim, que também era muito gostoso. Só de pisar me deu vontade de dormir nele. O quarto era maravilhoso, cheio de

detalhes, bem arejado...

Logo na nossa cama, tinha um bilhete e flores.

“Meus amigos Fernando e Manuela, espero que se sintam em casa e seja uma experiência única. Obrigado por estarem aqui fazendo parte dessa realização. Feliz Ano Novo!

Grande abraço,
Pietro.”

Ele provavelmente fez cartões para todos os amigos, achei muito legal de sua parte. Fez com que eu sentisse vontade de aproveitar aquela viagem ainda mais.

— Ele investiu muito bem. Esse lugar vai virar sensação em Búzios — Nando opinou, abrindo as cortinas que davam para o *deck* e para a piscina.

— Com certeza. Me lembrou muito aquele que ficamos no início da gravidez. Sabe?

— Claro. Quando eu estava tentando te conquistar... — disse, rindo e me puxando para um abraço.

— Não foi isso que me conquistou, você

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe... — falei em seu ouvido.

— Foi o quê?

Comecei alisando seu corpo, pedacinho por pedacinho, descendo...

— Tudo isso — falei, ainda apalpando e apertando.

— Safada... — O sorriso deixou claro que ele entendeu o recado.

Na mesma hora Fernando me conduziu até a cama e me jogou de leve. Em seguida, tirou a camisa e veio para a cama também. Enquanto beijava meus pés, ia subindo e levantando meu vestido junto.

— A cortina — falei, com o restinho de juízo que ainda estava por ali.

— Deixa aberta.

Aquilo fez o clima esquentar ainda mais. Aquele medo de passar alguém ou sentir que estávamos sendo observados me deixou ainda mais fogosa, tanto que também tirei meu vestido rapidamente e deitei Nando, ficando por cima dele.

Se Pietro ficou nos esperando para o almoço, se deu mal, porque nós estreamos o quarto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por algum tempinho e finalizamos com um banho juntos. Só depois de apagarmos o fogo é que fomos tirar nossas roupas da pequena mala e ligamos para minha mãe para saber se nosso filhote estava bem, se estava tudo tranquilo na casa dos amigos deles, essas coisas.

Miguel nem me deu bola ao telefone, só me contou que tinha feito três coleguinhas e que tinha brincado com sua espada. Percebi que ele estava se divertindo e me senti feliz. Ainda ficava um sentimento de culpa lá no fundo do coração por não passar o ano novo com ele, mas eu sabia o quanto meus pais estavam felizes por estar perto do neto, cuidando, podendo participar do seu dia... isso não tinha preço para o meu pai, que infelizmente não podia nos visitar muito. Mas seu amor e carinho eram incondicionais.

Depois de conversar com minha mãe, desliguei a chamada e vesti um maiô branco com um short jeans, para irmos almoçar. A hora tinha voado e o relógio já marcava mais de meio-dia.

O restaurante da área interna estava fechado, somente o da piscina estava funcionando. Antes de chegarmos até lá, ainda paramos com um

PERIGOSAS ACHERON

conhecido do Nando. Não eram muito amigos, falavam mais de negócios mesmo. Não demoramos, para minha felicidade, pois eu estava louca para comer.

Já com o cardápio em mãos, raparei as vastas opções, de churrasco a comida japonesa, fora alguns pratos com nomes tão chiques que eu não sabia nem dizer do que eram feitos, mas fiz a linha fina, é claro. Almoçamos vendo Bianca para lá e para cá, dando as coordenadas para o pessoal da decoração. Pietro não estava por ali, mas ele já havia comentado que a esposa amava essa parte e que a deixava responsável por tudo.

Assim que ela deu uma paradinha, chegou em nossa mesa.

— Estava procurando por vocês!

— Almoça aqui com a gente — convidei.

— Menina, já engoli uma comida, estou aqui tentando ligar pra agência da decoração, eles esqueceram de mandar os pufes que pedi — comentou. — Mas eu estava te procurando pra falar que um grande amigo está vindo pra cá com sua equipe pra me atender, fazer cabelo, unha... vamos?

— Ah, legal! Vamos, sim! — aceitei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que posso ir também? — Fernando brincou, mexendo nos cabelos.

Nós duas rimos, e ela disse que o convite também se estendia a ele, caso quisesse. Não estendemos o papo, logo a chamaram falando que os tais pufes haviam chegado.

Eu e Nando aproveitamos o tempo livre e fomos dar uma volta na praia. Papeamos sobre tudo um pouco, assunto era o que não faltava entre nós. Lembro que eu amei desde o início esse nosso jeitinho de falar sobre todos os assuntos possíveis, até mesmo sobre economia, política, qualquer assunto a gente desenvolvia bem. Era apaixonante pensar que eu tinha, além de um marido, um amigo do meu lado, que me escutava e me ensinava. Por isso fiquei tão triste na época em que faltou diálogo entre nós.

Nem sentimos a hora passar andando por ali, pela praia, pelas ruas, vendo a animação nos lugares. Eu costumava dizer que dezembro era o mês da união, quando todos se uniam para comemorar e se encher de esperança juntos, não só parentes, familiares, mas até desconhecidos, todos na mesma sintonia.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que voltamos ao *resort*, Fernando ficou conversando com Pietro e outros colegas na recepção e eu segui com Bianca para a tarde de beleza, no SPA do hotel. Algumas mulheres já estavam por lá fazendo o cabelo, outras as unhas, todas com uma taça de champanhe na mão. Todas me foram apresentadas, inclusive o amigo de Bianca, que se chamava Rui.

— Todas estarão divas e plenas nessa virada — ele disse, animado, fazendo caras de bocas.

— Você é o melhor que nós temos — a esposa de Pietro elogiou.

Eu já tinha feito as unhas, mas acabei repintando de outra cor. Conforme íamos fazendo os procedimentos, o papo ia rolando. Assunto era o que não faltava, mas paramos em um que se mostrou o preferido: maridos. Todas eram casadas.

As mulheres eram muito falantes e engraçadas, falavam de sexo abertamente. Uma disse que o marido já havia brochado duas vezes só naquela semana! Foi engraçado quando ela contou, mas pensei que não aguentaria esbarrar com eles pelo hotel depois de ouvir aquelas confissões.

— Eu estou puta da vida com o Thales!

PERIGOSAS NACIONAIS

Vocês acreditam que ele me deu um vestidinho de 100 reais no Natal? Fiquei tão irritada que quase joguei pela janela — uma loira alta contou, e parecia verdadeiramente irritada.

— Por isso eu pego dinheiro escondido do meu marido — começou uma outra, — pego mesmo! Sabe por quê? Homem não sabe escolher presente, não! Escolhem umas coisinhas furrecas. Sai fora, não aguento homem chato que reclama dia e noite pra ganhar presente baratinho.

— Lindos seus brincos, Manu — Bianca elogiou no meio do desabafo das duas.

— Também achei. Foi presente do Fernando.

Fiquei até sem graça, pois todas me olharam, observando meus brincos.

— É esmeralda mesmo! — A loira analisou. — Isso é que é marido, né, gente? Homem bom é aquele que dá joia, roupa cara, de grife. O meu está mais pra encosto...

— Até que eu nem posso reclamar do meu. O que eu falo, ele faz, o que eu peço, ele dá. Chega a ser bobo — uma morena com cabelos cacheados maravilhosos contou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti o desdém dela em relação ao marido e não achei bacana. Mas todas aquelas confissões me fizeram pensar em uma coisa que eu nunca havia pensado: o dinheiro do Fernando.

Quando o conheci, é claro que reparei em sua cobertura. Não sou cega, nem ingênua assim. Percebi que ele parecia ter uma vida boa, um cargo legal, mas isso não foi determinante para mim, principalmente depois de saber da gravidez. Não pensei em ir atrás dele pela situação financeira, eu queria o apoio dele, queria que ele soubesse que eu estava esperando um filho dele!

Todos os presentes, as viagens, todas as vezes em que ele trocou de carro ou até mesmo quando me deu um carro, eu não enxerguei dinheiro, como as mulheres estavam falando ali. Enxerguei a intenção de me agradar, o carinho, não me importava se era algo de dez reais ou um carro de 80 mil. Por isso fiquei extremamente ofendida quando Estella me chamou de golpista. Logo eu, que nunca tinha colocado na balança a situação financeira do Fernando?! Que sempre trabalhei e nunca fiz corpo mole?! Foi difícil escutar aquilo...

Aquele assunto me fez refletir que, mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossa vida sendo muito boa e nossa condição financeira também, o dinheiro nunca foi o centro das atenções. Era bom, sim, poder viajar, ter alguém para ajudar em casa, ter uma babá... eu seria hipócrita se dissesse que não! Mas não foi nada disso que me fez ficar completamente apaixonada por Fernando e até mesmo que sustentava nosso relacionamento. Tanto não era que nem mesmo uma viagem resolveu nossa crise, foi preciso que os dois solucionassem aquela questão com amor, paciência, respeito, com tudo aquilo que o dinheiro não compra, porque fingimento, máscaras, podem até ser comprados, mas a verdade, não. Essa, nenhum dinheiro no mundo paga.

Apesar de algumas outras coisas absurdas que foram contadas, a tarde de beleza foi agradável e, realmente, o amigo de Bianca era muito bom. Deixou meu cabelo bem ondulado, como nunca tinha ficado antes, e eu adorei. Saímos de lá quando as estrelas já brilhavam no céu.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 23

Cheguei ao quarto e Fernando estava saindo do banheiro com uma toalha enrolada na parte de baixo do corpo enquanto secava o cabelo com outra. Aquela visão mexeu com meus sentidos e outras coisinhas mais.

Suspirei, mostrando o quanto aquilo era sedutor.

— Oi, amor — falou assim que me viu. — Como está linda! Quer dizer, ainda mais linda... — elogiou.

— E você está uma delícia desse jeito. — Admirei aquele corpo. — Ah, se não fosse essa produção que fizeram com tanto empenho...

Ele se aproximou com aquele sorriso malicioso estampado no rosto.

— Podemos dar um jeitinho... — Me puxou firme para si.

— Eu quero com vontade, sem jeitinho — falei, arranhando seu braço levemente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu já estava decidida a mandar cabelo e maquiagem para longe, não ia resistir, mas antes que eu pudesse puxar a toalha e vislumbrar aquilo que era só meu, bateram na porta. Ele voltou para o banheiro e eu fui atender.

Era Bianca.

— Vim entregar seu celular, você esqueceu lá no salão! Estava tocando.

— Obrigada! — Sorri.

— Vou lá me arrumar, que a festa já está rolando e Pietro me apressando — falou rapidamente, já se despedindo.

Fechei a porta e vi que minha mãe tinha ligado. No mesmo instante liguei de volta, preocupada. Mas era só preocupação boba de mãe, tudo estava muitíssimo bem, ela só achou melhor ligar cedo pois depois de meia-noite as linhas ficavam congestionadas, difícil se comunicar.

Miguel me pareceu muito bem e feliz com os avós. Contou que nadou e tomou sorvete. Após alguns minutos ao telefone comigo, ele quis falar com o pai, e nessa de papo vai, papo vem, o clima para rolar algo a mais acabou, embora meu marido continuasse maravilhoso só de cueca.

PERIGOSAS ACHERON

— Você nunca desconfiou de mim em relação a dinheiro? — perguntei tranquila, enquanto retocava o rímel em frente ao espelho.

Ele me olhou com estranheza.

— Como assim? — indagou, franzindo a testa.

— Eu tenho as senhas de todos os cartões, cofres... nunca pensou que eu pudesse mexer no seu dinheiro, ou então...

— *Nosso* dinheiro — ele corrigiu. — Que papo doido, Manu! Nunca passou pela minha cabeça, porque o dinheiro também é seu, você pode mexer, fazer o que quiser... — explicou, se arrumando.

Olhei para ele e sorri. Gostei de sua colocação. Não pela quantia, pois eu estava longe de ser interesseira ou gananciosa, mas era bom saber que meu marido confiava em mim plenamente e que dinheiro não era motivo de brigas ou desconfianças entre nós.

— Tem razão, amor. Papo doido mesmo, deixa pra lá — encerrei, guardando o rímel e saindo da frente do espelho.

Me arrumei com o vestido maravilhoso que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ganhei no Natal e, modéstia à parte, eu estava de arrasar. Nem precisei de salto, eu estava um espetáculo até mesmo de sandália baixa. E Fernando quis ficar à altura, pois também caprichou na escolha da roupa, uma bermuda branca – e eu amava o Nando de branco – e um blusão rosa claro. A realidade é que ele estava sempre impecável, reparei desde o início do nosso relacionamento. Sem falar que era lindo, né?

Quando chegamos na área externa, a festa já estava rolando. É incrível como uma decoração bem feita muda tudo e consegue deixar o local ainda mais bonito.

A luz negra fazia nossas roupas brancas brilharem e o DJ já estava divertindo todo mundo com sua *playlist* super animada. O bar improvisado, próximo à piscina, ficou muito bem elaborado. Por falar em bar, as opções de bebidas eram muitas, as taças e modo de fazer eram tão chamativos que dava vontade de experimentar tudo, até fumaça saía de alguns drinques. Aproveitei o fato de não precisar dirigir e estar sem meu filhote e me joguei na festa!

Já com nossas taças na mão, eu e Fê fomos

PERIGOSAS ACHERON

para a pista de dança com alguns colegas. Pietro e Bianca estavam muito animados, risonhos. Estava estampada a felicidade e satisfação dos dois por terem os amigos em um lugar tão especial e numa data festiva.

Fernando

Minha mulher estava deslumbrante, atraindo muitos olhares, aquilo era nítido. Até bateu um pequeno arrependimento de a ter presenteado com um vestido tão sensual, mas eu sabia que o vestido era só um detalhe. O que chamava atenção mesmo, de verdade, era aquele mulherão ao meu lado. Até de pijama ela atrairia olhos atentos.

Estava sendo extraordinário estar naquele lugar, aproveitando cada segundo com Manuela. Melhor ainda era estar me sentindo vivo de novo, alegre, coração tranquilo. Estava faltando o nosso meninão, mas eu sabia que teríamos muitos momentos felizes em família. Eu estava disposto a fazer daquele novo ano o melhor de nossas vidas.

Dizem que a gente aprende na dor ou no amor, e comigo foi pelo pior jeito, foi ficando longe

PERIGOSAS ACHERON

da minha companheira, da pessoa que eu amo sem limites. Que bom que eu tive tempo de rever minhas atitudes. Quantas pessoas têm essa chance?

Sem ficar pensando muito no passado e nos momentos ruins, eu me joguei na pista com Manu e nossos colegas. Estávamos bem à vontade com todos. Ficamos minutos a fio na pista, dançamos várias músicas, algumas que eu nem conhecia, mas embarquei na brincadeira. Tiramos muitas fotos também, não só com o fotógrafo contratado. Minha esposa e Bianca quiseram fotografar e filmar vários momentos... registros não iriam faltar.

— Amor, pega outro drinque de frutas vermelhas pra mim? — Manu pediu no meu ouvido.

Meu copo já estava vazio, aproveitei o embalo.

Apesar de cheio, não demorei no bar. Antes de me juntar novamente a todos na grande pista, fiquei de fora, admirando minha eterna menina dançando, rindo... tão linda!

Aproveitei para checar meu celular. Apenas algumas mensagens de Mauro e outros sócios desejando feliz ano novo. Coloquei o aparelho no

bolso e reparei um rapaz ao meu lado. Devia ter uns 18 anos. Ele estava olhando atentamente para a pista e, por um minuto, me peguei olhando na mesma direção que ele, diretamente para Manu. Fiquei reparando nele a admirando, mas ainda não tinha certeza se era para ela que ele estava olhando...

Resolvi confirmar.

— Mulherão, né? — falei, descontraído.

— E como, tio! — ele respondeu, não tirando os olhos da pista.

Não tinha nem como reclamar da maneira como se referiu a mim. Eu estava um tiozão mesmo, os cabelos brancos me denunciavam.

— Está de olho em qual?

— Naquela de cabelo longo e vestido transparente — se referiu à minha esposa. — Muito gata, né?

Em outros tempos eu teria ficado com ciúmes, mas não foi o que aconteceu. Eu apenas ri. Ri, porque aquela gata era minha, todo aquele cuidado para se arrumar foi para mim, porque era comigo que ela dividia a vida, os sonhos, os planos... e o rapaz estava certo: ela era muito gata!

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele não mentiu, foi totalmente verdadeiro e sincero.

— Muito gata mesmo! — concordei, olhando para ela, que me olhou de volta e sorriu.

— Vem pra cá, amor! — ela gritou, fazendo sinais com a mão.

O menino olhou para mim e, em seguida, de volta para ela.

— É tua namorada? — indagou, surpreso.

— Minha esposa — respondi, orgulhoso.

— Caraca, tio, desculpa aí. Foi mal! — falou, visivelmente sem graça.

Ele nem me deu tempo de responder nada, simplesmente saiu e sumiu entre as pessoas. Foi impossível conter a gargalhada. Ah, esses jovens!

Que ele tenha a sorte que eu tive, desejei.

Voltei para onde minha mulher estava e a surpreendi com um longo beijo.

— Eu te amo! — me declarei.

— Eu amo muito mais — retrucou com braços entrelaçados ao redor do meu pescoço.

Cheguei próximo ao seu ouvido.

— Quero que dance pra mim, só pra mim — falei e mordisquei sua orelha.

PERIGOSAS ACHERON

— Agora?

— Não. Entre quatro paredes.

Ela me devolveu um sorriso safado, entendendo o recado.

— Pode deixar. Você é quem manda.

Minha vontade, naquela hora, era continuar a festa no nosso bangalô, mas não dava. O jeito era continuar a festa por ali mesmo, coisa que fizemos até cansar. Chegou um momento em que não aguentávamos mais tanta dança e sentamos para jantar com outros casais.

Ao longo da noite, Manuela experimentou praticamente todos os drinques. Já estava soltinha, rindo à toa. Nós já não tínhamos o costume de beber, muito menos misturar, então qualquer taça a mais já nos deixava mais animados que o normal.

Nós falamos tanto, dançamos tanto, namoramos tanto um ao outro que logo o telão se iluminou e nos demos conta que faltavam poucos minutos para a contagem regressiva. Mas, antes disso, meu amigo pegou o microfone. Era hora dos agradecimentos.

— Meus queridos, como é bom ter vocês todos aqui comigo! Eu agradeço a cada um que

PERIGOSAS ACHERON

veio nesse momento tão especial para mim e para a minha esposa. Quero que vocês levem as melhores lembranças desse local e dessa festa que foi feita pensada exatamente em vocês. Eu e Bianca deixamos aqui nosso muito obrigado! — ele finalizou, seguido de muitas palmas e gritos.

Faltando apenas dois minutos para a meia-noite, Manuela disse que não aguentaria esperar para ir ao banheiro...

— Amor, então vai logo. Corre! — falei, preocupado com a hora.

Ela foi, apressada, entre as pessoas.

Fazer a contagem e festejar o primeiro minuto do ano sem minha esposa não dava, queria ela ao meu lado.

Um minuto e nada dela. Pedi licença aos amigos e fui ao banheiro. A chamei da porta, mas ela não respondeu.

Quando os gritos em comemoração começaram e o 10 surgiu no telão, percebi que ela não chegaria a tempo. Fiquei olhando a contagem, e estava bem feliz, mas poxa, logo na melhor parte da noite meu amor não estava ali do meu lado!

Quando o “feliz ano novo” apareceu no

PERIGOSAS ACHERON

telão, os fogos iluminaram o céu. Assim que olhei novamente para o lado, meu amor veio correndo em minha direção. Abri os braços e ela pulou no meu colo.

— Feliz ano novo, amor da minha vida! — declarei assim que a segurei. — Eu juro que esse ano será mil vezes melhor, eu vou fazer de tudo por você, pela nossa família. Vamos deletar tudo o que aconteceu nesse ano que passou e que foi tão ruim pra nós.

— Feliz ano novo, vida! — Ela distribuiu vários beijos pelo meu rosto. — Eu sei que vai dar tudo certo! Já está dando certo, porque Deus nos abençoa e sabe o quanto nos amamos. Não podemos esquecer que o ano teve seu lado bom. A filial, depois de tanto tempo, finalmente deu certo, começou a tomar forma...

— Esquece filial, empresa — tive de interrompê-la. Olhei em seus olhos — Nós somos o mais importante, nossa família. Eu faço meu trabalho pra dar certo, mas se não der, eu levanto e tento de novo. O que eu não posso é ficar longe de você.

— Eu te amo tanto! — Sorriu. — Toda

PERIGOSAS NACIONAIS

felicidade e amor do mundo pra nós! — Ela jogou os braços para o alto, comemorando, ainda em meu colo.

Ali foi só início da nossa comemoração. Mas antes de voltarmos para a farra, recebemos fotos e vídeos do nosso filho, todo animado, festejando, nos mandando beijos. Ficamos ainda mais alegres.

Aquela festança durou até às quatro da manhã, foi o tempo que aguentamos. E posso dizer que aproveitamos muito, como há tempos não fazíamos. Mas não tinha acabado por completo. Nossa festa particular, a dois, estava apenas começando nos corredores daquele local.

Eu passei a noite tendo que me conter para não agarrar minha mulher na frente de todos. Quando finalmente reparei nos corredores vazios a caminho do nosso cômodo, foi instantâneo, a puxei e pressionei na parede, a surpreendendo com um beijo longo e quente, que foi imediatamente correspondido.

Fomos nos agarrando até a porta do nosso bangalô. Mal entramos e ela tirou meu blusão, mas em seguida me empurrou levemente.

PERIGOSAS ACHERON

— Deita! — ordenou. Fiz o que ela mandou sem pensar duas vezes. Tirei meus sapatos e me acomodei na cama. — Você não queria um showzinho particular? — Ela sorriu, em pé, na frente da cama. — Coloca uma música aí.

Liguei a TV rapidamente e coloquei no canal de músicas. Estava tão tenso que deixei tocando a primeira que surgiu, mas caiu perfeitamente para o momento, era uma música um tanto quanto erótica, sensual!

Manuela me olhou, completamente sedutora. Aquela mulher sabia me deixar louco. Ela dançava no ritmo, jogando os cabelos, sorrindo... mas logo se aproximou.

— Me ajuda aqui. — Virou-se para que eu abrisse o vestido.

Após minha ajuda, ela ficou novamente de frente para mim, tirando lentamente a peça, ficando somente com a parte íntima de baixo. Estava totalmente desinibida, muito atraente. Sensualidade era seu nome naquele momento.

Minha vontade de agarrá-la aumentou dez vezes mais... eu estava pronto para levantar, estava difícil controlar.

— Pode ficando aí! — ela exigiu.

Como aquele jeitinho autoritário mexia comigo e me deixava em ebulição!

Continuei na cama e ela... ela ficou completamente nua, me olhando fixamente. Aquele olhar provocativo, sensual. Jogou a calcinha em cima de mim e subiu na cama, engatinhando em minha direção, com aquele sorriso malicioso de quem iria acabar comigo.

Manuela

Na manhã seguinte, acordei com uma ressaca que há bastante tempo não sentia. Uma dor de cabeça chata e insistente. Abri os olhos devagar e observei meu marido no deque da piscina.

Sentei na cama, me espreguiçando lentamente. A festa tinha sido sensacional, uma das melhores que já participei. Só acho que extrapolei um pouco. Ressaca é uma das piores sensações que existe, eu detestava, e por isso quase não bebia mais. Mas na noite anterior gostei de tantos drinques que não consegui escolher um só... deu no

PERIGOSAS NACIONAIS

que deu!

Pelo menos não bebi ao ponto de não lembrar nada ou fazer vexame. Eu lembrava bem como a noite havia terminado. E como lembrava!

— Bom dia, minha dançarina — Fernando entrou, empolgado. Nem parecia cansado.

Ri, ainda sentada na cama.

— Bom dia, lindo.

— Eita, preguiça, hein? — Ele se jogou ao meu lado, me abraçando. — Pietro nos convidou para um passeio de lancha. Vamos?

Fiz uma careta, mostrando que eu realmente estava com uma preguiça daquelas, mas eu não podia e nem queria deixar isso atrapalhar nosso último dia naquele paraíso.

Levantei num impulso.

— Bora agitar, senão eu durmo de novo! Só preciso de um remédio pra dor de cabeça.

— Enquanto você toma banho, vou pegar nosso café da manhã e o remédio. — Ele levantou da cama. — Por que demorou tanto no banheiro na hora da contagem regressiva, hein?

— Não estava conseguindo abrir o vestido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por nada! Já estava saindo pra pedir pra você abrir, mas uma moça chegou e me salvou. Quase fiz xixi nas calças!

— Podia ter me chamado, a gente trancava a porta e comemorava por lá mesmo... — meu marido sugeriu, sorrindo.

Antes de sair, o danado ainda me deu um beijinho e um tapinha na bunda.

Fui para debaixo do chuveiro. Nada que uma água gelada não ajudasse a despertar.

Já com tudo pronto para irmos, sentei na recepção, aguardando Bianca e outro casal. Aproveitei para ligar para os meus pais.

Tudo seguia bem, a festa deles parecia ter sido muito boa também e Miguel tinha aproveitado. Na hora de desligar, meu filhote fez meu coração apertar dizendo que me amava. Aquilo fez minha saudade aumentar! O lugar era muito bonito, sim, um paraíso, a festa tinha sido maravilhosa, ter um tempo a sós com meu marido após nossa reconciliação foi ótimo, mas a verdade é que eu não via a hora de ver meu pequeno, abraçá-lo, dar cheiro. E que bom que isso já estava pertinho de acontecer! Ficou marcado de irmos embora no dia

PERIGOSAS ACHERON

seguinte, e meus pais nos esperariam já em casa.

Apesar de ainda estar com uma leve dor de cabeça, coisa que eu sabia que logo passaria, o passeio estava uma delícia. Sempre fui fã do mar, de mergulhar ou até mesmo de apenas olhar, molhar os pés. Acho uma das criações mais perfeitas de Deus. Passa uma paz, uma energia boa.

Eu e Nando fomos sentados na parte da frente da lancha, eu entre suas pernas. O sol nos iluminava, mas o calor não estava insuportável. A galera estava animada, bebendo, conversando, alguns arriscando uns passinhos da música eletrônica que o DJ colocou, mas não muito alta, respeitando aqueles que estavam cansados da noite anterior. Eu, por exemplo.

Após muito chamego com meu amor, levantei e fui admirando a natureza encostada no ferro da lancha. Fê fez o mesmo e ficou acariciando meu ombro.

— Relaxa, princesa...

— Nada mais relaxante que isso, essa vista, esse vento, essas mãos — Sorri, recostando a cabeça em seu peito.

Que grude bom!

PERIGOSAS NACIONAIS

Em certo ponto, Pietro deu uma parada, deixando à vontade pessoas que queriam mergulhar. Aquele mar parecia nos chamar, então eu e Fernando não pensamos duas vezes. Mergulhamos.

Nos jogaram boias, onde pude me acomodar e relaxar ainda mais, enquanto o sol bronzeava levemente minha pele.

Aquilo tudo era prazeroso demais, embora o que estivesse me deixando realmente feliz era minha sintonia com meu marido e ter recuperado aquilo que sempre foi nosso e que, por algum momento, se perdeu. Como Deus foi bom com nós dois. Na verdade, Ele sempre é!

Foram longos minutos aproveitando o marzão... e quando voltamos á lancha, almoçamos conversando com nossos amigos e colegas. Foi ótimo ficar naquele bate-papo e risadas. Só assim eu consegui driblar o sono que às vezes voltava.

Após um tempo parados, Pietro andou mais um pouco e parou em uma ilha, que tinha o nome de Ilha Feia, mas na verdade era uma gracinha. Seria nossa última parada antes de voltar.

Eu mergulhei primeiro com Bianca, ela

PERIGOSAS ACHERON

também adorava nadar. Em seguida, nossos companheiros chegaram até nós, se renderam ao calor.

Fernando se aproximou, me puxando para si, e eu entrelacei meus braços em volta de seu pescoço, lhe dando um beijo carinhoso.

— Olha a foto! — Bianca gritou, nos fazendo rir.

Ela fotografava a todos o tempo todo! Eu estava até com medo de ver esses registros, imaginando quantas vezes fui pega desprevenida.

Quando retornamos à lancha, eu tive uma brilhante e maliciosa ideia.

— Amor, me mostra onde fica o banheiro?
— pedi, após me secar.

— Vamos lá.

Ele me conduziu para dentro da lancha e, quando chegamos na porta, antes de entrar, olhei para um lado e para o outro, me certificando que ninguém estava por ali. Sem pensar muito, puxei meu marido pelo braço.

Bati a porta.

— O que está fazendo? — ele perguntou,

surpreso.

— Você não falou que ontem eu podia ter te chamado pra me ajudar no banheiro?! Estou chamando hoje — expliquei rápido e o beijei com vontade, passando a mão por seu corpo, já deslizando para dentro de sua bermuda.

Fernando, sem pensar duas vezes, desfez os laços do meu biquíni, agarrou firme meus cabelos e me virou, fazendo eu apoiar as mãos na porta.

Aquele momento, apesar de rapidinho, foi muito, muito bom. Aquela tensão de alguém chegar e bater na porta, os sussurros abafados para ninguém ouvir, ficou tudo ainda mais gostoso.

Depois que nos recompomos, nós rimos e nos beijamos apaixonadamente, ainda no banheiro, mas precisávamos sair, o calor ali dentro estava insuportável.

Assim que abrimos a porta, demos de cara com uma senhora aguardando para entrar.

Fiquei meio sem reação. Ela nos olhou, sorriu, e eu sem pensar, soltei:

— Esses passeios me deixam tão enjoada, meio tonta, sabe?

De onde eu tinha tirado aquilo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tenho remédio pra enjoo! Quer? — ofereceu, gentilmente.

— Obrigada. Já tomei, acredito que logo passe.

— Certo. Melhoras, querida.

Ela entrou para o banheiro e eu e Fernando caímos na gargalhada daquela minha invenção desnecessária. Eu nem precisava ter dito nada, mas a verdade é que fiquei um pouco sem graça quando ela nos encarou.

As horas daquele dia primeiro passaram que nem percebemos, devido ao delicioso passeio.

Já era à tardinha quando voltamos ao *resort*. Estávamos muito cansados.

Depois de falarmos por vídeo com meus pais e nosso filho, ajeitamos nossas roupas para irmos embora no dia seguinte. Eu não quis jantar e apaguei com a toalha enrolada no corpo mesmo, nem me dei ao trabalho de colocar uma roupa após o banho.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 24

Na manhã seguinte, conforme o combinado, saímos do *resort* bem cedo. Ao nos despedirmos, já na frente do nosso condomínio, deixamos claro aos nossos amigos Pietro e Bianca o quanto ficamos felizes pelo tempo em que passamos com eles. E já pretendíamos voltar em breve com nosso filho!

Assim que abri a porta de casa, meus olhos brilharam. Meu menino já estava lá brincando com seus carrinhos. Na mesma hora, ele correu em minha direção e o peguei no colo.

— Mamãe! — gritou.

— Minha vida, que saudade de você! — falei, o abraçando apertado.

Fernando nos abraçou, depositando um beijo na cabeça do nosso filho.

— Conta pra gente, você brincou muito? Obedeceu seus avós? — perguntei, ainda com ele no colo, indo dar um beijo em meus pais.

Conversamos bastante naquela manhã. Nosso filho estava ainda mais falante. Me contou

PERIGOSAS ACHERON

que nadou, brincou, me mostrou o joelho ralado e disse que estava dodói, resultado do pique-pega. Minha mãe fez questão de me explicar, mas eu não me preocupei, eu sabia que Miguel ainda ralaria muito aqueles joelhinhos. Crianças!

Almoçamos juntos e, já à noite, recebemos os pais do Nando. Todos satisfeitos com suas viagens e cheios de planos para o novo ano.

Os primeiros dias de janeiro eram, naturalmente, corridos para nós, devido a várias coisas que surgiam para resolvermos, mas aquele ano estava se superando!

O casamento da minha melhor amiga já estava batendo na porta e os preparativos para a festa do Miguel também. Eram muitas pequenas coisas para desenrolar, mas o foco estava no casório. Minha roupa e do meu *baby* precisavam de ajustes. Fernando já estava com seu terno em mãos, era menos uma coisa para pensar. A semana foi tão corrida que logo o grande dia chegou. O casamento da melhor dinda de todos os tempos!

No dia, meus pais ficaram responsáveis por Miguel, para que eu pudesse ficar com Amanda e

me arrumar junto dela. Ela fez questão que todas as madrinhas participassem.

— Em alguns momentos acho que vou ter um troço! — Ela estava com o nervosismo à flor da pele.

— Calma, prima, vai dar tudo certo! — Sua prima Valéria amenizou. — O sítio está ficando a coisa mais linda.

E Valéria estava certa, pois o local estava ficando do jeitinho que Amanda idealizou. Um sonho de tão romântico! Diversas vezes fui ao lado de fora dar uma rápida olhada para saber se estava tudo certo.

O dia foi agitado e muito divertido. Perdi a conta de quantas fotos tiramos, várias poses e muitos brindes com taças de champanhe. Entre uma produção e outra, tentávamos acalmar Amanda e garantir que tudo iria correr bem. Seu maior medo era algo dar errado na cerimônia ou na festa. Ela tinha receio dos famosos imprevistos.

Nos maquiamos todas juntas, mas conforme os maquiadores iam terminando, já íamos nos posicionando do lado de fora. Eu amei meu vestido, o rosa que minha amiga havia escolhido era

realmente lindo e delicado, todas aprovaram. A maquiagem que escolhi também foi suave, pois algo muito extravagante não combinaria com o traje.

Eu fui uma das últimas a ficar pronta e, antes de sair do quarto, fui até Amanda. Ela estava se maquiando e estava ainda mais bela.

— Você está linda! — falou assim que me viu.

— Isso tudo é pra você — rodopiei, fazendo graça, e gargalhamos juntas. — Não quero te atrapalhar, só quero que saiba que estou muito feliz em fazer parte desse momento tão lindo. Fica calma, relaxa, vai dar tudo certo. Te amo.

Tivemos que nos abraçar com cuidado por causa dos detalhes do penteado dela e do meu.

— Também te amo, minha amiga — declarou emocionada.

Deixei o maquiador continuar seu trabalho e fui para o lado de fora.

Fernando já estava lá me esperando. Assim que nos encontramos no meio das pessoas, deixamos claro nosso deslumbramento um pelo outro. Meu marido estava ainda mais lindo e

PERIGOSAS NACIONAIS

elegante com seu traje de padrinho, terno azul marinho, todo alinhado, muito bem arrumado e cheiroso. Ele já tinha me visto experimentando o vestido, mas eu não o tinha visto com aquele terno.

— Uau! Essa mulher é minha, hein, gente?
— falou mais alto, como se estivesse avisando quem estava ao redor.

Rimos de sua brincadeira, mas fiquei feliz por ter surpreendido com minha produção.

— Bobo! Você também está um espetáculo, meu amor! — Me derreti, dando-lhe um rápido beijinho.

Trocamos algumas palavras, mas logo um brilho extraordinário invadiu nosso olhar, pois avistamos meus pais chegando com nosso filhote.

Miguel estava a criança mais linda do mundo! Estava todo faceiro! Ele amava ser o centro das atenções. Sua roupinha estava impecável, calça azul marinho, blusa social branca, suspensório no mesmo tom da calça e, para completar, uma gravatinha borboleta e sapato social. Meu filho estava um verdadeiro príncipe, fiquei toda apaixonada quando vi.

Não perdemos tempo, corremos ao encontro

PERIGOSAS ACHERON

deles...

— Meu filho você está maravilhoso! —
Admirei meu menino, abaixando, ficando de sua altura.

— Mamãe *totoga* — falou, me abraçando.

— Você está linda, filha — meu pai me elogiou, beijando minha bochecha.

Tanto ele quanto minha mãe também estavam na beca, super bonitos.

Nosso papo foi breve, não tive muito tempo para ficar admirando meu pequeno. Logo nos chamaram e fomos para a fila dos padrinhos.

Senti um friozinho na barriga tão bom! No meu casamento, lembro que Amanda contou que sentiu o mesmo. Devia ser nossa sintonia, coisa de melhores amigas.

Minha amiga cumpriu o ritual e atrasou um pouco, por isso ainda demoramos longos minutos para entrar pelo lindo caminho de flores feito no jardim daquele sítio.

— Está nervosa? — Fê me perguntou.

— Um pouco.

Ele sorriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A amizade de vocês é linda — disse suavemente.

— É mesmo — concordei com um sorriso no rosto.

Finalmente foi liberada a nossa entrada e não foi algo demorado, pois não eram muitos casais. Nos posicionamos para esperar a noiva.

Sem mais demoras, minha amiga surgiu. Amanda estava linda, o modelo do vestido que ela tanto queria caiu como uma luva, ficou perfeito em seu corpo. Seu sorriso não escondia o nervosismo e a emoção.

Aliás, emoção foi uma coisa difícil de segurar! Assim que minha melhor amiga se posicionou no caminho de flores e foi dando passos leves até o altar com seu pai, não aguntei. Não pensei em maquiagem, não pensei em fazer bonito, eu simplesmente chorei. Aquele choro de felicidade, sentindo a alegria invadir meu coração por estar fazendo parte do sonho da minha irmã de alma.

Um filme passou em minha cabeça, o dia que nos conhecemos, nossa primeira saída, a primeira noite que dormi em sua casa, o primeiro

PERIGOSAS ACHERON

desentendimento – que não durou nem duas horas –, simplesmente cada momento vivido com aquela pessoa maravilhosa, a quem eu conheci uma menina, mas que tinha se transformado na mulher mais forte, doce e amiga que eu conhecia. Minha felicidade estava assumida para todo mundo ver.

Gael também não se conteve e chorou, e sei que foi de felicidade ao avistar sua futura esposa. Como aquele amor era bonito! Por quantas dificuldades os dois também já tinham passado pra chegar neste dia...

A cerimônia foi emocionante. Eu amava escutar sobre o amor, casamento e tudo o que ele traz. Nada mais verdadeiro que esse sentimento, é algo que não se finge, não se compra, é um sentimento que é cheio de Deus, e nada é mais forte que isso.

Os votos de ambos foram lindos. Amanda tinha pensado em cada palavra, porém Gael também a surpreendeu com seu discurso. Os dois trocaram lindas juras de amor.

Fernando, em certo momento, puxou minha mão, a beijou, nos olhamos e percebi que era muito evidente nossa paixão um pelo outro, muito

escancarado, ninguém podia dizer o contrário. Nos olhávamos como marido e mulher, amantes, cúmplices, melhores amigos.

Na hora das alianças, fiquei ainda mais emocionada e risonha. Quase babamos admirando nosso bebê, que cumpriu seu papel direitinho ao lado de sua amiguinha. A vontade que tive foi de agarrar e beijar muito meu filho, eu estava toda orgulhosa pelo seu desempenho, mesmo ainda tão novinho. Coisa de mãe!

— Nosso meninão! — meu amor cochichou no meu ouvido, também admirado.

Ao final daquele momento tão lindo, quando eles trocaram alianças e fizeram seus votos, meus amigos selaram aquela união com um doce beijo, seguido de muitas palmas. Aquele lugar transbordava felicidade.

Quando os noivos chegaram no salão, a festa começou. E que festão! Até Miguel aproveitou muito, dançou para caramba, brincou. Eu e os dois homens da minha vida dançamos muito na pista.

A festa estava muito bem organizada, os pratos doces e salgados estavam maravilhosos, tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

estava exatamente como ela queria. Àquela altura, minha amiga já estava menos preocupada, só curtindo sua noite.

Algumas horas já tinham passado, quando o cerimonialista chamou a noiva e as madrinhas no microfone. Não estávamos esperando, mas nos posicionamos onde ele pediu.

Amanda sentou em uma pomposa poltrona à nossa frente e nós ficamos um pouco atrás. Eu estava realmente curiosa com o que viria.

As luzes se apagaram e apenas luzes coloridas iluminaram o salão. Quando a música começou, entendi que se tratava de uma apresentação do noivo e padrinhos. Na mesma hora, caí na gargalhada. Eles entraram já dançando funk e se posicionaram na nossa frente.

Fernando me enganou direitinho! Não deixou escapar nada sobre ensaios ou uma surpresa daquelas.

Eles começaram a apresentação, levando todos os convidados à loucura. Todo mundo ficou em volta rindo, batendo palmas, gritando. Assim como eu, as madrinhas e nossa noivinha foram surpreendidas, e estavam amando aquilo tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os rapazes dançaram todos os ritmos e, fiquei impressionada, não erraram nenhum passo! Meu marido mandou muito bem. Ao final da apresentação, ele veio falar comigo, todo suado.

— Gostou? — Sorriu.

— Eu amei! — O abracei, não me importando com o suor. — Amor, você é praticamente um dançarino. Que orgulho!

— Acho que vou largar a empresa e virar MC.

Nós gargalhamos juntos e logo minha mãe apareceu, brincando com ele. Aquela noite foi inesquecível!

Fomos embora somente às quatro da manhã. Miguel já dormia em meu colo, estava exausto.

Deixamos meus pais no meu antigo apartamento e fomos para casa. Eu só precisava deitar. O cansaço era tanto, que deixamos que Miguel dormisse em nossa cama. Dormimos os três, sem banho e largados.

O domingo foi praticamente todo de preguiça na cama, assistindo séries e desenhos. Logo de manhã falei com Amanda, que estava

PERIGOSAS ACHERON

radiante. A noite tinha sido um sucesso, sem problemas ou imprevistos.

Aproveitei para ficar de chameguinho com meu filhote, ainda matando a saudade pela viagem de ano novo.

— A mamãe é de quem, Miguel? — perguntei, com ele em cima de mim, me abraçando.

— É minha!

— Ah, não! É minha, só minha! — Fernando implicava, me agarrando e empurrando ele de leve.

— Não! *Pedeu*, papai. É minha!

Miguel tinha surgido com a mania de ciuminho. E como era bom ser disputada pelos homens da minha vida! Eu não poderia estar mais feliz. No meu lar, com meu marido e meu filho, minha família unida e cheia de amor, como sempre sonhei.

Após o dia preguiçoso, nossa semana começou agitada. Tive que ir para a empresa praticamente todos os dias. Eram reuniões de manhã e de tarde, fechamentos, planejamentos, situações que meu marido fazia questão de que eu estivesse ao lado, por dentro de tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Para completar, tínhamos marcado de visitar algumas escolas também. Queríamos conhecer bem a fundo o local onde deixaríamos nosso filho. Meu pai voltou para São Paulo logo na segunda-feira após o casamento, mas retornaria para o aniversário. Minha mãe ficou e, junto de Rosa e Maria, me ajudou para caramba.

Mesmo no meio da loucura que estavam sendo nossos dias, tudo, simplesmente tudo estava bem, diferente de meses atrás. Muitas vezes Fernando chegava cansado, claro, mas existia diálogo, parceria. As coisas realmente tinham mudado, não foi da boca para fora, como acontece em algumas situações. Nossa mudança de comportamento foi real, foi de coração, por querer, por amor.

Naquele mês, eu faria minha primeira visita a Belo Horizonte, já com a filial estabelecida. Iria com o RH do Rio para começarmos o recrutamento. Porém, faltando apenas dois dias para a viagem e uma semana para a festa do Miguel, um imprevisto surgiu.

Meu filho ficou bastante doente. Chegou a ter febre de quase 40°C.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amor, não se preocupa. Você prefere que o pessoal vá ou cancelamos a viagem?

— Deixa eles irem. Eu não vou conseguir viajar em paz com o Miguel desse jeito.

— Com certeza não.

Era uma da manhã e estávamos na sala conversando, após chegarmos do hospital. Miguel dormia no sofá após uma crise de tosse. Estava com a garganta inflamada e muito gripado. Eu estava com olheiras até dizer chega, e o coração super apertado. Era tão ruim ver meu bebê mal, sentindo dor e não conseguindo se alimentar direito. Aquilo acabava comigo.

Pensamos até em cancelar sua festa de três anos e deixar para o fim de semana seguinte, porém o salão que escolhemos, que já estava pago, não tinha vaga. O jeito era esperar pelos dias e ver como nosso menino reagiria aos remédios.

E que dias cansativos!

Deixamos que Miguel dormisse em nossa cama, até mesmo para estarmos sempre verificando sua temperatura. Ele acordava o tempo inteiro tossindo e nós não conseguimos dormir a noite toda. Eu ficava aflita, vendo-o com a respiração tão

PERIGOSAS ACHERON

pesada.

Durante o dia, ele ficava grudadinho em mim, queria colo o tempo todo, estava bastante manhoso pela situação. Até dispensei Maria mais cedo alguns dias. Eu e Nando ficamos bem cansados, isso ficou nítido para todos. Só quem já passou por essa situação sabe como isso deixa os pais exaustos.

Não foi uma semana fácil, mas, para nossa felicidade, no sábado, dia 28, um dia antes de seu aniversário e de sua festa, nosso filho acordou visivelmente melhor. Naquela noite, todos nós dormimos bem e a noite inteira. Eu fiquei super aliviada e feliz em saber que ele aproveitaria sua festinha, seu dia, porque era aquilo que importava, que ele curtisse bastante.

Estava um dia lindo de sol, desses que te convidam a ir para a rua. E foi isso que fizemos, a pedido do nosso filho. Acho que nem ele estava aguentando mais ficar em casa, tadinho!

Após almoçarmos fora, fomos buscar algumas encomendas e deixamos no salão. Eu, como mãe coruja, olhava aquele lugar já imaginando tudo enfeitado do jeitinho que planejei.

Miguel ficaria muito feliz, eu não tinha dúvidas.

Despertei na manhã seguinte com o coração transbordando gratidão.

Dia 29 de janeiro, um dos dias mais felizes da minha vida, dia em que Deus me presenteou da maneira mais linda que existe.

Meu menino ainda dormia ao meu lado. Parecia tão bem e tranquilo, que alívio para o meu coração! Fernando já não estava na cama, imaginei que tivesse ido dar uma corrida na praia.

Antes de levantar, fiquei admirando meu pequeno. O tempo estava passando tão rápido. Três aninhos logo virariam quatro, cinco, seis... Logo estaria indo para a escola, faria amigos, ficaria cada vez mais independente e eu não tinha dúvidas de que me deixaria ainda mais orgulhosa.

Sem fazer barulho, levantei, peguei meu bloco de anotações e sentei na poltrona. Senti uma vontade imensa de escrever algo para Miguel, para quando ele estivesse crescido saber o quanto eu o amava e o quanto era grata por ser sua mãe.

“Hoje é seu aniversário, meu tão amado
PERIGOSAS ACHERON

filho!

Olho pra você dormindo e penso no quanto você me ensina a cada dia. Acho que aprendo muito mais do que ensino.

Lembro que há 3 anos, quando te olhei pela primeira vez, pensei: e agora? Como é ser mãe? Como faço para ser a melhor mãe do mundo? Como faço para nunca falhar com você, meu anjo? Você me olhou de volta, ainda tão pequenino, tão indefeso e foi como se me respondesse: calma, mamãe! Eu te ensino!

Senti uma onda de paz invadindo meu coração com aquele seu olhar. Você me acalma! E a cada dia era, e ainda é, uma descoberta. Tive que desvendar choros, vontades, manhas... e aprendi que não preciso ser perfeita, entendi que posso errar. Mães erram, mães não são máquinas. Porém fazem tudo como se fossem. Se erram, se culpam infinitamente. Detestamos pensar na possibilidade de algo dar errado para nossos pequenos, afinal, sofremos junto. Se algo dói em você, pode ter certeza que dói o dobro em mim.

Sabe, meu filho, por muitas vezes cansei. Mães cansam, se esgotam! Foram noites acordando

PERIGOSAS NACIONAIS

4, 5 vezes para te alimentar, trocar sua fralda e acalmar seu choro. Foram dias e dias vigiando teu sono quando a gripe te pegava. Foram meses tomando banho de 5 minutos e almoçando com você no colo, pois não servia outra pessoa, o colinho da mamãe sempre foi mais aconchegante. Eu recordo desses momentos, mas não reclamo, pois a minha maior recompensa é o sorriso lindo que você me dá todos dias. Isso não tem preço.

Hoje você completa 3 anos, já não acorda mais à noite, já fala grande parte das coisas que sente, já é meu melhor amigo, e ainda me ensina tanta coisa, meu amor...

Só posso agradecer a Deus pela oportunidade de ser mãe, de ser a sua mãe. Obrigada, filho, por me apresentar o maior amor do mundo.

Eu te amo mais que a mim mesma e tudo o que quero é ver sua felicidade. Farei de tudo por ela, meu Miguel.”

Senti meus olhos úmidos ao dobrar a cartinha e guardar. Eu estava tão sensível!

Após Fernando chegar e tomar um banho,

PERIGOSAS ACHERON

acordamos nosso filho com muitos beijos, fazendo farra para ele. Quem também chegou em nossa casa foram meus pais. Meu pai tinha acabado de chegar de viagem, especialmente para a festa. Os dois voltariam para São Paulo juntos na terça-feira seguinte. Eu já estava tão acostumada com minha mãezinha por perto...

A festa estava marcada para às quatro da tarde, mas nós chegamos um pouco antes. Meu filho estava bem e muito charmoso com sua roupinha escolhida especialmente para a data.

O salão de festas que escolhemos era enorme e seus vários brinquedos podiam ser aproveitados também por adultos. A decoração estava impecável, do jeito que idealizamos. Todos os personagens do filme estavam lá, o que deixou Miguel eufórico. Ele grudou no rapaz que estava vestido de *Solução* e não desgrudou mais.

Era tão bom ver meu filho com os olhos brilhando, rindo para todas as fotos e convidados! Aquilo não tinha preço.

Ele se esbaldou com as brincadeiras feitas pelos animadores e com os brinquedos daquele

PERIGOSAS NACIONAIS

salão. E eu deixei minha criança interior falar mais alto, me joguei com ele também. Ainda bem que eu tinha a desculpa de acompanhar Miguel e pude brincar livremente.

Nós dançamos, brincamos de dança da cadeira, participamos de gincana... até os avós de Miguel se divertiram! Vovô Otávio, então, caiu na farra com o neto, ele fazia todas as suas vontades.

Meu menino ficou todo faceiro depois que fez sua tatuagem de mentira, saiu mostrando para todos, e amou o teatrinho com fantoches também.

— *Toppin*, mãe *mô*! — Ele associou às peças do shopping que íamos. Muito esperto!

Resultado: a festa foi um sucesso. Pequenos imprevistos, mas nada que diminuísse nossa satisfação total.

Passamos a semana abrindo presentes. Miguel ganhou tantos, mas tantos brinquedos, que achamos desnecessário que ele ficasse com tudo. Separamos alguns para doar.

Na terça-feira não pude levar meus pais ao aeroporto, pois tive que estar presente em duas reuniões, mas nos despedimos com um belo almoço e muitos abraços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O ritmo estava intenso na empresa, porém estávamos conseguindo conciliar tudo da melhor maneira possível. Fernando já tinha marcado outra viagem a Belo Horizonte, e nós dois já estávamos sonhando com um outro tipo de viagem também... a nossa, em família.

Decidimos viajar no carnaval para Costa do Sauipe, local situado no litoral baiano. Sem perder tempo, ligamos para a agência de turismo e agitamos tudo. Eu já estava contando nos dedos o dia para irmos.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

Estávamos no comecinho de fevereiro.

Aquele dia estava meio arrastado. Mesmo que eu estivesse fazendo várias coisas no escritório, a hora parecia não passar. Quando sentei em frente ao computador, vi que a agência de turismo havia enviado nossas passagens. Miguel ia amar o lugar, eu tinha certeza. Meu peixinho nadaria em todas as piscinas do *resort*.

Após checar a agenda, resolvi ir para casa. Eu não estava legal, estava me sentindo enjoada, com muita dor de cabeça e uma sensação ruim. Talvez fosse pela correria dos dias, as noites mal dormidas com Miguel. Nosso corpo é uma máquina que sinaliza quando algo não está bem, não dá para deixar de lado. Achei melhor esperar Nando em casa.

Para completar, naquela noite meu marido também não chegou bem. Já imaginei que pudesse ser uma virose em família. Era só o que faltava!

— Dia meio pesado — ele comentou

PERIGOSAS NACIONAIS

quando sentamos para fazer um lanche.

Acreditei que fosse só o cansaço por ter passado o dia todo fora.

— Vai passar, vida. Hoje também não estou muito legal, mas amanhã acordaremos revigorados.

— Acariciei sua mão.

— Não vejo a hora de viajarmos.

— Nos enviaram as passagens! — comentei, empolgada. — Viu no e-mail?

— Ainda não, amor. Eles me ligaram, mas só vi a ligação depois.

Começamos a falar da viagem de carnaval e até nos distraímos, fazendo vários planos.

Quando deitamos, o Fê dormiu logo, estava realmente cansado. Mas infelizmente aquele descanso não durou muito tempo, e acredito que o clima um pouco pesado que Nando citou naquela tarde tinha uma razão.

De madrugada, minha sogra ligou para o meu celular, estava desesperada.

— Manuela, vem pra cá, pelo amor de Deus! O Otávio não está bem! Venham pra cá! — ela gritava ao telefone.

PERIGOSAS ACHERON

Dona Sônia estava tão desesperada que eu nem quis saber pelo telefone o que estava acontecendo, só disse que já estávamos a caminho. Fiquei tão atordoada com seus gritos, que simplesmente acordei meu marido de qualquer jeito, falando que precisávamos ir até a casa de seus pais, pois algo tinha acontecido. Cheguei a ficar zozza com tamanho nervosismo.

Fernando deu um pulo da cama, arregalando os olhos.

— Me fala, o que houve?! O que aconteceu? — perguntou, nervoso, colocando rapidamente uma camisa.

— Não sei, sua mãe disse que seu pai não está bem! Vamos logo! — Saí correndo para pegar Miguel.

Eu poucas vezes vi Fernando tão desesperado como naquela noite. Tive que pegar nosso filho às pressas. Eu não tinha condições de deixar meu marido ir sozinho e também não podia ligar para Maria aquela hora. Nossa tensão era tanta que não pensamos em nada, simplesmente pegamos Miguel e saímos.

— Liga pra ela, diz que estou chegando, diz

que estou chegando! — ele gritava no carro.

— Fica calmo! Temos que chegar lá pra ajudar, não podemos deixar sua mãe ainda mais nervosa!

Eu tentava passar tranquilidade, mas por dentro eu estava muito aflita, angustiada. O enjoo de mais cedo estava ainda mais forte. Com o nervosismo, eu estava com vontade de vomitar. Fui o caminho todo com o coração apertado, um nó na garganta e pedindo a Deus que fosse só um susto.

Fernando estacionou o carro de qualquer jeito e entrou correndo pela casa de seus pais, e eu atrás com Miguel no colo, ainda sonolento.

— Meu filho, me ajuda, estou com muita dor no peito, me ajuda — escutei meu sogro dizendo e percebi que era sério.

Ele estava agoniado, dava para ver desespero em seus olhos.

Minha sogra só chorava, estava desolada, sem saber o que fazer.

— Ele vomitou — contou, nervosa. — Temos que correr, são todos sintomas de ataque cardíaco.

— Pai, olha pra mim, fica calmo. Eu vou te

PERIGOSAS ACHERON

levar para o hospital. Vai ficar tudo bem.

— Eu tentei ligar para o plano pra pedir uma ambulância — sua mãe falou em meio às lágrimas, tremendo.

— Amor, é melhor uma ambulância, seu pai precisa de profissionais — aconselhei, tentando não deixar transparecer meu nervosismo.

— Eu não vou aguentar. Me ajuda!! — Seu Otávio estava desesperado, era nítido em sua voz, em seu olhar perdido.

Fernando o conduziu até o carro, dando apoio.

— Deixa que eu dirijo — falei, já do lado de fora.

— Não, não. Eu preciso ajudar meu pai — falou, nervoso, entrando no veículo.

Aquilo tudo aconteceu numa fração de segundos, tudo muito rápido. Eu não sabia o que fazer naquela situação. Se tentava acalmar minha sogra, que tremia e chorava de soluçar, se respondia Miguel, que estava me fazendo mil perguntas, se tentava reanimar meu sogro ou se falava com Fernando.

— Pai, olha pra mim. Pai! — Fernando

PERIGOSAS ACHERON

chamou e, com uma mão, foi massageando o lado esquerdo. — PAI!! — Praticamente gritou dentro do carro.

Meu sogro parecia estar perdendo os sentidos, já não respondia. A cabeça estava tombando para o lado... e eu não aguentei segurar as lágrimas, que desceram timidamente.

— OTÁVIO!! — Dona Sônia, sacudiu seu rosto.

O atendimento no hospital foi imediato. Assim que chegamos, vieram com a maca e o levaram às pressas. Peguei os documentos dele e eu mesma fui dar entrada. Nando e sua mãe não tinham condições. Eu estava me sentindo muito triste pelo ocorrido, e estava passando mal, e ainda assim estava mais calma que eles. Depois eles assinariam os papeis, caso fosse necessário.

— Mamãe, vovô tá dodói?

— Está, sim, meu filho. Mas ele vai ficar bom logo. — Acariciei seu rosto.

— Amo vovô Tatá.

— E ele também te ama muito — chorei, respondendo.

O medo de acontecer o pior me pegou,
PERIGOSAS ACHERON

embora eu estivesse tentando me manter positiva.

A espera por notícias foi horrível, angustiante e o pior: bastante demorada. Fernando não conseguia ficar sentado ou parado, estava visivelmente desesperado. Reparei algumas lágrimas descendo pelo seu rosto e minha sogra estava da mesma forma. Tentaram conversar e até a ofereceram um calmante, pois seu nervosismo podia fazer com que ela passasse mal, mas ela estava irredutível, não quis nada. Estava uma pilha de nervos, a ponto de ter um troço.

Aquela noite ficou ainda pior quando o médico responsável finalmente veio até nós.

Uma tristeza sem tamanho invadiu nossos corações.

Já não tinha mais jeito, o vovô Otávio tinha ido morar no céu.

— Não!! — Minha sogra desabou no chão a chorar. — Otávio! — gritou. — Não faz isso comigo! Meu companheiro, eu preciso de você!! — Suas palavras se perdiam no choro doído.

Fernando a abraçou apertado, todos nós choramos muito. Foi de partir o coração.

Meu sogro sofreu um infarto. Parte dos

PERIGOSAS ACHERON

casos não tem chances de chegar ao hospital, e nós ainda conseguimos chegar, mas infelizmente não conseguiram reanimá-lo. Segundo o médico, fizeram de tudo.

Aquela noite foi terrível. Passamos o restante dela no hospital, pois dona Sônia precisou ser atendida.

Perder meu sogro de uma hora para outra só me mostrou, ainda mais, como o amanhã é tão incerto...

No outro dia, Fernando tentava conter seu choro perto de sua mãe, mas a verdade é que estava quebrado por dentro. Ficamos desolados com tamanha perda.

— Perdi meu melhor amigo, meu maior exemplo — falou, não conseguindo conter o pranto em um de nossos momentos a sós. — Isso tudo parece um pesadelo! Até ontem estávamos nos falando, rindo, ele estava na festa brincando com o Miguel... — Meu marido estava inconformado.

Segurei seu rosto e delicadamente o acariciei. Aqueles olhos verdes tão lindos estavam tão tristonhos...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu amor, pensa nas coisas boas que vocês fizeram juntos, em como eram amigos e parceiros, no quanto amor você deu a ele... porque é isso que importa! O que fazemos em vida. Pense no seu pai com alegria.

O abracei apertado, tentando acalmá-lo. Se eu pudesse livrar meu amor daquela dor, eu faria.

A verdade é que nunca estamos preparados para perder quem amamos, por mais que saibamos que é o ciclo natural da vida. Nunca é fácil, nunca é compreensível e só o tempo e Deus podem amenizar essa dor, nos dar entendimento.

Às vezes pode até soar como egoísmo, afinal, em muitos casos a pessoa está em um leito de hospital, sofrendo, lutando com todas as forças e não queremos que ela se vá. Não queremos que ela descanse, porque precisamos olhar, precisamos tocar, precisamos *falsamente* ter o controle da situação. Mas será que nosso amor só vai até onde nossa visão alcança?

Acredito que ninguém esteja preparado para deixar ir, porém, maior que a dor da perda, é a dor de ver a pessoa que você ama sofrendo quando já não se pode fazer nada.

PERIGOSAS ACHERON

O velório foi um momento muito difícil. Minha sogra desmaiou e foi uma correria para socorrê-la. Eu estava me sentindo tão mal que em muitos momentos tive que sentar um pouco e respirar bem fundo para me controlar. A sala reservada ao meu sogro ficou lotada, nem eu sabia que ele tinha tantos amigos, todos lamentando juntos a ida de um homem tão bom, de coração enorme.

Que tarde triste!

Ao chegarmos em casa, minha sogra foi deitar no quarto de visitas, após darmos um calmante a ela. Nando ficou na varanda, ainda desolado. Eu não desgrudei dele um minuto sequer.

Tristes dias passaram. Um dia de cada vez, para nos recuperarmos, entendermos, digerirmos...

Minha sogra optou por passar um tempo conosco. Concordamos que seria bem melhor dessa maneira. Todos juntos, se apoiando. Isso fez com que nos sentíssemos mais calmos.

Nada como o tempo para amenizar a dor de perder alguém tão amado. Com o passar das semanas, Fernando foi ficando mais tranquilo,

PERIGOSAS NACIONAIS

aceitando melhor e dando cada vez mais força à sua mãe.

No carnaval não fizemos nada em especial. Não éramos muito fãs da época e cancelamos nossa viagem em família. Não tinha clima. Tanto eu quanto Fernando achamos melhor ficar no Rio, até mesmo pela minha sogra.

Meu marido ficou alguns dias sem ir para a empresa, preferiu ficar trabalhando de casa e também deixou Mauro ir sozinho nas viagens a Belo Horizonte naquele mês. As coisas estavam bem encaminhadas por lá, já tinham até fechado contratos com algumas lojas e já estavam enviando mercadorias. Ou seja, demorou, foi difícil, foram muitos altos e baixos, mas já estava no caminho para ser sucesso total.

Fernando, desde a morte do pai, não estava mais tão ligado nisso tudo. Se sentia feliz pelas coisas estarem bem resolvidas, mas por diversas noites chorou e me pediu desculpas pelo tempo em que andou ausente. Dizia que, com a morte do pai, percebeu como a vida é frágil e o quanto devemos demonstrar amor a quem amamos e jamais deixar o orgulho falar mais alto, pois não sabemos o dia de

PERIGOSAS ACHERON

amanhã.

Um mês passou e março já se iniciava, mês do Nando, mês dos seus 38 anos.

Depois de semanas não indo à empresa, em certa manhã ele resolveu ir. Disse que precisava reagir e eu concordei. Seria bom para ele.

— Antes das sete eu volto, amor — disse, depois de me abraçar.

— Vou ver se saio um pouco com sua mãe, uma volta na praia, pra distrair.

Demos um longo beijo antes de fechar a porta.

Minha sogra, após o falecimento de seu marido, ficou ainda mais ligada ao Miguel. Ela dava banho, comida, assistia aos desenhos e só não rolava com ele no chão, pois sua coluna não permitia tal travessura. Ela mergulhou de cabeça no universo de avó. Acredito que era uma maneira de se desligar um pouco da dor e da falta que o marido fazia.

Cheguei no quarto do meu filhote e os dois estavam sentados no pequeno sofá, lendo. Dona Sônia mostrava as palavrinhas e ele repetia junto com ela. Era uma forma de incentivá-lo. Faltava

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas uma semana para Miguel ingressar na escolinha. Depois de muito pesquisar, conhecer e participar de algumas reuniões, fizemos nossa escolha e estávamos loucos para ver nosso pequeno de uniforme e fazendo novas amizades.

— Está estudando com a vovó, filhote?

— Vou *pa* escola.

— Eu fico boba como ele já se mostra independente, Manu.

— Né? Eu aqui com o coração na mão de ficar longe dele, pensando que ele vai chorar.

— Acho que nós é que vamos chorar — falou, sorrindo.

Sentei ao lado deles.

— Filho, quando for pra escola, você vai sentir saudade da mamãe e da vovó? — perguntei.

Ele me olhou com cara de sapeca, mas ao mesmo tempo confuso.

— Mamãe não vai? — questionou, confuso.

— Não. Mamãe já estudou, vovó também. Agora é sua vez. Você vai ficar com as titias da escola.

Ele levantou e olhou para nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Miguel vai, mas Miguel volta — explicou, fazendo gestos com os dedinhos.

Nós explodimos em uma gargalhada! O moleque estava nos consolando pelas horas que ficaríamos longe dele. É mole? Que ovelhinha desgarrada!

A vovó o puxou para um abraço apertado.

— Você é o meu maior tesouro, meu neto! — Seu sorriso ainda era um pouco triste.

— Sabe o que eu estava querendo hoje? — falei. — Dar uma volta na praia, tomar um sorvete ou um suco, ou então podemos ir ao shopping.

— Ah, minha filha, te agradeço pelo convite, mas hoje prefiro ficar em casa. Não fica chateada comigo, não — se desculpou, ainda sentida.

— Imagina, não precisa se desculpar — dei um beijo em sua mão —, só queria que se distraísse, mas entendo.

— Prometo que essa semana faremos algo. Podemos ir comprar os móveis que quero trocar.

— Claro. Vamos, sim.

Minha sogra já tinha falado que em breve

PERIGOSAS ACHERON

voltaria para casa, embora tivéssemos falado para ela passar o tempo que fosse necessário com a gente. Ela queria voltar, mas dizia não ter coragem de dormir na mesma cama, olhar para alguns móveis que lembravam tanto o marido. Eu compreendia esse pensamento, e se fosse para ela se sentir menos triste, que trocasse tudo.

O dia passou devagar, com algumas coisas para resolver no escritório, um bate papo com Rosa e uma ida ao mercado. No caminho, tive a ideia de fazer um jantar para Fernando e Dona Sônia. Os dois amavam filé de peixe ao molho de ervas finas.

Já à noite, aproveitei que Miguel desceu para uma voltinha com a vovó pelo condomínio e fui para a cozinha. Já tinha deixado tudo quase pronto, mas dei uma pausa, pois não me senti bem. No fundo, eu não andava muito legal mesmo. Eu acreditava que era devido a todos os acontecimentos, que me deixaram muito nervosa. Minha cabeça estava sempre doendo, eu estava enjoada, um cansaço fora do normal, mas com certeza o motivo era o desgaste emocional.

Coloquei o peixe no forno e fui para a sala. A dor de cabeça ainda persistia e eu não queria

PERIGOSAS NACIONAIS

tomar outro remédio.

A porta se abriu e Fê passou por ela.

— Boa noite, amor — falei, levantando para lhe dar um beijo rápido.

— Que cheiro bom! — ele elogiou depois de me beijar a testa.

— Tem algo no forno que você e sua mãe adoram...

— Filé de peixe ao molho de ervas? — adivinhou.

— Caramba! Acertou em cheio!

— Ótimo. Estou morto de fome — disse, afrouxando a gravata. — Encontrei minha mãe lá embaixo. Ela comentou que à tarde você não passou bem. O que houve?

— Nada demais. Muita dor de cabeça, fraqueza, enjoo...

— Comeu algo diferente?

— Não. A dor de cabeça continua, mas não deve ser nada demais. Talvez seja minha visão, preciso ir ao oftalmologista...

— Deixa que eu termino as coisas lá na cozinha, então — se prontificou.

PERIGOSAS ACHERON

Arrumei a mesa e coloquei uma leve música ao fundo. Mesmo não me sentindo bem, eu queria criar um clima bom para minha sogra, para conversarmos, falarmos de outros assuntos. Me partia o coração vê-la tão para baixo, sem se alimentar direito. Eu só queria que ela se sentisse à vontade e tirasse o foco da dor. Apesar de se entreter muito com o neto, eu sabia que vira e mexe ela se recolhia para chorar com as lembranças.

Tivemos um fim de noite agradável, um pouco mais animado e alegre do que o último mês. Em muitos momentos, fiquei observando Nando e sua mãe sorrindo, falando de lembranças boas e aquilo me deixou contente. Rimos também quando contei que nosso filhote nos consolou sobre sua ida para a escola.

Fomos deitar tarde e, antes de ir para o seu quarto, minha sogra agradeceu meu carinho.

— Deus não poderia ter colocado outra pessoa na vida do meu filho — disse, sorrindo, após um longo abraço.

Depois de fazer Miguel dormir, Fernando finalmente deitou ao meu lado, nos abraçamos e eu o enchi de beijos. Amava aquele aconchego.

— Minha paz! — falou baixinho, acariciando meu rosto.

Não sei dizer quanto tempo ficamos de carinho, só sei que dormimos agarrados.

Acordei com o braço do Nando em cima de mim. Percebi que ainda era o meio da madrugada, então levantei devagar. Estava com uma tremenda azia. Fui até a cozinha atrás de um sal de frutas. Talvez fosse a hora de fazer um *check-up*. Toda hora algo me incomodava! Quando não era a moleza, era o enjoo, a dor de cabeça, fora o sono absurdo que eu não sabia de onde estava vindo...

Espera aí... sono, cansaço, enjoo...

Pensar naqueles sintomas me deu um estalo.

Deixei o copo com o líquido efervescente na pia e corri na sala para pegar meu celular. Olhei o calendário e vi que minha última menstruação tinha sido uns meses atrás, bem antes do Natal. Lembrei que foi em dezembro, no dia da minha apresentação do TCC, quando rolou sexo no *flat*. A mania de marcar certos acontecimentos no celular me salvou, mas fiquei abismada como não percebi aquilo antes! Como não me atentei ao fato de não ter menstruado janeiro e fevereiro?

PERIGOSAS NACIONAIS

Com tantos eventos e acontecimentos, aquele grande detalhe passou batido! *Tô grávida*, falei para mim mesma. Só podia ser isso, essa era a única explicação para todos os sintomas! Na época da separação, me perdi tanto nos dias de tomar o remédio, que acabei parando.

Um entusiasmo foi invadindo meu coração, comecei a sorrir sozinha naquela sala, já estava quase dando pulinhos de alegria! Antes de sair correndo para o quarto e acordar Fernando, pensei melhor e decidi que primeiro faria o teste.

Ah... se realmente um bebê estivesse a caminho, seria o segundo melhor presente da minha vida, de *nossas* vidas! Sei que Fernando e sua mãe também ficariam felizes. Depois de um momento de dor, a chegada de um bebê seria motivo de felicidade.

Fiquei tão perdida com minha suspeita que a azia até passou. Fui deitar minutos depois, ainda com um largo sorriso no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26

No dia seguinte, mesmo tendo dormido mal, acordei cedo e nem dei tempo para muitas perguntas. Usei a desculpa de ter que ir à faculdade para ver uma questão da minha colação de grau e fui à farmácia.

No meu momento de insônia, fiz vários planos. Decidi que, tendo um resultado positivo, eu só contaria no dia do aniversário do Fernando. Depois contaria aos familiares e decidi também que entraria na onda do chá revelação. Eu ficava encantada vendo vídeos e fotos, queria entrar na brincadeira, mesmo que isso fosse gerar curiosidade e nervosismo a mais, afinal, o sexo do bebê é algo que todo mundo quer saber logo!

Fiz tantos planos que com certeza ficaria frustrada se naquele teste surgisse um *negativo*.

Teste em mãos. Voltei para casa e Nando ainda estava lá, todos na mesa tomando café.

— Voltou rápido — ele comentou.

— Eles não têm uma data definida, vão

PERIGOSAS NACIONAIS

mandar por e-mail — inventei.

Dei um beijo em Miguel, que estava comendo salada de frutas no sofá.

— Já tomou café, Manu?

— Já, sim, sogrinha.

Eu estava louca para entrar e fazer o bendito teste.

— Vou guardar minha bolsa e já volto — avisei, entrando.

Que bom que as coisas estavam bem avançadas e já não era necessário esperar pela manhã seguinte para fazer. Qualquer hora do dia já dava para saber o resultado.

Larguei minha bolsa na poltrona do quarto e fui até o banheiro para aproveitar a vontade de fazer xixi. Ter saído de casa com uma garrafinha d'água foi proposital. Li rapidamente algumas instruções. Aquele teste era digital, diferente dos outros que eu já tinha feito, ele apresentava até as semanas de gestação.

Diferente da minha primeira gravidez, aquele nervosismo que eu estava sentindo era bom.

Após fazer, um símbolo escrito “espere”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começou a piscar no pequeno visor. Nesse momento de espera, onde minha concentração estava toda voltada para aquele teste, levei um susto com as batidas na porta.

— Amor — escutei Nando chamar —, está tudo bem?

— Oi, vida! Está, sim. Resolvi tomar um banho...

— Eu já estou indo, tá? Hoje à tarde te espero na empresa para aquela reunião...

Eu não via a hora de aparecer logo aquele resultado, estava olhando fixamente.

— Amor? — ele continuou.

— Tá bom — respondi, mesmo não tendo escutado direito suas palavras.

— Queria te dar um beijo.

Escondi o teste, lavei as mãos e abri a porta.

— Não ia tomar banho? — questionou.

— Estava separando uns cremes pra passar depois — falei, apressada.

— Está bem mesmo? — perguntou, beijando minha testa carinhosamente.

— Claro, amor. Estou ótima. — Sorri.

PERIGOSAS ACHERON

Trocamos alguns beijos e abraços em despedida.

Quando voltei para o banheiro e busquei o teste, o resultado já estava lá.

GRÁVIDA 3+

Meu Deus!

Fiz todas as dancinhas possíveis dentro daquele banheiro em comemoração, pulei sozinha de felicidade. Era oficial, eu estava carregando mais um presentinho de Deus! Mais um bem precioso! Que felicidade ler aquele resultado...

Foi instantânea minha vontade de gritar ao mundo, de correr até o estacionamento e contar para o Nando, de chegar na sala e dizer “TÔ GRÁVIDA!”, mas eu me segurei e já estava mais que decidida, todos só ficariam sabendo no dia do aniversário do Nando. Somente Amanda saberia antes. Para fazer o chá revelação seria necessário alguém de confiança para saber o sexo.

Bom, eu teria que participar de uma reunião na empresa e definir a data da inauguração oficial da filial de Belo Horizonte, entre outros pontos, com o pessoal. Não teria como ir ao médico, mas já faria o exame de sangue e ligaria para o consultório

de Carlos e deixaria marcado para o dia seguinte, se tivesse vaga. Fazia questão de que ele fosse meu médico novamente. Gostei muito de como foi atencioso na minha primeira gestação.

E assim foi meu dia, com um sorriso estampado no rosto, já acariciando mil vezes minha barriguinha. Acho que só quem é mãe entende esse sentimento. E não digo só mães de sangue, que carregam na barriga, digo mães em geral, que carregam no coração, porque é isso que importa. Esse amor é tão grande que ultrapassa barreiras. O amor não vem do sangue, é coisa de alma, e é um sentimento tão grande que, como muitos dizem, chega a doer. É tão especial que muitas vezes meus olhos se enchiam de lágrimas ao olhar para o Miguel, meu primogênito tão amado.

Antes de ir para a empresa, passei em um laboratório e fiz o exame de sangue. Pegaria o resultado pela internet.

Fui à reunião e nem sei como aguentei olhar para a cara do meu marido e não contar! Mas fui me envolvendo nos assuntos da empresa e a hora voou. A festa de inauguração oficial demoraria mais alguns meses, pois pequenos detalhes ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

precisavam ser resolvidos, então achei melhor ter esse tempo para que tudo estivesse ok. Já era bem à tardinha quando eu e Fernando chegamos em sua sala.

— Você vai embora agora? — perguntei, puxando-o para um abraço.

— Marquei de tomar um café com Mauro, quer participar? — Acariciou meus cabelos.

Fiz uma careta. Já tínhamos passado a tarde inteira falando de negócios.

— Vou deixar vocês papearem a sós. — Sorri. — Vou aproveitar pra botar o papo em dia com Amanda.

— Clube do Bolinha e clube da Luluzinha — ele brincou. Abracei meu amor tão apertado. Eu amava demais aquele homem! — Não chego tarde, tá? — Beijou minha testa.

— Tudo bem.

Nos despedimos com um beijo rápido, peguei minha bolsa e já na porta:

— Amor, te amo muito — palavreei, sorrindo.

— Você sabe que eu amo mais, né?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mandamos beijinho um para o outro e eu fui ao encontro de Amanda na sua sala. Já tínhamos combinado por mensagem um café após o trabalho.

Assim que entramos em meu carro, eu não aguentei esperar.

— Tô grávida! — contei animada, na hora, sem prepará-la, sem pensar duas vezes.

Amanda imediatamente abriu seu melhor sorriso e arregalou os olhos.

— Jura?! — Juntou as mãos no rosto, surpresa.

— Sim!! — confirmei, alegre.

Nos abraçamos, felizes. Tão diferente da primeira vez, onde eu só sabia chorar, me culpar e estava desespero puro.

— Que notícia maravilhosa, amiga!! Caramba, estou muito feliz por vocês!

— Fernando ainda não sabe. Na verdade, só você sabe.

— Vai contar hoje à noite? Quando descobriu? Já foi ao médico?

— Pretendo ir amanhã, fiz o exame de sangue hoje. Falando nisso, preciso entrar no site.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas já fez o de farmácia, né?

— Fiz. Vou ver o resultado pelo celular — falei, pegando o aparelho na bolsa.

Antes de ligar o carro, entrei rapidamente. Coloquei meus dados e lá estava meu tão sonhado resultado:

POSITIVO

Foi motivo para mais um abraço apertado e boas gargalhadas de felicidade.

No caminho, revelei meus planos a ela, que adorou a ideia do chá revelação, concordou que estava em alta e era bem divertido. Ainda se gabou pelo fato de que saberia o sexo antes de todos.

Na cafeteria, perdemos a hora conversando sobre todos os assuntos possíveis. Amanda ainda passou lá em casa para dar um beijo no afilhado e esperar seu marido, que ficou de buscá-la após o futebol.

Naquela noite, depois de colocar Miguel em sua cama, eu e Fernando tivemos uma noite bem especial. Fizemos amor apaixonadamente. Ele até brincou dizendo que eu estava inspirada, mesmo depois de um dia cansativo. Ah, se ele soubesse...

Dormimos abraçados.

Na manhã seguinte, despertei muito enjoada. O enjoo parecia mais forte, com certeza o psicológico agindo, afinal, agora eu sabia o motivo. Sabia e estava nas nuvens!

Fernando já tinha saído e me deixou um bilhetinho, como nos velhos tempos.

“Eu sou o cara mais sortudo do mundo por ter você ao meu lado. Te amo demais, meu amor. Tenha um dia tão lindo quanto você!”

Enquanto lia aquelas doces palavras, fiquei imaginando o quanto ele ficaria feliz com a surpresa. Eu sabia que aquilo acalmaria seu coração, ainda apertado pela morte do pai.

Assim que levantei, liguei para o consultório, coisa que não fiz por falta de tempo no dia anterior.

Carlos estava de férias, mas sua irmã Fabiana, também ginecologista obstetra, iria me atender. Nem acreditei quando a secretária me falou que tinha vaga para aquele dia. Eu torcia muito para escutar logo o coraçãozinho e ver meu pequeno amor.

Passei a manhã toda enjoada, não consegui comer nada, mas tentei disfarçar para que ninguém

percebesse. Na certa, elas iriam adivinhar o motivo de tanto mal-estar. Os primeiros meses são sempre difíceis para algumas mães.

Antes de ir à consulta, saí com Miguel para buscar seu uniforme, que já tínhamos encomendado e recebi a ligação de que estava pronto. Meu bebê ficou tão, mas tão lindo naquela roupinha branca e azul!

— Ficou tão *totogo* nessa roupa, meu amor — brinquei com ele, tirando fotos para mandar para o pai.

— *Vô* estudar muito — falou, todo metido.

— Isso mesmo, filho. Parabéns! — O puxei, dando um super abraço.

Eu não resistia a tanta fofura, estava sempre o agarrando.

Antes de deixá-lo em casa, dei uma parada para um sorvete, o enjoo já tinha amenizado. O dia estava bem quente e aquilo fazia eu me cansar à toa, mas logo meu pequeno já não teria tanto tempo disponível, começaria a dar seus primeiros passinhos rumo a coisas novas, novos colegas, novas descobertas e aprendizados. Meu coração de mãe se apertava um pouco, mas por outro lado se

enchia de felicidade ao ver meu filho crescendo com tanta saúde, tão esperto, evoluindo de uma maneira linda. Seria um passo na vida de nós três e estávamos muito orgulhosos.

Deixei Miguel em casa com Rosa e minha sogra. Tomei um rápido banho, e segui toda sorridente para a consulta, mas antes passei no laboratório para pegar o exame de sangue. Mesmo já tendo certeza absoluta do meu positivo, eu olhei novamente o exame várias vezes, praticamente abracei aquele papel.

Já no consultório, demorei um pouco para ser chamada, mas adorei conversar com outras mulheres e observar suas barriguinhas, imaginando a minha grande novamente.

— Manuela Costa.

Finalmente eu!

— Vamos lá? — Dra. Fabiana surgiu na porta.

E eu entrei, sentindo até o coração agitado.

Depois de conversarmos um pouco sobre quando foi minha última menstruação e ela ter dado uma olhada no exame de sangue, eu troquei de roupa e deitei na mesa ginecológica.

Eu estava tão ansiosa, doida para saber mais daquele serzinho.

Assim que a doutora começou o exame, não levou muito tempo para eu escutar o som mais lindo de toda a minha vida, pela segunda vez. Os batimentos do meu bebê.

Fiquei tão emocionada, tímidas lágrimas desceram pela minha face, juntando-se ao meu enorme sorriso. Era real, oficial, eu estava gravidíssima.

— Que felicidade, hein, mamãe? — brincou, sorrindo.

— Muita! Parece até um sonho.

— Não é sonho, não. É sua linda realidade. Vamos descobrir de quanto tempo você está, medir o colo do útero...

Ouvir aqueles batimentos fez eu me sentir uma nova mulher, sentir que uma nova fase se iniciava e ter aquela sensação enchia meu coração ainda mais de alegria e esperança.

Enxuguei as lágrimas de felicidade e fomos a mais conversas após o final do exame. Nada que foi dito diferia muito da minha primeira consulta na gravidez do Miguel, coisa que lembro claramente.

Eu estava de 12 semanas e tudo estava muitíssimo bem.

— Está ansiosa para saber o sexo?

— Bastante, mas ainda está cedo, né?

— Você pode fazer o exame de sexagem fetal. Não precisa de encaminhamento e você pode fazer no laboratório aqui do lado, mas o plano de saúde não cobre. Não é um exame invasivo, é feito pela amostra de sangue e o resultado fica pronto entre 5 e 10 dias.

Eu já tinha lido sobre esse exame, e eu sabia que podia esperar, mas a curiosidade falou mais alto naquele momento.

— Ótimo, vou fazer. Sou bem curiosa! —
Ri.

— Ah! Eu sei como é! — Sorriu. — Não é necessário nenhum tipo de preparo específico. Se quiser, pode ir hoje mesmo.

Saí do consultório já com outra consulta marcada. Ali começava minha nova rotina, tendo que cuidar muito bem do meu pequenino ou pequenina e eu faria aquilo com o maior prazer.

No laboratório, o atendimento foi muito rápido. Coletaram uma amostra de sangue e pronto.

Super fácil.

Já em meu carro, antes de dar partida, mandei mensagem para Amanda contando as novidades e deixando claro que só ela pegaria aquele exame com a revelação do sexo.

Fui para casa tão contente, cantando, feliz da vida. Eu só não sabia como aguentaria olhar para o rostinho de todos e não contar, muito menos como conseguiria disfarçar o novo brilho nos meus olhos.

Cheguei em casa e fiquei na sala batendo papo, sentada no tapete, enquanto brincava de carrinho com Miguel. Por alguns momentos me peguei observando meu bebê, lembrando da minha primeira gestação, de como fiquei assustada, de como chorei, e mesmo com muito medo, eu já sentia o maior amor do mundo em meu coração. Depois que vi seu rosto, que o segurei, aquilo se triplicou. Era tão bom passar de novo por essa experiência, sendo que mais madura, mais responsável, em outra situação.

Era tão bom também aumentar a família com o homem da minha vida!

Quando a noite chegou, ainda fazia calor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Vovó Sônia foi dar uma volta com o neto, pois ele estava impossível dentro de casa, bastante agitado. Tomei um banho e deitei, ainda olhando o exame, sorrindo.

Levei um susto quando Fernando passou pela porta.

— Está rindo sozinha, amor? — foi a primeira coisa que me perguntou.

Eu levantei logo, disfarçando.

— Lembrei de um negócio que Amanda contou ontem. — Fiquei na ponta dos pés para lhe dar um beijo.

Nos abraçamos apertado. Minha língua coçou para soltar “VAMOS TER OUTRO BEBÊ!”.

— Estava lendo o quê? — perguntou, afrouxando a gravata.

— Um papel antigo da faculdade — inventei.

Enquanto Fernando tomava banho, ficamos conversando sobre coisas do dia-a-dia, nos organizando para o dia seguinte, que eu teria que ir para a empresa. Fui tentando ocupar a mente com outros assuntos, pois se não fosse dessa maneira, eu estragaria a surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

E não foi nada fácil me segurar dia após dia, afinal, eu estava radiante, era complicado disfarçar aquele sentimento. Sorte que eu tinha a Amanda para conversar, dividir meus planos, minha alegria. Os dias pareciam não passar, só porque eu queria que passassem.

No primeiro dia de aula do Miguel, me emocionei sozinha. Eu estava bem sensível. Eu e Fernando fomos levá-lo, após passarmos a manhã no escritório. Meu filho já se mostrava tão independente que nem chorou! Expliquei a ele que mamãe ficaria ali do lado, o esperando, ele entendeu super bem e foi tranquilamente com a professora. Alguma dúvida de que tirei mil fotos?

Após os 10 dias, Amanda foi buscar o exame. Eu fiquei de pegar, mas a afobada foi na frente e ainda zombou, me mandando mensagem:

“Eu sei, você não sabe!”

É mole? Uma palhaça mesmo!

Em nossa casa, as coisas estavam cada vez mais tranquilas. Minha sogra ainda sentia muita falta de seu companheiro e aquilo não mudaria da noite para o dia, mas estava mais comunicativa, se alimentando melhor e já tinha até arriscado

algumas saidinhas comigo. Eu sabia que era todo um processo até ela estar completamente bem, e nós não tínhamos pressa, tudo seria feito ao seu tempo.

Eu e Fernando, sem dúvidas, voltamos a ser aquele casal apaixonado. Ainda tínhamos nossos probleminhas, mas era tão bom sentir meu casamento mais maduro, mais forte. Estávamos juntos para tudo, para o que der e vier, aquilo ficou claro para ambos.

Seu aniversário estava chegando, ou seja, dia de contar a grande novidade. Comprei uma caixa bem bonita e, dentro, coloquei um ursinho junto com o teste de farmácia. Esse seria um de seus presentes. O melhor, com certeza.

Vários dias, antes de entrar para o banho, fiquei nua em frente ao espelho alisando minha barriga, mesmo que ainda não tivesse volume. Certa noite quase fui pega por meu marido. Era tão bom admirar e imaginar que em breve se tornaria um barrigão. Eu ansiava por aquele momento, por seus chutes, por seu nome, por seu rostinho.

Demorou, custou, mas finalmente o grande dia chegou! Eu já não aguentava olhar para a cara

de todo mundo e não falar, estava me sentindo sufocada já.

Acordei primeiro que Fernando na manhã de seu aniversário, e não via a hora de contar logo. Estava ansiosa e nervosa, eu sabia que ele ficaria muito feliz, e assim como eu, ia querer contar ao mundo sobre nosso segundo bebê.

Deitei sob suas costas e o enchi de beijos.

— Hoje é o dia do tiozão mais lindo do mundo — mordisquei sua orelha —, que eu amo demais!

Ele não ligava muito para essa questão da idade, de estar ficando mais velho, mas verdade seja dita, estava ficando grisalho. Os cabelos brancos já estavam sobressaindo, mas isso o deixava ainda mais maravilhoso e, digo, até mais *sexy*.

Fê sorriu, ainda de olhos fechados, e virou, me jogando na cama.

— Tá me zoando, é, novinha?

Nos envolvemos em um abraço e eu só pude desejar tudo de mais lindo para meu marido e toda felicidade do mundo a nós. Éramos merecedores, né? Depois de meses tão ruins, um

ano tão complicado, merecíamos paz, alegria e cada vez mais amor.

— Eu tenho dois presentes pra você. Um, está aqui... — Levantei e peguei o perfume que havia comprado dias atrás.

— Ah, amor! Dois presentes pra quê? — falou, sentando na cama e abrindo o embrulho. — Meu preferido!! — Se mostrou empolgado quando viu. — Obrigado, vida. Acertou em cheio.

— Que bom que gostou. Mas o segundo eu só vou poder te entregar daqui a alguns meses — falei tranquila.

— Meses?! — Estranhou. — Como assim?

— Ele não fica pronto antes... mas posso te dar uma dica — contei, buscando a caixa onde estava o teste.

— Espera aí, não fica pronto antes? — Ficou muito encucado, tentando desvendar.

— É que tem todo um processo pra ser moldado, tudo direitinho, sabe? — Eu estava me segurando para não rir. — Abre a caixa, você vai entender — pedi, entregando a ele.

Acho que ele já estava sacando, porque abriu na velocidade de um raio e, quando viu o PERIGOSAS ACHERON

teste, foi a cena mais linda daqueles últimos meses. Fernando chorou. Na verdade, ele não sabia se ria ou se chorava. Ficou muito emocionado e eu me emocionei junto. Me joguei em seu colo, abraçando-o.

— Manu, isso é sério? Nós vamos ter outro filho?! Meu Deus, que felicidade!! — disse com lágrimas nos olhos, muito entusiasmado.

— Sim, amor. É muito sério! Vamos ter outro bebê!

— Essa é a melhor notícia que eu podia receber. Você não tem ideia do que eu estou sentindo, amor! É uma alegria que não cabe no peito...

Ele levantou comigo no colo, me abraçou ainda mais apertado. Um abraço tão gostoso...

— Que bom te ver assim, tão sorridente!

— Você jura? Não é brincadeira? — Estava todo bobo.

— Juro, vida!!

— Me fala, quantos meses? Já foi ao médico? Quando vamos descobrir o sexo? Você contou pra alguém? — perguntou, me colocando no chão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma! — Ri de sua empolgação. — Na minha primeira consulta, no início do mês, eu estava de 12 semanas. Sobre o sexo, fiz um exame e a Amanda pegou o resultado, só ela sabe. Não contei pra mais ninguém.

— Você não quis saber o sexo? — Espantou-se.

— Não. Dessa vez quero fazer um chá revelação. Sabe como funciona?

— Não, só sei que estou louco pra descobrir, você sabe, eu sou curioso. Vamos fazer esse chá pra ontem!

Fernando estava muito engraçado, eu não aguentei e caí na gargalhada me jogando na cama.

— Calma, homem!

Ele se jogou na cama também e nos beijamos muito, estávamos radiantes. Finalmente eu podia falar disso livremente, sorrir, me admirar no espelho, acariciar a barriga.

Após festejarmos juntos no quarto, chegamos na sala, sorridentes. Fernando foi surpreendido com o bolo e os parabéns de Rosa, sua mãe, Maria e nosso pequeno. Comemoração que combinamos no dia anterior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele abraçou uma por uma, e eu só de olho em sua expressão, estava com os olhos brilhando. Pegou nosso filho, abraçou apertado.

— Temos uma novidade — falou sem enrolar, antes de sentar para tomar café.

— Do jeito que chegaram felizes na sala, é coisa boa — Rosa adivinhou.

— Muito boa — falei.

— Tem a ver com a empresa? — Minha sogra perguntou, curiosa.

— Nada, é algo bem melhor, nem se compara com empresa!

— Falem!! — Maria pediu, tensa.

Olhamos um para a cara do outro, aquele olhar de cúmplices.

— Estamos grávidos! — falamos juntos.

Aquele cômodo ficou pequeno para nossa alegria e o tanto de amor que recebemos das três. A mãe do Nando até chorou, os dois choraram juntos. Foi uma emoção maravilhosa de sentir, contagiante.

Na minha primeira gravidez, eu só fui curtir uns meses depois. Já na segunda, eu queria gritar ao

PERIGOSAS ACHERON

mundo, eu não estava com medo, receio, pensando em como tudo se resolveria, eu estava me sentindo a mulher mais feliz e realizada do mundo.

Miguel ainda estava no colo do pai, meio sem entender a farra e risadas.

— Meu amor, você vai ter um irmãozinho ou irmãzinha. Tá aqui na barriga da mamãe — expliquei, mostrando e acariciando minha barriga.

Ele olhou.

— Tá na *baíga* do papai também?

Meu filho e suas pérolas!

— Não, só na da mamãe. Você vai ajudar a cuidar do nosso bebê? Ele é seu também, sabia? — Fernando explicou.

— Vou — falou. — *Bincar* de luta.

Miguel pediu para descer do colo do pai e quis dar beijinhos em minha barriga. Ele também sabia ser carinhoso e amoroso.

Aquele aniversário foi muito especial. Não que os anteriores não tenham sido, foram e muito, afinal, Miguel já estava em nossos braços, mas eu sabia que aquele bebê tinha sido enviado na hora certa. Para acalmar o coração de Nando e sua mãe,

para encher nossa vida ainda mais de alegria. Tiraria o foco da dor, traria novo sentido e ainda mais amor e união entre nós.

Rosa e dona Sônia queriam ligar para Amanda para perguntar se era menina ou menino, mas depois resolveram deixar a curiosidade de lado e embarcarem na brincadeira.

Fernando não foi para a empresa, ficamos em casa, já fazendo mil planos, entrando em contato com a empresa que era responsável pela decoração dos aniversários do Miguel. Eles trabalhavam muito bem e eu já tinha visto na rede social deles vários chás de revelação. Nos embrenhamos novamente naquele mundo de fraldas e chupetas. Que dia feliz!

À noite, quando voltamos do restaurante, onde jantamos com alguns amigos do Fê para comemorar seu aniversário, falamos um pouco sobre nomes.

— Se for menina, tem três nomes que amo — comentei, enquanto trocava de roupa.

— Um eu sei. Lara, né? — adivinhou.

— Isso. Lara, Helena ou Ana Helena.

— Também gosto dos três, amor. Temos

PERIGOSAS NACIONAIS

que decidir — falou, tirando a camisa.

— Bom, primeiro temos que descobrir o sexo. — Ri.

— É, se for menino — ele sentou na cama —, tem um nome que meu pai amava... ele dizia que queria que fosse meu nome, mas minha mãe amava Fernando.

— Eu nem sei qual é o nome, mas topo — falei, ficando entre suas pernas. Ele me abraçou.

— Nunca te falei?

— Não. Nem quando estávamos esperando o Miguel...

Fui interrompida por nosso furacão. Nosso filhote entrou correndo no quarto com dois carrinhos, estava com a corda toda.

— Papai, um é seu — falou, já se acomodando na cama.

Não continuamos o assunto. Deixei os dois brincando e fui ligar para a minha mãe. Ela estava muito curiosa, pois passei o dia dizendo que tinha uma novidade pra contar, mas não quis falar por mensagem.

Assim que ela atendeu, foi direto ao

PERIGOSAS ACHERON

assunto.

— Até que enfim! Isso é sacanagem, Manuela! Estamos aqui curiosos.

— Acalma esse coração. Tudo bem com você também? — Brinquei.

— Não acalmo, não! Conta logo, filha.

— Você nem imagina o que seja?

— Já pensei mil coisas. Uma delas é que você está grávida.

— Na mosca, dona Márcia! — confirmei sem rodeios.

Minha mãe simplesmente começou a gritar ao telefone, como se fosse gol do Brasil na Copa do Mundo em um jogo decisivo. Eu só conseguia rir do outro lado da linha.

— Jorge! — ela gritou pelo meu pai. — É gravidez, vamos ter outro neto! — contou eufórica.

Os dois festejaram e eu fiquei só escutando e rindo da comemoração deles. Aquela conversa não terminou tão cedo, eles quiseram saber tudo, meses, dia em que eu descobri, como foi, se estava tudo bem, para quando o bebê estava previsto e, claro, o sexo. Assim como Rosa e minha sogra, os

PERIGOSAS NACIONAIS

dois também queriam ligar para Amanda, mas eu pedi e até insisti que não fizessem isso. Queria que fosse surpresa para eles também.

Quando entrei, Miguel estava dormindo em nossa cama e Fernando assistindo TV.

— Vou levá-lo para o quarto — falou, levantando assim que me viu.

Olhei meu filhote dormindo. Estava ainda mais lindo, ficando uma nítida mistura de nós dois, não tinha como dizer com quem parecia mais. Só os olhos que eram dos pais do Nando, azuis como oceano, e o cabelo castanho era meu.

Enquanto admirava, acariciei minha barriga, pensando que queria muito que meus dois filhos se tornassem melhores amigos, e se fosse uma menina, eu tinha certeza que Miguel seria muito ciumento, eu conhecia minha pecinha.

— Dá até vontade de deixar ele aqui, né? — comentei.

Fernando chegou por trás.

— Tá achando que a noite acabou? — cochichou no meu ouvido, fazendo eu me arrepiar.

Me virei e o encarei.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom saber que não — Pisquei.

Assim que Fê saiu do quarto com Miguel no colo, troquei minha roupa de dormir por uma lingerie branca. Não tinha tempo pra grandes produções, mas queria pelo menos estar com alguma peça mais sensual.

Ele voltou rapidamente e, quando entrou, se deparou comigo ajoelhada na cama, o esperando. Pelo seu sorriso malicioso, sei que gostou do que viu. Fê se aproximou, me chamou com o dedo, e continuei na cama, mas cheguei mais na beirada para ficar próxima dele.

— Chegou a hora de comemorar de verdade — falou, segurando firme meu cabelo.

Eu adorava aquele jeito mais agressivo entre quatro paredes.

Fernando, naquela noite, estava com um fogo fora do normal, e eu adorei saciá-lo.

Com o passar das semanas, a ansiedade só aumentava e os preparativos também. Fernando dizia até já ter sonhado com minha barriga grande.

Não vimos motivo para esperar para realizar o chá revelação. Eu até tinha pensado em deixar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para mais para frente, meado do ano, devido ao momento delicado por qual todos passamos e por sentir que, apesar de felizes com a gravidez, as lembranças ainda estavam bem presentes, e em respeito, mas minha sogra e Nando queriam o quanto antes aquele momento, aquela festa. Os dois disseram que aquilo os faria felizes, então logo combinamos data e local.

Seria na nossa casa em Angra, como eu queria. A lista de convidados não ficou tão grande. Eu quis convidar pessoas realmente especiais e que faziam parte de nossa história.

Faltando três dias para o chá, meus pais chegaram de viagem. Foi tão bom receber o abraço e ver a alegria e brilho nos olhos dos dois. Minha sogra estava cada dia melhor, ficou muito envolvida nos preparativos e ainda mais carinhosa comigo, e não só ela, Miguel todo dia pedia para beijar minha barriga e dizia que tinha neném ali. Tirei muitas fotos desses momentos únicos.

Quando finalmente o grande dia chegou, foi um alívio para todos os curiosos e ansiosos.

Acordei animada, já em Angra. Chegamos no dia anterior bem cedinho e aproveitamos o dia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com nossos familiares que foram conosco e também com Marcelo e sua esposa, que decidiram ir também, ao invés de chegar só no domingo.

Coloquei *Anitta* para tocar nas alturas e não consegui me arrumar sem pausas, toda hora parava para dançar com Miguel e rir de seus passinhos.

— Está ficando tudo lindo, filha — minha mãe comentou, entrando no quarto.

— Eles arrasam na decoração — falei enquanto colocava o macacão branco, peça que escolhi para a ocasião.

— Perguntei para a Amanda — confessou.

— MÃE! Poxa, não acredito que fez isso! — Minha cara era de reprovação.

— Não aguentei, Manu! Mas fica tranquila, ela não me contou.

— Ainda bem! — Voltei minha atenção para o espelho, mais tranquila.

Ainda demorei me arrumando, pois toda hora alguém entrava no quarto para comentar algo ou para dizer o quanto estava curioso. Miguel queria dançar e só servia comigo. Mas quando finalmente terminei, desci e me apaixonei.

PERIGOSAS ACHERON

O pessoal da decoração deixou a área externa tão linda, que sorri de orelha a orelha quando me deparei com tanta delicadeza. Tudo em rosa e azul, muitas bolas, bandeirinhas e enfeites escrito “é menino ou menina?”.

Optamos por uma decoração bem praiana, por isso todos os convidados estavam com colares havaianos, mas seguindo as cores da decoração, que eram apenas duas.

Na mesa do bolo, colocaram muitos balões suspensos, também rosa e azul. A mesa estava dividida nessas cores, com umas plaquinhas *boy* e *girl*, o bolo de dois andares era listrado com bonequinhos em cima, uma menina e um menino. Meu coração se encheu de alegria quando vi tudo tão perfeito, do jeito que eu imaginei. Fernando também adorou o trabalho deles.

— Ai, que curiosidade! — comentei com ele, já à tarde, depois de dar atenção a cada um que estava ali.

— Nem fala, amor! Mas eu arrisco outro menino. Tenho sonhado muito com isso.

— Já pensou?! — Vibrei. — A vontade que eu tenho é sair estourando essas bolas pra saber

logo.

— Calma, já está quase na hora — disse, rindo.

Ele me puxou de leve e beijou minha testa.

— Você não imagina o tamanho da minha felicidade. Obrigada por me proporcionar isso.

— Imagino, sim, é do mesmo tamanho que a minha. Não tenho dúvidas. — Sorri.

O animador fez várias brincadeiras, ninguém ficou parado. Eu brinquei, conversei, tirei muitas fotos, dei boas gargalhadas, mas nada me fazia distrair de verdade, eu só pensava em saber se teria outro menino ou uma princesa para brincar de maquiar. Eu ficaria muito feliz dos dois jeitos, eu só queria ter a certeza para não ficar viajando em pensamentos.

Tínhamos combinado de ir para a areia às 5 da tarde para estourar os balões. Quando o relógio marcou o horário, eu quase arrastei as pessoas.

Chegamos bem pertinho do mar com nossos balões.

— Antes de estourarmos, eu preciso dizer uma coisa. Não é novidade pra ninguém que sou completamente apaixonado por essa mulher que

está ao meu lado. Eu sempre me considerei um cara de sorte, mas depois que conheci a Manuela, eu pensei "caramba! Será que existem palavras pra agradecer a Deus? Será que um simples ‘obrigado’ é suficiente?" Eu sou extremamente grato pela esposa companheira, sábia, forte, que me dá tanto amor, que me deu tanto apoio nesses últimos meses, que segurou minha mão e não soltou por nada. — Nando acariciou minha bochecha. — Obrigado, vida! Você é tudo pra mim.

Não só eu, mas vi que muitos se emocionaram com suas palavras, e isso me lembrou muito o dia do meu casamento, o que me deixou mais emocionada ainda. Dois momentos tão felizes da minha vida. Tão cheios de amor, com pessoas especiais, que eu sabia que torciam pela minha felicidade, com meu companheiro de vida, meu grande amor e minhas duas riquezas, um no colo do pai e outro(a) na barriga. Não tinha como não estar radiante.

— Eu estou sensível, poxa! — brinquei, limpando algumas lágrimas. — O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta e é por isso que eu também só posso agradecer, pois mesmo com todos os obstáculos e dificuldades, não desistimos

PERIGOSAS ACHERON

um do outro e esse amor só cresceu. A prova está aqui. — Acaricieei a barriga e me voltei ao pessoal. — Obrigada a cada um por estar aqui, por fazer parte da nossa vida, por vibrar com nossa família e torcer pela nossa felicidade. — Olhei novamente para ele, segurando firme sua mão — Jamais vou soltá-la.

Nos beijamos ao som de alguns aplausos e com Miguel ali nos abraçando.

Foi chegado o momento tão especial, com direito a contagem regressiva.

Eu e Fernando nos olhávamos, sorrindo, emocionados. Nosso filho ria muito, adorando a farra, e também estava pronto para estourar o balão com o pai.

Chegando ao fim da contagem, estouramos e choramos de felicidade, de pura emoção ao ver o pó *azul* que saiu das bolas. Outro menino!

— Você vai ter um irmãozinho, meu filho! — comemorei pegando Miguel.

— *Imão*, Miguel vai ter *imão*! — gritou, entendendo.

— Eu não estava errado, Manu! — Fernando nos agarrou forte, eufórico e muito PERIGOSAS ACHERON

emocionado.

— Outro menino pro nosso time, meu amor
— falei, com lágrimas nos olhos.

Nossos amigos nos abraçaram apertado e foi uma bagunça sem fim. Meu pai chorava como uma criança e minha sogra não tirou o sorriso do rosto. Que emoção indescritível! Eu não podia estar mais feliz e agradecida.

Uma nova fase começava para mim. Na verdade, já tinha começado. Uma fase extremamente feliz, completamente realizada, formada, mãe de dois meninos e esposa de um cara sensacional, que mesmo com seus defeitos, foi capaz de me provar seu amor, me provou o quanto eu era especial e única.

Quando dizem que tudo passa, nós sabemos que é verdade, mas soa tão distante quando o problema está bem à nossa frente, nós não pensamos o quanto aquilo vai nos fortalecer futuramente, só conseguimos enxergar o lado ruim. Eu precisei passar por uma montanha russa de sentimentos, precisei chorar, sofrer, para finalmente entender que, sim, os problemas tem seu lado bom, eles te fortalecem, unem pessoas, te fazem

conhecer seus verdadeiros amigos, te fazem ver a vida de outra forma, e na maioria das vezes, essa outra forma é a certa.

No meu último ano eu tive a certeza de que os problemas são grandes, mas o amor é maior ainda.

Os problemas podem chegar com força, mas o amor continua sendo a maior delas.

Três anos de casados, dois filhos, alguns problemas na bagagem e o amor como nosso protagonista, sempre.

Gratidão! Essa é a palavra que define tudo o que vivi. Porque quando somos gratos até pelos momentos ruins, aprendemos a apreciar ainda mais os momentos bons.

FIM

EPÍLOGO

Diferente da minha primeira gravidez, a segunda foi complicada. Tive muito enjoo, muita azia e, já na reta final, em certos dias nem um copo d'água era fácil.

Tudo isso valeu a pena, pois o dia em que Antony nasceu foi tão mágico quanto o dia do nascimento do Miguel. A única diferença é que nosso danadinho adiantou e estávamos em Angra. Pegamos um engarrafamento de três horas! Pensei que Fernando fosse ter um ataque do coração. Ele suava, pedia calma, mas ele mesmo não conseguia se controlar. Mesmo com dores, eu ainda consegui rir de seu nervosismo.

Quando colocaram meu bebê em meus braços, foi paixão a primeira vista. Ele era lindo, super gordinho, quase 4kg e 53cm. Fernando chorou, sorriu, chorou mais um pouco, a alegria estava estampada em seus olhos.

— Ele é lindo! — Vibrou, completamente apaixonado pelo segundo filhão.

— Ele é perfeito, Nando — falei, emocionada.

Quando segurei meu segundo amor nos braços, foi incrível, mas quando eu vi meus dois filhos juntos, foi sensacional.

No dia seguinte, meus pais e minha sogra levaram Miguel para conhecer o irmão e a reação dele foi a coisa mais linda. Ele ficou surpreso quando olhou Antony, mas quase que imediatamente o abraçou e ficou beijando sua testa.

— Meu, meu. É do Miguel — ficou falando.

— É seu, minha vida. É seu irmãozinho — falei, chorando, pois não consegui conter a emoção.

Toda vez que olho para a foto que tiramos na maternidade, nós quatro, eu me sinto a mulher mais sortuda do mundo. Me sinto e sei que sou.

Isso foi ficando cada vez mais evidente com o passar do tempo.

O amadurecimento do meu casamento foi algo lindo. Eu amava nosso jeito de resolver os problemas sempre com tanto diálogo, nossa união, sentir em Fernando não só um marido, mas meu melhor amigo, amava sentir a confiança que ele

depositava em mim, a forma apaixonada que nos olhávamos mesmo depois de anos de casados.

O que eu gostava também era me olhar no espelho e sentir orgulho da mulher que havia me tornado. Mãe, esposa, empresária, eu sentia orgulho da minha história, que podia não ser exemplo, mas era a minha verdade, foi onde eu me joguei, eu vivi, eu senti, eu me dei e construí meu bem mais precioso: minha família.

Falando nisso, nossos filhos estavam crescendo como melhores amigos. Brigavam, é claro, afinal, você já viu irmãos não brigarem? Quase impossível. Mas na maior parte do tempo, se davam muito bem. Miguel estava cada dia mais inteligente, mudando seus traços, seu jeito, moldando sua personalidade. Antony seguia os passos do irmão, crescendo, descobrindo seus gostos, vontades. Meus dois meninos, um tão loirinho com os olhos cor de mel, e o outro com cabelo escuro e olhos de oceano de tão azuis. Ambos escrevendo suas histórias, totalmente diferentes uma da outra.

Antony desde muito novo se mostrou ligado em livros, amava ler, amava história, já na escola

ele dizia ser sua matéria favorita, era muito focado. Já Miguel era um romântico nato e amava matemática, dizia querer seguir os nossos passos e ter seu próprio negócio.

Mesmo que ele ainda não entendesse tão bem como tudo funcionava, eu sabia que ele tinha potencial para fazer o que quisesse, e já estava fazendo, seu futuro seria brilhante, eu não tinha dúvidas! Mas essa história eu deixo para ele contar e sei o quanto vocês vão se apaixonar por ela...

E agora, Miguel?

Já eu e Fernando vamos ficando por aqui, vendo nossos filhos trilhando seus caminhos e torcendo que sejam tão cheios de amor como os nossos!